

MARCELO MIRANDA



# Paródia e (des)Estabilizações

SEXO, GÊNERO E SEXUALIDADE COMO PROCESSOS DE INTELIGIBILIDADE SOCIAL

**Paródia e (Des)Estabilizações sobre  
Sexo, Gênero e Sexualidade como  
Processos de Inteligibilidade Social**

**DIREÇÃO EDITORIAL:** Maria Camila da Conceição

**DIAGRAMAÇÃO:** Anderson Lima

**FOTOS DA CAPA:** Marcelo Miranda

Fotografias realizadas a partir da arte figurativa de: Marliete e Carmélia do Alto do Moura da cidade de Caruaru-PE.

*O padrão ortográfico, o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas do autor. Da mesma forma, o conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu autor.*



Todos os livros publicados pela Editora Olyver estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)

2019 Editora Olyver

Aldebaran | Tv. José Alfredo Marques, Loja 05

Antares, Maceió - AL, 57048-230

[www.editoraolyver.org](http://www.editoraolyver.org)

[editoraolyver@gmail.com](mailto:editoraolyver@gmail.com)

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

---

S238p

MIRANDA, Marcelo.

Paródia e (Des)Estabilizações sobre Sexo, Gênero e Sexualidade como Processos de Inteligibilidade Social. [recurso digital] / Marcelo Miranda.

– Maceió, AL: Editora Olyver, 2021.

ISBN: 978-65-81450-26-7

Disponível em: <http://www.editoraolyver.org>

1. Pós-Estruturalismo. 2. Teoria Queer. 3. Performatividade. 4. Heteronormatividade. 5. Homossexualidade. I. Título.

CDD: 370

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação 370

Marcelo Miranda

**Paródia e (Des)Estabilizações sobre  
Sexo, Gênero e Sexualidade como  
Processos de Inteligibilidade Social**

Maceió-AL  
2021

  
OLYVER

# DIREÇÃO EDITORIAL

---

**Maria Camila da Conceição**

## COMITÊ CIENTÍFICO EDITORIAL

---

**Prof. Dr. José Adelson Lopes Peixoto**

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

**Prof. Dr. Edson Hely Silva**

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (Brasil)

**Prof. Dr. Constantino José Bezerra de Melo**

Secretaria de Educação de Pernambuco - SEE-PE (Brasil)

**Prof. Dr. Francisco Pereira Sousa**

Universidade Federal de Alagoas | UFAL (Brasil)

**Prof<sup>a</sup>. Me. Francisca Maria Neta**

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Ana Cristina de Lima Moreira**

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

**Prof<sup>a</sup> Dra. Denize dos Santos**

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

**Prof. Dr. Siloé Soares de Amorim**

Universidade Federal de Alagoas | UFAL (Brasil)

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Nara Salles**

Universidade Federal de Pelotas | UFPel (Brasil)

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira**

Universidade Federal da Bahia | UFBA (Brasil)

**Prof. Dr. Fernando José Ferreira Aguiar**

Universidade Federal de Sergipe | UFS (Brasil)

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Karina Moreira Ribeiro da Silva e Melo**

Universidade de Pernambuco | UPE (Brasil)

**Prof<sup>a</sup> Me. Deisiane da Silva Bezerra**

Universidade Federal Rural de Pernambuco | UFRPE (Brasil)

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Iraci Nobre da Silva**

Universidade Católica de Pernambuco | UNICAP (Brasil)

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

**Profª Me. Gisely Martins da Silva**

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

**Prof. Dr. Augusto César Acioly Paz Silva**

Universidade Federal de Pernambuco | UFPE (Brasil)  
Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde | AESA-CESA (Brasil)

**Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva**

Universidade do Estado da Bahia | UNEB (Brasil)  
Universidade Federal de São Carlos | UFSCar (Brasil)

**Prof. Me. Joseildo Cavalcanti Ferreira**

Centro de Ensino Superior de Arcoverde | CESA (Brasil)

**Prof. Dr. Hélder Manuel Guerra Henriques**

Professor da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do  
Instituto Politécnico de Portalegre (Portugal)

**Profª Dra. Maria Aparecida Santos e Campos**

Doutorado em Actividad física y salud. Universidade de Jaen, UJAEN, (Espanha)

**Prof. Dr. Diosnel Centurion, Ph.D**

Universidad Católica Ntra. Sra. de la Asunción | Asunción (Paraguay)

**Profª Dra. Marta Isabel Canese de Estigarribia**

Universidad Nacional de Asunción, Escuela de Ciencias Sociales y  
Políticas | Asunción (Paraguay)

Dedicado à  
A **Leda Miranda** pelo ensino do amor e do mundo  
profissional da docência;  
A **Rosane Alencar** pelo carinho, apoio e orientação;  
A **Silke Weber** pela confiança e incentivo.  
A **Valdemir Fernando Silva** pelo carinho e companhia

## PREFÁCIO

*Paródia e (des)estabilizações sobre sexo, gênero e sexualidade como processos de inteligibilidade social* nos convida a refletir sobre uma temática instigante que se tornou objeto de estudo em vários campos das ciências sociais: a questão da construção social das categorias de gênero e sexualidade. Marcelo Miranda, a partir de uma análise qualitativa rigorosa, nos desafia a ir além das questões biológicas e estruturais em relação às categorias de gênero e sexualidade.

Ao eleger como objetivo compreender como ocorre o processo de condensação de sentidos em torno das categorias de sexo, gênero e sexualidade, por homossexuais masculinos a partir de contexto paródico, o autor faz opções teóricas e metodológicas que oferecem uma perspectiva diferenciada de análise. Do ponto de vista teórico, a incorporação de perspectivas Pós-Estruturalistas/Teoria *Queer* e a articulação dessas perspectivas com a abordagem Etnometodológica e a da Análise Conversacional, permitiu o desenvolvimento de uma análise diferenciada em relação ao campo dos estudos que tratam das questões de gênero e sexualidade. Procedendo dessa forma, a presente tese oferece uma análise densa dos processos de construção das identidades estabelecidas em torno das categorias sociais.

Cercando-se de um desenho metodológico arrojado – uso de grupos focais e análise fílmica de um programa de televisão – o autor realiza a articulação de dados de naturezas diversas. Inicia com a descrição dos esquetes para identificar as paródias apresentadas a partir de análise fílmica e, na sequência, identifica quais aos pares categoriais – macho/fêmea; homem/mulher; heterossexual/homossexual – foram construídos durante a discussão empreendida no grupo focal a partir da análise conversacional que permitiu identificar as reproduções e desestabilizações das categorias dicotômicas da sexualidade.

A leitura de *Paródia e des(estabilizações sobre sexo, gênero e sexualidade como processos de inteligibilidade social*, possibilitará ao leitor refletir sobre a questão da construção social das categorias de gênero e sexualidade de uma perspectiva que vislumbra muito mais o caráter instável, contingencial e ambivalente dessas categorias que mesmo a sua estabilidade. Tal constatação oferece também um contributo a teoria social no que diz respeito ao caráter contingencial e local da ordem social.

Rosane Alencar  
Recife, 2021.

## APRESENTAÇÃO

Inserida nas reflexões contemporâneas da Teoria Social, relativas à questão da sexualidade e heteronormatividade, a tese teve por objetivo compreender como ocorre o processo de condensação de sentidos a partir de contexto paródico, em torno das categorias de sexo, gênero e sexualidade por homossexuais masculinos.

O enfoque na estrutura de inteligibilidade heteronormativa não possibilita a compreensão de como os indivíduos em suas práticas condensam sentidos ratificando, reformulando ou subvertendo as categorias hegemônicas: macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual. A pergunta que está no centro desta tese é como as categorias hegemônicas de sexo, gênero e sexualidade são reproduzidas, reformuladas ou rejeitadas pelos atores sociais homossexuais? Esse processo de categorização social em relação à sexualidade estaria permeado pela socialização vivida desses atores? Os homossexuais ofereceriam algum tipo de autonomia ou de resistência à heteronormatividade? Ou eles seriam apenas réplicas da estrutura heteronormativa?

A hipótese que formulamos é de que o processo de condensação de sentidos em relação às categorias da heteronormatividade dos homossexuais não é simplesmente uma réplica dos modelos preestabelecidos sobre as categorias hegemônicas de sexo, gênero e sexualidade, uma vez que a existência de uma dimensão contingencial atualiza a instabilidade constitutiva das categorias sociais.

Na literatura consultada ainda é tímida a produção de pesquisas com um viés desconstrutivista e que privilegie o processo de condensação de sentidos no grupo dos homossexuais masculinos em torno dos pares categoriais macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual. Assim, a pesquisa empreendida aqui buscou produzir conhecimentos que preencham as lacunas no campo

da homossexualidade e os jogos categoriais em relação ao sexo, gênero e sexualidade.

A tese está organizada em 05 capítulos. O primeiro – *Sexualidade, paródia e sentidos condensados* – apresenta problemática e questões norteadoras da pesquisa realizada. No segundo capítulo – *Articulação de sentidos: construção social da realidade e heteronormatividade* – apresenta e discute o quadro teórico da tese que se insere nas perspectivas Pós-Estruturalistas/Teoria *Queer* e nas abordagens da Etnometodológica e da Análise Conversacional, no que diz respeito às categorias sociais. O capítulo terceiro descreve a trajetória da pesquisa com seus aspectos conceituais e procedimentais em relação ao processo de construção e análise dos dados. No quarto capítulo são apresentadas as análises realizadas e os resultados encontrados. Por fim, no último capítulo são apresentadas as considerações de ordem teórica, metodológica e temática a partir da contraposição dos resultados da pesquisa com os estudos do campo da sexualidade.

# SUMÁRIO

---

<b>PREFÁCIO</b>	
Rosane Alencar.....	8
<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPITULO 1</b>	
<b>SEXUALIDADE, PARÓDIA E SENTIDOS</b>	
<b>CONDENSADOS.....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>ARTICULAÇÃO DE SENTIDOS: CONSTRUÇÃO</b>	
<b>SOCIAL DA REALIDADE E</b>	
<b>HETERONORMATIVIDADE.....</b>	<b>38</b>
2.1 Para além do gênero como suplemento do sexo.....	38
2.1.1 O sujeito iluminista do feminismo e o patriarcado	
como categorias transculturais.....	41
2.1.2 A ordem compulsória do sexo/gênero/sexualidade	
ou o questionamento dos pares	
antagônicos.....	45
2.2 Problematizando a “natureza” ou a desestabilização	
da categoria corpo/sexo.....	50
2.2.1 Condensações de sentidos sobre o corpo.....	55
2.3 A teoria queer e a produção de conhecimento sobre	
as sexualidades “disparatadas” .....	59
2.3.1 A paródia queer como marcadora de instabilidades	
da identidade.....	64
2.4 Mídia e Sexualidade.....	68
2.5 Construção social da realidade e a categorização	
social.....	77
2.5.1 Categorização como estatuto social.....	80
2.5.2 As categorias e a sua dimensão praxiológica: o	
valor operatório das categorias para além da	
objetivação.....	88
2.5.3 Categorização social na fala-em-interação.....	93

<b>CAPÍTULO 3</b>	
PERCURSO METODOLÓGICO.....	100
3.1 A construção dos dados: grupo focal.....	101
3.1.1 Grupo Focal: aspectos conceituais.....	102
3.1.2 Organização do grupo focal.....	103
3.1.3 Contexto paródico no grupo focal: Programa Papeiro da Cinderela.....	104
3.1.4 Roteiro.....	109
3.1.5 A composição do grupo.....	111
3.2 Procedimentos de organização e análise dos dados.....	113
3.2.1 Análise dos quadros do Programa Papeiro da Cinderela.....	114
3.2.2 Análise das categorias da fala-em-interação no grupo focal.....	115
3.2.3 Análise da reprodução e desestabilização dos pares categoriais.....	119
<b>CAPÍTULO 4</b>	
ANÁLISES DAS CONDENSAÇÕES DE SENTIDO: CATEGORIAS E RECATEGORIZAÇÕES.....	120
4.1 Paródias do papeiro da cinderela.....	120
4.2 As categorias na fala-em-interação.....	149
4.3 Reprodução e desestabilização dos pares categoriais..	201
<b>CAPÍTULO 5</b>	
AMBIVALÊNCIAS DA PARÓDIA: REPRODUÇÃO E DESESTABILIZAÇÃO DA HETERONORMATIVIDADE.....	206
5.1 Os pares categoriais macho-fêmea; homem-mulher; heterossexual-homossexual: condensações de sentidos para as paródias apresentadas.....	206
5.2 Implicações teóricas e metodológicas para o campo dos estudos da sexualidade e para a Sociologia.....	207
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	209

# Capítulo 1

## SEXUALIDADE, PARÓDIA E SENTIDOS CONDENSADOS

---

A produção de conhecimento em relação à teoria feminista, como nos fala Jane Flax (1992), no que diz respeito ao campo das Ciências Sociais e os seus temas de estudo, assim como em outras áreas do conhecimento, vem permeada por condições de produção de ordens, epistemológicas, teóricas, históricas, socioculturais e políticas. Essas condições influenciam na construção de categorias de análise que resultam no olhar do próprio pesquisador inserido em um tempo e espaço determinado. Não seria diferente quando se aborda a temática da sexualidade no campo das Ciências Sociais.

A partir da advertência de Flax, essa tese busca compreender como as categorias sexo, gênero e sexualidade e seus desdobramentos dicotômicos de macho-fêmea, homem-mulher e heterossexual-homossexual, respectivamente, são engendrados por meio da condensação de sentidos das relações simbólicas instituídos na ação social em decorrência de contextos teórico-epistemológicos e histórico-sociais.

As produções teóricas sobre a sociedade, de forma geral, e em relação à sexualidade, de forma específica, seguem as tendências do essencialismo e do construtivismo (HEILBORN, 1999; LOYOLA, 1999) que produzem debates entre si e ou problematizam a produção específica de cada uma delas. Uma alternativa a tal impasse são as pesquisas sob o viés desconstrutivista, constituindo assim, uma terceira tendência.

No essencialismo, busca-se retratar a sexualidade como algo intrínseco à natureza humana, que pertence ao reino animal. Seriam os instintos sexuais ou a energia sexual que poderiam explicar comportamentos distintos nos e entre os gêneros masculino e

feminino. No viés dessa tendência, as pesquisas tentariam “explicar” a origem da homossexualidade como resultante da falta ou sobra de cromossomos, medição do crânio, do quantitativo da produção de hormônios corporais etc.

Essa explicação assume uma dimensão de mecanismo fisiológico em relação à reprodução humana ou adquire o sentido de uma pulsão, de um instinto sexual. Nesse caminho, as identidades seriam autoevidentes e fixas, ou seja, a explicação das diferenças entre os sexos, gêneros e sexualidades são explanadas tendo como base a “natureza” ou a biologia.

Contrariamente ao essencialismo, na perspectiva do construtivismo social (BERGER; LUCKMAN, 2000), assume-se que sexo, gênero e sexualidade são construções social, cultural, política e histórica dos indivíduos. Compreende-se assim que os seres humanos necessitam de um aprendizado social na coordenação de sua atividade mental e corporal para saberem “de que maneira, quando e com quem agir sexualmente” (BOZON, 2004, p. 14). Essa construção social da sexualidade passa pela socialização de regras pertencentes a teias de significados internalizados e condicionantes dos indivíduos.

Na perspectiva do desconstrutivismo, há uma ruptura da dicotomia entre essencialismo e construtivismo. Essa perspectiva aponta os limites das abordagens anteriores propondo uma análise que excede formas dicotômicas de produzir o conhecimento. Os teóricos representantes dessa perspectiva, geralmente, estão associados ao paradigma Pós-Estruturalista<sup>1</sup> e à Teoria *Queer* ao problematizar os

---

<sup>1</sup> Martins (2007) expõe que, por um lado, o termo Pós-Estruturalismo serve como um guarda-chuva que engloba várias tendências do pensamento francês influenciadas pela releitura de Nietzsche; por outro, o termo não indica unanimidade porque não reflete uma série de debates teóricos paralelos ao Estruturalismo. Vale ressaltar que o Pós-Estruturalismo tem ligações com o Estruturalista, e o termo pós não significa uma negação da tendência anterior, mas sim uma tentativa de ultrapassar os limites de uma presença, essência, substância, de Deus, um sujeito que ainda exista no Estruturalismo. Importa também mencionar que as interpretações de Martin Heidegger, sobre a obra nietzschiana; as leituras estruturalistas tanto de Freud como de Marx e as produções de Deleuze, Derrida e Foucault foram relevantes para o surgimento do Pós-Estruturalismo (PETERS, 2009).

pares categoriais: macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual. O foco recai na desestabilização da estrutura de inteligibilidade dicotômica e antagônica que concebe o primeiro termo desse par como hierarquicamente superior em relação ao segundo. Tal abordagem desestabiliza as referidas categorias – dadas como naturais pelos atores sociais – além de descartar a ideia de um fundamento a-histórico, questão central da crítica ao paradigma Estruturalista<sup>2</sup>.

A proposta de desconstruir a ideia de centro, de fundamento ou de princípio ganhou uma contribuição importante por meio de Jacques Derrida (1995). Esse autor propôs o descentramento da estrutura do significado transcendental e do sujeito *soberano* ao questionar a estruturalidade da estrutura ou a ideia de centro na produção de conhecimento das Ciências Humanas. Derrida expõe que se podem distinguir duas interpretações de estruturas, sendo a segunda empregada pelos Pós-Estruturalistas.

---

<sup>2</sup>O paradigma Estruturalista, no campo da etnologia, possibilitou uma ruptura intelectual e ideológica por meio de sua análise sincrônica. A partir desse paradigma, tanto a sociedade “desenvolvida” como as “primitivas” têm estruturas sociais complexas que possibilitam a inteligibilidade de cada membro, dando sentido à vida social. Assim, o Estruturalismo justifica sua especificidade na maneira de produzir conhecimento – “verdades” – assumindo um combate contra o historicismo, humanismo e empirismo. O Estruturalismo é “anti-humanista no sentido de que as ações conscientes e deliberadas de indivíduos e grupos sociais são amplamente excluídas da análise e suas próprias proposições de ‘causalidade estrutural’; (...) [o] anti-historicismo fica manifesto (...) [com] o objetivo de descobrir as características estruturais universais da sociedade humana e, mais remotamente, relacionar essas características às estruturas universais da mente humana (...); antiempíricista, (...) em virtude de sua insistência na eficácia causal de uma estrutura profunda subjacente à aparência superficial, imediatamente dada, dos eventos. (...) [se o pesquisador] confundir estrutura social com relações sociais externas (...), está condenado a permanecer prisioneiro das aparências dentro do sistema social estudado, não havendo possibilidade alguma de se revelar uma lógica sob a superfície (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996, p. 275-276)”. No entanto, o Estruturalismo termina “seduzido” pela defesa de produção de “verdades universais”, a-históricas que serviriam para indicar estruturas universais que desconsideram as diferenças de contextos históricos específicos. Assim, esse paradigma tentou engendrar “verdades” cuja construção ultrapasse os contornos de tempo e espaço de sua constituição, desprezando que quaisquer verdades produzidas são sempre contingenciais.

Outro ponto questionado por Derrida, seguindo Nietzsche, Heidegger, e Saussure, diz respeito aos pressupostos que orientam o pensamento binário. O autor utiliza a desconstrução para denunciar e reverter as hierarquias surgidas nas oposições binárias que levam sempre a uma subordinação de um dos termos da oposição binária ao outro (PETERS, 2009).

O Pós-Estruturalismo produz uma virada epistemológica por meio da crítica à ciência mecânica clássica e ao dualismo de origem etnocêntrica que elege a Razão Humana, de um lado, e “de outro, todo o resto, inclusive o corpo humano numa concepção cartesiana clássica” (MARTINS, 2007, p. 4). Esses pressupostos dualistas podem ser observados nas produções da Teoria Feminista em uma perspectiva estruturalista e nos Estudos Gays e Lésbicos que seguem os pares dicotômicos hierárquicos de homem-mulher, heterossexual-homossexual, atividade-passividade. Vale ressaltar que esses pares dicotômicos são problematizados por Judith Butler, e por teóricos pertencentes à Teoria *Queer*.

Assim, a virada epistemológica, no campo das Ciências Humanas, contribuiu para uma reorganização de paradigmas possibilitando repensar dimensões hermenêuticas e fenomenológicas da ação social, da política, do simbolismo e da linguagem (MARTINS, 2007, p. 2007). É a partir dessa reorganização paradigmática que Butler (1987, 2003b, 2006, 2008) propõe a descolagem das categorias sexo, gênero e sexualidade. A autora afirma que essas “identidades” são criações performatizadas<sup>3</sup>, ficcionais e efeitos de instituições, discursos e práticas que não deveriam ser encaradas de forma ontológicas. Vale destacar que essa problematização butleriana constitui uma das perspectivas assumidas nesta tese no que diz respeito à compreensão da estrutura de inteligibilidade que concebe a heterossexualidade como compulsória e normativa.

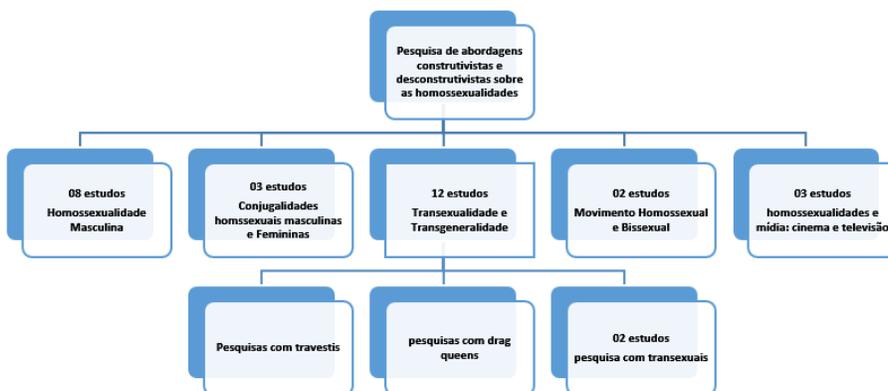
---

<sup>3</sup> Performatividade é o termo assumido por Butler que difere da noção de *performance* que exige a preexistência de um *performer* (SALIH, 2012).

No entanto, o enfoque na estrutura de inteligibilidade heteronormativa não possibilita a compreensão de como os indivíduos em suas práticas condensam sentidos ratificando, reformulando ou subvertendo as categorias hegemônicas: macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual. Pergunta-se: como as categorias hegemônicas de sexo, gênero e sexualidade são condensadas - (re)produzidas, (re)negociadas ou rejeitadas – a partir de contextos paródicos homossexuais masculinos? O contexto paródico constituído por uma característica ambivalente possibilitaria algum tipo de autonomia ou resistência a heteronormatividade? Ou, levando em consideração a própria ambivalência da paródia, as categorias hegemônicas da sexualidade seriam reforçadas, tornando esses atores apenas réplicas da estrutura heteronormativa?

Tais questões nos encaminharam para levantar a hipótese de que o processo de condensação de sentidos em relação às categorias da heteronormatividade dos homossexuais nunca é, simplesmente, uma réplica dos modelos preestabelecidos sobre as categorias hegemônicas de sexo, gênero e sexualidade, uma vez que a existência de uma dimensão contingencial atualiza a instabilidade constitutiva das categorias sociais.

Ao nos debruçarmos sobre a literatura em relação à sexualidade e às homossexualidades encontramos vários estudos no campo das Ciências Humanas no Brasil. No conjunto desses estudos, encontramos vinte e sete pesquisas que tiveram por objeto de estudo as categorias de sexo, gênero e sexualidade. Todas as pesquisas situam-se nas abordagens construtivistas e desconstrutivistas sobre as homossexualidades e podem ser agrupadas em cinco temas recorrentes: (1) homossexualidade masculina; (2) conjugalidades homossexuais masculinas e femininas; (3) transexualidade/transgeneralidade; (4) movimento homossexual e bissexual; e (5) homossexualidades e mídia. Encontramos no tema transexualidade/transgeneralidade três subtemas conforme pode ser observado no organograma abaixo.



Diante deste organograma, percebemos que as pesquisas sobre, como diria Foucault (2003; 2007) as sexualidades “disparatadas”<sup>4</sup>, se concentram mais nos temas homossexuais masculinos – oito estudos – e transexualidade e transgeneralidade com onze estudos. Os temas homossexualidade masculina/feminina e homossexualidade e mídia com três estudos; e por fim, movimento homossexual/bissexual com duas pesquisas. Na sequência, apresentamos as pesquisas a partir dessa classificação temática com o foco nas questões centrais abordadas, metodologias empregadas e respectivas disciplinas em que tais pesquisas foram realizadas. Importante ressaltar que não trataremos de forma aprofundada tais pesquisas uma vez que nosso objetivo é de tão somente evidenciar em que medida elas se articulam com as questões aqui problematizadas.

## (1) Homossexualidade Masculina

Um dos trabalhos pioneiros a respeito da homossexualidade masculina é o de Fábio Silva (1958)<sup>5</sup>, sob a orientação de Florestan

<sup>4</sup> Termo reapropriado por Richard Miskolci, abordado nesta tese mais adiante, ao propor uma lógica *Queer* na produção de conhecimento nas pesquisas brasileiras sobre homossexualidade.

<sup>5</sup> Por ter sido realizada na década de 1950 a pesquisa teve de lidar com os tabus e a falta de interesse da Academia em relação ao tema da homossexualidade, sendo publicada em 2005 em decorrência de uma retomada dos estudos de sexualidade nas

Fernandes. O estudo sociológico situado na perspectiva da Escola de Chicago focou na análise dos espaços de socialização de homossexuais em São Paulo na década de 1950. O método utilizado para encontrar participantes da pesquisa – homens de camadas médias e não afeminados – foi a “bola de neve”. O autor aplicou 70 questionários versando sobre as questões como: as primeiras experiências homossexuais; o processo para encontrar outros homossexuais; os tipos de amigos e de parceiros que tinham e, como a família e a sociedade viam sua opção sexual<sup>6</sup>. Em relação aos seus resultados, o destaque foi dado à questão da atividade e passividade: no intercursos sexual, 63% (maioria dos informantes) assumiam o lugar de “passivos” e 27% desenvolviam o papel de “ativo” e “passivo.” Vale ressaltar que essa temática de atividade/passividade, sublinhada pelos estudos da homossexualidade, foi ultrapassada pela Teoria *Queer* como será demonstrado mais adiante.

Outro estudo pioneiro, agora na Antropologia Social, é o de Carmem Guimarães que fez sua pesquisa em 1977, transformada e publicada em livro no ano de 2004. A autora enfocou como homossexuais masculinos “entendidos” de camadas médias (mais “discretos”) classificavam homossexuais mais “afeminados”. A pesquisa foi de natureza etnográfica com relevo na questão da hierarquização de classe social e da atividade sexual.

Ainda na Antropologia, outros dois estudos (etnográficos) clássicos na literatura sobre a homossexualidade e a sociedade brasileira são os de Peter Fry e MacRae (FRY, 1982; Fry; MacRae, 1985). Tais pesquisas destacaram as lógicas classificatórias em relação à homossexualidade por meio das práticas sexuais de atividade e passividade, considerando como variável independente as camadas média e popular da sociedade brasileira. Ou como nos sugere Carrara;

---

Ciências Sociais, como a exemplo das publicações do Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

<sup>6</sup> Reproduz-se aqui a linguagem empregada por Silva (2005). É sabido que no campo do conhecimento da homossexualidade há uma discussão entre “opção e orientação sexual”, mas que não é objeto desta tese.

Simões (2007) que as pesquisas mapearam as lógicas classificatórias entre tradição e modernidade. Assim, os indivíduos ativos na relação sexual eram classificados como homens e os passivos eram denominados de mulheres ou homossexuais. Para Fry e MacRae, os indivíduos só são classificados como homossexuais em contexto igualitários - independente da atividade ou passividade em seus relacionamentos com pessoas do mesmo sexo – se pertencem ao processo de socialização dos discursos médicos dos setores de camadas médias da população.

Já no trabalho de Néstor Perlongher (1987) encontramos a problematização da prostituição masculina viril de rua (michês), de São Paulo, aspecto singular desta pesquisa. Como método, foi utilizado a observação participante e entrevistas em profundidade. Como resultado, por não abandonarem uma linguagem verbal e gestual da “normalidade” masculina, esses michês mantiveram suas “identidades” heterossexuais. Os michês não se classificaram como homossexuais, porque eles eram os ativos no intercuro sexual com seus clientes homossexuais passivos. Porém, encontramos nesse estudo, assim como os de Fry (1982), Fry; MacRae (1985), Guimarães (2007) e Silva (2005), a confirmação de uma hierarquização entre atividade/ passividade e camadas sociais (média e popular).

Ainda na discussão das construções identitárias sexuais brasileiras, Richard Parker (1991) abordou, no seu estudo, a questão da passividade e atividade e de certa hibridação ou ambivalência nas práticas sexuais nacionais. Características já apontadas nos estudos de Fry e MacRae (1982, 1985) – se o indivíduo foi ativo, é classificado como homem não importando com quem ele se relaciona; e sendo passivo é classificado homossexual (“bicha, veado”).

Outro estudo dentro dessa categoria – homossexualidade masculina – é o de Jurandir Costa (2002) que teve por problemática o assujeitamento dos indivíduos em classificações homossexuais na Idade Moderna a partir da perspectiva foucaultiana. Sublinhou as construções simbólicas sobre homossexualidade (como no original homoerotismo), a partir da análise das representações veiculadas em

obras literárias a respeito do *homossexual moderno*. Costa analisou Balzac, Proust e Gide.

a) Em Balzac, via seus romances, a imagem do homossexual é a do contestador da ordem estabelecida. O herói balzaquiano não se rendendo a imposições das regras sociais está além da mediocridade das coerções sociais. Essa imagem contribui para representações sobre os gays que não se adaptam ao convívio social, caracterizando-os como marginais contestadores. Ou ainda, essas representações de contestadores podem associá-los à imagem dos militantes dos movimentos de liberação homossexual que questionam os valores estabelecidos;

b) em Proust, os sodomitas extraem o sublime. Eles seriam a fusão entre físico-espírito de almas e corpos sempre gêmeos. Assim, Proust inaugura um dos mais tenazes mitos sobre a natureza do “homossexual” que é o de sua refinada “sensibilidade”;

c) em Gide, observa que prevalece em seus romances uma angústia em que sua personagem tem de optar entre a *barbárie* e o “mundo civilizado”; seu homossexual não contesta os valores sociais, ao contrário, ele tem de dominar seus instintos animais e converter-se em “civilizado”. Com Gide, o homossexual vira um exótico (nos sentidos de estranho, diferente, submisso, atrasado, excêntrico, palhaço).

Por fim, temos o trabalho de Antônio Paiva (2007) que teve por objeto de estudo casais homossexuais masculinos com relacionamentos estáveis e longos em regime de coabitação, na cidade de Fortaleza. O autor enquadrou seu trabalho em micropolíticas homoeróticas no campo de trabalho da Sociologia. Seu estudo teve uma metodologia pluralista: entrevistas estruturadas, observações, conversas informais, documentos íntimos e registros fotográficos e o autor deu ênfase à história de cada casal e sua trajetória em relação à homossexualidade. O aspecto central do estudo foi a forma como esses sujeitos administravam sua intimidade.

## **(2) Conjugalidades homossexuais masculinas e femininas**

Com relação a este tema o estudo de Maria Luiza Heilborn (2004) teve por foco a questão da conjugalidade na intimidade. Realizou sua pesquisa, no campo da Antropologia, por meio de observação participante e entrevistas com homens heterossexuais, gays, mulheres heterossexuais e lésbicas de camadas médias.

A obra enfocou a questão da modernidade e sua vinculação com a individualidade como processo ideológico produzindo igualdade em contraste com sociedades holistas orientais que produziam ideologicamente a hierarquia. Essa igualdade contribui para a ruptura de projetos coletivos, inserindo o casamento, a conjugalidade, num viés de contradição entre o objeto amado, como único no mundo, e o casamento, como direitos e deveres da família, refletindo nas categorias de intimidade e privacidade.

Um dos principais resultados desse estudo foi evidenciar que, apesar de algumas diferenças específicas (nos casais masculinos: passividade/atividade, divisão das tarefas domésticas; nos casais femininos: o amor, o sentimento de cumplicidade e aliança tem mais importância do que a atração sexual; e nos casais heterossexuais: o cuidar da relação ainda estava mais a cargo das mulheres); essas conjugalidades estão constituídas na sociedade moderna via processos ideológicos de individualização e igualdade.

Já o estudo de Luiz Mello (2005) e Gustavo Gomes da Costa (2011) sublinham os aspectos legais da conjugalidade homossexual. No estudo de Mello, na área da Sociologia, o autor analisa os discursos feitos no Congresso Nacional sobre a parceria civil entre pessoas do mesmo sexo. O autor apontou que a rejeição à parceria civil no Congresso não dependia de posições de partidos de esquerda ou de direita, mas sim de visões de mundo religiosas. Ele utilizou a análise de discursos em torno da família, da sexualidade e da (i)legitimidade social das relações amorosas estáveis entre pessoas do mesmo sexo.

Na pesquisa realizada por Costa, apesar de trabalhar os aspectos legais da conjugalidade homossexual, o estudo traz um diferencial em relação ao trabalho de Mello ao fazer uma análise comparativa entre Brasil e África do Sul. A partir de uma perspectiva histórica e situada na Ciência Política, a pesquisa empreendida encontra por resultado um relativo “sucesso” sul-africano por ter uma legislação favorável aos casais homossexuais divergindo da situação brasileira. Tal constatação, para o autor, evidencia como variáveis diferenças nesses dois países em termos de sistema político-jurídico e de projetos políticos existentes na sociedade civil e no Estado. Outra questão interessante deste estudo é a problematização que o autor faz no que se refere ao fato de que a existência de leis e decisões judiciais não garantem, necessariamente, os direitos conjugais.

### **(3) Transexualidade e Transgeneralidade**

Dentro desta categoria, composta por sua maioria de estudos que pertencem a abordagens desconstrutivistas, enfocam-se travestis, *drag queens* e transexuais. Nesses estudos<sup>7</sup> são apontados os limites de uma ficcionalidade na construção das categorias sexo, gênero e sexualidade.

No entanto, um estudo pioneiro com esse tema vem sob o viés construtivista. Hélio Silva (1993) realizou uma pesquisa exploratória e etnográfica, na década de 1990, sobre travestis que frequentavam o bairro carioca da Lapa. O autor buscou compartilhar com o público, em geral, a cotidianidade do mundo das travestis focando na sua dimensão humana (contradições, perplexidades, nobreza e miséria) sem desprezar a sensualidade, sexualidade, humor e ironia desses indivíduos. Assim, Silva procurou romper com uma postura

---

<sup>7</sup> Inclui-se aqui a dissertação de mestrado de Eveline Gama Rojas, cujo título foi “Dando vida a bonecas de papel: as transexualidades na cidade do Recife”, realizada no ano de 2010 no campo da Sociologia; que infelizmente não foi possível encontrar o texto para análise.

hegemônica que excluía ou concebia as travestis como exóticas, criminosas e caricaturadas.

Na esteira construtivista, Dom Kulick (2008), realiza pesquisa de cunho etnográfico, na cidade de Salvador, com o foco na compreensão das práticas de travestis e suas autotaxonomias em relação às identidades de gênero e sexual. As travestis<sup>8</sup>, na visão de Kulick, não se consideravam homens e nem mulheres. Elas eram “veados” que se sentiam atraídas por homens, como uma combinação singular de atributos femininos e subjetividade homossexual masculina, o que nos estudos mais contemporâneos ganham um enfoque sobre a questão da desestabilização das categorias de sexo, gênero e sexualidade.

Se por um lado, Kulick denunciou a questão das travestis como indivíduos excluídos da sociedade; por outro, Juliana Jayme (2001) buscou, em sua pesquisa antropológica, focar na transgeneralização como um recurso que desestabiliza o conceito de identidade em uma perspectiva dicotômica e homogênea. Assim, o estudo problematizou a construção das identidades culturais e as relações de gênero na sociedade contemporânea a partir de uma pesquisa etnográfica entre travestis, transformistas e *drag queens* – os transgêneros – realizada em Belo Horizonte e Lisboa.

A autora utilizou a categoria êmica *montagem* para compreender como esses sujeitos da pesquisa reconstróem os gêneros, revelando que essa categoria não possui uma estrutura binária, mas sim, refere-se a múltiplas. Por meio da montagem, esses indivíduos modificavam corpo e nome, demonstrando a transitoriedade da pessoa e indicando que sua ação foi incorporada<sup>9</sup>, visto que mimetizada e apreendida via corpo e nele observada. Essa

---

<sup>8</sup> Apesar de Kulick se referir às travestis no masculino, nesta tese as trataremos no feminino em consonância com a tendência das pesquisas mais atuais que consideram sua autotaxonomização no feminino.

<sup>9</sup> Incorporação é um termo utilizado na compreensão das construções dos corpos pelos processos socioculturais por Eduardo Viveiros de Castro em “Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio”. Mana 2, 1996.

noção de incorporação é fundamental para analisar a ação de *se montar*. Os transgêneros ao construir sua identidade, interferindo no próprio corpo, mostraram que o corpo é, ele próprio, um meio de expressão performático com significações culturais.

Nessa linha de análise, Jayme baseada nos estudos de Strathern e Butler, expôs que o gênero não deve ser compreendido como uma categoria classificatória, mas sim como categoria da diferença que nunca é acabada, por ser uma categoria aberta que se refere às categorizações de pessoas, de objetos e de eventos que estejam vinculados a um imaginário sexual.

Essa perspectiva de categoria aberta negociada no cotidiano é assumida nesta tese ao se centrar em uma análise conversacional de grupo focal com homossexuais masculinos. Assim, buscamos averiguar na fala-em-interação como são negociadas noções de macho-fêmea; homem-mulher; heterossexualidade-homossexualidade; cujo processo será detalhado mais adiante.

Continuando na abordagem desconstrutivista, desta vez na área da psicologia, trazemos o estudo de Maria Chidiac e Leandro Oltramari (2004). Os autores publicaram uma análise que no título anuncia a problematização entre uma identidade mais homogênea e um processo de identificação mais heterogêneo ao dizer que as *drag queens* se encontram entre os verbos ser e estar. O principal objetivo foi mapear o processo de formação da identidade *queer* das *drag queens* do circuito Balneário Camboriú e Florianópolis visando ao processo de sua identificação com o gênero feminino e masculino. Os autores se debruçaram também na identificação de como se estabeleceu a relação entre sujeito e seu personagem *drag queen* tendo como referência a questão da sexualidade e a superação das dicotomias entre masculino e feminino.

Estes dados foram obtidos por meio de pesquisa exploratória com três sujeitos, utilizando-se entrevistas semiestruturadas. Seus resultados apontaram para uma configuração de uma identidade *queer* como fronteira flutuante, apesar da Teoria *Queer* propor uma política

pós-identitária. Sendo essa configuração vinculada a um processo de socialização de ambos os gêneros e de transformações corporais.

Na mesma abordagem desconstrutivista, porém migrando do campo da Psicologia Social para o da Antropologia, temos o estudo de Anna Vencato (2005). A autora analisou as *drag queens* em espaço de sociabilidade em Gays, lésbicas e simpatizantes (GLS)<sup>10</sup> e seu aprendizado de *se montarem* como um tipo de *cross-dressing* em Florianópolis. Nesse estudo etnográfico, Vencato apresentou a construção da corporalidade de *drag queen* no processo de *female impersonation*. Via esse processo, os sujeitos se montam ao efetuarem um tipo de *cross-dressing*. Focando a socialização desse processo de *se montar* e o engendramento da personagem, tendo como base a descrição e significado do referido processo para o grupo pesquisado. Vale destacar que a autora descreve uma taxonomia êmica das *drag queens*.

Nessa mesma perspectiva de desestabilizar categorias de sexo, gênero e sexualidade, Christini Damásio (2006), em seu estudo, centrou-se nas travestis e nas *drag queens* que frequentavam o circuito gay das noites natalenses. A técnica de coleta de dado utilizada foi entrevista não estruturadas, realizadas nas residências dos participantes da pesquisa. De natureza etnográfica, a pesquisa permitiu traçar uma cartografia de corpos fluidos, ambíguos, desconcertantes, “abjetos”. Também, possibilitou a identificação de como os participantes experienciaram e significaram seus corpos.

Damásio evitou definir, em um primeiro momento, o que seria *drag queen* ou travesti para não as enquadrar em uma lógica taxionômica que não dava conta da fluidez inscrita nesses corpos. Ela destacou que houve aspectos hierárquicos dentro e fora do universo homossexual, mesmo entre os denominados de “metamorfoses de gênero” (*drag queen*, travestis). Essas hierarquias foram

---

<sup>10</sup> Apesar de a sigla GLS ter sido transformada em LGBTT (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros), por uma demanda dos movimentos sociais em abarcar relações de poder e a diversidade das identidades sexuais; mantém-se o termo utilizado pela autora.

materializadas nas falas colhidas em campo e na forma de disposição dos espaços gays.

Para a autora, a abjeção se aplicou mais ao corpo travesti por este não constituir um estatuto de sujeito e uma vida social tradicional. Socialmente, não há espaço para a existência de fronteiras corporais cambiantes. E as *drags* não se enquadraram na lógica abjeta devido à provisoriedade que o ato de se montar ofereceu e da possibilidade de retorno a um corpo autorizado e hegemônico.

Assim como Damásio, Aureliano Silva Junior (2008) também estudou *drag queens* na cidade de Porto Alegre. Sob uma perspectiva desconstrutivista, o autor alegou que travestis, transexuais e transgêneros dizem respeito a novas formas de materialização do gênero e esse estatuto é reivindicado por esses sujeitos. O autor sublinhou que por meio do riso e de brincadeiras as *drags* conseguiram borrar as categorias heteronormativas: macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual. Essas palhaças, disse ele, utilizaram-se da capacidade humana de rir de si mesmo e dos outros, como algo subversivo que rompeu com a lógica da abjeção. Assim, elas se utilizaram da lógica da abjeção para confundir e brincar com este processo subvertendo a ordem hegemônica pela ambiguidade.

Partindo dessa estrutura hegemônica em relação à heteronormatividade, Adrianna Silva (2008) contemplou dois elementos centrais em sua pesquisa antropológica com travestis da região metropolitana de Recife. O primeiro diz respeito à análise do controle social e às formas efetivas em que travestis foram alocadas nas camadas mais inferiores da hierarquia social. Quanto ao segundo, sublinhou as táticas que essas travestis utilizaram para driblar esses esquemas de exclusões sociais constituindo uma resistência ao seu assujeitamento por meio de sua experiência. Assim, identificamos nesta pesquisa o realce à dimensão praxiológica das travestis, aspecto que ganha relevo nos estudos de Berenice Bento (2006; 2009).

Situados na Sociologia, os estudos de Bento com a temática da transexualidade <sup>11</sup> analisou as narrativas de sujeitos transexuais (homens e mulheres) no Brasil, em Goiânia e na Espanha, em Valencia. Visando à desconstrução do “transexual de verdade” e à despatologização da experiência, a autora elegeu como objetivo problematizar a concepção hegemônica que afirma ser a cirurgia de transgenitalização uma expressão do desejo das pessoas transexuais pela satisfação sexual. O desejo dos sujeitos da pesquisa não seria pela busca de uma satisfação sexual, mas sim pela inserção na vida social, sendo essa busca encoberta pelo dispositivo de transexualidade. Tal ambiguidade não é percebida por meio da interiorização das verdades engendradas pelo dispositivo nesses indivíduos. O saber/poder médico concebe as pessoas transexuais como tendo total abjeção pelos seus corpos inventando-as como seres assexuados.

Bento expôs, ainda, que as narrativas apresentaram uma diversidade de experiências que se contrapuseram aos desejos classificatórios universalizantes e diferenciadores que inferiorizam, enquanto “seres transtornados”, “enfermos mentais”, as pessoas transexuais. Dessa maneira, a autora foi para as narrativas que subvertiam a ordem hegemônica do dispositivo transexual do biopoder-biomédico.

Por fim, temos o estudo de Rodrigo Borba e Ana Ostermann (2008), situado no campo da sociolinguística o que permitiu um enfoque distinto em relação à temática *trans*. A pesquisa, com travestis – profissionais do sexo do sul do Brasil – demonstrou que houve uma preferência êmica pelas formas gramaticais femininas. No entanto, as tensões sociais fizeram com que elas usassem o masculino quando: a) falavam sobre suas vidas antes das transformações corporais; b) havia algum tipo de conflito entre as travestis; c) relatavam sobre si em suas relações familiares; d) e reportavam discursos produzidos por outros ao se referirem a elas. Tais usos

---

<sup>11</sup> Vale ressaltar que a tese, publicada 2006, foi pioneira no campo sociológico por ter como objeto de estudo a transexualidade.

permitiram que os autores afirmassem que as travestis empregavam o gênero gramatical – masculino e feminino – do Português como estratégia linguística na manipulação de suas identidades e das identidades de sua comunidade.

#### **(4) Movimento homossexual e bissexual**

Sobre movimento homossexual e bissexual temos o estudo de Regina Facchini (2005), no campo da Antropologia Social, dados construídos a partir da observação participante e entrevistas com integrantes do Grupo de Conscientização e Emancipação das Minorias Sexuais Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor – Corsa – de São Paulo, teve por objetivo analisar os processos de construção e reconstrução de identidades coletivas e sujeitos políticos relacionados ao movimento social homossexual brasileiro, na segunda metade dos anos 1990. Ao analisar tais processos, procurou questionar a ausência de sentido ou de coerência em relação à proliferação de categorias e/ou denominações veiculada a diversificação das bandeiras identitárias levantadas pelo movimento. A autora se recusou a fazer sua análise baseada em categorias dicotômicas entre “autonomia” e “institucionalização”, optando por focar nas formas como o grupo operacionalizou a trajetória de construção e negociação de sua identidade institucional.

Já o estudo de Camila Cavalcanti (2007) privilegiou os discursos sobre a bissexualidade. De natureza exploratória, a pesquisa buscou identificar os discursos contidos: a) nas falas dos integrantes do grupo Núcleo de Bissexuais de Brasília (BIS); e b) nas falas de pessoas sem vínculos com o movimento bissexual. Nesses discursos a autora identificou uma invisibilidade da bissexualidade pelos atores sociais. Assim, a autora assume uma proposta de compreensão do ator social como um projeto inacabado, sempre em movimento de transformação, o que permite, dependendo do contexto, assumir posições sociais distintas.

Tais considerações apontam que as identidades não são homogêneas, o que nos leva a considerar certa ambivalência nas representações midiáticas entre o que é reforçado em termos de heteronormatividade e sua desestabilização.

## **(5) Homossexualidades e mídia**

As pesquisas sobre mídia e homossexualidade podem ser concebidas como pertencentes ao eixo da análise textual (RIAL, 2005). Tal eixo concentrou seus estudos nas retóricas da mídia, examinando as mensagens produzidas pelo emissor tanto em relação às falas como às imagens e suas implicações nos processos culturais.

As análises nesses estudos focaram nas representações sobre a inteligibilidade em relação ao corpo, ao gênero e à sexualidade. Essas pesquisas, por um lado, explicitaram e denunciaram a veiculação de representações em harmonia com os padrões hegemônicos; e, por outro, indicaram representações subversivas que desestabilizaram padrões naturalizados em relação às categorias sexo, gênero e sexualidade.

Tais análises podem ser encontradas no estudo da antropóloga Sônia Maluf (2005). A autora analisou o filme *Tudo sobre minha mãe* (1999), do diretor espanhol Pedro Almodóvar. Afirma que o diretor, ao colocar um marido com um par de seios e uma freira que engravida desse travesti, tematiza questões sobre o corpo e o gênero (fenômeno transgênero) problematizando as categorias de macho-fêmea, heterossexualidade-homossexualidade e homem-mulher.

Para a autora, quando o diretor do filme, Almodóvar, rompe com ocultamento do corpo travesti, exhibe a ficcionalidade das categorias de sexo, gênero e sexualidade. Esse corpo paródico, também fabricado, rompe com a perspectiva essencialista entre natureza e antinatureza. Sua autenticidade, sua “natureza” estariam no processo de fabricação.

Enquanto Maluf apresenta a mídia em favor da desestabilização das categorias hegemônicas, Antônio Moreno (2002), inserido na área da comunicação, denuncia o aspecto conservador da mídia, o que nos leva a inferir o caráter ambivalente da mídia nas representações produzidas sobre sexo, gênero e sexualidade.

Moreno<sup>12</sup> analisou as representações sobre os homossexuais veiculadas em 125 filmes produzidos entre as décadas de 1940 e 1990. O estudo se debruçou nas imagens- gestualidades e narrativas fílmicas contextualizando essas produções na história cinematográfica brasileira. O autor concluiu o estudo numa perspectiva desanimadora em relação ao retrato existencial, social e cultural dos homossexuais. Apontou o caminho hegemônico tomado para retratar o homossexual por meio de discursos pejorativos, gestualidades estereotipadas<sup>13</sup> e a carnavalização. Esse caminho produziu um personagem-tipo como: afetado, gritinhos, gestual espalhafatoso, ou seja, como a “bicha-louca”. Tendo a cumplicidade da plateia e busca do riso fácil<sup>14</sup>, por

---

<sup>12</sup> Mesmo produzindo uma obra que denuncia preconceitos nas representações sobre o homossexual no cinema nacional, Moreno utilizou o termo homossexualismo, cujo sufixo, *-ismo*, remete à doença. Vale ressaltar que, no Brasil desde 1985, o Conselho Federal de Psicologia deixou de considerar a homossexualidade como doença, distúrbio ou perversão, sendo o termo mais apropriado *homossexualidade*.

<sup>13</sup>Essa tendência do personagem homossexual estereotipado como “bicha-louca”, gay afetado, gay divertido que faz o público rir, pôde ser observado na telenovela *Fina Estampa* (2011/2012), de Aguinaldo Silva, da Rede Globo. O personagem Crodoaldo Valério ou Crô, do ator Marcelo Serrado, é um mordomo gay afetado e mencionado em alguns sites como divertido que chamava sua patroa de Rainha. Esse personagem assumiu o lugar de bobo da corte e como tal, por não ser levado a sério, teve mais liberdade de falar e demonstrar seus trejeitos afeminados ou suas ações junto ao seu objeto de desejo que eram outros homens. Assim, ao assumir o teor humorístico materializado no exagero, afetação, feminilização, enfim na “bicha-louca”, o personagem é sucesso de público (VEJA, 2011). Também não constitui saída quando as telenovelas abordam os casais homossexuais de uma forma “higiénica”: eles não se tocam, não brigam, não se beijam e não têm problemas sendo sempre uma referência, um modelo “perfeito” nada real. Sobre essa temática ver Miranda (2011b).

<sup>14</sup>Aqui parece que a carnavalização com sua característica subversiva da inversão das lógicas hegemônicas não assume essa dimensão ou a assume de uma maneira bem restrita relativa apenas à veiculação dos personagens gays, visto que o silêncio ou ausência denota um controle muito maior da heterossexualidade compulsória.

um lado, ridicularizou-se o homossexual, dando-lhe o aspecto de bobo da corte; e por outro, colocando-o como algo depravado, doentio e criminoso, “anormal”. Tal perspectiva ratifica as análises anteriormente indicadas aqui de Jurandir Freyre.

Também na área da comunicação, o estudo de Sofia Zanforlin (2005) vai além do estudo de Moreno por congregar as perspectivas midiáticas conservadoras e desestabilizadoras em relação ao macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual. A autora, a partir da análise de uma série televisiva identificou rupturas nas representações predominantes sobre os homossexuais, sejam soropositivos ou bobos da corte (*clown*).

No entanto, a autora indicou que existiu a manutenção de alguns estigmas sobre a feminilidade e de modelos de papéis desenvolvidos nas famílias tradicionais e na assunção da homossexualidade. As imagens e mensagens acerca do feminino estiveram baseadas em um padrão hegemônico de feminilidade em relação a algumas personagens do seriado. Esses padrões foram: a maternidade, a abnegação ao parceiro, fragilidade, sensibilidade, capacidade de compreensão, doação. Houve também personagens masculinos que foram relacionados à feminilidade hegemônica, caracterizados por trejeitos exageradamente “femininos”, uma “bicha-louca” ou numa linguagem norte-americana, como *sissy*<sup>15</sup>.

---

Entretanto, vale destacar que as categorizações ocasionadas pelo humor, paródia e ironia são ambivalentes. Assim, elementos da estética do grotesco (BAKHTIN, 1999; KAYSER, 2009; VIEIRA, 2008) tais como: cômico-burlesco, baixo-cômico, distorção caricatural etc., estão presentes nas características carnavalescas materializadas nas “bichas-loucas” ou “bichas-pintosas”. Elas podem assumir dimensões entre o ridículo e o escatológico que subvertem a estética burguesa gerando interpretações ambivalentes entre o reforço de estruturas hegemônicas, elitistas, machistas e homofóbicas e a subversão dessas mesmas estruturas.

<sup>15</sup> O termo *sissy* deriva da palavra inglesa *sister* (irmã). É, geralmente, usado de forma pejorativa para designar um menino ou homem que é extremamente “afeminado” na sua forma de vestir ou gestual. Tal comportamento transgride a masculinidade hegemônica edificada com: virilidade, força e heterossexualidade.

Ao finalizar a apresentação das pesquisas é possível fazer algumas observações gerais, no que diz respeito (a) ao campo disciplinar, (b) às abordagens teórico-metodológicas e (c) aos principais resultados.

a) Campo disciplinar: nessa questão nos interessa remarcar como se apresentou a distribuição nas Ciências Sociais. Nesse campo é a Antropologia que apresenta maior concentração com quinze pesquisas e situadas em todos os cinco temas recorrentes no conjunto da nossa revisão de literatura. A sociologia ocupa a segunda posição com seis trabalhos, sendo três no tema da transexualidade e transgeneralidade; um nos temas da homossexualidade masculina; conjugalidades homossexuais masculinas e femininas e movimento homossexual e bissexual. E, na terceira posição, a Ciência Política que contribui apenas com um trabalho com o tema conjugalidades homossexuais masculinas e femininas.

b) Abordagens teórico-metodológicas: todos os estudos apresentam um viés do construtivismo social e do desconstrutivismo e em termos de método os mais recorrentes foram a etnografia, a observação participante e entrevistas estruturadas, semiestruturadas e não-estruturadas. Aspecto este que pode ser compreendido considerando que a Antropologia é a disciplina majoritária no conjunto desses estudos.

c) Resultados: quanto aos resultados, a avaliação que fazemos não comporta todos os achados nesses estudos, mas, essencialmente, as questões que se articulam com nossos interesses e que dizem respeito a como têm sido abordadas as categorias sexo, gênero e sexualidade.

→ Os estudos mais clássicos tais como os de Silva (1993) ou de Kulick (2008) denunciaram um olhar excludente por parte da sociedade sobre as travestis e apontaram a existência de corpos ambíguos, em suas análises, porém não afirmaram essa exclusão como parte necessária da possibilidade da existência de corpos considerados “normais”, perspectiva Pós-Estruturalista.

→ O estudo de Perlongher (1987) é considerado um marco na literatura das pesquisas sobre homossexualidade por ter identificado, como exposto anteriormente, que as identidades sexuais não são tão homogêneas quanto aparentavam, além de ter revelado a complexidade da prostituição masculina e a relação de poder do cruzamento de variáveis: atividade/passividade e camada popular e média. Porém, não foi interesse da pesquisa identificar os processos de desestabilização das categorias hegemônicas sobre a heterossexualidade (sexo, gênero e sexualidade).

→ Por outro lado, os estudos sobre *drag queens* (JAYME, 2001; CHIDIAC; OLTRAMARI, 2004; VENCATO, 2005; DAMASIO, 2006; SILVA JUNIOR, 2008) focaram sua atenção na identificação da ficcionalidade e na desnaturalização das categorias de sexo, gênero e sexualidade sublinhando a desestabilização dessas categorias. Entretanto, esses estudos não problematizaram as estratégias desses atores em relação à estrutura da heteronormatividade.

→ Os estudos relacionados às temáticas: homossexualidade masculina (FRY, 1982; FRY; MACRAE, 1985; COSTA, 2002; SILVA, 2005; GUIMARÃES, 2007; PAIVA, 2007); homossexualidade masculina e feminina (HEILBORN, 2004; MELLO, 2005); movimento homossexual e bissexual (FACCHINI, 2005; CAVALCANTI, 2007); homossexualidade e mídia (MORENO, 2002; MALUF, 2005; ZANFORLIN, 2005) por serem em sua maioria relacionados à Antropologia utilizam a etnografia e observações como recurso metodológico. Em segundo lugar os recursos metodológicos foram: entrevistas e análises dos discursos e ou análises das representações veiculadas pela mídia.

→ Destoando das pesquisas acima, estudos de Berenice Bento (2006, 2009), na Sociologia, e de Adrianna Silva (2008), na Antropologia, abordaram questões sobre a relação entre ação e estrutura social. Bento, sob a perspectiva da teoria praxiológica de Pierre Bourdieu, denunciou o dispositivo transexual e de como os sujeitos de sua pesquisa, na medida do possível, escapavam a esse controle. E Silva usou a categoria “tática” de Michel de Certeau para indicar a forma

como as travestis pesquisadas desenvolviam táticas para lidar e resistir a uma estrutura social opressora e excludente.

Contudo, parece-nos, como indicado pelos estudos aqui expostos, que ainda é tímida a produção de pesquisas com um viés desconstrutivista e que privilegie o processo categorial sobre macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual realizado por homossexuais masculinos.

Desta maneira, esta tese busca produzir conhecimentos no campo da homossexualidade em relação aos pares categoriais dicotômicos. Tal perspectiva contribui para que a construção do conhecimento exceda uma lógica dicotômica entre estrutura e agência por meio da articulação que é realizada entre os estudos pós-estruturalistas, Teoria *Queer* e das abordagens sociológicas sobre a categorização social a partir da Etnometodologia e da Análise Conversacional.

Tal articulação se faz necessária uma vez que o objetivo desta tese é compreender como ocorre o processo de condensação de sentidos por homossexuais masculinos a partir de um contexto paródico em torno dos pares categoriais sexo, gênero e sexualidade. Para tanto, nos parece pertinente compor nosso quadro teórico com as perspectivas acima mencionadas uma vez que teremos ferramentas conceituais e analíticas para tratar das contingências e das estruturas de inteligibilidade heteronormativa presentes nas práticas sociais.

Condensação de sentidos é entendida aqui como resultado de marcadores sociais que determinam os sentidos materializados nas interações via intersubjetividade. Ela é o que dá visibilidade a dimensão da construção social da realidade uma vez que viabiliza a inteligibilidade social. Interessante observar que a ideia de condensação de sentidos ancora-se nas elaborações de Linda Hutcheon (1985, 2000) no que diz respeito aos estudos sobre a paródia.

No capítulo seguinte apresentamos o quadro teórico a partir da articulação das perspectivas mencionadas acima. Inicialmente abordaremos como o desconstrutivismo se apresenta como uma saída

para o debate entre essencialismo e construtivismo em relação à sexualidade (2.1); na sequência nos apoiamos na perspectiva desconstrutivista para discutir de que forma problemática os pares categoriais dicotômicos (2.2); no tópico 2.3 discutimos a Teoria *Queer* sublinhando os principais argumentos na desconstrução da heteronormatividade, em seguida são apresentados os sentidos midiáticos sobre as categorias dicotômicas (2.4) e, por fim, trazemos para o debate as abordagens sociológicas sobre a categorização social (2.5).

## Capítulo 2

# ARTICULAÇÃO DE SENTIDOS: CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE E HETERONORMATIVIDADE

---

### 2.1 PARA ALÉM DO GÊNERO COMO SUPLEMENTO DO SEXO

A produção de Butler (1985, 1987, 1990, 2003a, 2003b, 2008) possibilita repensar o campo da produção do conhecimento da Teoria Social em relação ao sexo, gênero e sexualidade. Nela é problematizada a compreensão do sujeito, no que se refere à afirmação – até então fundamental nos Estudos de Gênero – de que o sexo seria biológico e apenas o gênero seria uma criação sociocultural acima dos corpos sexuais. A autora também indica como sexo, gênero e sexualidade estão concebidos de uma forma compulsória via uma lógica heteronormativa. Ao mesmo tempo em que expõe essas afirmações, ela propõe uma epistemologia que ultrapasse o essencialismo e o construcionismo/construtivismo radical nas teorias de gênero. Sua proposta é a abordagem desconstrutivista. Assim, Butler é uma das teóricas que problematiza como as categorias de sexo, gênero e sexualidade são engendradas no campo de produção de conhecimento da Teoria Feminista.

Claudia Costa indica que segundo a discussão de várias teóricas feministas, o encontro entre o Feminismo e o Pós-Estruturalismo é carregado de ambiguidades e contradições, mas também repleto de possibilidades.

O reconhecimento de que o sujeito se constrói dentro dos sistemas de significado e de representações culturais, os quais por sua vez encontram-se marcados por relações de poder permitiu duas importantes estratégias teóricas e epistemológicas: por um lado, nos forneceu instrumentos valiosos para desconstruir as

categorias tradicionais do indivíduo, inclusive as noções de uma identidade e experiência femininas universais e, por outro lado, nos proporcionou uma maior sensibilidade (forjada pelas exigências da política) para compreender os mecanismos diversificados constitutivos dos diferentes sujeitos no campo social (2006, p. 58).

Esse encontro, exemplificado na obra de Butler entre outros teóricos gera produtivos questionamentos, pois nos vemos provocados a repensar a perspectiva identitária no feminismo que assume – por questões políticas – a identidade de mulheres dentro de sua produção teórica e política. Mesmo colocando *mulheres* no plural, para abarcar etnia/raça, sexualidade, camada social, geração etc., parte do feminismo continua defendendo verdades transculturais; um sujeito centrado, racional capaz de projetos emancipatórios.

Para Butler, tal política do reforço do “eu”, da questão identitária, termina por fortalecer, exatamente, o que tanto o movimento como a teoria feminista tentam combater: as estruturas opressoras nas relações de gênero e sexualidade. A seguir, debruçar-nos-emos em parte da produção do conhecimento feminista e sua problematização empregando teóricos sob a influência do Pós-Estruturalismo e da Teoria Pós-Moderna.

Temos duas grandes correntes de produção de conhecimento feminista. De um lado, o feminismo “iluminista” que foca a sua produção, sobremaneira, na busca de uma transformação da situação das mulheres pensando que ainda se encontram subjugadas na relação com o sexo masculino. Sua análise tem como finalidade a criação e o fortalecimento de um projeto emancipatório para os sujeitos mulheres. E, na realização desse objetivo, deve-se reforçar a questão da identidade e a conscientização da situação de submissão fortalecendo o “eu”, a autonomia e a autoestima das mulheres para a realização de mudanças políticas.

Do outro, o feminismo pós-moderno questionador do iluminismo. Para esse feminismo, o iluminismo necessita ser superado no tocante às concepções de um sujeito homogêneo e na alegação de

estruturas transculturais. Assim, o feminismo pós-moderno problematiza a localização do pesquisador no tempo e no espaço e conseqüentemente a assunção e reconhecimento dos seus limites na produção de verdade e questionamentos (FEMENÍAS, 2003).

Butler, com sua abordagem desconstrutivista está mais próxima de um feminismo pós-moderno ou do paradigma Pós-Estruturalista. Seus estudos analisam o peso que a sexualidade assume na conformação da “identidade de gênero” (como construto social) e no reconhecimento epistemológico e político sob uma lei fundante fictícia em que os indivíduos são concebidos como sexuados de forma binária e compulsoriamente heterossexuais.

Sobre este contexto os escritos de Judith Butler têm estabelecido desde a década de 1980, uma vigorosa polêmica. Butler pretende se estabelecer em um momento (...) que às vezes tem sido denominado “pós-feminismo”. Em sua análise, tanto uma vertente do feminismo como a outra têm conservado alguns conceitos binários sem questionar. Na sua análise crítica, Butler apela à virada linguística, inscrevendo-se, ainda, numa tradição filosófica anti-iluminista que assume genealógicamente. (...) A estratégia de Butler é, por um lado, se posicionar, tanto à margem do emotivismo e de posturas feministas que ela considera ingênuas como a tradição Iluminista (FEMENÍAS, 2003, p. 10-11)

A herança epistemológica dessa autora está vinculada às ideias de Nietzsche, e toma elementos de Freud por meio das leituras de Lacan. Em relação à virada linguística, posiciona-se tanto na escola inglesa (Austin, Searle) como na francesa (Deleuze, Derrida). Adota alguns temas sobre o corpo que se enraizou na fenomenologia existencialista (Merleau-Ponty, Sartre), além da obra de Foucault e de outros pós-estruturalistas franceses, que complementam as linhas do seu pensamento. Polemiza com as filósofas feministas mais relevantes, desde Simone de Beauvoir a Luce Irigaray, por um lado, e

desde Susan Bordo a Nancy Fraser por outro (FEMENÍAS, 2003, SALIH, 2012).

### **2.1.1 O sujeito iluminista do feminismo e o patriarcado como categorias transculturais**

Butler contesta a noção de sujeito do feminismo – as mulheres. Essa categoria preserva um sentido ontológico, e a manutenção desse sentido não possibilita que a teoria feminista perceba como “mulheres” é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder as quais essa teoria procura combater. Esse sujeito é constituído por uma lei fundante fictícia de sua própria reivindicação de legitimidade<sup>16</sup>. A identidade que é criada em um tempo-espaço adquire características a-históricas, transcendentais, isto é, de anterioridade ao social.

Preservando um fundamento ontológico sobre ser mulher ou homem, ser heterossexual ou homossexual, as ideias podem ficar presas, fortalecendo e reproduzindo o mesmo tipo de situações opressoras das quais as feministas, e a própria Butler, desejam romper. A autora afirma que se devem questionar as estruturas que estão estruturando a forma de pensamento e a criação de categorias ficcionais e fundacionistas. Ou em uma concepção derridiana, questiona-se a estruturalidade da estrutura da produção de conhecimento:

se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece

---

<sup>16</sup> Essas características da constituição do sujeito a respeito de uma lei fundante fictícia e de sua legitimação de estatuto natural podem ser traduzidas na mesma lógica de inteligibilidade da identidade homossexual e seus engendramentos na Idade Moderna. Ver Foucault na *História da Sexualidade 1*.

interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e religiosas de identidade discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2003b, p. 20)

A autora questiona não apenas a noção de sujeito, mas também as categorias da compreensão da realidade social (sexo, gênero e sexualidade e a própria noção de sujeito) que se tornam transculturais. Ela combate a transcendência das categorias afirmando que essas só adquirem sentido nas relações simbólicas que são instituídas nas relações sociais. Ou seja, não há uma essência pré-social. Desta maneira, “(...) a identidade do sujeito feminista não deve ser o fundamento da política feminista, pois a formação do sujeito ocorre no interior de um campo de poder sistematicamente encoberto pela afirmação desse fundamento” (2003b, p. 23-24). Assim, esse sujeito centrado “mulher” estaria encobrindo a própria lógica de dominação masculina que fundou a compulsoriedade do ser “macho” e do ser “fêmea”, do ser “heterossexual ou homossexual”.

Contudo, os argumentos de Butler não são aceitos sem resistências. A resistência viria por meio de divergências epistemológicas e ontológicas que remetem ao político e à adoção de uma concepção entre sujeito e agente. Em outras palavras, o foco recai em relação ao lugar e à importância que o indivíduo assume na modernidade e às possibilidades de mudanças sociais. Além da dificuldade em reconhecer – ao aceitar certos posicionamentos de Butler - que suas produções teóricas ao invés de emancipar estariam contribuindo no reforço e na reprodução das estruturas de dominação.

Maria Luiza Heilborn (2006), indo na contramão do que Butler se propõe, exemplifica essa tensão epistemológica no que se refere, especificamente, ao uso de categorias transculturais em relação ao gênero (homem-mulher):

A voga (...) desconstrutivista vem insistindo que as grandes metateorias, que almejam explicações mais gerais acerca do mundo, são inadequadas e incapazes de dar conta da variabilidade e da instabilidade das definições, estampadas no sentido precário da identidade num mundo multifacetado e veloz. (...) A condição de produção do masculino procede por meio de uma inversão hierárquica que, ao seccionar a continuidade com o feminino e, nesse sentido, com a indistinção, inscreve-o como pólo marcado em um campo classificatório atrelando-o à problemática da diferença. Trata-se de salientar que a instituição do masculino está comprometida com uma dada operação simbólica de marcar seu relevo e sua distinção perante o outro gênero. (...) Os conteúdos específicos que adquirem as categorias de gênero nos diversos contextos manteriam este princípio de ordenação, embora possam em substância ser diferentes (2006, p. 43-51).

As justificações de validade do conhecimento produzido por Heilborn sobre as relações hierarquizadas entre os gêneros refletem a compreensão de uma dada realidade social em uma perspectiva estruturalista. No entanto, sob o olhar pós-estruturalista, questionamos o *status* de “verdade transcultural ou a-histórica”, a ideia de centro, de essência, de fundamento que a estrutura hierarquizada e disposta em pares antagônicos é assumida no referido artigo. Assim, pergunta-se: esse centro ou fundamento abarca todas as dimensões da prática social em diferentes épocas e contextos histórico-culturais e, ainda, dentro do mesmo contexto no que diz respeito às questões de gênero e ou de sexualidade? Mesmo considerando que sentidos são marcados e remarcados em direção à manutenção do poder hegemônico, como ficam as divergências, as resistências, as singularidades, as descontinuidades nos modelos instituídos?

Perguntado de outra maneira, como ficam as interações sociais que fogem à regra da dominação masculina entre “homens”, entre “mulheres” e entre “homens” e “mulheres”? Como a indicação de pares antagônicos e do sexo binário compreenderia a complexidade das interações sociais que desviam em vários sentidos do padrão

esperado? Desse modo, Butler expõe os limites da noção de um patriarcado universal:

a noção de um patriarcado universal tem sido amplamente criticada em anos recentes, por seu fracasso em explicar os mecanismos da opressão de gênero nos contextos culturais concretos em que ela existe. (...) esta forma de teorização feminista foi criticada por seus esforços de colonizar e se apropriar de culturas não ocidentais, instrumentalizando-as para confirmar noções marcadamente ocidentais de opressão, e também por tender a construir um “Terceiro Mundo” ou mesmo um “Oriente” em que a opressão de gênero é sutilmente explicada como sintomática de um barbarismo intrínseco e não ocidental. A urgência do feminismo no sentido de conferir um *status* universal ao patriarcado, com vistas a fortalecer aparência de representatividade das reivindicações do feminismo, motivou ocasionalmente um atalho na direção de uma universalidade categórica ou fictícia da estrutura de dominação, tida como responsável pela produção da experiência comum de subjugação das mulheres (2003b, p. 20-21).

Outro ponto ainda em relação ao uso e à concepção de categorias transculturais, padrões metafísicos e modelos ideais é que esse uso possibilita perspectivas pertencentes a uma lógica de pensamento etnocêntrica. Assim, em uma perspectiva ocidental, países da América Latina, África e o/ou Oriente por terem relações hierárquicas de gênero seriam concebidos como não civilizados, bárbaros. Por sua vez, os países do centro econômico – Ocidente – são considerados civilizados e ou menos “bárbaros” por terem políticas e estudos que incentivam a luta contra essa opressão e a emancipação das mulheres.

## 2.1.2 A ordem compulsória do sexo/gênero/sexualidade ou o questionamento dos pares antagônicos

Butler problematiza (2003, 2008) a separação, já “clássica”, entre sexo e gênero. O sexo seria um corpo/biológico a partir do qual as características socioculturais produziriam o gênero. Dessa forma, não se poderiam explicar atitudes de homens ou de mulheres baseadas em uma justificativa biologizante. A separação sexo/gênero, a primeira vista, sempre foi uma grande conquista para todos que focam os estudos na temática de gênero, uma vez que fortalecia a luta contra a opressão, desbancando as ideias essencialistas. No entanto, Butler desconstrói a separação sexo/gênero a partir da própria lógica assumida nessa separação para, em seguida, indicar que também o sexo é uma construção sociocultural. Vale ressaltar que os conhecimentos produzidos a partir da concepção do sexo ser biológico e o gênero *ser sociocultural* podem fortalecer argumentos essencialistas em vez de desestabilizar e denunciar a situação de opressão do que a autora chama de heterossexualidade normativa e compulsória.

Contudo, para Butler, essa separação permite que a própria unidade do sujeito seja potencialmente contestada, visto que a distinção, entre elas, abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo. Desta maneira, “corpos masculinos não deveriam constituir compulsoriamente apenas homens, nem corpos femininos deveriam constituir apenas mulheres”. Esses corpos poderiam assumir outros gêneros como no caso dos “‘entrelugares’ das *drag queens*, dos *intersex* e dos corpos ‘abjetos’/*queer* – ‘mulheres masculinizadas’ que escolhem homens homossexuais -, práticas de *strapon* – casais heterossexuais que invertem seus papéis sexuais” (SAFATLE, 2006, P. 16).

A partir desse momento, são problematizadas as bases argumentativas da separação entre sexo (biologia) e gênero (cultura), além de desestabilizar a lógica dos pares binários antagônicos e

hierarquizados (macho/fêmea, homem/mulher, heterossexual/homossexual). Desse modo, Butler expõe que:

(...) se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (...), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a conseqüência de que *homem e masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher e feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino (2003b, p. 24).

A desconstrução que Butler faz sobre a “tradicional” separação entre sexo e gênero é destabilizadora dos pressupostos das categorizações sobre sexo, gênero e sexualidade da Teoria Feminista e dos Estudos Gays e Lésbicos. A autora informa que ao ser fiel à lógica da separação entre sexo e gênero, um corpo masculino não teria de produzir gênero masculino e um gênero feminino não poderia ser determinado por um corpo feminino. Cada corpo, mesmo diante de uma lógica binária (macho/fêmea), não deveria está vinculado a um mesmo gênero (masculino/feminino) do corpo. Assim, o caráter imutável do “sexo” é contestado, pois o mesmo pode ser construído discursivamente como o próprio gênero o é:

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra *sobre a qual age a cultura* (2003b, p. 25-26).

Ao focar na percepção da estruturalidade do pensamento social em relação ao discurso feminista, ou seja, na percepção das estruturas subjacentes à produção de conhecimento, Butler expõe a inexistência de diferenciação entre sexo e gênero. Tal afirmação provoca várias críticas, sendo a mais comum afirmarem que “tudo é discursivamente construído”. Butler (2008) responde aos seus críticos e esclarece possíveis dúvidas a respeito dos seus argumentos.

A autora destaca que as categorias/a realidade social só pode ser acessada por meio de uma construção ou processo de significação linguística. Há “coisas” anteriores aos processos de significação, mas como não são significadas, não temos como acessá-las, visto que elas não fazem partes de uma construção da realidade social.

Todavia, Butler denuncia a perspectiva do construtivismo ou construcionismo linguístico radical e sua separação de sexo e gênero. Essa perspectiva termina afirmando discursivamente o sexo como “natural” ou a “natureza sexual”, esquecendo que essa perspectiva nomeia, via linguagem, o que seria excluído e incluído tanto do mundo “natural” como do mundo sociocultural. Assim, o sexo é colocado como efeito da construção do que discursivamente está sendo concebido como natural.

Quando a distinção sexo/gênero se junta a um construcionismo linguístico radical, o problema torna-se ainda pior, pois o “sexo” que é referido como sendo anterior ao gênero será ele mesmo uma postulação, uma construção, oferecida no interior da linguagem, como

aquilo que é anterior à linguagem, anterior à construção. Mas esse sexo colocado como anterior à construção torna-se, em virtude de ser assim colocado, o efeito daquela mesma colocação: a construção da construção. Se o gênero é a construção social do sexo e se não existe nenhum acesso a esse “sexo” exceto por meio de sua construção, então parece não apenas que o sexo é absorvido pelo gênero, mas que o “sexo” torna-se algo como uma ficção, talvez uma fantasia, retroativamente instalado em um local pré-linguístico, sem o qual não existe nenhum acesso direto (1999, p. 158).

Para autora, o construtivismo radical tende a produzir a premissa que tanto refuta ao mesmo tempo em que confirma seu próprio empreendimento. Essa teoria, não conseguindo explicar o sexo como um local sobre o qual o gênero é construído, e ao discursar sobre o que seriam os aspectos linguísticos e extralinguísticos, termina compondo o que está sendo construído discursivamente pelo que está excluído dessa composição. Desta maneira, “o sexo assume uma premissa fabricada como sexo pré-discursivo e seu significado discursivo como pré-discursivo é reificado, esquecido e ocultado (BUTLER, 1998, 2002, 2003b, 2008).

Desta forma, a saída proposta pela autora para sair desse construtivismo radical é considerar que as categorias sexo, gênero e sexualidade são construções sociais a partir de suas condições de emergências contingenciais via linguagens e discursos. Ou seja, sua abordagem desconstrutivista foca na genealogia<sup>17</sup> dessas categorias de macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual.

---

<sup>17</sup> Dreyfus e Rabinow em uma concepção foucaultiana de genealogia afirmam que ela “se opõe ao método histórico tradicional; (...) seu objetivo é assinalar a singularidade dos acontecimentos, não há essências fixas, nem leis subjacentes, nem finalidade metafísicas. A genealogia busca descontinuidades ali onde desenvolvimentos contínuos foram encontrados. (...) ela busca recorrência e jogo ali onde progresso e seriedade foram encontrados. Ela recorda o passado da humanidade para desmascarar os hinos solenes do progresso. A genealogia evita a busca da profundidade. Ela busca a superficialidade dos acontecimentos, os mínimos detalhes, as menores mudanças e os contornos sutis” (1995, p. 117-118).

Outro ponto ainda questionado por Butler tem relação à continuidade de um centro, uma entidade transcendental. Há uma rotação do lugar do sujeito por estruturas que assumem o local de um centro formador. Tais como: discurso, cultura ou poder.

Existem tanto defensores quanto críticos da construção que constroem essa posição em termos estruturalistas. Eles frequentemente afirmam que existem estruturas que constroem o sujeito, forças impessoais, tais como a Cultura ou o Discurso ou o Poder, onde esses termos ocupam o lugar gramatical do sujeito depois que o “humano” foi desalojado de seu lugar. Nessa visão, o lugar gramatical e metafísico do sujeito é retido, mesmo quando o candidato que ocupa aquele lugar parece ter sido submetido a uma rotação. Como resultado, a construção é ainda entendida como um processo unilateral, iniciado por um sujeito anterior, fortalecendo aquela suposição da metafísica do sujeito de que onde existe atividade, ali espreita, por detrás, um sujeito iniciador e intencional (...) (1998, p. 162).

A construção, desta maneira, pode ser entendida como um ato, uma relação de “causa” e “efeito”, algo que tem uma origem determinada, essência fixa e não algo genealógico. Esse ato seria uma coisa pontual, realizado por um sujeito, cultura, discurso ou poder e o construtivismo, nesse processo, foi reduzido a algo determinista, a “efeitos firmemente fixados”, para usar um termo de Butler (1998, 2003, 2008). A autora segue analisando a estruturalidade da Teoria Social, sempre dando prosseguimento a um posicionamento genealógico indicando as diversas variáveis na condensação de sentido e a relevância das descontinuidades.

Esse sentido não é eterno, tem de ser realimentado, reconstruído, sempre correndo o “risco” que novos sentidos sejam engendrados, modificando o sentido anterior, ou seja, dando brechas, fissuras para acontecimentos singulares. Esses fossos e fissuras são o que escapa ou excede à norma, à estrutura social que categoriza macho-fêmea, homem-mulher e heterossexual-homossexual. Esta instabilidade é a possibilidade “desconstitutiva no próprio processo de

repetição, o poder que desfaz os próprios efeitos pelos quais ‘sexo’ é estabilizado, a possibilidade de colocar a consolidação das normas do ‘sexo’ em uma crise potencialmente produtiva” (1998, p. 164). Vale destacar que esses fossos e fissuras que excedem à norma ou à estrutura social na contingência da construção da realidade social cotidiana serão mapeados via Etnometodologia e Análise da Conversação mais adiante nesta tese.

No entanto, essas fissuras ou fossos sofrem sanções resultando até mesmo em corpos abjetos. Assim, é exatamente, abordando a questão do excluído, percebido por meio da desconstrução, que surge o tema da mudança social no pensamento de Butler. Algo que poderia desestabilizar as construções naturalizadas. Na relação sexo-gênero-sexualidade e na sua ordem compulsória da heterossexualidade, a autora foca sua atenção na questão dos corpos abjetos, que, por um lado, confirmariam os corpos “sadios”, “perfeitos”, tidos como “normais” ao mesmo tempo em que, por outro lado, abrem fissuras nessas estruturas opressivas, possibilitando a desestruturação, a denúncia da ficcionalidade da heteronormatividade e da heterossexualidade compulsória.

## **2.2 PROBLEMATIZANDO A “NATUREZA” OU A DESESTABILIZAÇÃO DA CATEGORIA CORPO/SEXO**

Corroborando as críticas levantadas por Butler sobre a descolagem entre sexo, gênero e sexualidade, temos as análises de Linda Nicholson (2000). A autora indica alguns contornos da construção do campo de conhecimento sobre o gênero e suas lógicas epistemológicas em relação à presença quase intocável da “natureza” na estruturalidade desses saberes. Ela destaca que devemos conceber a identidade sexual como enraizada historicamente, produto de um sistema de crenças específico de sociedades modernas e ocidentais. Resultando na apreciação das maneiras como foram e vem sendo entendidas as diversidades profundas de “masculino” e “feminino”.

Nicholson defende que a categoria gênero é usada de formas distintas e de certa maneira contraditórias. A primeira é que o “gênero” é usado em oposição categoria “sexo”. Ou seja, o gênero é construído socialmente em oposição ao que é biologicamente dado (o “natural”, o “corpo”, o “sexo”). O gênero é pensado relativamente ao comportamento e à personalidade e não ao corpo. “Gênero’ e ‘sexo’ são, portanto, compreendidos como distintos” (2000, p. 09).

A segunda forma é a de que o “gênero” vem sendo cada vez mais utilizado para indicar quaisquer construções sociais e culturais referentes a diferenças masculino e feminino, incluindo os engendramentos que diferem os corpos “masculinos” de “femininos”. Esse uso surgiu quando se percebeu que a sociedade forma não apenas a personalidade e o comportamento, mas também as maneiras como os corpos aparecem. Assim, Nicholson expõe que: “se o próprio corpo é sempre visto através de uma interpretação social, então o “sexo” não pode ser independente do “gênero”; antes, sexo nesse sentido deve ser algo que possa ser subsumido pelo gênero” (2000, p. 09).

Para a autora, apesar da segunda forma do uso do gênero ser a predominante no discurso feminista, a primeira forma sobrevive. O “sexo” permanece, ainda, na Teoria Feminista como o que sempre indica a diferença masculino/feminino ficando aparte da cultura e da história. Desse modo, essas duas interpretações de gênero são consequência da junção de duas ideias importantes do pensamento ocidental moderno: a da base material da identidade e a da construção social do caráter humano. Vejamos, a seguir, como se deram essas condensações de sentidos.

Na maioria das sociedades industrializadas, no início da segunda fase do feminismo (final dos anos 1960) a noção dominante para explicar as causas das diferenças de masculino/feminino em relação aos seus aspectos essenciais tinha como base a biologia (cromossomos, instintos, hormônios etc.). Tal perspectiva a respeito do conceito de “sexo” colaborou com a ideia de imutabilidade dessas diferenças e com a impossibilidade de transformações sociais em

relação às opressões de gênero e de sexualidade, como anteriormente exposto nesta tese.

As feministas dessa fase acusaram essa perspectiva teórica de dar sustentação ao “sexismo”. A saída apontada pelo discurso feminista foi fincar seus argumentos na constituição social do caráter humano para minar o poder desse conceito. Instituiu-se, portanto, a categoria gênero para se referir às diferenças de personalidade e comportamento entre homens e mulheres. O gênero não era visto como substituto para o “sexo”, mas como meio de minar as pretensões de abrangência do “sexo”.

A maioria dessas feministas aceitou a premissa da existência de fenômenos biológicos reais a diferenciar mulheres de homens, usadas de maneira similar em todas as sociedades para gerar uma distinção entre masculino e feminino. Todavia, a contribuição das teóricas daquele contexto foi de que muitas das diferenças associadas a mulheres e homens não eram biológicas e nem efeitos dessa premissa, mas sim sociais. Para Nicholson, a categoria gênero foi produzida para suplementar a de sexo, não para substituí-la. “Mais do que isso, não só o ‘gênero’ não era visto como substituto de ‘sexo’ como também ‘sexo’ parecia essencial à elaboração do próprio conceito de ‘gênero’” (2000, p. 11).

Como exemplo dessa análise a autora expõe um dos mais importantes artigos das décadas de 1960/1970, de Gayle Rubin. Rubin lançou a expressão “o sistema sexo/gênero”, definindo-o como “o conjunto de acordos sobre os quais a sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (2000, p.11). Para Nicholson, o biológico foi assumido como base sobre a qual os significados culturais são constituídos. Dessa maneira, ao mesmo tempo em que a influência do biológico é enfraquecida é também invocada. Tal perspectiva contribuiu para que o “sexo” se tornasse o lugar de provedor onde o “gênero” seria supostamente construído. Nicholson expõe que:

A proposta de Rubin nesse ensaio não é idiossincrática. Reflete um aspecto importante do pensamento do século 20 sobre “socialização”, incluindo a aplicação feminista de tal pensamento para a distinção masculino/feminino. Muitos dos que aceitam a ideia de que o caráter é socialmente formado, rejeitando, portanto, a ideia de que ele emana da biologia, não necessariamente rejeitam a ideia de que a biologia é o lugar da formação do caráter. Em outras palavras, ainda veem o eu fisiológico como um “dado” no qual as características específicas são “sobrepostas”, um “dado” que fornece o lugar a partir do qual se estabelece o direcionamento das influências sociais. A aceitação feminista dessas proposições significava que o “sexo” ainda mantinha um papel importante: o de provedor do lugar onde o “gênero” seria supostamente construído (2000, p.11).

Na visão da autora, a concepção de relacionamento entre biologia e socialização tornou possível que o corpo assumisse a noção de “porta-casacos” da identidade, em que diferentes artefatos culturais em relação à personalidade e ao comportamento fossem “jogados” sobre ele. Tal molde possibilitou às feministas teorizar sobre o relacionamento entre biologia e personalidade aproveitando certas vantagens do determinismo biológico, ao mesmo tempo em que dispensava certas desvantagens. Essa perspectiva é rotulada por Nicholson como “fundacionalismo biológico” (2000, p. 12).

Assim, o “fundacionalismo biológico” dialoga com o determinismo biológico em uma relação entre a biologia e alguns aspectos da suposta identidade de gênero. O fundacionalismo biológico ao mesmo tempo em que contrasta com o determinismo biológico ou essencialismo permite a coexistência de dados da “natureza” com aspectos dessas identidades.

O fundacionalismo biológico possibilitou às feministas sustentar a noção de que as constantes da natureza são responsáveis por certas constantes sociais. E, concomitantemente afirmar que tais constantes podem ser transformadas. Além de permitir a assunção tanto das diferenças entre as mulheres como o que elas têm em comum.

Ao expor a elaboração do fundacionalismo biológico, a autora alega que essa posição somada à categorização da identidade como “porta-casacos” são obstáculos a uma profícua compreensão de diferenças entre mulheres, diferenças entre homens e diferenças em relação a quem pode ser considerado homem ou mulher. Essa perspectiva de pensar tudo o que há em comum entre as mulheres devido ao sexo, gera tudo que há em comum em termos de gênero. Esse viés explica a tendência a se pensar o gênero como representativo do que as mulheres têm em comum. Sendo assim, aspectos de raça e classe terminam assumindo lugares de indicativos do que elas têm de diferentes. Portanto, a lógica que emerge é que as diferenças entre as mulheres são consideradas como coexistência mais do que como intersecção com as diferenças de raça, classe, geração, sexualidade etc.

A percepção do fundacionalismo biológico denunciado por Nicholson possibilitou identificar que algumas as produções teóricas são ora mais voltadas para a biologia, ora para a construção social no campo da Teoria Feminista. Para a autora, o feminismo necessita descartar tanto o fundacionalismo biológico como o determinismo biológico. Para tanto, o corpo deve assumir uma concepção variável mais do que uma constante. Como é exposto abaixo:

(...) “a população humana (...) tem diferenças nos modos como entendemos o corpo. Consequentemente, precisamos entender as variações sociais na distinção masculino/feminino (...) mas também a formas culturalmente variadas de se entender o corpo. Essa compreensão não faz com que o corpo desapareça da teoria feminista. Com ela o corpo se torna, isto sim, uma variável, mais do que uma constante, não mais capaz de fundamentar noções relativas à distinção masculino/feminino através de grandes varreduras da história humana (...) (2000, p. 14).

Vale lembrar, Nicholson não despreza que nas sociedades há maneiras de distinção entre masculino e feminino que relacionam

essas diferenças com o corpo. Entretanto, ela chama a atenção para o fato de que há diferenças no sentido e na importância atribuídos a esse corpo. E assim, nunca se tem um único conjunto de critérios constitutivos da “identidade sexual” a partir do qual se possa “inferir alguma coisa sobre as alegrias e as opressões inerentes ao ‘ser mulher’” (2000, p. 15).

Contudo, a diferença existente entre as teorias de Nicholson e Butler diz respeito aos limites da desestabilização da categoria “corpo/sexo”. Para essa última, a desconstrução de corpos binários pode resultar na performatividade de outros “sexos” ainda não categorizados pela inteligibilidade social, excedendo o corpo macho e o corpo fêmea. Butler leva ao máximo a lógica da crítica defendida por Nicholson sobre o fundacionalismo biológico, resultando em um projeto epistemológico e ontológico distinto do feminismo iluminista.

Mas então, o que seria esse “sexo natural” ou essa “natureza sexuada” que ganha um sentido ontológico na construção da “identidade de gênero e sexual”? O que é esse corpo criticado por Butler como produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura e politicamente neutro?

### **2.2.1 Condensações de sentidos sobre o corpo**

Nicholson indica que na Europa ocidental havia uma distinção física entre masculino e feminino anterior ao aparecimento de uma metafísica materialista. No entanto, o crescimento dessa metafísica provocou mudanças na importância das características físicas e em seu *status*. Ela transformou o sentido das características físicas que passou de marca da distinção masculino/feminino para sua causa. Assim, o que antes era efeito, passou a ser causa do sexo binário.

Buscando historicamente os sentidos assumidos por esse corpo, a autora remete ao estudo de Thomas Laqueur. Ele pesquisou sobre a literatura médica acerca do corpo desde os gregos até a Idade Moderna (século XVIII), constatando que antes do século XVIII havia uma noção “unissexuada do corpo”. O corpo feminino era considerado

uma versão inferior do corpo masculino, em uma perspectiva vertical de infinitas gradações. Os corpos femininos eram concebidos como uma inversão do corpo masculino. Eles eram vistos como menos desenvolvidos do que os masculinos. De tal modo que a vagina e o colo do útero não eram algo distinto do pênis, mas constituíam, juntos, uma versão de pênis menos desenvolvida.

Na nova categorização produzida na Idade Moderna, o corpo feminino se distinguiu do corpo masculino se tornando outro tipo de corpo. Ele engendrou significados completamente distintos dos órgãos sexuais femininos e os masculinos:

Essa “economia corporal de fluidos e órgãos” começou a ceder diante da noção “bissexuada”. Laqueur descreve alguns aspectos do processo: “Órgãos que antes compartilhavam um nome – ovários e testículos – eram agora linguisticamente distintos. Órgãos que não eram antes diferenciados por um nome específico – a vagina, por exemplo – recebiam estruturas antes consideradas comuns a homens e mulheres – o esqueleto e o sistema nervoso – eram diferenciadas, no sentido de corresponder aos aspectos culturais do masculino e do feminino (2000, p. 19).

Outro ponto importante apontado por Nicholson diz respeito à nova categorização da “bissexuada”. Essa categoria foi relacionada à deslegitimação do conceito de “hermafroditismo” baseado nas afirmações de Foucault sobre o “pseudo-hermafroditismo” a partir do século XVIII. A autora expõe que a identidade “verdadeira” exigida pelas teorias biológicas da sexualidade e do controle jurídico do indivíduo só permitia espaço para a existência de apenas um dos “sexos”: macho ou fêmea.

As diferenças físicas entre masculino/feminino que antes eram vistas como marcas, sinais agora são vistas como “causas” ou base da própria distinção, como dito anteriormente ganham estatuto ontológicos. Para Nicholson, não se trata de afirmar que na visão anterior ao século XVIII não houvesse distinção ou que a biologia não tivesse qualquer participação nessas distinções. Se antes as diferenças

eram a expressão de certa ordem cosmológica guiada pelas diferenças, pela hierarquia e pela inter-relação; agora ela é conduzida pela biologia. Esse posicionamento traz como consequência um eu masculino ou feminino especificamente diferenciado e enraizado em um corpo exclusivamente de macho ou fêmea.

Dessa maneira, Butler (2003b, 2008) aponta para uma descolonização do sexo pelo gênero. Assim, a desconstrução dá ênfase à dimensão simbólica da diferença sexual tornando mais evidente a maneira como foi ou é construída o corpo físico a partir da dimensão simbólica.

A porosidade dos limites entre o corpo físico e o corpo cultural constitui uma tensão apontada por Butler (BUTLER, 2003b, 2008; SALIH, 2012) como sem solução. Para Butler, não se pode ter acesso a qualquer materialidade anterior ao discurso ao mesmo tempo em que o discurso não consegue apreender aquela materialidade anterior. Afirmar que o corpo é um referente evasivo não significa dizer que ele é apenas e sempre construído. De tal modo que assumida a materialidade do corpo, a ênfase deve ser dada em considerá-lo mais como variável do que como constante (NICHOLSON, 2002).

O paradoxo da porosidade dos limites sobre o corpo biológico e cultural reverbera na tensão entre as feministas e as transexuais dentro do movimento feminista. O foco recai em como devem ser compreendidas essas “novas mulheres”. Afinal, as transexuais são mulheres ou são machos com aparência feminina? A resposta a essas indagações é consequência do tipo de compreensão dos limites acerca do corpo biológico e do corpo cultural que podem abonar ou proibir a participação política das transexuais dentro do próprio movimento e da concepção ontológica dada às categorias de sexo, gênero e sexualidade já problematizadas por Butler (2003b, 2008) e Nicholson (2002).

Outro ponto relevante é que as características associadas ao sexo (corpo biológico) tais como: timbre de voz, distribuição e quantidade de pelos corporais, presença de genitália com características específicas, massa muscular, distribuição de gordura

são levadas em consideração por Butler exatamente pela potencialidade de desestabilizar, via paródia “corporal”, o próprio sexo binário.

Butler indica que o indivíduo do “sexo masculino” ao desejar ser “mulher” – tornando-se travesti ou transexual – expõe as fissuras existentes na performatividade do “sexo feminino”. Esse indivíduo ao mesmo tempo em que copia se diferencia tornando-se outra criatura. Assim, as especificidades de cada “sexo” ou suas materialidades são importantes para a desestabilização do sexo binário, mesmo que esse indivíduo justifique o seu desejo da transgenitalização alegando que há uma mulher em um corpo masculino. Assim essas fissuras são a possibilidade de expor a performatividade de sexo, gênero e sexualidade.

Dessa maneira, Butler (2008) afirma que não pode ser considerada construtivista, pois ela procura demonstrar como há limites tanto em relação à materialidade como em relação aos discursos sobre o “sexo”. Ela concebe como erro:

Considerar *Bodies That Matter* um trabalho construtivista ou que procura considerar a materialidade em termos construtivistas. “Seria igualmente correto – ou possível – dizer que ele busca entender por que o debate essencialismo/construtivismo tropeça em um paradoxo que não é facilmente ou, na verdade, não é jamais superado. Assim como nenhuma materialidade anterior está acessível a não ser através do discurso, também o discurso não consegue captar aquela materialidade anterior; argumentar que o corpo é um referente evasivo não equivale a dizer que ele é apenas e sempre construído. De certa forma, significa exatamente argumentar que há um limite à construtividade, um lugar, por assim dizer, onde a construção necessariamente encontra esse limite” (BUTLER, 2002, p. 158).

Para Nicholson (2000), a epistemologia de um feminismo da diferença que se apoia no fundacionalismo biológico nas sociedades modernas de base europeia tem elementos de verdades e falsidades. Verdades por serem sociedades que instituem as genitálias femininas e masculinas como binárias e por associarem caráter a essas genitálias, decorre do fato de que as pessoas que nascem com genitália “masculina” estão propensas a serem diferentes hierarquicamente das que nascem com genitália “feminina” em importantes aspectos da vida social.

Contudo, um feminismo da diferença tendo como apoio o fundacionalismo biológico é igualmente falso pela limitação em não reconhecer a historicidade de seus próprios *insights* e porque não consegue prever – até mesmo dentro das sociedades de base europeia – o quanto o sistema de crenças que seus *insights* refletem está comprometido por quebras e fissuras.

Em outras palavras, o feminismo da diferença com o seu fundacionalismo biológico não consegue perceber as estruturas subjacentes de suas produções de conhecimento. Ele tem limites para fornecer chaves ou categorias de compreensão para aqueles entre nós que manifestam quebras e fissuras dos padrões hegemônicos em relação ao sexo, ao gênero e à sexualidade.

O questionamento Pós-Estruturalista e Pós-Moderno sobre o sujeito ser encarado como provisório, circunstancial, cindido – sendo suas “verdades” localizadas no tempo e espaço – contribuiu para o surgimento da Teoria *Queer*.

### **2.3 A TEORIA *QUEER* E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE AS SEXUALIDADES “DISPARATADAS”**

No final da década de 1980, nos Estados Unidos, a partir de problematizações epistemológicas e teóricas materializadas nas obras de Michel Foucault, Jacques Derrida e, posteriormente, de Judith Butler e Eve Sedgwick, (teóricos considerados do Pós-Estruturalismo ou da diferença), foi possível a construção da Teoria *Queer*. O termo

*queer*, como uma nova perspectiva teórico-epistemológica, foi empregado pela primeira vez em 1990 por Teresa de Lauretis (MISKOLCI, 2007b). Essa teoria busca realizar uma análise mais ambiciosa do que as que partiam do pressuposto heterossexista das produções desenvolvidas, até então, nas Ciências Sociais, acerca das sexualidades não hegemônicas (GAMSON, 2010; MISKOLCI, 2007b, 2009; SALIH, 2012; SPARGO, 2006).

O termo *queer*, significando tradicionalmente “esquisito” no seu início, era usado como uma forma de estigmatizar indivíduos que não correspondiam à heterossexualidade compulsória e naturalizada (LOURO, 2004; MISKOLCI; SIMÕES, 2007a; VITERI; SERRANO; VIDAL-ORTIZ, 2011). Tal expressão conotava desonra, degeneração, pecado, perversão, anormalidade, geralmente era relacionada à homossexualidade e ou a qualquer forma de desvio e ameaça à ordem social estabelecida.

Se antes seu sentido era calunioso, foi, então, apropriado como contestador tanto do estatuto de normalidade como denunciador das instabilidades das identidades. A partir de meados da década de 1980, em meio ao dramático avanço da epidemia da HIV/AIDS nos EUA. Tal ressignificação foi realizada por uma variedade de pequenos grupos que denunciavam os efeitos de uma heterossexualidade tida como norma que posteriormente comporá a noção de heteronormatividade, vinda de respostas governamentais à epidemia e das próprias políticas identitárias hegemônicas nos movimentos feminista, *gay* e lésbico.

A reflexão que a Teoria *Queer* emplacou foi marcada pela atenção crítica à suposta neutralidade de saberes e práticas, ao trazer à luz pressupostos moralizantes que, frequentemente, revelam-se marcados por intuítos de normalização sexual-social.

Desta maneira, as pesquisas sobre sexualidades fizeram um percurso até chegar à perspectiva *queer*. Essas pesquisas seguiram abordagens quantitativas (de inspiração essencialista) e abordagens qualitativas. No campo das abordagens qualitativas, Gamson (2010) expõe que o estudo das sexualidades teve cinco momentos: relatos

colonialistas das experiências de campo, focando nas interpretações confiáveis e objetivas; pesquisas que apresentassem narrativas causais; limites porosos entre ciências sociais e humanidades em que a voz do pesquisador não era mais a voz privilegiada nas interpretações; “crise de representação”, em que se questionava se os estudiosos qualitativos podem apreender a experiência vivida; e por fim, o que Gamson denomina de momento pós-moderno em que as “grandes teorias” e o conceito de pesquisador distante saíram de foco.

Ainda dentro do universo qualitativo, os estudos sobre comunidades homossexuais concebidos como “minorias” objetivavam compreender a constituição do seu *ethos* homossexual. Essas pesquisas terminavam contribuindo para fortalecer crenças hegemônicas ou criavam subáreas disciplinares, mantendo a homossexualidade como objeto marginalizado no campo de produção de conhecimento da Sociologia e da Antropologia.

No entanto, os Estudos Queer propuseram desviar o foco das comunidades específicas e da fixidez das identidades homossexuais, voltando-se mais para os processos de categorização social e sua desconstrução.

Eve Sedgwick (2007), com seu artigo considerado como fundamental para o início da Teoria Queer, faz uma crítica à postura defendida por parte do movimento homossexual. Esse movimento alega que ao se assumir publicamente (“sair do armário”) o homossexual sofreria menos e ainda contribuiria para que outros homossexuais se sentissem mais corajosos para fazerem o mesmo. A Sedgwick expõe que não é tão simples, porque mesmo que esses indivíduos assumam sua orientação sexual para determinados grupos (família, amigos, colegas de trabalho etc.), sempre haverá novos espaços e grupos em que eles passarão pelo dilema de “saírem ou o não do armário”, visto que a lógica de inteligibilidade social está baseada na heterossexualidade compulsória e normativa.

O receio desses indivíduos de se assumirem homossexuais a cada nova situação é compreendido pelo medo de sofrerem represálias por meio de violências físicas e ou simbólicas. Tal contexto os leva a

uma vida pessoal cindida em duas que é “equilibrada” entre o que é socialmente aceito (a heterossexualidade) e os seus desejos individuais<sup>18</sup>.

A heteronormatividade, dessa maneira, decorre de pressupostos da performatividade da heterossexualidade como natural e não ficcional como anteriormente apontado nesta tese. Ela diz respeito a expectativas, demandas e obrigações sociais, sendo estabelecida, conseqüentemente, como

(...) conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, a heteronormatividade marca até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto (...). A heterossexualidade não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo de formar a todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade (MISKOLCI, 2007b, p. 5-6)

Esse dispositivo<sup>19</sup> disciplinar sexual, a heterossexualidade (FOUCAULT, 2007), é constituído em dois momentos históricos: o

---

<sup>18</sup> Segundo Miskolci, no Brasil a prática de sair do armário é muito pouco utilizada por pessoas públicas (atores, atrizes, políticos, cantores, cantoras etc.) o que é justificado pelo medo da homofobia: “o machismo brasileiro exige a homofobia, que é o pânico da homossexualidade [...]” (2007a, p. 60). Tal situação de violência é ratificada por Luiz Mott ao expor dados estatísticos de 2003 sobre o número da violência praticada contra homossexuais no Brasil: “de todas as ‘minorias sociais’, os homossexuais são as mais vulneráveis: em Brasília, 88% dos jovens entrevistados pela UNESCO consideram normal humilhar gays e travestis, 27% não querem ter homossexuais como colegas de classe e 35% dos pais e mães de alunos não gostariam que seus filhos tivessem homossexuais como colegas de classe. Mais grave ainda: no Brasil, um gay, travesti ou lésbica é barbaramente assassinado a cada dois dias, vítima da homofobia. (2006, p. 511).

<sup>19</sup> “Dispositivo” como objeto da descrição genealógica, na obra de Foucault, decorre da necessidade da análise do poder, na relação entre o discursivo e não discursivo. Ele “é rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, regimentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, o dito e o não dito. (...) [ele] estabelece a natureza do nexa que pode existir entre esses elementos

primeiro é o da heterossexualidade compulsória que está relacionado à invenção da homossexualidade pela ciência médica, no final do século XIX e início do seguinte. A homossexualidade “foi inventada como patologia e crime e os saberes e práticas sociais normalizadores apelavam para medidas de internação, prisão e tratamento psiquiátrico dos homo-orientados” (MISKOLCI, 2007b, p. 6); o segundo diz respeito à heteronormatividade. Com a despatologização e descriminalização da homossexualidade, a heteronormatividade configura-se como “marco de controle e normalização da vida de gays e lésbicas, não mais para que se “tornem heterossexuais”, mas com a finalidade de que vivam como eles” (Op. cit).

Dessa maneira, a Teoria *Queer* problematiza e denuncia a inteligibilidade social constituída compulsoriamente por meio de pares dicotômicos (homossexual-heterossexual), ou seja, a existência do heterossexual (normal e sadio) está vinculada ao homossexual como o *Outro* anormal e doente. Esse binário homossexual-heterossexual é percebido como estruturante da ordem social, e não apenas de uma comunidade específica (GAMSON, 2010; MISKOLCI, 2007b).

Nesse contexto, a Teoria *Queer* assume uma epistemologia que se recusa a enumerar, classificar ou dissecar as sexualidades consideradas “disparatadas” (GAMSON, 2010; LOURO, 2004; MISKOLCI, 2008, 2009, 2012; MISKOLCI; SIMÕES, 2007; PRECIADO, 2003, 2009). Esta teoria propõe depositar sua atenção na cultura, nas estruturas linguísticas ou discursivas – subjacentes às lógicas das interações sociais – e nos contextos institucionais apreendendo e desconstruindo os processos que engendram dicotomias, como normalidade/anormalidade, heterossexualidade/homossexualidade, masculino/ feminino, atividade/ passividade.

---

heterogêneos” (CASTRO, 2009, p. 124). Sendo assim, dispositivo de sexualidade é “a história de um dispositivo político que se articula diretamente sobre o corpo, isto é, sobre o que este tem de mais material e mais vivente; funções e processos fisiológicos, sensações, prazeres etc. (Op. cit. p. 401). Vale ressaltar que a construção dessa noção foi muito importante para a Teoria *Queer* concentrar seu olhar crítico na organização da sociedade como um todo, substituindo uma análise mais direcionada, nas comunidades homossexuais.

Na esteira das mudanças teórico-metodológicas, Miskolci e Simões propõem não uma análise das sexualidades “disparatadas”, mas a ousadia de conhecer sob sua perspectiva:

No que concerne à proposta teórica mais geral, conforme resumiu o sociólogo norte-americano Steven Seidman (...), os estudos *queer* procuraram, de alguma forma, mudar o foco do debate da categoria homossexual ou da homossexualidade para questões relacionadas à operação do binarismo hetero/homossexual, sublinhando sua centralidade como princípio organizacional da vida social contemporânea e dando mais atenção crítica a uma política do conhecimento e da diferença (2007, p. 10).

Na Teoria Queer, os saberes são postos em questionamentos tendo a finalidade não de anular suas verdades produzidas, mas sim de mapear que essas verdades nunca são absolutas, além de estarem relacionadas a poderes em contextos sociais específicos. Isto é, a atenção se desloca das experiências vividas da sexualidade para a “gramática da cultura”. Dessa forma, esta tese busca - a partir dos Estudos *Queer* – delinear como o grupo de homossexuais masculinos de camada popular categorizam sexo, gênero e sexualidade confirmando noções hegemônicas e ou demarcando instabilidades identitárias.

### **2.3.1 A paródia *queer* como marcadora de instabilidades da identidade**

A partir da constatação de uma inteligibilidade heteronormativa denunciada aqui pelos teóricos do Pós-Estruturalismo e da Teoria *Queer*, indagamos como aconteceria a possibilidade de subversão dessas estruturas subjacentes à realidade social e à produção do campo de conhecimento da Teoria Social.

As teorias aqui abordadas vislumbram a paródia<sup>20</sup> como tendo a possibilidade de desestabilizar os processos de categorização hegemônicos em relação ao sexo, gênero e sexualidade. A paródia, por sua ambivalência e ambiguidade, permite que na busca pela semelhança, seja por meio das *drag queens* ou pelas transexuais e ou outros transgêneros, exista a diferença. É levando em consideração tal poder subversivo da paródia que utilizamos recortes do programa Papeiro da Cinderela para motivar o surgimento de processos categoriais nos grupos focais analisados via a Análise Conversacional Etnometodológica. As *drag queens*, ao utilizarem as regras de inteligibilidade social, mostram certa fragilidade da estrutura da heterossexualidade normativa e compulsória por meio de suas fissuras e suas brechas.

Essa possibilidade de desestabilizar a relação compulsória entre sexo, gênero e sexualidade acontece também com os/as transexuais, os/as transgêneros, *intersex*. Esses corpos possibilitam que fissuras aconteçam na inteligibilidade social, sacudindo os sentidos naturalizados, desestabilizando verdades instituídas.

Corpos paródicos, abjetos, repudiados, considerados “aberrações” em uma perspectiva hegemônica de sexo, gênero e sexualidade podem ser categorizados como o quê? Machos com vaginas? Heterossexuais, mesmo tendo corpo de homem? Ou seriam mulheres com peitos, mas que também têm pênis, mantendo relações sexuais com outras mulheres? Seriam uma transexual lésbica? Como classificá-los?

É exatamente seu sentido ambivalente que possibilita desestabilizações categoriais que perturbam, denunciam e desnaturalizam as definições existentes. Assim, Butler expõe que uma genealogia das ontologias do gênero sendo bem-sucedida,

---

<sup>20</sup> Paródia: “Imitação cômica de uma composição literária. Imitação burlesca” (FERREIRA, 2001, p. 352). Butler estabelece uma comparação da imitação burlesca literária com homens travestidos de mulheres, realizando *show* e se apresentando em locais de diversão nas discotecas *gays*, dentre outros sítios. Tal perspectiva também abarcar mulheres travestidas de homens.

“desconstruiria a aparência substantiva do gênero, desmembrando-a em seus atos constitutivos e explicaria e localizaria esses atos no interior das estruturas compulsórias criadas pelas várias forças que policiam a aparência social do gênero” (2003, p. 59). O que pode contribuir para que esses agentes sociais tenham algum tipo de autonomia em relação à estrutura social. Essa autonomia é o que a Análise Conversacional de origem Etnometodológica foca em seus estudos.

Contudo, Costa (2006) indica que para Nicholson, a subversão teorizada por Butler (e nos Estados Queer), dentro do horizonte da linguagem e na sua relação com a resignificação por meio da performatividade, não nos deixa forma de distinguir entre os atos performativos conservadores e os subvertedores. Os primeiros reproduziriam e confirmariam os modelos repressores e hegemônicos; os segundos seriam subversivos, capazes de desestabilizar os discursos essencialistas e universalistas da heterossexualidade compulsória ou da heteronormatividade. A subversão ou o reforço ao padrão hegemônico estão vinculados a sentidos engendrados nas categorizações que ocorrem na interação dos indivíduos, fêmea-macho, mulher-homem, homossexual-heterossexual.

Desta maneira, as implicações da condensação de sentidos sobre a paródia podem resultar em uma subversão ou reforço de estruturas hegemônicas diante dos riscos no momento de sua interpretação, em decorrência das múltiplas comunidades discursivas em que cada indivíduo está situado. Aqui a ambivalência assume, novamente, o “risco” de *como* as categorias são compreendidas, podendo ou não subverter a ordem social hegemônica.

A complexidade da compreensão do trabalho da ironia na paródia e da própria paródia e suas polissemias são destacadas por Linda Hutcheon (1985, 2000). Essa autora busca compreender como e por que as arestas da ironia dão à paródia sua dimensão “crítica” ao marcar a diferença na similaridade.

Para a autora, a paródia tem uma característica ambivalente, porque repete ao mesmo tempo em que se diferencia do objeto

inspirador. Esta característica ambivalente a diferencia do pastiche. Este apenas faz réplicas dos objetos como na produção em série da lógica mercantil. Assim, para Hutcheon a ambivalência da paródia é:

Estabelecida entre a repetição conservadora e a diferença revolucionária, faz parte da própria essência paradoxal da paródia: assim, não é de surpreender que os críticos não se encontrem de acordo relativamente à intenção da paródia (...) existem muitas formas possíveis de *ethos* da paródia: pretender-se inocentemente reverente: ridicularizadora? Didática? Mnemônica? Irônica? Aceita ou resiste ao outro? (HUTCHEON, 1985, p. 99).

Assim, a crítica sobre a teoria da paródia-como-subversão ou do *body-in-drag* de Butler, diz respeito à sua negligência para com um importante aspecto da interpretação/compreensão dos sentidos categorizados na interação social. Assim, essas caracterizações são engendradas, a partir da inteligibilidade social dicotômica, porém, os sentidos produzidos são confirmados, modificados, renegociados ou adaptados na construção da vida cotidiana.

Vale ressaltar as dificuldades em não poder prever quais sentidos seriam formulados ou reformulados, visto que não é uma relação de causa e efeito. Como alega Susan Bordo que:

(...) a subversão de suposições culturais (...) não é algo que ocorre (ou não) na leitura de um texto. (...) Butler não situa o texto em questão (o *body-in-drag*) no contexto cultural, (...) não considera a possibilidade de diferentes respostas dos vários leitores (...) ou as várias ansiedades que poderiam complicar suas leituras, não diferencia entre a mulher em *drag* masculina e o homem em *drag* feminina (...) nem consulta (ou pelo menos relata) a reação concreta de uma só pessoa ao *drag* (BORDO *apud* COSTA, 2006 p. 71).

Desse modo, necessitamos apreender como essas construções sociais possibilitam marcar as ambivalências do dispositivo da heterossexualidade. Busca-se, assim, compreender nessa tese, aspectos

de resistência às estruturas hegemônicas e aos modos de subjetivação dos indivíduos por meio de suas práticas de resistência, suas singularidades e descontinuidades da heteronormatividade.

## 2.4 Mídia e Sexualidade

Na América Latina e no Brasil, de forma específica, a televisão e seus produtos culturais têm um importante papel na construção dos imaginários, enquanto meio de comunicação, simultaneamente recebido por milhões de telespectadores que os abrigam na intimidade de seus lares (HAMBUGUER, 1998, 2003, 2005; MARTÍN-BARBERO, 2004, 2008).

A grade de programação das redes de televisão é realizada de acordo com as atividades diárias da população: o telejornal matutino para os que vão trabalhar; para as donas de casa há os programas femininos pela manhã ou à tarde; os infantis para as crianças; e os noturnos para o regresso ao lar (ZANFORLIN, 2005).

Zanforlin expõe que para Martín-Barbero, a TV “familiariza” os conteúdos veiculados não chocando individualidades, isto é, os temas veiculados na TV são abordados “respeitando” representações comuns a população como um todo.

Focar pesquisas que envolvam mídia e sexualidade se faz necessário, uma vez que os discursos<sup>21</sup>televisivos são profundamente

---

<sup>21</sup> O discurso, nesta tese assume a dimensão de texto e imagem. Ele é concebido como exposto por Norman Fairclough em suas afirmações baseadas em Foucault: “o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significado do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. Podemos distinguir três aspectos dos efeitos construtivos do discurso. O discurso contribui, em primeiro lugar, para a construção do que variavelmente é referido como ‘identidades sociais’ e ‘posições de sujeito’ para os ‘sujeitos’ sociais e os tipos de ‘eu’ (...). Segundo, o discurso contribui para construir as relações sociais entre as pessoas. E, terceiro, o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

influenciados pelas inteligibilidades das práticas sociais, por meio das representações e interações em relação ao gênero e à sexualidade na construção da realidade social.

Os discursos dessas produções culturais – como no programa de humor paródico *Papeiro da Cinderela* – são mais do que instrumentos para o lazer e a diversão, eles influenciam a formação dos imaginários coletivos da vida cotidiana dos indivíduos de uma sociedade que se identificam com as produções de sentido sobre o corpo, o gênero e a sexualidade, desembocando, desta forma, em práticas socioculturais (HALL, 2003; MARTÍN-BARBERO, 1997).

É nessa relação da TV, de modo particular do programa *Papeiro da Cinderela*, com o público em seu entretenimento, que se constroem espaços simbólicos em que os sentimentos, valores, emoções, estereótipos e preconceitos em relação à heterossexualidade compulsória e à heteronormatividade na inteligibilidade social são, via humor, paródia e certa carnavalização, reforçados, atualizados, subvertido e desestabilizados. Essa relação vem sendo analisada por meio dos estudos de mídia e sua análise textual.

Esses estudos concentram suas pesquisas nas retóricas da mídia. Sua ênfase está na análise das mensagens produzidas por emissor, texto e imagem (RIAL, 2004) e sua implicação nos processos culturais. Dessa maneira, para Thompson, qualquer análise cultural deve ter como ponto central as formas simbólicas nos contextos e processos históricos particulares e socialmente estruturados em que elas são produzidas, transmitidas e recebidas (FUNCK, 2005).

Para Hall (2006) a representação é constituída pelo uso atribuído às coisas, como são classificadas, pensadas e sentidas. É nessas práticas - a partir de esquemas interpretativos - que os sentidos condensados são conferidos aos objetos, eventos e pessoas.

De maneira mais específica, há textos que dão ênfase no estudo das mensagens realizando análises sobre as representações com a temática de inteligibilidade em relação ao corpo, ao gênero e à sexualidade. Essas pesquisas, por um lado, demonstram, explicitam e denunciam a veiculação de representações em harmonia com os

padrões hegemônicos, conservadores, estereotipados e preconceituosos; e, por outro, indicam representações subversivas, inovadoras e “libertadoras” que desestabilizam padrões naturalizados em relação a essas temáticas. Elas ainda possibilitam problematizar *verdades absolutas* quanto ao machismo, à homofobia e aos preconceitos étnico-raciais.

As mensagens “conservadoras” – que reforçam formas simbólicas heteronormativa e da heterossexualidade compulsória – e as “subversivas” – desestabilizadoras destas formas simbólicas – podem ser explicitadas nos diversos meios de comunicação de massa: rádio, cinema e televisão, via documentários, filmes, reportagens, propagandas, telenovelas e programas de humor.

Várias produções teóricas realizam a análise textual ora apontando e denunciando a veiculação das representações hegemônicas, ora indicando outras representações que subvertem e desestabilizam lógicas de inteligibilidade da heteronormatividade e da heterossexualidade compulsória. Tais análises podem ser averiguadas nos artigos de Miriam Adelman (2005); Rosa Maria Bueno Fischer (2005); Sônia Weidner Maluf (2005); Antônio Moreno (2002); e Sônia Zanforlin (2005).

Escolhemos algumas dessas produções teóricas para explicitar os contornos de suas análises em relação às produções midiáticas e suas temáticas sobre o corpo, gênero e ou homossexualidade, isto é, sobre os pares categoriais dicotômicos de macho-fêmea, homem-mulher e heterossexual-homossexual.

A primeira dessas produções é o trabalho de Sônia Maluf. Maluf (2005) analisa o filme *Tudo sobre minha mãe* (1999), do diretor espanhol Pedro Almodóvar, afirmando que o diretor mexe com as expectativas do público em relação aos contornos do sexo, gênero e sexualidade.

De maneira específica, a autora destaca alguns aspectos que trazem elementos para uma discussão sobre o gênero e corporalidade relativos às questões do ocultamento e assunção pública, da “relação entre desejo e natureza e da concepção de gênero nas margens.

Maluf afirma que abordar a temática travesti não é novidade no cinema, sendo elemento comum e central da maioria dos filmes a questão do ocultamento da identidade da personagem travestida. Os traços e formas do corpo não deveriam delatar a personagem como pertencendo ao sexo oposto.

No entanto, *Tudo sobre minha mãe* rompe com essa tensão entre ocultamento e descoberta e consequentemente com a tensão entre ser homem ou ser mulher. Para a autora, Agrado não se passa por mulher. Sua afirmação pública é feita pela exibição de seu corpo transformado e fabricado e “não um corpo substantivo, objetificado, mas corporalidade, veículo e sentido da experiência” (2005, p. 210).

Agrado, com seu corpo fabricado, rompe com a oposição entre falso e verdadeiro e, com a oposição essencialista entre natureza e antinatureza. Sua autenticidade, sua “natureza” estariam no processo de fabricação. “Ao dizer que o que tem de mais autêntico é o silicone, Agrado está revelando que o ‘autêntico’ nela é justamente produto de sua criação, da intervenção de seu desejo, de uma agência própria” (MALUF, 2005, p. 210-211).

Maluf alega que Almodóvar ao tematizar questões sobre o corpo e o gênero, isto é, sobre o fenômeno transgênero possibilita que sejam repensadas categorias de macho-fêmea, homem-mulher e heterossexual-homossexual.

Como exposto anteriormente, Butler (2003b, 2006, 2008) têm renovado as reflexões dentro do campo de produção de conhecimento da Teoria Feminista, dos estudos de gênero e dos estudos sobre sexualidades, principalmente na Teoria *Queer*. Ela contribui para a discussão sobre as próprias bases epistemológicas dessa área de produção de conhecimento ao defender que as categorias de sexo, gênero e sexualidade são ficcionais (fabricadas e artificiais) e que podem ser desestabilizadas a partir das paródias de gênero – que se aproximam ao mesmo tempo em que se diferenciam – (das/dos travestis, do fenômeno transgênero e dos intersexos/hermafroditas)

A segunda produção foca no cinema brasileiro e homossexualidade. Antônio Moreno (2002) analisa as representações sobre os homossexuais veiculadas pelo cinema nacional em 125 filmes que datam desde 1940 até 1990. A pesquisa utiliza, em um primeiro momento, como material de estudo as sinopses críticas e as reportagens sobre os filmes. Em seguida, a obra se debruça nas imagens e narrativas fílmicas contextualizando essas produções na história cinematográfica brasileira.

Assim, há dois importantes fatores na análise fílmica em relação à construção do personagem homossexual retratados nos filmes nos contextos socioculturais nacionais: a gestualidade empregada nas categorizações desses personagens e a narrativa desses filmes:

[o filme] emite uma mensagem. Retomando o fato de que todo processo de comunicação está centrado na relação entre emissor de uma mensagem e o receptor, receptor este que decifra esta mensagem através de sua compreensão particular do código, concordaremos que a mensagem do filme é uma comunicação que encerra um discurso. Este discurso é enunciado através de uma série de códigos verbais e não verbais, cuja compreensão depende das normas culturais, morais ou ideológicas do repertório do receptor (...) (MORENO, 2002, p. 162).

Mesmo produzindo uma obra que denuncia preconceitos nas representações sobre o homossexual no cinema nacional, Moreno utiliza o termo homossexualismo, cujo sufixo – *lismo* - remete a doença. Vale ressaltar, como anteriormente mencionado, que no Brasil desde 1985 o Conselho Federal de Psicologia deixou de considerar a homossexualidade como doença, distúrbio ou perversão sendo o termo mais apropriado homossexualidade.

Até o final dos anos 1950, os filmes retratam o personagem homossexual de maneira “brincalhona”, carnavalesca, materializado no transformismo (*Augusto Aníbal Quer Casar*, 1923), como nas comédias da Atlântida (*Carnaval Atlântida*, 1952). Moreno alega que

os poucos filmes foram encontrados, nesse período sobre o assunto, raramente fogem desta fórmula da comédia e do transformismo.

Na década de 1960, personagens homossexuais são retratados em um número maior de filmes. Há o começo de uma tendência classificada como discurso pejorativo em relação aos homossexuais. Em *Noite Vazia* (1964), existem cenas de duas mulheres como se estivesse em uma relação sexual lésbica. Aqui, segundo Moreno, o objetivo é excitar os homens, a plateia heterossexual, que assistem às cenas das duas mulheres e não mostrar uma relação lésbica. O que o autor vai chamar de mulher nua em duplo.

O autor afirma que essa lógica da mulher nua em duplo retratada nas cenas de lesbianismo vai está presente na maioria dos filmes pornográficos e eróticos das décadas seguintes (1970 e 1980).

Na passagem dos anos 1960 para os 1970, surgem os filmes considerados experimentais e *underground*. Mesmo nesses filmes, o personagem homossexual aparece quase sempre como “bichas-loucas-enfeitadas-espalhafatosas” (*O Anjo Nasceu*, 1970; *Matou a Família e Foi ao Cinema*, 1970). Estes personagens são personalizados de uma maneira muito “afetada”, enfeitadas, “desbaratinadas”, “uma árvore de natal kitsch, suburbana, mal-acabada” (MORENO, 2002, p. 89).

Na década de 1970, há os filmes chamados de pornochanchadas. Estes são definidos, pelo o autor, como um cruzamento das chanchadas da Atlântida com o sexo explícito da comédia pornográfica. Dentre os vários filmes, o *Os machões*, (1972) segue a fórmula do gestual homossexual de modo estereotipado, afetado, uma travesti, sendo uma “receita” obrigatória para ridicularizar e fazer rir. “O importante é provocar o riso através do corpo masculino travestido e da imitação cômica, em cumplicidade com o público, dos trejeitos afetados” (MORENO, 2002, p.75). Abaixo fotografia dos atores e cartaz de divulgação do filme *Os Machões*.

Assim, é a partir da década de 1970 que começa a existir, de maneira mais rígida e obrigatória, a fixação de um modelo de personagem homossexual pejorativo materializado na figura da

travesti ou de um homossexual tipo “bicha-louca”. Em muitas destas personagens, “o toque de carnavalização foi, e tem sido, a utilização dos gestos de mãos e olhos e de peças do vestuário usado por Carmem Miranda em seus filmes e shows – como turbantes, chapéus extravagantes, vestido estilizado de baiana, tamancos altos etc.” (2002, p. 282).

Esse modelo, segundo o autor, vai servir de base às produções das décadas seguintes no cinema nacional, além de assumir o lugar de referência para outros meios de comunicação de massa como a televisão na utilização do gestual e o rádio no uso da voz estereotipada.

Essa tendência do personagem homossexual estereotipado como “bicha-louca”, gay afetado, gay divertido que faz o público rir pôde ser observado na telenovela *Fina Estampa* (2011/2012), de Aguinaldo Silva, transmitida pela Rede Globo. O personagem Crodoaldo Valério ou Crô, do ator Marcelo Serrado, é um mordomo gay afetado e mencionado em alguns sites como divertido que chama sua patroa de Rainha. Esse personagem assume o lugar de bobo da corte e como tal, por não ser levado a sério, tem mais liberdade de falar e demonstrar seus trejeitos afeminados ou suas ações junto ao seu objeto de desejo que são outros homens. Assim, ao assumir o teor humorístico materializado no exagero, afetação, feminização, enfim na “bicha-louca”, o personagem é sucesso de público (VEJA, 2011).

Pode-se constatar, por meios das afirmações de Moreno, que um dos caminhos tomado pelo cinema brasileiro nas décadas de 1940 a 1990 para retratar o homossexual foi a utilização de discursos pejorativos e gestualidades estereotipadas e carnavalização. Esse caminho produziu um personagem-tipo – quando não condenado por seu comportamento – como: afetado, gritinhos, gestual espalhafatoso, sustos escandalosos e meias-voltas afetadas, “bicha-louca”. Tendo a cumplicidade da plateia e busca do riso fácil, ridicularizou-se o homossexual, o que não deve ser levado a sério, dando-lhe o aspecto de um palhaço, um clown e bobo da corte. Ou, ainda, o colocam como algo depravado, doentio e criminoso, “anormal”.

Para o cinema brasileiro, do contexto, parece que apenas dessa forma como palhaço, clown, bobo da corte é que o homossexual pôde ser “representado” e “aceito” pelo público em uma cumplicidade entre produção e seu público. Aqui parece que a carnavalização – com sua característica subversiva da inversão das lógicas hegemônicas – não assume essa dimensão ou a assume de uma maneira bem restrita relativa apenas a veiculação dos personagens gays, visto que o silêncio ou ausência denota um controle muito maior da heterossexualidade compulsória.

Assim, Moreno conclui seu estudo com uma perspectiva nada confortante nem animadora em relação ao retrato existencial, social e cultural, ou seja, em relação às representações (discurso e gestualidade) do cinema brasileiro acerca dos homossexuais.

Aqui, mais uma vez o humor (paródico) admite dimensões ambíguas entre a reiteração dos padrões conservadores ou a subversão desses padrões. O que posso inferir que subjacente à mediação entre o cinema e a recepção houve lógicas pertencentes à heterossexualidade compulsória e à heteronormatividade.

Outra análise sobre os estudos de mídia acerca das representações em relação ao gênero e ou homossexualidade é a obra de Sofia Zanforlin (2005) sobre um seriado da TV a cabo direcionado ao público homossexual. A autora analisa as temáticas: da primeira experiência sexual, homossexualidade e as ressonâncias na família, relacionamentos e parcerias, relações de trabalho, militância e violência e AIDS, por meio do viés teórico dos Estudos Culturais. O foco está no alargamento da experiência estética via meios de comunicação de massa, que corrobora e cristaliza o sentido de pertencimento à sociedade, por sua vez concretizado a partir do momento em que as “chamadas” minorias começam a conquistar espaço por meio da veiculação televisiva.

A autora busca compreender os significados das representações no seriado televisivo que tem possibilidade de romper com a predominante representação do homossexual como soropositivo ou como aquele que se coloca na posição de clown, do palhaço ou

bobo da corte sempre disposto a dar o tom cômico da cena. Ela alega que para analisar possíveis rupturas de modelos de conduta e preconceitos sociais deve-se atentar aos tipos de representações que surgem do produto cultural em questão. Que papéis são desempenhados e que modelos de conduta são destinados aos homossexuais para que passem de meros coadjuvantes em programas televisivos a protagonistas de um seriado de TV.

O seriado *Queer as folk* ou *Os Assumidos* se propõe a ser inovador não apenas por inexistir censuras às cenas sensuais entre gays e lésbicas, mas por possibilitar a veiculação de novas maneiras de representar o homossexual, problematizando a construção dos perfis dos personagens em relação a seus hábitos e atitudes. A proposta dos produtores é falar de pessoas tão comuns como quaisquer outras, que poderiam ser nossos vizinhos no apartamento ao lado, sem apelar para símbolos comuns à imagem do gay: sem estigmas de gestos, roupas, modo de falar, rompendo com a veiculação tradicional da visibilidade homossexual.

A autora analisou a fala do produtor Ron Cowen que critica as representações estereotipadas de gays em seriados como *Will and Grace*. Os personagens dividem apartamento, sendo Will homossexual e ela heterossexual. Enquanto a personagem feminina pode ser vista em aventuras amorosas, em cenas mais íntimas com seus parceiros, as cenas de Will não possuem quaisquer contatos íntimos, o sexo permanecendo “virtual”. Além da invisibilidade das cenas amorosas entre homens, o segundo personagem gay deste mesmo seriado é o cômico da vez com a mesma receita citada por anteriormente por Moreno. Isto é, esse outro personagem *gay* é caracterizado por trejeitos exageradamente “femininos”, uma “bichalouca”, uma pintosa ou, uma linguagem norte-americana, uma *sissy*<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> O termo *sissy* deriva da palavra inglesa *sister* (irmã). É, geralmente, usado de forma pejorativa para designar um menino ou homem que é extremamente “afeminado” na sua forma de vestir ou gestual. Tal comportamento transgride a masculinidade hegemônica edificada com: virilidade, força e heterossexualidade.

No entanto, Zanforlin indica que existe a manutenção de alguns estigmas sobre a feminilidade, os modelos de papéis desenvolvidos nas famílias tradicionais e assunção da homossexualidade. As imagens e mensagens acerca do feminino estão baseadas em um padrão hegemônico de feminilidade em relação a algumas personagens do seriado. Esses padrões são: a maternidade, a abnegação ao parceiro, fragilidade, sensibilidade, capacidade de compreensão, doação.

Há também personagens masculinos que são relacionados à feminilidade hegemônica. Em Justin, percebe-se a representação do feminino no envolvimento com Brian, no romantismo que alimenta suas expectativas de ser correspondido, de ser amado. As imagens de Emmett recuperam o estereótipo do gay efeminado, cômico, preocupado com futilidade com roupas, vaidade, compras, estigma relacionado ao universo feminino.

Assim, os três estudos expostos aqui, de uma maneira geral, trazem análises que ora identificam as inovações na produção cultural, relativas ao engendramento de sentidos sobre os gêneros e as sexualidades, ora denunciam produções culturais mais conservadoras que reforçam a heterossexualidade compulsória.

Nesse debate é necessário considerar de que forma essas construções sociais são condensadas na fala-em-interação dos atores sociais em sua cotidianidade. Tal necessidade se faz pertinente uma vez que se busca compreender aspectos de resistência às estruturas hegemônicas heteronormativas.

## **2.5 CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE E A CATEGORIZAÇÃO SOCIAL**

Vindo sob inspiração da fenomenologia social (Schutz), Peter Berger e Thomas Luckmann (2000) assumem que a realidade é produto da ação coletiva, ou seja, construída socialmente. Para esses autores, tanto a realidade como o conhecimento - estabelecido socialmente como realidade sobre o “mundo da vida” (*Lebenswelt*) –

pertencem a contextos sociais específicos que os atores constroem cotidianamente.

Nessa perspectiva da construção social da realidade para a produção do campo de conhecimento da Teoria Social, o foco de estudo recai, assim como nesta tese, sobre o que os indivíduos conhecem e compreendem (*verstehen*) como realidade em sua vida cotidiana, ou seja, suas descrições e compreensões da experiência da vida (*Erlebnis*) ordinária. O conhecimento do senso comum se desenvolve, transmite-se e se mantém socialmente constituído. Ele é “o tecido de significados sem o qual nenhuma sociedade poderia existir” (BERGER; LUCKMANN, 2000 p. 30).

A vida cotidiana se apresenta, então, como uma realidade interpretada pelos indivíduos (intersubjetividade) e subjetivamente dotada de sentido que se origina no pensamento e nas ações desses indivíduos, formando um mundo coerente e real. A questão que nos interessa aqui é como esses atores sociais – homossexuais – constroem- compreendem- descrevem essa realidade dotada de sentido. Perceber essa prática possibilita averiguar as ratificações ou retificações, negociações e criações das categorias sexo, gênero e sexualidade entre uma estrutura e agência, ou seja, entre uma inteligibilidade da heterossexualidade compulsória e normativa e as práticas sociais.

Dessa maneira, esta tese, a partir tanto do paradigma Pós-Estruturalista como do Fenomenológico, identifica o que há de sexualidades “disparatadas” - como sugerido por Miskolci e Simões (2007) inspirados em Foucault (1995, 2003), que escapam às categorizações hegemônicas em relação à performatividade, à ficcionalidade das categorias de macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual. Sendo assim, como análise fenomenológica da experiência subjetiva do mundo da vida (*Lebenswelt*) se “abstém de qualquer hipótese causal ou genética, assim, como afirmações relativas ao *status* ontológicos dos fenômenos analisados” (BERGER; LUCKMANN, 2000, p. 36).

Destacamos que consideramos o debate de que, por um lado, o paradigma Pós-Estruturalista e a Teoria Queer rompem com uma perspectiva fenomenológica por privilegiarem uma dimensão estrutural (contingencial) da sociedade e assumirem que os atores sociais se manifestam a partir, como no caso desta tese, de uma estrutura de inteligibilidade dicotômica entre macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual. Enquanto que, do outro lado, o paradigma Fenomenológico prioriza o micro e, conseqüentemente, a agência social em sua prática da construção da realidade cotidiana. No entanto, se a questão é que o processo de inteligibilidade se dá sempre dentro de uma estrutura hegemônica de inteligibilidade – e seria ingênuo negar tal observação -, indaga-se qual o estatuto dado à produção de conhecimento crítica, desconstrutivista que o próprio paradigma Pós-Estruturalista e a Teoria Queer denunciam? Diante do exposto, foi priorizado nesta tese o diálogo entre agencia e estrutura e estrutura e agencia em processos de articulação.

A realidade social é constituída em um caráter duplo entre a facticidade objetiva e o significado subjetivo (COULON, 1995; BERGER; LUCKMANN, 2000; GARFINKEL, 2006). Essa realidade da vida diária em relação ao sexo, gênero e sexualidade é apreendida no agenciamento social como ordenada e em que seus fenômenos se encontram previamente instituídos pela inteligibilidade heteronormativa. Essa inteligibilidade dicotômica (macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual) aparenta certa independência da apreensão que dela os atores sociais têm e que se impõe a suas apreensões. Assim, a realidade cotidiana aparece já objetivada, ou seja, constituída pelo dispositivo da heterossexualidade (compulsória e normativa) que foi designado como objeto antes da entrada dos indivíduos em cena.

Essa inteligibilidade dicotômica da heteronormativa existe no presente vivido por esses atores que se comunicam e partilham o mesmo tempo e espaço. Tal experiência torna essa heteronormatividade real para todos os atores sociais em seus

processos simultâneos de intersubjetividade (BERGER E LUCKMANN, 2000).

Esse mundo da vida cotidiana se torna real via conhecimento engendrado pela intersubjetividade/inteligibilidade dos atores sociais. Dessa maneira, essa construção do conhecimento se torna possível por meio de categorias, processos categoriais e de organizações de quadros categoriais que acontecem na interação social, materializando corpos e sujeitos (QUÉRÉ, 1994). Entretanto, qual seria o estatuto dessas categorias, processos e quadros categoriais? Eles assumem funções apenas cosmológicas, cognitivas, classificatórias ou eles teriam também característica axiológica e ou praxiológica?

### 2.5.1 Categorização como estatuto social

Foucault (2002), ao mencionar uma obra do escritor argentino Jorge Luís Borges em que este cita uma enciclopédia chinesa, diz que sua leitura provocou riso. Esse riso decorre da perturbação que sofreu toda familiaridade do pensamento do indivíduo ocidental, de sua geração, geografia e que torna sensata, para o ocidental, a profusão dos seres. Fazendo vacilar e inquietando a prática milenar do *Mesmo* e do *Outro* no mundo ocidental. O texto descreve que

(...) os animais se dividem em: a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) domesticados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães em liberdade, h) incluídos na presente classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo, l) etc., m) que acabam de quebrar a bilha, n) que de longe parecem moscas (BORGES, *apud* FOUCAULT, 2002, p. IX).

Foucault conclui seu texto afirmando que o deslumbramento dessa taxionomia é ter-nos atingido, sob o encanto exótico de outro pensamento, desmascarando o limite do nosso, da impossibilidade patente de pensar desta mesma forma. É a partir desse estranhamento, dessa possibilidade de desestabilizar nossa ordem social naturalizada

no contato com o *Outro* que o estudo das categorias, dos processos e dos quadros categoriais se torna o foco na identificação da construção social sobre sexo, gênero e sexualidade.

Na Sociologia, nas obras clássicas de Durkheim (2009) e Mauss (2005)<sup>23</sup>, a preocupação com o processo de categorização social surgiu privilegiando uma análise do caráter social do conhecimento e do pensamento – organizando a realidade como produto coletivo - ocupando lugar importante no estudo das classificações sociais.

Durkheim e Mauss se apoiaram na noção filosófica de categoria, porém foram mais além do que considerar as categorias como esquemas classificatórios e os quadros categoriais como sistemas de distinção e de classificação. O problema do conhecimento assume novos termos, pois a classificação para esses autores ocupa um lugar subordinado nas suas teorias sobre categorização e, conseqüentemente, da organização social da realidade.

Para Durkheim, o debate sobre conhecimento se dá entre duas doutrinas: a primeira assevera que as categorias não podem ser decorrentes da experiência. Elas são concebidas como *a priori*, “são logicamente anteriores a ela e a condicionam. São representadas como dados simples, irredutíveis, imanentes ao espírito humano em virtude de sua constituição natural” (2009, p. XX).

Nessa perspectiva, Abbagnano (2009) expõe que Kant buscando uma solução para o debate entre concepções dos realistas e dos nominalistas sobre categoria, afirma que ela diz respeito à relação sujeito-objeto, ao mesmo tempo em que a categoria é constituinte das determinações dessa relação imanente a qualquer ser pensante e finito.

Se para os realistas, as categorias são consideradas determinações da realidade e servem para esquadrihar compreender a realidade (correspondem à relação entre realidade e discurso), elas são as formas predicadas pelos indivíduos sobre as coisas que o

---

<sup>23</sup> Marcel Mauss considera a noção de pessoa e a de “eu” como uma categoria do espírito humano resultante do processo social da modernidade.

pensamento utiliza para conhecê-las e exprimi-las em palavras. Via esse processo categorial, o indivíduo acessa, retrata o mundo como ele é, em sua essência, ordenando-o e classificando-o.

Por sua vez, para os nominalistas, as categorias assumem outra dimensão. A negação da realidade como uma realidade universal implica fomentar as categorias como simplesmente signos complexos, verdadeiros ou falsos das coisas. Elas têm um caráter puramente verbal, são nomes que se referem a classes de objetos. Sua classificação não evoca uma classificação paralela entre os objetos reais. As categorias seriam, então, edificadas por peças e pedaços, e o indivíduo é que seria o operário dessa construção.

Kant propõe, então, que as categorias são formas pelas quais se materializa a atividade do intelecto, cognitiva que consiste em

Ordenar diversas representações sob uma representação comum, isto é, em julgar. Elas são, portanto, as formas do juízo, as formas em que o juízo se explica, independentemente do seu conteúdo empírico. (...) as categorias são os conceitos primitivos do intelecto puro e condicionam todo o conhecimento intelectual e a própria experiência, mas elas não se aplicam às coisas em si, e o conhecimento que delas se vale (isto é, todo o conhecimento humano) não pode estender-se, portanto, a tais coisas em si ou números (ABBAGNANO, 2007, p. 139-140).

Assim, Segundo Bento (1977), Kant considera que o conhecimento é obtido por meio de julgamento objetivo da ciência ou do senso comum. Assim, o conhecimento é engendrado por meio da experiência. Mas tal construção só ganha sentido, percepção via categorias *a priori* que ordenam conceitualmente a percepção da experiência para ser entendida. Portanto,

A mente não faz simplesmente e passivamente “gravar” senso – impressões. Espaço e Tempo são (a priori) as formas nas quais a experiência perceptual é ordenada. Anteriormente disso, os julgamentos perceptuais adquirem objetividade. Adquirem os status do

juízo sobre a existência e natureza da realidade exterior (1977, p. 102).

Com essa concepção da teoria do conhecimento, Kant busca ultrapassar também os debates entre as tradições empiristas e racionalistas<sup>24</sup>. Para Kant havia uma separação entre o mundo fenomênico aberto para a percepção; e o mundo “noumenal” (inteligível) os dos métodos e conceitos do pensamento do conhecimento científico (BENTO, 1977, p.104).

Kant despreza a origem social das categorias ao lhe atribuir um valor apriorístico na estruturação da relação sujeito-objeto e imanente a qualquer ser pensante e finito, independentemente do tempo e do espaço.

Esse desprezo pela origem social das categorias é reafirmado pela corrente filosófica neokantiana, que voltou a destacar a distinção entre o mundo noumenal e o mundo do fenômeno. A partir de tais pressupostos, as categorias continuam sendo concebidas ontologicamente como sistemas de classificações, ordenamento apriorísticos na relação entre o indivíduo e o mundo.

A corrente filosófica neokantiana se estabeleceu a partir de meados do século XIX na Alemanha, inicialmente hostil ao idealismo alemão, a todo tipo de metafísica e ao positivismo francês e inglês. Essa corrente filosófica voltou a destacar a distinção kantiana entre o mundo noumenal e o mundo do fenômeno. Ao sublinhar essa distinção os neokantianos consideraram que o mundo fenomênico é

---

<sup>24</sup> O Empirismo de tradição inglesavaloriza que todo o processo do conhecer, do saber e do agir é aprendido pela experiência, pela tentativa e erro, compreendido aqui por como diretriz filosófica que foca na experiência como critério de verdade. Essa diretriz se caracteriza pelos seguintes pontos: “a) nega o caráter absoluto da verdade ou, pelo menos, da verdade que é acessível ao ser humano; b) reconhece que toda verdade pode e deve ser posta a prova, logo, eventualmente modificada, corrigida ou abandonada” (ABBAGNANO, 2007, p. 308). No Racionalismo (Descartes; Espinosa; Leibniz) impera o raciocínio dedutivo, no qual há a classificação do mundo pelo procedimento da razão determinando crenças e técnicas. Conhecimento é, assim, derivado aprioristicamente de axiomas autoevidentes ou racionalmente demonstráveis (ABBAGNANO, 2007; OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996).

infinito/irracional, ao passo que o mundo noumenal é racional e finito. O ser humano ao categorizar ordena e limita o caos da realidade ao seu redor, registrando apenas o que pode apreender por suas categorias *a priori*.

O desafio dessas alegações está relacionado com a teoria do conhecimento científico que tem de transcender o mundo da vida (ABBAGNANO, 2007; BENTO, 1977; FERREIRA, 1999; DA MATA, 2006). Vale ressaltar que essa perspectiva é contrária à proposta da Etnometodologia, que não estabelece distinção entre conhecimento do senso comum e conhecimento científico (GARFINKEL, 2006).<sup>25</sup> Nessa abordagem etnometodológica não se faz distinção entre ideia, noção, categoria, conceito e palavra, como se faz na abordagem clássica. As categorias deixam de ser apenas noções essencialmente representacionistas, predicativas, critérios de similaridade de classe, de conceito e de sentidos de palavras que organiza, reordena o “caos” ao mesmo tempo em que limita o mundo (QUÉRÉ, 1994). Uma concepção clássica de categoria de orientação epistemológica não admite graus de pertencimento tais como: o pertencimento de uma categoria de cor não é uniforme, tampouco o pertencimento de uma categoria de gênero masculino - como demonstrado nos trabalhos de Michel Kimmel (1992, 1998) e de Miguel Vale de Almeida com as categorias de masculinidade hegemônica e subalterna (como a homossexual) (1995). Assim, a etnometodologia parte de uma orientação epistemológica para uma praxiológica, como será demonstrado mais adiante.

As categorias, segundo Durkheim (2009), fazem-se e se desfazem constantemente, não são fixadas de uma forma definida, pois se transformam a partir de contextos históricos e sociais específicos. Elas dependem dos indivíduos ao mesmo tempo em que se impõem a eles.

---

<sup>25</sup> A esse respeito ver Alencar (2004).

Na perspectiva durkheiminiana, submeter a razão à experiência é recusar a realidade objetiva que as categorias fornecem por meio de sua função de ordenamento e regulação. Nessa submissão, elas seriam apenas aparência perdendo sua “universalidade” e necessidade peculiar na construção da realidade social.

No entanto, para a doutrina racionalista, a razão exprime eminentemente o aspecto lógico, conseqüentemente, atribuindo ao indivíduo um poder que transcende a experiência. Esse poder é explicado insatisfatoriamente como inerente à condição humana, o que coloca a razão como algo fora da natureza e da ciência. Para Durkheim, o que possibilita escapar a essas posições contrárias é admitir que as categorias têm uma origem social e que há uma distância que separa o individual do social.

(...) a proposta fundamental do apriorismo é que o conhecimento é formado de duas espécies de elementos irreduzíveis um ao outro e como que de duas camadas distintas e superpostas. Nossa hipótese mantém integralmente esse princípio. De fato, os conhecimentos que chamamos empíricos, (...) são aqueles que a ação direta dos objetos suscita em nossos espíritos. São, portanto, estados individuais, que se explicam inteiramente pela natureza psíquica do indivíduo. Ao contrário, se as categorias são (...) representações essencialmente coletivas, elas traduzem antes de tudo estados da coletividade: dependem da maneira como esta é constituída e organizada, de sua morfologia, de suas instituições religiosas, morais, econômicas etc. (2009, p. XXIII).

A razão ultrapassa o alcance dos conhecimentos empíricos pelo fato de o indivíduo durkheiminiano ser duplo, pois ele ao participar da sociedade ultrapassa a si mesmo pelo pensamento por sua prática. Como ser individual, ele tem um universo limitado; e como ser social, ele se constitui como a parte “mais elevada da realidade, na ordem intelectual e moral, que podemos conhecer pela observação, quero dizer, a sociedade” (2009, p. XXIV).

Sendo assim, as categorias compreendidas como construções sociais, conformismos lógicos e morais, possibilitam processos de inteligibilidade intersubjetivos que podem ser exemplificadas por meio das noções hegemônicas de macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual abordadas anteriormente nesta tese. Para Durkheim, a sociedade não pode deixar as categorias ao livre arbítrio dos particulares sem se perder nesse processo e, se um indivíduo transgredir essas normas do pensamento, categorizações, “ela não o considera mais um espírito humano no sentido pleno da palavra, e trata-o em conformidade” (2009, p. XXIV)<sup>26</sup>.

Assim, Durkheim partindo do seu problema de como uma sociedade se constitui como tal e de seu processo de reprodução, alega que categorizar é necessário por questões morais e não por questões classificatórias. As categorias são um processo coercitivo sobre os indivíduos e não obrigação física ou metafísica, uma vez que elas são engendradas em contextos históricos e sociais específicos. As categorias são uma “espécie de necessidade moral que está para a vida intelectual assim como a obrigação moral está para a vontade” (2009, p. XXV).

Foi a ideia de Durkheim e Mauss, de considerar as categorias como quadros estáveis do pensamento conceitual e de considerá-las como fatos sociais, que deu impulso a um projeto de pesquisa sociológica por vezes genética ou estrutural sobre as categorias.

Tal perspectiva durkheiminiana, para Quéré (1994), por um lado, estuda a origem social dos quadros permanentes da vida mental, das noções essenciais que estão na raiz em todos os julgamentos, pois as categorias têm a consciência coletiva e a vida social como recursos; por outro, esse projeto busca explicitar a organização desses quadros categorias e dar conta de seu caráter e necessidade, como também sua

---

<sup>26</sup> O que nos remeteria aos corpos abjetos de Butler: as travestis, as *drag queens*, *drag king*, os/as transexuais, *cross-dressing* e, de certa forma, os homossexuais.

impessoalidade e de sua estabilidade: as categorias são vistas como instituições sociais<sup>27</sup>.

Essa concepção de categoria é o que pode explicar que na Sociologia do Conhecimento, a pesquisa categorial seja guiada paralelamente ao estudo dos processos e dos sistemas de classificação versus a descrição dos quadros conceituais próprios de uma sociedade ou de uma cultura, ou ainda, versus as análises categoriais de julgamento, de raciocínio ou de prática.

Nesse contexto, visto que o processo categorial ganhou *status* de produto moral da ação coletiva, virou fato social, qual seria o trabalho dos indivíduos homo-orientados estudados nesta tese? Cabe a esses atores, por meio de sua consciência individual, apenas, compreender, discernir ou internalizar as categorias, os processos e quadros categoriais de uma heterossexualidade compulsória e normativa sem possibilidade de escapar a essas categorias

---

<sup>27</sup> A Teoria das Representações Sociais desenvolvida por Serge Moscovici a partir da crítica à noção de representações coletivas proposto por Durkheim, também busca dar conta das categorias engendradas entre a sociedade e seus agentes. O termo: representação coletiva durkheiminiano não conseguiria abarcar a dinâmica e as diversas representações sociais existentes em uma mesma sociedade. No entanto, a Teoria das Representações Sociais também pressupõe conhecimentos compartilhados, mas enfatiza as atividades do sujeito, ou seja, foca-se nas categorias que servem para interpretar e pensar e construir a realidade cotidiana como forma de conhecimento social efetuada pelos indivíduos e grupos sociais. Assim, as representações sociais “constituem modalidades de pensamento prático orientadas para a comunicação, a compreensão e o domínio do contexto social, material e ideal. Portanto, elas apresentam características específicas em nível de organização dos conteúdos, das operações mentais e da lógica” (JODELET, 1986, p. 474). Visando a mapear as práticas dos agentes sociais, Jean Abric (1998) afirma que as representações sociais têm quatro funções: função de saber para compreender e explicar a realidade; função identitária, para definir a identidade e permitir a especificidade dos grupos; função de orientação, pois elas norteiam os comportamentos e as práticas sociais; e função justificadora, que permite, *a priori*, a justificativa das tomadas de posição e dos comportamentos. Entretanto, mesmo apontando seu foco para a prática social, ela termina as práticas padronizadas dos agentes sociais em seus processos de inteligibilidade, sem sublinhar as transformações dos indivíduos em relação aos aspectos objetivados da realidade social.

hegemônicas generificadas? Ou, ainda, eles teriam algum tipo de autonomia em suas práticas sociais?

### **2.5.2 As categorias e a sua dimensão praxiológica: o valor operatório das categorias para além da objetivação**

Quéré (1994) expõe que Bourdieu introduz a ideia de categoria como estrutura mental individual e coletiva. Elas enquanto estruturas mentais engendram as representações e as ações, as disposições e as atitudes a realizar como entidade do mundo objetivo.

Sendo assim, a categoria não é só um esquema classificatório, mas também uma estrutura mental que está situada no princípio de milhares de representações e ações que contribuem para a reprodução da categoria social objetiva. Como toda categoria, ela é um princípio coletivo de construção da realidade coletiva.

Essa construção da realidade objetivada pela estrutura mental/individual e coletiva, muitas vezes, é denunciada por Bourdieu como relações de poder – inclusive simbólico – como se pode inferir no caso dos pares categoriais dicotômicos (macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual):

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação [realidade objetiva] de [um grupo] (...) sobre (...) [outro] (...) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a “domestificação dos dominados” (1989, p. 11)

As categorias como estruturas mentais assumem um valor operativo que orquestram (estruturas estruturantes), por exemplo, a produção do gênero homem como produção de fato (objetiva ou estrutura estruturada). Essas estruturas mentais são o fundamento do

“ser homem” como categoria social subjetiva. A realidade objetiva do gênero homem como unidade social de fato emerge de uma multiplicidade de práticas guiadas e limitadas pela categoria homem.

Essa categoria homem é mais precisamente um conceito classificatório, enquanto tal ele tem valor descritivo e prescritivo. Esse valor prescritivo adquire estatuto de lei tácita “admitida” por todos os indivíduos socializados, o que Bourdieu designou como *habitus*. Assim, as categorias materializam o senso comum, a *doxa*, via estruturas estruturadas e estruturas estruturantes.

Para Bourdieu, *habitus* é uma noção que proporcionou a compreensão do conhecimento praxiológico. Essa noção possibilitou exceder uma abordagem puramente estruturalista, na medida em que funciona como um intermediador entre as estruturas e as práticas dos agentes sociais. O *habitus* é um sistema de estruturas internalizadas e o que permite toda objetivação. Dessa maneira, a noção de *habitus* foi desenvolvida em oposição a um dogmatismo estruturalista (Lévi-Strauss e Althusser) que alocou os sujeitos como “simples epifenômenos” (BOURDIEU; PASSERON, 1975; COULON, 1995).

As categorias, dessa forma, para Bourdieu, são um princípio de divisão e um esquema classificatório. Tal perspectiva levará a uma concepção de conhecimento e pensamento como atividade de distinção e reagrupamento, de comparação e de abstração como no caso dos heterossexuais e homossexuais ou ainda como nos casos dos corpos abjetos de *drag queen*, *drag king*, travestis etc.

Quéré (1994) expõe que Bourdieu termina mantendo a mediação de estruturais mentais para conseguir descrever o valor operativo das categorias dentro da construção da objetividade. Para Bourdieu, são as estruturas mentais que engendram os comportamentos e representações realizáveis das categorias no mundo objetivo.

Ao considerar as estruturas de pensamento no quadro praxiológico<sup>28</sup> das categorias, Bourdieu termina não dando conta das categorias como objetos de pensamento. Ele as aborda apenas como atos de pensamento. Assim, explorar o valor operatório (a ação) das categorias é não as ver “somente como condições formais do pensamento conceitual ou da organização dos conhecimentos, isto é, formas de objetivação, mas também como procedimentos regulados dentro da realidade objetiva dos fatos sociais e das atividades prática” (QUÉRÉ, 1994, p. 29).

Ainda levando em consideração a mudança de foco de uma abordagem epistemológica para praxiológica sobre categorias, processos e quadros categoriais, a questão da construção social das categorias teve contribuições etnometodológicas significativas feitas por Garfinkel e Sacks.

Na etnometodologia, a categoria é sempre mediatizada em uma perspectiva mais geral pela atividade dos indivíduos que organizam o mundo cotidiano, excedendo o pensamento conceitual. Nessa organização da experiência, pensar em categorizar engloba concebê-la sempre como processo de categorização, pois cada vez que se percebe um objeto ou pessoa há várias outras possibilidades de classificação.

Assim, categorizar não é apenas identificar objetos comuns, mas também envolver a identificação recíproca das pessoas dentro das interações. Essa identificação recíproca abarca atribuição mútua de identidades convencionais e a distribuição de posições presentes nas atividades realizadas conjuntamente (QUÉRÉ, 1994) que são guiadas pelas noções de tipicidade.

A compreensão da organização da experiência ordinária, isto é, seu caráter operatório tem como base a discussão husseriana da tipicidade exposta na dialética de pensamento de Schutz entre os atores sociais e o mundo cultural. A experiência predicativa do mundo

---

<sup>28</sup> A dimensão praxiológica está relacionada com a “teoria geral da atividade eficaz que deveria compreender a totalidade dos domínios da atividade útil dos sujeitos agentes, do ponto de vista da eficácia de suas ações” (ABBAGNANO, 2007, p. 922).

da vida é fundamentalmente articulada segundo tipos (horizontes de compreensão) que possibilitam a construções de categorizações (QUÉRÉ, 1994; COULON, 1995; RITZER, 1995).

Os atores sociais não operam e avaliam o mundo como sendo uma soma de dados de sentidos, nem como uma reunião de coisas individuais isoladas sem nenhuma relação entre elas. A realidade cotidiana é um conjunto de relações em que os objetos e as pessoas não estão isolados. As pessoas estão situadas nas relações delas com outras pessoas, em seus conhecimentos compartilhados, sendo assim,

As pessoas do passado como as do presente criam o mundo cultural, posto que se origina em ações humanas e tem sido instituído por elas, pelas nossas e de nossos semelhantes, contemporâneos e predecessores. Todos os objetos culturais – ferramentas, símbolos, sistemas de linguagem, obras de arte, instituições sociais etc. apontam em sua mesma origem e significado para as atividades de sujeitos humanos (RITZER, 1995, p. 269).

Assim, Garfinkel (2006) na esteira do pensamento dialético de Schutz – expõe uma das manifestações mais significativas do valor operatório, considerando a tipicidade nas categorias, analisando o Caso Agnes: “o trânsito e a gestão da conquista do estatuto sexual em uma pessoa intersexuada”. Por meio das entrevistas com Garfinkel, Agnes apresenta as condições práticas nas quais ela concretiza a categoria mulher, manifestando seus comportamentos, atitudes, posturas, sentimentos etc. que é uma “mulher normal e natural” - que ela quer e pretende ser - a despeito da mudança de sexo à que foi submetida.

Garfinkel afirma que “as pessoas normalmente sexuadas são eventos culturais. As categorias sobre as quais são distribuídos os membros de uma população, do ponto de vista de seu pertencimento sexual, são de configurações objetivas engendradas pelas atividades diárias de seus membros e de esquemas de organização e orientação dessas práticas por meio também da tipicidade efetuada. Dessa

maneira, Agnes sentia grande preocupação prática pela sexualidade feminina competente

A natureza de sua preocupação, assim como a incongruência que tal preocupação apresenta ao sentido comum nos permite descrever (...) as estranhas características que a população de pessoas legitimamente sexuadas exhibe como características *objetivas*<sup>29</sup> desde o ponto de vista de pessoas que são capazes de dar por certo seu estatuto como normalmente sexuado. Para tais membros os ambientes percebidos de pessoas sexuadas estão povoados de homens naturais, mulheres naturais e pessoas que estão em posição moralmente contrastante com eles, isto é, incompetentes, criminosos, doentes e pecadores (GARFINKEL, 2006, p. 140-141).

Garfinkel expõe que Agnes ao aceitar a definição de mundo real das pessoas sexualmente divididas em pares dicotômicos macho-fêmea, homem-mulher estava em consonância com os membros “normais” desse mundo interpretado por ela como fatos objetivos e institucionalizados, isto é, fatos morais.

As categorias sexuais (homem, mulher) são eminentemente morais; a categoria mulher é orientada e limitada por um esquema de mulher “normal e natural”. A naturalidade caracterizada como pertencimento da categoria resulta de uma decisão pessoal de uma mudança de sexo transferindo os atributos físicos da feminilidade ou masculinidade. Dessa maneira, a dotação natural (atributos físicos do sexo): constitui o critério de pertencimento; e a normalidade é estabelecida em função das pessoas e de suas tradições culturais.

Esse esquema indica as regras e métodos que configuram os comportamentos, atitudes etc.; eles são reconhecíveis como efetivações da categoria fêmea, natural, normal. Os sistemas de crenças convencionais (“doxa”) constituem a base de inferência e ação dos atores em suas práticas sociais.

---

<sup>29</sup> Destaque do autor.

É nesse pano de fundo que os fatos são objetivamente institucionalizados como fatos morais se aproximando da concepção de categoria de Durkheim e Mauss. “A dicotomia da população entre homem e mulher sexuada é fundamentalmente moral. Essa ordem legítima é ancorada na natureza. Essa natureza é ela mesma apreendida como moralmente desejável” (QUÉRÉ, 1994, p. 31). Dessa maneira, essas crenças não têm valor apenas epistêmico, elas acionam uma apreciação axiológica e têm uma dimensão moral (desejável e obrigatória) que requerem um engajamento em seu favor.

### **2.5.3 Categorização social na fala-em-interação**

Os etnometodólogos consideram que Sacks elaborou uma teoria original da categorização social, uma vez que nos primeiros trabalhos da etnometodologia, a noção de categoria se referia essencialmente ao caráter crítico: questionar a forma como a sociologia trata esses fenômenos sociais como a anomia, o suicídio e não a proposição de um modo de análise (CONEIN, 2001). Por exemplo, como é citado por Alencar (2004), no estudo de Cicourel (1968) sobre a construção da categoria “delinquente” e no de Sudnow (1965) sobre “morte”, os autores preferem falar da categoria “delinquência” que da delinquência ou, da noção de “morte” que “da morte”, para assinalar que não se trata de fatos brutos, mas de termos que representam. Tais noções não derivam de uma relação causal a um evento, mas de um comentário sobre uma determinada situação.

A partir da proposta etnometodológica sobre o raciocínio sociológico prático, Sacks explorou outros aspectos sociais das categorias ao considera-las na fala-em-interação. Tendo como referência o valor operatório, o autor privilegiou a organização sequencial e temporal no curso da ação dentro do caráter observável, analisável e descritível dos fenômenos sociais (1984). Desse interesse específico surgem os temas da análise categorial focando no raciocínio prático; e da análise conversacional privilegiando a fala-em-interação,

em que a ação é construída em decorrência de sua posição na sequência da conversação.

O foco no valor operativo resultou em algumas características do processo categorial no curso da fala-em-interação: a primeira diz respeito à importância dada ao problema da seleção e co-seleção de categorias, na identificação das pessoas, dos objetos ou dos eventos. Desse ponto, Sacks, recuperou os estudos de Goodenough – sem sua orientação estruturalista – sobre o caráter regular da categorização em relação à seleção das identidades sociais e sobre a natureza normativa das categorias (QUÉRÉ, 1994; ALENCAR, 2004).

A natureza normativa categorial é tratada efetivamente como problema crucial para compreender a lógica da máquina de turno que constitui uma máquina composta de dispositivo e de regras de aplicação – de engendramento efetivamente realizadas no momento da fala-em-interação pelos interlocutores.

O segundo aspecto é a atenção dada ao papel de suporte realizado pelas categorias dentro da organização e atualização do saber do senso comum sobre o mundo social. O não reconhecimento do conhecimento do senso comum nas descrições “científicas” sociológicas foi classificado por Sacks como sendo uma posição irônica: Durkheim teria dado o primeiro passo em direção a uma sociologia irônica ao desviar-se sem explicação de uma categoria descritiva profana sobre a qual ele não parava de se apoiar (ALENCAR, 2004). Tal desconhecimento analítico e a não atenção às categorias descritivas do discurso ordinário originam-se de uma atitude competitiva da sociologia profissional em relação ao conhecimento do senso comum (WATSON, 1994).

A alternativa não irônica escolhida por Sacks (1968) é explicitar formalmente o fenômeno da categorização como um procedimento metódico do ponto de vista da cultura, uma atividade que deve ser considerada por ela mesma, sem querer fazer distinções semânticas ordinárias em relação à ciência. Dentro dessa perspectiva não irônica, Sacks (1972a) propõe que a sociologia deve fazer uma descrição como uma atividade científica natural e observacional. A

tarefa do sociólogo, mesmo que os indivíduos produzam descrições do mundo social, não é torná-las mais claras ou criticá-las, e sim descrevê-las.

Dessa maneira, o ator social deixa de ser concebido apenas como réplica das estruturas sociais, pois suas ações são também definidas pelas relações estabelecidas com outros que contribuem para identificar suas tipificações.

As ações deixam de ter uma significação estável: no decorrer das interações, devem frequentemente ser reinterpretadas. Portanto a interação deve ser concebida como um processo de interpretação (...). O contexto deixa de ser um simples quadro passivo de ação para vir a ser interpretado (COULON, 1995, p. 173).

Ao focar nas interpretações e reinterpretações categoriais realizadas pelos atores sociais no momento da fala, Sacks percebeu que o estudo categorial possibilitava contribuir para análise empírica do processo contínuo de descrição e inteligibilidade do mundo social a partir das interpretações constantes que os atores sociais fazem nas diversas práticas sociais. Assim, significa dizer que o mundo social é passível de ser relatado, analisado, porque é inteligível. Essa análise se faz a partir da descrição e objetividade apresentadas nas práticas dos atores. Temos assim a materialização da percepção do raciocínio sociológico prático por meio da produção e interpretação das interações descritíveis pelos atores sociais e pelo próprio analista da Análise Conversacional.

É importante explicitar o significado atribuído por Garfinkel ao relato. A análise desses relatos refere-se à capacidade que os atores sociais têm de reconstituírem permanentemente uma ordem social para se compreenderem e, dessa forma, se relacionarem. Não se trata da descrição do mundo, mas de sua própria constituição. Tornar o mundo visível significa tornar a ação compreensível, descrevendo-a, mostrando o seu sentido pela revelação aos outros dos processos pelos quais a ação está sendo relatada.

Sacks (1984) concebe as categorias como ricas em inferência, ou seja, uma grande parte do saber dos membros numa sociedade sobre sua sociedade é estocada em termos de categoria.

Em particular, a mobilização do saber necessário para tratar uma situação como a regulação normativa e moral dos comportamentos e das interações lhe parecem mediatizados pelas categorias ou identidades selecionadas e pelas inferências que elas permitem (conhecimento a atribuir, direitos e deveres a concretizar, ações e atividades a realizar etc.) (QUÉRÉ, 1994, p. 34).

O papel mediador das categorias se estende à organização sequencial e temporal no curso da ação. As categorias exercem o papel de mediadoras entre os indivíduos e o mundo social e, também, entre os indivíduos no curso da ação. Desta forma, acontece o processo normativo e de objetivação social. No entanto, essa mediação é contingencial por meio da sequencialidade e temporalidade. Assim, a seleção da categoria ou um par de categorias para definir uma situação torna disponíveis alguns percursos para efetuar e tratar esta situação, como por exemplo, em uma fala-em-interação a (auto)categorização ou (auto)reconhecimento de que o outro é homossexual sendo possível se averiguarem essas lógicas a partir dos turnos de fala dos integrantes, ou seja, sequencialidade e temporalidade das falas.

Do interesse sobre a forma como é organizada a categorização por participantes de uma dada interação, Sacks articula tal processo à fala-em-interação e elabora uma nova perspectiva de análise para tal processo – a Análise Conversacional. O marco de nascimento da Análise Conversacional acontece com a publicação de “as regras da sequência conversacional”<sup>30</sup> em 1964, em que são apresentadas as ideias básicas que constituiriam a mentalidade analítica da Análise Conversacional (SCHEGLOFF, 1992). Como um campo da

---

<sup>30</sup> Título original *rules of conversational sequence*.

Sociologia, a Análise Conversacional está interessada na organização da interação social em contextos cotidianos e em ambientes institucionais mais especializados<sup>31</sup>.

O objeto da Análise Conversacional é o discurso na interação, como produção conjunta de dois ou mais participantes. Partindo desse conceito de discurso, Sacks realiza uma série estudos da fala em interação e explicita a organização sequencial existente na interação conversacional, propondo um processo rigoroso de análise dessa organização (ALENCAR, 2004). A conversação, nessa abordagem, é vista como uma forma fundamental de sociabilidade, herança etnometodológica que, como vimos, já colocava a conversação como lugar prototípico e central da vida social, da socialização, da aquisição da linguagem e da ordem social. (ALENCAR, 2007, p. 61).

O fato de conceber a interação a partir de uma sequencialidade em que cada participante (conscientemente ou não) exibe uma compreensão e uma análise da conduta do outro, fundamenta o modelo de base da AC que Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) denominaram de “máquina de turnos”<sup>32</sup>. A máquina de turnos instaura e, ao mesmo tempo, torna observável a ordem de interação. Ela é considerada como uma realização interna e situada dos participantes da atividade, que não realiza com acordo pré-estabelecido, e sim, a partir da coordenação dos participantes, à medida que ocorre a alternância dos turnos. (ALENCAR, 2007, p. 62).

---

<sup>31</sup> As pesquisas e descobertas da Análise Conversacional incorporam uma fusão inovadora de abordagens sociológicas da natureza da ação e interação social como perspectivas analíticas associadas ao pragmatismo linguístico. Os detalhes e resultados cumulativos dessas descobertas estão criando novas oportunidades de estudos precisamente enfocados no funcionamento de instituições sociais específicas (Drew; Heritage, 1992). Ainda, segundo Alencar (2004) Tendo começado com palestras de Sacks (1964-1972), a análise conversacional cresceu até se transformar num campo de pesquisa que tem exercido um impacto significativo sobre outras disciplinas como a antropologia, lingüística, psicologia social e ciência cognitiva.

<sup>32</sup> No original, *turn-takingmachinery*

Assim, a partir do exposto, existem alguns aspectos da Análise da Conversação que são relevantes para a análise da fala-em-interação nas práticas sociais (DREW; HERITAGE, 1992; ALENCAR, 2007).

Um primeiro aspecto é a consideração de que a forma como a conversação se desenvolve reflete ações sociais específicas, organizadas sequencialmente à medida que uma determinada prática social é realizada. Assim, a análise é focalizada na sequencialidade do discurso. Um dos pressupostos é justamente o de que a conversa se organiza a partir da sequência dos turnos. Tal análise permite capturar a ação como produto de uma interação em que cada turno está relacionado ao anterior e ao seguinte. Desta forma, o discurso é considerado como sendo uma co-construção a partir dos procedimentos dos participantes.

Isso nos faz pensar na observação que Sacks (1995) faz em relação aos pares adjacentes como sendo classes de tipos de declarações: saudação-saudação, pergunta-resposta, etc. Ou seja, o que qualifica o par adjacente não é a sua forma linguística, mas a localização e o pareamento dentro da conversação. Por isso que o par adjacente se constituiu num elemento central da estrutura mais geral da organização conversacional. O par adjacente como um dos fundamentos da coerência da fala em interação, exemplificando o funcionamento da ação social. É assim que a conversação permite pensar a questão da ordem social em ligação estreita com a organização da interação (FORNEL; OGIEN; QUERE, 2001).

Outro aspecto interessante é que a AC apresenta uma concepção particular de contexto. Segundo Heritage (1984) as ações sociais são tratadas apresentando-se em duplo contexto. Primeiro, as ações e enunciados são constituídos contextualmente. O que significa dizer que as ações e enunciados só podem ser compreendidos em referência ao contexto no qual eles foram realizados. O termo contexto é usado aqui para referir-se tanto a uma configuração imediata de procedimentos da atividade, como também em relação ao ambiente mais amplo no qual essa configuração é realizada.

Segundo, as ações e enunciados são revistos contextualmente. Cada enunciado ou ação fornece, ela própria, um contexto imediato para a próxima ação na sequência, o que contribui para um quadro contextual no qual a próxima ação será compreendida. Nesse sentido, o cotidiano é continuamente desenvolvido em cada sucessiva ação, prevalecendo um sentido de contexto como objeto de uma contínua revisão que faz parte das ações e orientações dos participantes. Dessa forma, temos uma concepção dinâmica de contexto como projeto e produto das ações dos próprios participantes e, portanto, inerentemente produzido e transformado de forma local, a cada momento do desenvolvimento da atividade (ALENCAR, 2007, p. 63-64).

Desta forma, tais aspectos caracterizam a análise da conversação como sendo dotada de uma mentalidade analítica particular (SCHENKEIN, 1978; PSATHAS, 1990; GÜLICH; MONDADA, 2001). Tal mentalidade refuta a construção de discursos teóricos gerais e a construção de categorias externas ao fenômeno estudado (SACKS, 1984).

# Capítulo 3

## PERCURSO METODOLÓGICO

---

Como vimos no capítulo introdutório, a revisão de literatura nos evidenciou que a pesquisa sobre a sexualidade/homossexualidades no Brasil, no campo da Sociologia, ainda é tímida: três trabalhos versando sobre o tema da transexualidade e transgeneralidade e um trabalho sobre conjugalidade homossexual, movimento homossexual e bissexual e homossexualidade masculina.

Se olharmos para o campo das Ciências Sociais também encontramos poucos trabalhos que tenham privilegiado o processo de condensação de sentidos por homossexuais masculinos sobre as categorias: macho-fêmea; homem-mulher; heterossexual-homossexual. Apesar da existência de pesquisas como as de Bento (2006) e de Silva (2008), que trabalharam também sobre essas categorias, a questão foi tratada em relação às transexuais e travestis e não, como é o nosso caso, em relação aos homossexuais masculinos. Encontramos trabalhos como os de Guimarães (1977); Fry (1982) e Fry e MacRae (1985), que trataram sobre homossexuais masculinos, porém são pesquisas desenvolvidas numa perspectiva construtivista que não articulam com os desconstrutivistas e com a Teoria *Queer*.

O nosso foco está no processo de condensação de sentidos das categorias de sexo, gênero e sexualidade por homossexuais masculinos, a partir de um contexto paródico. Consideramos que tal processo é constituído por uma dimensão praxiológica que oferece contingências para a estabilização ou desestabilização dessas categorias. A consideração de tal aspecto nos leva para não apenas investigar de que forma estas categorias estão presentes nesse grupo, mas, principalmente em como elas são significadas e ressignificadas em contextos paródicos por esses atores sociais.

Neste sentido, a pesquisa que realizamos pode ser caracterizada como sendo de natureza qualitativa e exploratória. Há certo consenso entre vários autores (DENZIN; LINCOLN 2006; BRYMAN, 2008; BAUER *et al* 2012) em considerar a abordagem qualitativa como construtivista, considerando o mundo social como representação, cuja ênfase está nas qualidades das entidades sobre os processos e os significados como um conhecimento indutivo.

A pesquisa qualitativa possui ênfase nos processos sociais e seus significados, em que a realidade pesquisada é socialmente construída. No lugar de pressupor uma relação de exterioridade ontológica entre sujeito e objeto a pesquisa qualitativa localiza o pesquisador no mundo. A compreensão destes sentidos socialmente construídos é elaborada a partir de uma grande diversidade de materiais empíricos que demandam uma variedade de métodos de construção e análise de dados numa perspectiva de práticas interpretativas. (DENZIN, LINCOLN, 2006).

Desta forma, tendo por objetivo geral compreender como ocorre o processo de condensação de sentidos em torno das categorias de sexo, gênero e sexualidade, por homossexuais masculinos a partir de contexto paródico, utilizamos como técnica de construção dos dados o grupo focal e para tratamento e análise dos dados as ferramentas analíticas disponibilizadas pela Análise Conversacional e as categorias dos estudos pós-estruturalistas e da Teoria *Queer*. Inicialmente apresentaremos os aspectos conceituais e procedimentais que envolveram a construção dos dados (3.1) e, em seguida faremos o mesmo em relação ao processo de análise dos dados (3.2).

### **3.1 A CONSTRUÇÃO DOS DADOS: GRUPO FOCAL**

Inicialmente, apresentaremos os aspectos conceituais do grupo focal (3.1.1), em seguida a forma como o grupo foi organizado (3.1.2), detalhando os recursos utilizados para a motivação da discussão no grupo que implicou na exibição de quadros de um programa de televisão humorístico (3.1.3) e na elaboração de um roteiro (3.1.4).

Por fim, descreveremos os procedimentos para a composição do grupo assim como as variáveis que foram consideradas para tal seleção (3.1.5).

### **3.1.1 Grupo Focal: aspectos conceituais**

A escolha pelo grupo focal foi orientada por vários aspectos conceituais da técnica que caracterizam o presente método como pertinente para a realização da pesquisa:

- Possibilita a discussão sobre uma determinada temática. É uma técnica como salienta Dall'agnol (1999), que gera a “possibilidade de intensificar o acesso a informações acerca de um fenômeno, seja pela intenção de gerar tantas ideias quanto possíveis, seja pela averiguação de uma ideia em profundidade”. Tal método possibilita acessar “diferentes olhares acerca de um fenômeno pelos sujeitos (...) que se dá num processo interativo que se estabelece no grupo” (DALL'AGNOL, 1999, p. 6.).

- Objetiva captar, a partir das trocas realizadas no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações, de um modo que não seria possível com outros métodos, como por exemplo, a observação, a entrevista ou os questionários. O grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que com outros meios poderiam ser difíceis de manifestar. Ainda, segundo Morgan e Krueger (1993), os grupos focais são particularmente úteis nos estudos em que há interesse pelo uso cotidiano da linguagem e da cultura de um grupo particular.

- Potencializa, segundo Kitzinger (1994, p. 116), a partir das interações ocorridas no grupo, entre outras coisas, encoraja uma conversação aberta sobre os tópicos objeto de análise que poderiam ficar pouco desenvolvidas em entrevista individual.

Considerando nosso objetivo, tais aspectos caracterizaram o grupo focal como uma técnica pertinente para a construção dos nossos dados. Era necessário criar um espaço de discussão sobre as categorias de sexo, gênero e sexualidade e observar como elas eram redefinidas, negociadas, significadas ao longo da interação ocorrida no grupo. A técnica se mostrou útil na compreensão das formas diferentes dos participantes em reelaboração das categorias mediante as trocas, os reassuramentos mútuos, os consensos, os dissensos, que permitiram ter acesso ao processo de condensação de sentido elaborado por esse grupo no contexto interativo da discussão. Percebemos na interação a emergência de ideias e formas de entendimento das questões discutidas, que extrapolou as categorias prévias elencadas na fase de planejamento da pesquisa.

Interessante observar que a discussão no grupo foi garantida por alguns cuidados que tivemos no que se refere ao processo de organização do grupo focal, local e forma de registro, assim como a definição de critérios e procedimentos para a sua composição. Todos esses aspectos serão descritos a seguir.

### **3.1.2 Organização do grupo focal**

A sessão do grupo focal foi realizada em uma sala da universidade. Todos sentados em formato de círculo para permitir a visualização de todos e estimular a interação e o fluxo conversacional. Como forma de registro, utilizamos a técnica de videografia. A escolha pela técnica de registro justifica-se pelo critério de “naturalidade” dos dados do *corpus*. A filmagem é uma técnica que oferece a possibilidade de reconstrução da atividade com certo grau de detalhes que de outra forma não seria possível. Tal escolha está coerente com o objeto de estudo e a perspectiva teórico-metodológica assumida nesta pesquisa.

Além da videografia, utilizamos um relator para fazer as anotações dos aspectos relevantes que se apresentaram no curso da sessão, permitindo ao facilitador centrar-se na condução e manutenção da discussão no grupo.

Como recurso para motivar a discussão e a inserção de um contexto paródico, foi utilizado um programa de televisão humorístico<sup>33</sup>. As representações de gênero e homossexualidade veiculadas na televisão em programas de humor que contenham paródia possibilitam analisar como as produções artísticas vêm imbricadas de reforço dos valores estabelecidos, ao mesmo tempo em que elas abrem a possibilidade para “novos” sentidos serem condensados em um diálogo entre mídia e sociedade.

Também foi elaborado um roteiro com o objetivo de motivar a discussão, garantir a manutenção do foco no assunto em pauta, assim como certa flexibilidade para possibilitar um espaço aberto às discussões permitindo aos participantes sentirem-se confiantes para expressar suas opiniões e encaminhar a discussão pelas diversas perspectivas possíveis no grupo.

### **3.1.3 Contexto paródico no grupo focal: Programa Papeiro da Cinderela**

Foram utilizados e selecionados 05 quadros do programa *Papeiro da Cinderela* como recurso para motivar a discussão sobre paródias construídas nesses esquetes com referência aos pares categoriais – macho/fêmea; homem/mulher; heterossexual/homossexual. Os quadros foram: “Escolinha da Cinderela; “Engraçadinha Araújo entrevista Graça Araújo”; “Super Cindy – Episódio Ruth e Rachel”; “O Papeiro da Cinderela no Carnaval de

---

<sup>33</sup> Segundo Kitzinger (1994) ao envolver recursos como a apresentação de um filme ou o exame de um texto como motivadores para estabelecer um debate sobre uma questão em particular num grupo focal contribui para a realização da sessão como uma atividade coletiva, interativa.

Olinda – A banheira nas ladeiras de Olinda”; “Tá valendo com Cinderela – Recife Fashion Imperatriz”.

A seleção desses esquetes foi guiada por dois critérios: a) quadros que foram destacados no *youtube* e; b) desses quadros selecionamos aqueles que apresentavam um contexto paródico em relação aos pares categoriais. No próximo capítulo faremos uma descrição e análise densa deles para contribuir na análise do grupo focal, porém é pertinente aqui descrever um pouco sobre as características gerais do programa e sua inserção no público pernambucano e também nacional, aspectos que justificam a escolha do programa como motivador da discussão no grupo focal.

É importante destacar os aspectos que caracterizam o programa *Papeiro da Cinderela* como produto cultural, pertinente enquanto recurso para motivar a discussão no grupo uma vez que, como salientam vários autores (LOURO, 2004; MISKOLCI; SIMÕES, 2007; MISKOLCI, 2008, 2009, 2012; GAMSON, 2010; PRECIADO, 2009), é na cultura, nas estruturas linguísticas ou discursivas – subjacentes às lógicas das interações sociais – e nos contextos institucionais, apreendendo e desconstruindo os processos que engendram dicotomias, como normalidade/anormalidade, heterossexualidade/homossexualidade, masculino/feminino, atividade/passividade, que a atenção deve ser colocada.

O Programa produz imagens e sons que materializam certa compreensão da realidade social. Segundo Peter Loizos ao se referir ao uso de imagens como material de pesquisa nas ciências sociais, afirma que

(...) embora a pesquisa social esteja tipicamente a serviço de complexas questões teóricas e abstratas, ela pode empregar, como dados primários informação visual que não necessita ser nem em forma de palavras escritas, nem em forma de números [...] o mundo em que vivemos é crescentemente influenciado pelos meios de comunicação, cujos resultados, muitas vezes, dependem de elementos visuais. O visual e a mídia se tornaram fatos sociais no sentido de Durkheim (2002, p. 137).

Assim, utilizar as imagens dos quadros com personagens que materializam as identidades parodísticas possibilita o estudo da sociedade no campo da sexualidade e o processo de inteligibilidade social acerca da heteronormatividade e da heterossexualidade compulsória.

O programa tem mais de dez anos de exibição, contando desde sua estreia em 2002 – quando ainda era um quadro, com duração de 15 minutos, no programa *Muito Mais Especial*, passando a ser exibido só aos sábados em 2004. Atualmente é exibido de segunda a sexta-feira<sup>34</sup>. A TV Jornal, emissora do programa, justifica que a mudança de quadro para programa acontece em decorrência dos picos de audiência que *Papeiro da Cinderela* teve em Pernambuco, chegando, em momento de pico, a ultrapassar a audiência da emissora Rede Globo, sua principal concorrente.

Esse programa é produzido e veiculado no horário das 11 horas ao meio-dia. Seu apresentador é o ator-transformista Jeison Wallace que interpreta a personagem Cinderela. Vale destacar que o *Papeiro da Cinderela* parodia o programa *Caldeirão do Huck* de Luciano Huck, a personagem *Louro José*, do Programa *Mais Você* de Ana Maria Braga, todos da emissora Rede Globo.

A personagem se torna ainda mais paródica por não possuir um comportamento “padrão feminino” instituído socialmente: “seu andar é forte, marcado, nada delicado; seu gestual é largo, expansivo, repleto de gestos obscenos; seu falar mimetiza o acento A personagem se torna ainda mais paródica por não possuir um comportamento “padrão feminino” instituído socialmente: “seu andar é forte, marcado, nada delicado; seu gestual é largo, expansivo, repleto de gestos obscenos;

---

<sup>34</sup> Em 2005, o *Papeiro da Cinderela* passa a ser diário, tendo o perfil de audiência, descrito de acordo com o Jornal do Commercio de 06 de novembro do mesmo ano: 62,38% feminino, sendo “48,66% pertencentes às classes A, B e C e 51,33% às classes D e E” (DOURADO, 2009, p. 24). O que pode ser confirmado pelas propagandas dos produtos comercializados dentro do programa, tendo como público alvo as camadas populares. Em 2007, o *Papeiro* passa a ser transmitido pela TV Tambaú/PB e pela TV Alagoas/AL, respectivamente, ambas afiliadas do SBT.

seu falar mimetiza o acento e o vocabulário do subúrbio recifense, pleno de gírias e palavrões” (DOURADO, 2009, p. 15).

Porém, além de parodiar, utilizam-se palavras de sentido duplo, pois o termo frango, em Pernambuco, ganha a conotação pejorativa de veado, bicha, homossexual. Assim como papeiro é outro termo que assume duplo sentido: um denotativo, relacionado a tipo de panela utilizada para fazer papa; o outro, no sentido conotativo, significando bunda/ânus, fazendo alusão ao coito anal (atividade/passividade).

É “comum” aos processos de socialização masculina na nossa região, em que os meninos ou jovens falem frases, para outros meninos ou jovens, tais como: *me dá teu papeiro/caneco*, ou *deixa eu botar no teu papeiro/caneco*, referindo-se à bunda/ânus do outro, colocando em cheque a “masculinidade” hegemônica (KIMMEL, 1992, 1998, VALE DE ALMEIDA, 1995) dentro de uma lógica heteronormativa. Essa lógica explicita o que os estudos *gays* e lésbicos destacam em relação às hierarquias do ato sexual entre atividade e passividade. Assim, o ativo é o “homem”, hierarquicamente superior em relação ao passivo que é o homossexual ou a mulher, complementando por exclusão a heterossexualidade compulsória.

Vale destacar que elementos da estética do grotesco, tais como: cômico-burlesco, baixo-cômico, distorção caricatural etc., estão presentes nas características carnavalesca da Comédia Dell’Arte, que são materializadas pelo Programa, assumindo dimensões entre o ridículo e o escatológico (BAKHTIN, 1999; KAYSER, 2009; VIEIRA, 2008) e gerando interpretações ambivalentes entre o reforço de estruturas hegemônicas, elitistas, machistas e homofóbicas e a subversão ou desestabilização dessas mesmas estruturas. É por esses caminhos que o ator Jeison Wallace, com sua personagem Cinderela, vem conquistando espaço junto ao público pernambucano e nacional, abrindo caminho na indústria cultural, dando visibilidade aos estratos periféricos.

Outro aspecto importante que contribui para a abertura de espaço junto ao público é que o Programa está repleto de propagandas comerciais tais como: a marca de uma empresa que comercializa variados produtos de laticínios, uma de iogurte para criança, sabão em pó, remédio para combater os sintomas gripais, a de uma loja de utensílios de cama, mesa e banho e de um supermercado regional que tem como público-alvo as camadas populares pernambucanas. Sua mais recente conquista foi a propaganda de uma companhia telefônica nacional.

Levando em consideração a ambivalência de sentidos que o referido programa paródico produz, em dezembro de 2007 a TV Jornal recebeu do Ministério Público de Pernambuco (MPPE) a Ação Civil da Vara da Infância e da Juventude do Recife solicitando sua suspensão. O documento fazia menção ao fato do referido programa ser veiculado no horário (11 horas) em que a audiência é composta por um número maior de crianças e adolescentes, prejudicando, desse modo, a boa formação desses indivíduos.

É importante sublinhar que a ação foi elaborada por representação das organizações não governamentais: Auçuba, Centro de Cultura Luiz Freire, Gabinete de Assessoria Jurídica às Organizações Populares (GAJOP), Instituto Academia de Desenvolvimento Social, Movimento Nacional de Direitos Humanos, Rede de Resistência Solidária e Organização para Desenvolvimento da Comunicação Social (SINOS).

Para o MPPE e para as referidas ONGs, os programas reforçam a introjeção de preconceitos sociais de toda ordem, violência sexista, estereótipos de homossexuais, representando-os como algo ridículo e a partir desse contexto estimula a homofobia e o desrespeito aos Direitos Humanos. A ação pede a suspensão dos programas durante um prazo razoável e indenização pecuniária pelos danos sofridos pela audiência, no valor de R\$ 1 milhão (DOURADO, 2009).

Aqui os sentidos abertos da paródia, via sua política transideológica (HUTCHEON, 1985, 2000), possibilitam interpretações realizadas pelo MPPE e pelas ONGs que no combate à

homofobia criticam e punem o programa *Papeiro da Cinderela*, ao mesmo tempo em que esse grupo é discriminado por setores da sociedade pernambucana. Assim, a interpretação do programa *Papeiro da Cinderela* em relação aos pares categoriais macho/fêmea; homem/mulher; heterossexual/homossexual são muito mais complexas devido à polissemia que emergem na contingência da interação entre esse produto cultural e os atores sociais. Tal aspecto foi considerado na elaboração do roteiro que teve por foco instigar a discussão, a partir desse contexto paródico, sobre as categorias acima mencionadas.

### 3.1.4 Roteiro

Um dos cuidados ao elaborar o roteiro foi garantir certa flexibilidade, de modo que ajustes pudessem ser feitos durante o decorrer da discussão, utilizando tópicos não previstos ou deixando de lado algumas questões não problematizadas pelo grupo. Vale ressaltar que a exibição dos quadros do programa já funcionava como mola propulsora para debater questões que nos interessavam e também em função do processo interativo concretizado, que sempre oferece uma dimensão contingencial a ser monitorada. Abaixo apresentamos as etapas na realização do grupo focal.

- **Abertura:** a abertura do grupo focal foi realizada com informações quanto à maneira em que o trabalho seria registrado; a necessidade de obter a anuência dos integrantes; a garantia do sigilo dos registros e dos nomes dos integrantes. Foi realizada uma breve apresentação do relator e do facilitador e, em seguida, solicitou-se aos participantes que se apresentassem. No momento seguinte foi dito que seriam exibidos trechos do programa *Papeiro da Cinderela* e ao término os integrantes fariam sobre o que assistiram. Foi enfatizado que todas as ideias e opiniões interessavam e que era esperado o surgimento de diferentes pontos de vista. Também foi explicitado o papel do facilitador e do relator.

- **Aquecimento:** foi proposto que cada um dos participantes fizesse um comentário geral sobre os quadros que assistiram do programa, apontando aspectos que chamaram a atenção “positivamente ou negativamente”.

- **Continuidade à discussão:** como forma de dar continuidade à discussão algumas questões foram planejadas para serem introduzidas à medida que a discussão fosse encaminhada: (a) o que foi mais/menos interessante dos quadros assistidos?;(b) a partir do que foi dito, o Programa pode ser considerado engraçado?;(c) o que é mais engraçado no Programa?;(d) o *Papeiro* tem um tipo de piada característica?; (e) no *Papeiro* há algum tipo de piada (deboche, sarcasmo) que faz parte do mundo gay?; Quais? Por quê? (f) há alguma semelhança da(s) personagem(ns) com a vida real? Com quem? O que teria de semelhante? (g) o programa enfrenta algum tipo de preconceito, estereótipo? Por quê? (h) o que vocês mudariam no Programa? (i) tem alguma coisa que a gente não debateu e vocês achem importante falar aqui?

Tais questões sofreram algumas variações, conforme poderão ser observadas nas transcrições da discussão do grupo em função da sua própria dinâmica.

De uma maneira geral a discussão fluiu de forma bastante interessante, considerando os nossos objetivos. Na fase do aquecimento, ou seja, no momento inicial, o facilitador teve uma presença maior ante o grupo, estimulando que todos participassem. Como já era esperado, à medida que a discussão foi desenvolvendo-se a função do facilitador se restringiu. A conversação, conforme veremos na análise, apresentou um fluxo contínuo de alternância de turnos centrada em tópicos discursivos que se articulavam com as questões relativas aos pares categoriais macho/fêmea; homem/mulher; heterossexual/homossexual.

### 3.1.5 A composição do grupo

Um dos aspectos centrais para a construção de um grupo focal é a seleção dos participantes. É importante que os participantes possuam características em comum que os qualifiquem para a discussão da questão que será o foco do trabalho interativo e da construção do material discursivo que será analisado. Os participantes devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas” (GATTI, 2005).

O grupo será composto a partir de alguns critérios associados às metas da pesquisa. Deve ter uma composição que se baseie em algumas características homogêneas dos participantes, mas com suficiente variação entre eles para que apareçam opiniões diferentes ou divergentes. Por homogeneidade, entende-se aqui alguma característica comum aos participantes que interesse ao estudo do problema. A característica comum pode ser relativa a gênero, à idade, às condições socioeconômicas, ao tipo de trabalho, ao estado civil, ao lugar de residência, à frequência de uso de certos serviços público ou social, à escolaridade, ou outra.

Mas é interessante lembrar que a escolha das variáveis a serem consideradas na composição do grupo depende do problema da pesquisa, do escopo teórico em que ela se situa e para que se efetive o trabalho. Então, o objetivo do estudo é o primeiro referencial para a decisão de quais pessoas serão convidadas a participar. Ligado aos objetivos é preciso considerar o que se sabe sobre o conjunto social visado, uma vez que algum traço comum entre os participantes deverá existir, estando isto na base do trabalho com o grupo focal. Ao lado desta “comunidade”, o conhecimento sobre o conjunto social visado permite escolher se algum tipo de variação entre os membros do grupo seria desejável ou relevante para a pesquisa (GATTI, 2005).

Considerando tais aspectos, o nosso grupo focal foi formado por homossexuais masculinos de camada popular. Interessante ainda observar que o grupo dos homossexuais masculinos apresenta uma

subjetividade marcada sob a perspectiva da heterossexualidade compulsória e da heteronormatividade. Os homossexuais são a “alteridade” de certa forma negativa, são os “outsiders” que possibilitam a construção da “normalidade”, da hegemonia heterossexual.

Quanto ao grupo formado, é interessante observar que os quadros do programa *Papeiro da Cinderela*, que serviram como recurso de motivação da discussão no grupo focal, focam seus personagens em paródias de sexo, gênero e sexualidade, ao ter seus atores travestidos. Os personagens dos esquetes assumem “identidades femininas” que materializam as identidades parodísticas butlerianas (BUTLER, 1998, 2003b, 2008; FEMINÍAS, 2006; SALIH, 2012) na desestabilização das categorias binárias que compõem a inteligibilidade heteronormativa.

A inclusão da variável camada social justifica-se pelas diferenças em relação à inteligibilidade social heteronormativa e da heterossexualidade compulsória no que diz respeito ao sexo (macho-fêmea), gênero (homem-mulher) e sexualidade (heterossexual-homossexual). Como destaca Fry (1980), ao abordar que a camada popular tem diferenças na concepção das “identidades” de heterossexualidade e homossexualidade. Para a camada popular se um homem cumpre o papel de ativo na relação sexual seja com uma mulher ou com outro homem, ele é considerado homem/heterossexual e se assume o papel de passivo é considerado “mulher”. Já a camada média, reproduz um discurso mais “cientificizado”, que categoriza que se um homem tem relação sexual com outro não importa qual seja sua posição sexual ele será um homossexual. Ainda referindo-se à questão das camadas sociais, vale mencionar que o programa *Papeiro da Cinderela* é direcionado para classes populares da sociedade. Como já exposto anteriormente.

Por camada popular adota-se aqui a perspectiva de classe vinculada à noção bourdieusiana. Tal perspectiva pode ser expressa pela fórmula: [(habitus) (capital)] + campo = prática. Desta maneira, a lógica de composição e compreensão desses grupos não remete

exclusivamente a um capital econômico, como no marxismo clássico, mas também a um capital simbólico (cultural e intelectual) (BOURDIEU; PASSERON, 1975; BOURDIEU, 1989, 2008).

Para a seleção dos participantes do grupo focal utilizamos inicialmente a técnica “bola de neve”. Aos homossexuais encontrados foi aplicado um questionário de natureza diagnóstica com questões fechadas que tratavam de aspectos sócio-econômicos: idade, escolaridade, renda, ocupação profissional; escolaridade, ocupação e renda dos pais. Estes dados foram importantes para selecionar os participantes. Dos nove selecionados participaram cinco.

Quanto às respostas do questionário, os participantes do grupo apresentam o seguinte perfil: (a) idade: 21; 25; 27; 28 anos; (b) escolaridade: dois integrantes com ensino médio completo, dois graduandos e um cursando especialização; (c)renda: um integrante está desempregado, quatro têm uma renda entre um a dois salários mínimos; (d) ocupação: um sem ocupação; um educador social; um comerciante; um bilheteiro; técnico na área de saúde.

### **3.2 Procedimentos de organização e análise dos dados**

Considerando os procedimentos utilizados para a construção dos dados foi necessário organizar o processo de análise em três etapas. A primeira consistiu na análise dos quadros do Programa Papeiro da Cinderela com o objetivo de descrever os esquetes e, em seguida, identificar as paródias sobre os pares categoriais – macho/fêmea; homem/mulher; heterossexual/homossexual – que foram construídas por meio das falas e das imagens do programa (3.2.1). Em seguida passamos para a análise do processo de discussão no grupo a partir das transcrições do vídeo e das anotações do relator (3.2.2) e, na terceira e última etapa da análise, a partir dos resultados obtidos na segunda etapa da análise, analisamos de que forma os pares categoriais dicotômicos foram desestabilizados ou reforçados (3.2.3).

### 3.2.1 Análise dos quadros do Programa Papeiro da Cinderela

Enfrentar o desafio de uma análise fílmica envolve a compreensão, a análise e a interpretação de todos os códigos inerentes ao filme. Estes códigos podem ser definidos como um conjunto de signos produtores e transmissores de mensagem emitidos aos espectadores por meio de um discurso audiovisual criado, inicialmente, com imagens em movimento, ao que depois se acrescentou o componente sonoro. Essa análise consiste em ser, ao mesmo tempo, uma atividade e o resultado dessa atividade, geralmente, materializada na produção de um texto (PIÑEIRO, 2000; GOLIOT-LÉTE; VANOYE, 2002). Na realização da análise dos quadros do *Papeiro da Cinderela* separamos os elementos que dão materialidade a essas produções culturais tais como:

a) a decomposição/descrição desses quadros em seus elementos constitutivos teve a finalidade de separar e denominar matérias que não se percebem isoladamente, quando se observa a totalidade do Programa. Partiu-se, portanto, do texto fílmico para “desconstruí-lo” o que possibilitou a obtenção de um conjunto de elementos distintos do próprio Programa exposto no primeiro capítulo de análise desta tese (GOLIOT-LÉTE; VANOYE, 2002);

b) a reconstrução/interpretação. Em tal procedimento estabelecemos elos entre os elementos isolados na decomposição: as categorias sobre sexo, gênero e sexualidade, visando compreender como essas categorias se associavam e como surgia um todo significativo. Assim, se pretendeu compreender, a partir das representações decompostas e analisadas, a condensação de sentidos dos pares categoriais: macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual.

Assim, na análise dos quadros, priorizamos as questões de como os aspectos simbólicos compuseram os quadros do Papeiro em relação às categorias hegemônicas da heteronormatividade (GOLIOT-LÉTE; VANOYE, 2002)

Vale à pena mencionar que as decomposições e recomposições nos possibilitaram um aperfeiçoamento da análise, permitindo-nos recolocar e aprimorar nossas primeiras percepções e impressões em relação aos quadros do *Papeiro da Cinderela*. Visto que nossa análise não pretendeu apenas ver e rever, mas sim ter uma compreensão das categorizações veiculadas por esse produto cultural considerando seu contexto da produção, quem são os autores, em que corrente artística se encaixa e qual foi a direção que tomou o roteiro do *Papeiro da Cinderela*

### **3.2.2 Análise das categorias da fala-em-interação no grupo focal**

A análise realizada teve por objetivo identificar de que forma os pares categoriais macho/fêmea; homem/mulher; heterossexual/homossexual foram categorizados pelos integrantes do grupo a partir do processo de discussão motivado pelos quadros do programa e pelo roteiro. Tal análise foi realizada em três etapas: (a) transcrição da filmagem; (b) identificação das categorias e da dinâmica dessas categorias a partir das paródias descritas na análise fílmica do programa; (c)

Como aparato conceitual utilizamos as ferramentas analíticas da Análise Conversacional assim como do conceito de tópico discurso a partir do campo da linguística textual.

→ Com relação à Análise Conversacional, apoiamo-nos, basicamente, no processo de alternância de turnos (máquina de turnos) para a análise da discussão sobre as categorias. Na perspectiva da AC o turno nunca é construído individualmente. Ele incorpora constantemente a conduta de seus ouvintes, que contribuem para configurá-lo de forma reflexiva. Os outros participantes podem, aliás, adotar posturas diversas: como de locutor sucessivo esperando seu turno; de candidato locutor posicionado para tomar o turno; ou de ouvinte, que não manifesta o desejo de tomada de turno, mas apresenta a compreensão e mesmo seu engajamento na atividade de

forma mais ou menos demonstrativa e filiativa. As posturas possíveis são múltiplas e contribuem para configurar o turno de forma específica (GULICH; MONDADA, 2001).

A consideração de que o turno é uma realização coletiva teve implicações fundamentais para a nossa análise e transcrição: acompanhamos a partir dessas alternâncias a progressão da discussão no grupo.

Na proposta de análise apresentada pela Análise Conversacional é fundamentalmente capturar a sequencialidade e a temporalidade da conversa em interação. Tal aspecto articula de forma não linear o fluxo conversacional em seus diferentes momentos durante a interação. Assim, cada turno exerce nos turnos seguintes um limite normativo e uma ação retrospectiva e prospectiva estruturante na forma como os turnos serão tratados, interpretados e compreendidos (HAVE, 1998).

Portanto, toda ação de um participante projeta de forma empírica e normativa um conjunto de ações sucessivas, que poderão ser consideradas pelo locutor seguinte. O segundo locutor torna observável a forma como ele compreende ou interpreta o turno precedente. E o primeiro locutor, ao agir no terceiro turno, mostrará se ele aceita ou se ele reformula o que foi dito anteriormente. (ALENCAR, 2007, p. 65)

Considerar a sequencialidade dessa maneira tem uma implicação que é a de mostrar a compreensão como uma realização pública e intersubjetiva. Isso pode ser observado a partir da reação do segundo locutor ao turno precedente, mostrando como este compreendeu o turno do primeiro locutor (SCHEGLOFF; SACKS, 1973). E a consideração da temporalidade encarna as projeções e as antecipações que os locutores podem efetuar, assim como exhibe as recategorizações e redefinições das unidades em relação aos fins práticos da interação.

Nesse sentido, na perspectiva analítica desenvolvida pela AC, a transcrição de dados de dados registrados em áudio e vídeo de uma interação visa a descrever e analisar os princípios e mecanismos

formais com os quais os participantes realizam a estruturação e a ordem daquilo que ocorre a sua volta e do que expressam e fazem a si mesmos na interação social com os outros (BERGMANN, 2002).

Outro aspecto central que guiou nossa análise foi a consideração de que as unidades e categorias são construídas pelos participantes da atividade e não pelo analista. Elas emergem da situação, em função da maneira como os participantes organizam a atividade. É privilegiado, assim, o ponto de vista dos participantes, não simplesmente para restituir a perspectiva da ação, mas para construir os métodos pelos quais eles asseguram ativamente a maneira como organizam a atividade. Nesse sentido são categorias êmicas.

Considerando esses aspectos a transcrição realizada distanciou-se de uma mera operação de transformação do oral para o escrito. Entendida aqui como um momento central da análise, a transcrição necessitou de várias reformulações à medida que novas leituras eram realizadas do material transcrito. A transcrição não se resumiu a um procedimento instrumental. Conforme Alencar (2006) argumenta, a transcrição precisa ser considerada como um empreendimento interpretativo e não somente seletivo. A transcrição incorpora o quadro teórico do analista (OCHS, 1979).

O sistema de notação utilizado teve por base o modelo de transcrição da Análise Conversacional, conforme descrito abaixo:

[	início de uma sobreposição entre dois locutores
]	final da sobreposição
/ e \	entonação ascendente e descendente respectivamente
... ..	pausas pequenas, médias e longas respectivamente
(2s)	pausas mais longas, medidas em segundos (a partir de 1 segundo)
::	alongamento silábico
sublinhado	uma ênfase particular numa sílaba ou numa palavra
CAIXA ALTA	volume forte da voz

oo	volume baixo da voz
=	encadeamento rápido entre dois turnos
&	continuação de um turno pelo mesmo locutor após a interrupção
Xxxx	partes incompreensíveis
-	palavra truncada
(h)	hesitação do locutor
(( ))	comentários do analista assim como fenômenos não transcritos
<>	delimita o segmento que está entre parênteses
**	delimita as ações descritas à linha seguinte
-----	trajetória de uma determinada ação descrita (???)
F	Facilitador
INT (1,2,3,4,5)	Integrantes do grupo

→ Quanto ao tópico discursivo

No caso do tópico discursivo existem certas configurações que se manifestam em enquadres que se desenvolvem a partir dos elementos informacionais lexicalizados. (MARCUSCHI, 2006). O que nos interessa aqui é a possibilidade de acompanhar as organizações tópicas no processo de discussão do grupo focal e também de organizar as categorias condensadas durante a conversação.

Assim, se privilegiou na análise dessas interações dos grupos focais o mapeamento de sua produção de sentido utilizando o tópico discursivo que permitiu analisar as unidades de sentido. O tópico discursivo é um conceito de natureza textual-discursiva, que se constitui como um conjunto de referentes explícitos ou que possam ser inferidos (BENTES; RIOS, 2006).

Para a nossa análise foi importante considerar as propriedades do tópico discursivo denominadas de centração e organicidade. Segundo Jubran (*et al*, 1992) a centração relaciona-se ao conteúdo tópico e, a organicidade a forma como se fala. Nos centramos nesta última por possibilitar a identificação e análise das diversas

articulações tópicas. Aspecto este que permitiu a identificação das categorias e suas recategorizações.

### **3.2.3 Análise da reprodução e desestabilização dos pares categoriais**

A partir dos resultados obtidos na segunda etapa da análise, iniciamos esta terceira etapa de análise com o objetivo de identificar de que forma os pares categorias macho-fêmea (sexo); homem-mulher (gênero); heterossexual-homossexual (sexualidade) foram reproduzidos ou desestabilizados via paródias.

A partir das categorias e suas recategorizações efetuamos uma nova seleção com o foco nos aspectos indicativos de reproduções ou desestabilizações dos referidos pares categoriais. Tal análise foi realizada ancorada nos conceitos dos estudos Pós-Estruturalistas e da Teoria *Queer*.

# Capítulo 4

## ANÁLISES DAS CONDENSAÇÕES DE SENTIDO: CATEGORIAS E RECATEGORIZAÇÕES

---

### 4.1 Paródias do papeiro da cinderela

A seguir, descrevemos os cinco quadros que utilizamos do programa *Papeiro da Cinderela* com o tempo de duração, o quantitativo de acesso<sup>35</sup> e a data em que foram disponibilizados na internet no sítio [www.youtube.com](http://www.youtube.com). Todos os quadros têm elementos paródico sem relação às paródias das categorias de sexo (macho-fêmea), gênero (homem-mulher) e sexualidade (heterossexual-homossexual) ou em relação a outros programas televisivos.

Assim, como dito anteriormente, os quadros analisados são concebidos como produtos culturais, uma vez que o *Papeiro* produz imagens e sons que materializam condensações de sentidos na compreensão da realidade social. Tais condensações de sentidos puderam ser observadas a partir dos seguintes pontos: a) a decomposição/descrição desses quadros em seus elementos constitutivos e b) a reconstrução/interpretação em que foi visado estabelecer os elos isolados na decomposição. (PIÑEIRO, 2000; GOLIOT-LÉTE; VANOYE, 2002; LOIZOS, 2002).

Desta forma, o nosso objetivo aqui foi descrever os quadros e, em seguida, identificar as paródias sobre as referidas categorias, veiculadas por meio das falas e imagens do programa.

1. **“Escolinha da Cinderela”**: o quadro tem duração de 09:53s (nove minutos e cinquenta e três segundos), postado em fevereiro de 2006, tendo um número de

---

<sup>35</sup> Os dados numéricos referentes ao quantitativo de acesso datam de 17 de dezembro de 2012.

acessos de 14.835 internautas. Este é um quadro que vários programas televisivos de humor têm (A Escolinha do Professor Raimundo, que foi transmitido pela Rede Globo, e o Programa a Praça é Nossa, transmitido pelo Sistema Brasileiro de Televisão – SBT).

A turma da sala de aula é composta com atores que parodiam artistas conhecidos da massa e outros personagens estereotipados da sociedade em geral. Cinderela usa um vestido curto com avental, meia-calça, óculos, maquiagem e para prender o cabelo, usa maria-chiquinha e uma bandana. Ela é a professora que comanda o quadro elegendo alunos para responderem a suas perguntas. O quadro tem início com a professora pedindo silêncio e justificando que está rouca. Alguns alunos fazem piada com sua rouquidão e Cinderela diz: “cala a boca, veado!”, a classe faz um pequeno levante e alguém imita um gato miando o que faz a professora, logo em seguida, dizer “cala a boca, fresco!”.

Mauricinho é o primeiro aluno a ser chamado para responder às questões. Ele é musculoso, másculo, é o único que usa camiseta regata e calça de poliéster – roupas apropriadas para uma academia de musculação. Ao ser chamado, ele faz pose erguendo os braços e mostrando os músculos bíceps e tríceps.

Cinderela protege este aluno dizendo que ele não precisa se esforçar muito para responder a pergunta. Em seguida, ela pergunta em que consiste a alimentação das baleias. Mauricinho responde que elas comem rodízio de pizza. Neste momento Cinderela questiona porque essa resposta. O aluno diz que as baleias não estão em forma como ele: “como eu assim, gostoso” e tira a camiseta, ficando nu da cintura para cima o restante da aula. Mesmo dando a resposta errada, Cinderela lhe dá quase a nota máxima 9,5 (nove pontos e meio), justificando que é para ele se sentir motivado e estudar mais. Cinderela chama outra aluna.

Loura Burra responde erroneamente e a professora fica extremamente irritada com seu erro dizendo que: “vá

sentar antes que eu dê uma macarronada (bater com um macarrão de piscina) na senhora”. Cinderela chama outro aluno, Marcílio Montier da Torre que está vestido de *drag queen*. Vale destacar que na vida real, Marcílio faz show como *drag queen* em boates LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transexuais e travestis) da Região Metropolitana do Recife.

A música para a entrada de Marcilio Montier é um tema típico de apresentações de *drag queens*. O aluno veste um *tailleur* mostarda, cinto preto e uma blusa preta com franjas douradas. Ele usa peruca feminina fazendo um penteado preso, está maquiado como mulher, tem brincos largos na orelha e vários anéis. Marcílio sai de sua banca rebolando e vai até o birô da professora. Chegando lá, Cinderela faz uma pergunta e ele responde de maneira equivocada. Após a resposta, Cinderela bate várias vezes nele com macarrão mandando-o retornar à sua banca escolar. Marcílio, antes de ir, diz, rebolando, que foi a rainha da Ilha de Itamaracá e retorna ao seu lugar. Cinderela agora faz uma nova pergunta a Seu Vaginaldo Rossi (paródia ao cantor de brega Reginaldo Rossi e ainda duplo sentido com o nome da genitália feminina). Este aluno usa a estratégia de não responder à pergunta efetuando outra pergunta. Cinderela assume que não sabe responder dizendo: “agora você me pegou”. No mesmo momento, Seu Vaginaldo diz que ela não o comprometa porque quem pega ela é Mauricinho.

Aqui a jocosidade é remeter tudo ao ato sexual. Todos os alunos fazem um levante. Então, Cinderela diz rindo que Mauricinho pega os pacotes dela. Aqui, mais uma vez, há um duplo sentido que remete ao ato sexual. Mauricinho confirma a frase de Cinderela e todos os alunos debocham dele. Cinderela chama, em seguida, o aluno Sabidão, que é um anão trajando termo e de pandeiro na mão. Sabidão sobe na banca dando as respostas corretamente e, ao responder, ele balança o pandeiro de forma mais feminina, como se fosse uma odalisca.

A aula termina com Cinderela chamando o aluno Elton John de Carpina para cantar a canção *I Will Survive* (hino mundial da comunidade LGBT) e todos ficam de pé, cantando e dançando a referida música. Na Figura 01 encontra-se a representação visual deste quadro.



Figura 1: [www.conchitaresponde.blogspot.com](http://www.conchitaresponde.blogspot.com)

Nesse primeiro quadro identificamos seis momentos em que as paródias são apresentadas:

- a) *Cinderela usou um vestido curto com avental, meia-calça, óculos, maquiagem e para prender o cabelo, usa maria-chiquinha e uma bandana. Ela era a professora que comandava o quadro elegendo alunos para responderem suas perguntas.*

O *Papeiro* sempre faz referência ao mundo gay, seja através das roupas de seus personagens, textos, brincadeiras, vocabulário ligado ao grupo ou via brincadeiras de duplo sentido com conotações sexuais. No primeiro trecho (a), o ator Jeison Wallace parodiou, como faz em quase todos seus personagens, uma mulher ou uma travesti. Dessa maneira, a personagem Cinderela foi uma travesti ou empregada doméstica que ganhou fama.

b) *Ela é a professora que comanda o quadro elegendo alunos para responderem as suas perguntas. O quadro tem começo com a professora pedindo silêncio e justificando que está rouca. Alguns alunos fazem piada com sua rouquidão e Cinderela diz: “cala a boca, veado”, a classe faz um pequeno levante e alguém imita um gato miando o que faz a professora, logo em seguida, dizer “cala a boca, fresco”.*

No segundo trecho selecionado (b), Cinderela mandou os alunos falarem baixo que ela estava rouca. Eles fizeram piadas e ela os chamou de veado e de fresco, termos pejorativos para se referir aos homossexuais.

c) *Mauricinho é o primeiro aluno a ser chamado para responder às questões. Ele é musculoso, másculo, é o único que usa camiseta regata e calça de poliéster – roupas apropriadas para uma academia de musculação. Ao ser chamado, ele fez pose erguendo os braços e mostrando os músculos bíceps e tríceps. Cinderela protege este aluno dizendo que ele não precisa se esforçar muito para responder a pergunta. Em seguida, ela pergunta o que come as baleias. Mauricinho responde que elas comem rodízio de pizza. Neste momento Cinderela questiona porque essa resposta. O aluno diz que as baleias não estão em forma como ele: “como eu assim, gostoso” e tira a camiseta, ficando nu da cintura para cima o restante da aula. Mesmo dando a resposta errada, Cinderela lhe dá quase a nota máxima 9,5 (nove pontos e meio), justificando que é para ele se sentir motivado e estudar mais.*

d) *Cinderela agora faz uma nova pergunta a Seu Vaginaldo Rossi (...). Este aluno usa a estratégia de não responder à pergunta efetuando outra questão. Cinderela assume que não sabe responder dizendo: “agora você me pegou”. No mesmo momento, Seu Vaginaldo diz que ela não o comprometa porque quem pega ela é Mauricinho. Aqui a jocosidade é remeter tudo ao ato sexual. Todos os alunos fazem um levante. Então, Cinderela diz rindo que Mauricinho pega os pacotes*

*dela. Aqui, mais uma vez, há um duplo sentido que remete ao ato sexual. Mauricinho confirma a frase de Cinderela e todos os alunos debocham dele.*

No trecho (c) Mauricinho foi um aluno musculoso, másculo, viril que é protegido pela professora Cinderela. Ele tira a camiseta e fica nu da cintura para cima para mostrar os músculos do seu corpo. Cinderela ficou descontraída e como “prêmio” lhe deu quase a nota máxima. Mais adiante o aluno Vaginaldo disse que Mauricinho pega Cinderela, trecho (d). Aqui temos a figura de Mauricinho representando a masculinidade e o padrão da heteronormatividade e da heterossexualidade compulsória.

No entanto, o fato de Mauricinho pegar Cinderela, significa que os limites dessa “identidade” heterossexual são mais porosos, uma vez que o “heterossexual” tem relações sexuais com o homossexual, Cinderela. O que é confirmado é a homossexualidade de Cinderela quando ela responde ao deboche dizendo que Mauricinho pega seus pacotes. Pacote é um termo utilizado no senso comum para se referir ao órgão genital masculino (pênis e testículos). Assim, Cinderela quando debocha e fala rindo que Mauricinho pega seus pacotes, ela se assume como macho, homem. Entretanto Cinderela borra, de certa forma, os limites das categorias: sexo (macho-fêmea), gênero (homem-mulher), sexualidade (heterossexual-homossexual), ao mesclar as categorias por meio da ambivalência fornecida pela paródia.

- e) Cinderela chama outro aluno, Marcílio Montier da Torre que está vestido de drag queen. Vale destacar que na vida real, Marcílio faz show como drag queen em boates LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transexuais e travestis) da região metropolitana da cidade do Recife. A música para a entrada de Marcilio Montier é típica de shows de drag queens. O aluno veste um tailleur mostarda, cinto preto, por baixo do tailleur e uma blusa preta com franjas dourada. Ele usa peruca feminina fazendo um penteado com o*

*cabelo preso, está maquiado como mulher, brincos largos na orelha e vários anéis. Marcílio sai de sua banca rebolando e vai até o birô da professora. Chegando lá, Cinderela faz uma pergunta a ele que responde de maneira equivocada. Após a resposta, Cinderela bate várias vezes nele com o macarrão mandando-o retornar a sua banca escolar. Marcílio, antes de ir, diz, rebolando, que foi a rainha da Ilha de Itamaracá e retorna ao seu lugar.*

Aqui no trecho (e) houve o uso da identidade parodística da *drag queen* Marcílio Montier, que mistura um nome masculino com um nome de travesti. A *drag queen*, como afirma Butler (1997, 2003, 2008), tem a possibilidade de desestabilizar as categorias sexo (macho-fêmea), gênero (homem-mulher), sexualidade (heterossexual-homossexual), mesmo que ela tenha o interesse de reforçar essas categorias de maneira hegemônica em relação à heteronormatividade. A *drag queen* possibilita demonstrar como as referidas categorias são fictícias, permitindo uma desnaturalização e, conseqüentemente, uma ruptura de uma essência de ser macho, ser homem e ser heterossexual.

Para Butler, um sexo “macho” não teria necessariamente de ser do gênero homem, haveria uma descolagem que possibilita outras performances. Tal descolagem aconteceria também em relação a ser do sexo “fêmea” e ter de ser do gênero mulher. Essa descolagem inclui ainda a categorias da sexualidade ou do desejo. Assim, os desejos podem ir além das categorias dicotômicas de heterossexualidade e homossexualidade. A partir dessas descolagens, há rupturas das oposições binárias de macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual.

Vale a pena mencionar que enquanto muitas produções culturais abordam a questão da travesti de uma forma que essa personagem tentar esconder sua “verdadeira” identidade de macho e homem (MALUF, 2005), no quadro da Escolinha de Cinderela, a drag Marcílio Montier não esconde sua identidade de homem, mas sim mistura o nome masculino com um que remete ao mundo das travestis.

Contudo, houve ambivalências, Cinderela protegeu Mauricinho, já com a *drag queen* ela não deu a mesma proteção. Quando Marcílio Montier respondeu de maneira equivocada, Cinderela bateu nela com o macarrão de piscina. O que nos leva a inferir que houve uma violência com o corpo, considerado mais abjeto por deixar mais explícito nele mesmo a ficcionalidade das categorias de sexo, gênero e sexualidade. Dessa maneira, Marcílio Montier denuncia via corpo a arbitrariedade da inteligibilidade social heteronormativa.

Para Butler (2003, 2008), os corpos abjetos não são considerados humanos ou são considerados menos humanos. O que pode justificar a violência em relação à *drag queen*. No entanto, Mauricinho rompe os padrões heteronormativos da prática sexual, mas não há rupturas no corpo, já que “naturaliza” uma masculinidade hegemônica como nos indica Kimmel (1992, 1998) e Connel (1995, 1998).

f) *A aula termina com Cinderela chamando o aluno Elton John de Carpina para cantar a canção I Will Survive (hino mundial da comunidade LGBT) e todos ficam de pé, cantando e dançando a referida música.*

O quadro termina com a canção *I Will Survive*, lançada na década de 1980, uma das músicas de sucesso no mundo LGBT até hoje. A composição fala sobre uma mulher que foi abandonada pelo namorado e que consegue superar a rejeição, mostrando o lado mais alegre. Mesmo remetendo a uma resistência à rejeição, prevalece um ritmo alegre, divertido o que nos leva a inferir uma associação entre esse sucesso musical e a imagem na mídia do homossexual alegre, divertido e festivo (MORENO, 2002).

2. **“Engraçadinha Araújo entrevista Graça Araújo”**: O quadro tem duração de 8:11s (oito minutos e onze segundos), postado em abril de 2007, tendo um número

de acesso de 48.502 internautas. Jeison Wallace que interpreta Engraçadinha Araújo abre o quadro parodiando a âncora do jornal local: TV Jornal Meio-Dia, da TV Jornal do Commercio, afiliada da rede Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), que é exibido durante a semana no horário do almoço.

Engraçadinha Araújo veste um blazer feminino na cor cáqui e uma mini-saia de cor laranja, usa meia-calça, peruca, maquiagem e voz em falsete para ficar mais feminina imitando Graça Araújo. Engraçadinha abre o jornal e anuncia que vai entrevistar Graça Araújo e que não entende porque ela vive imitando-a. Engraçadinha diz que já é hora da jornalista seguir seu próprio caminho e parar de seguir todos seus passos.

Logo que o quadro inicia, escuta-se a música de abertura do TV Jornal Meio-Dia que está sendo parodiado. Enquanto toca a música, Engraçadinha Araújo dança e rebola como uma sambista. Quando finalmente começa a entrevista a jornalista Graça Araújo diz que Engraçadinha tem pernas peludas e isso ela não consegue imitar e que assim vai ser impossível imitar Engraçadinha. Graça Araújo fala que já viu Engraçadinha dando um baile na sua maquiadora, o que remete à questão popular do tipo de discussão em público. Tal característica pode ser relacionada a uma estética do grotesco com o baixo-cômico.

A entrevista termina com Engraçadinha tentando forçar a jornalista a dançar e rebolar como ela, o que deixa Graça Araújo totalmente desconcertada. Graça Araújo diz que prefere cantar o frevo de Cinderela e Engraçadinha dança. O final da entrevista é a troca de elogios entre as duas. Vale ressaltar que além do ator está travestido, também houve brincadeiras de duplo sentido tais como: Engraçadinha diz que faz programas e Graça pergunta: “ah, você de programa? E Engraçadinha responde que ela faz programa à meia-noite, dá uma pausa e completa afirmando que é o referido jornal. Quando a jornalista

pergunta se ela faz programa, tal questionamento remete à prostituição. Fazer programa é uma expressão utilizada no senso comum para fazer sexo em troca de dinheiro. Na Figura 02 encontra-se a representação visual do quadro II.



Figura 2: [www.youtube.com/watch?v=507y8BmGJv8](http://www.youtube.com/watch?v=507y8BmGJv8)

Os trechos em destaque são relacionados à questão paródica das categorias de sexo, gênero e sexualidade e suas ambivalências, abrindo possibilidades para reforço ou desestabilização das referidas categorias naturalizadas.

- a) *Engraçadinha Araújo veste um blazer feminino na cor cáqui e uma mini-saia de cor laranja, usa meia-calça, peruca, maquiagem e voz em falsete para ficar mais feminina, imitando a âncora Graça Araújo.*

A principal característica da encenação de Jeison Wallace é sua capacidade de se travesti. O ator, como descrito, encarna Engraçadinha Araújo que é tratado, a todo momento no quadro, como se fosse uma “mulher”. Os termos usados para se referir a Engraçadinha são no feminino. Engraçadinha imita a “feminilidade” no vestuário, no jeito de falar, voz em falsete, na maquiagem e até quando assume em frases de duplo sentidos que é uma garota de programa. Parodiando a mulher, mais uma vez, até na atividade da prostituição, dentro da ficcionalidade.

- b) *Graça Araújo diz que Engraçadinha tem pernas peludas e isso ela não consegue imitar e que assim vai ser inacessível imitar engraçadinha.*

Uma mulher de pernas cabeludas, como destaca a jornalista parodiada, referindo-se a paródia de sexo, gênero e sexualidade que Jeison Wallace constrói com sua personagem. Aqui mais uma vez temos a questão do híbrido, de um momento que assume a dimensão paródica de copiar com um distanciamento. Não há simplesmente uma cópia como um pastiche, mas uma cópia das regras heteronormativas: o vestuário de Engraçadinha, sua voz, maquiagem feminina, seu jeito, sua performance do sexo e do gênero feminino. No entanto, essa cópia das regras heteronormativas vem com uma subversão das mesmas que pode ser constatada pelo comentário sobre as pernas peludas de Engraçadinha.

Essa ambivalência de reforço, imitação produzindo uma diferença, é como Hutcheon (1985) define a paródia. Para a autora, a paródia tem uma característica ambivalente porque repete ao mesmo tempo em que se diferencia do objeto inspirador. Esta característica ambivalente a diferencia do pastiche. Este apenas faz réplicas dos objetos como na produção em série da lógica mercantil. Assim, para Hutcheon, a ambivalência da paródia é “Estabelecida entre a repetição conservadora e a diferença revolucionária” (1985, p. 99). As personagens e as situações produzidas no *Papeiro da Cinderela* têm essa característica ambivalente como dito anteriormente.

Tal característica ambivalente de reproduzir e reforçar as regras hegemônicas e de sua desestabilização por ser um homem travestido de mulher (Engraçadinha Araújo) que conserva as pernas cabeludas pode permitir uma desconstrução ou não da ficcionalidade de sexo, gênero e sexualidade concebida como natural e sua essência. (BUTLER, 2003, 2008).

Essa desestabilização do pensamento binário pode denunciar e/ou reverter as hierarquias surgidas nas oposições binárias que geralmente remetem a uma subordinação de um dos termos da

oposição binária ao outro: macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual (PETERS, 2009) na inteligibilidade social heteronormativa de sexo, gênero e sexualidade.

- c) *Logo que o quadro inicia escuta-se a música de abertura do TV Jornal Meio-Dia que está sendo parodiado e enquanto toca a música, Engraçadinha Araújo dança e rebola como uma sambista (...). A entrevista termina com Engraçadinha tentando forçar a jornalista a dançar-rebolar feito ela o que deixa Graça Araújo totalmente sem jeito.*

No uso da paródia ou das identidades parodísticas, vemos no trecho (c) que a abertura com o rebolado de Engraçadinha e no fechamento do quadro pela dificuldade da jornalista Graça Araújo de rebolar como sua paródia, Engraçadinha Araújo – a cópia –, termina contendo mais características atribuídas ao gênero feminino do que a que foi copiada, a autêntica. A questão é como tais identidades parodísticas têm seus sentidos condensados pelas pessoas que veem e recebem essas paródias.

Afinal as implicações da condensação de sentido, a partir da paródia, podem resultar em uma subversão ou reforço de estruturas hegemônicas diante dos riscos, no momento de sua decodificação, em decorrência das múltiplas comunidades discursivas em que cada indivíduo está situado. Aqui a ambivalência assume novamente o “risco” de como as categorias da inteligibilidade heteronormativa são compreendidas podendo ou não subverter a ordem social hegemônica, pois a condensação de sentidos sobre a paródia produzida pelo *Papeiro da Cinderela* está vinculada a sua função hermenêutica às implicações culturais e ideológicas.

Assim, a transcontextualização paródica (HUTCHEON, 1985) realizada via personagens Cinderela, Engraçadinha Araújo, entre outras, pode tomar forma de uma incorporação, formulação e repetição reforçando as identidades performativas tradicionais ou

reverter, inverter, reformular e refazer os elementos hegemônicos da heterossexualidade compulsória e da heteronormatividade.

Dessa forma, é exatamente o sentido ambivalente da paródia de Cinderela, Mauricinho e Engraçadinha que possibilita a desestabilização categorial que perturba, denuncia e desnaturaliza as definições existentes. Assim, Butler expõe que uma genealogia das ontologias do gênero sendo bem-sucedida, “desconstruiria, via a categoria paródia, “a aparência substantiva do gênero, desmembrando-a em seus atos constitutivos, e explicaria e localizaria esses atos no interior das estruturas compulsórias criadas pelas várias forças que policiam a aparência social do gênero” (2003, p. 59) de ser macho ou fêmea, homem ou mulher e heterossexual ou homossexual.

3. **“Super Cindy – Episódio Ruth e Rachel”**: o quadro tem duração de 9:57s (nove minutos e cinquenta e sete segundos), postado em outubro de 2006, tendo um número de acessos de 14.835 internautas. O quadro parodia um programa internacional de como educar as crianças em famílias que têm dificuldades em colocar limites na criação dos seus filhos. O programa original é denominado de *Super Nany*.

Já a segunda parte do nome do quadro do *Papeiro da Cinderela*, episódio Ruth e Raquel, faz uma paródia das personagens gêmeas Ruth e Raquel, interpretadas pela atriz Glória Pires, na telenovela *Mulheres de Areia*, exibida pela Rede Globo em *remake* no ano de 1993.

No quadro do *Papeiro da Cinderela*, as gêmeas são interpretadas pelos atores Salário Mínimo e Gil Araújo, que se travestem de meninas. Esses atores são integrantes do *Papeiro da Cinderela* e também fazem Shows de *drag queen* em bares e boates LGBT da Região Metropolitana do Recife. Os atores, no papel das gêmeas, usam vestidos infantis rosa e maria-chiquinha no cabelo. Jeison Wallace interpreta a Super Cindy, uma super babá. Veste um blazer azul marinho com minissaia azul celeste, tem

cabelo com coque e óculos, lenço no pescoço e leva na mão uma bolsa tipo valise.

O quadro se passa na praia de Boa Viagem, Recife, com um casal que comercializa bebidas alcoólicas e refrigerantes em uma das tantas barracas localizadas à beira-mar. Esse casal chama Super Cindy para dá limites a suas filhas, as gêmeas Ruth e Raquel. Super Cindy logo ao chegar à praia, debocha da esposa do comerciante por ela ser loura, dizendo que a mesma parece a Xuxa<sup>36</sup> do Clube das Pás<sup>37</sup>.

O pai das gêmeas as chama de “filhas do satanás, filhas do demônio, condenadas, essas cachorras”. A partir desse momento, a câmera foca nas “gêmeas”, mostrando a falta de limites das “meninas”: elas roubam a máquina fotográfica de um turista sendo perseguidas por ele; jogam areia nas pessoas, atrapalhando o banho de sol delas; e por último, destroem castelos de areia de outras crianças.

Em todas essas cenas o pai tenta impor limites, mas não consegue. No entanto, Super Cindy chega para resolver a situação. Ela vem segurando um macarrão de piscina (objeto cilíndrico feito de um tipo de espuma compacta) e utiliza o mesmo para bater em Ruth e Raquel. Os banhistas, após serem incentivados por Super Cindy, também batem nas “gêmeas” mal comportadas. A câmera volta a enquadrar Super Cindy e as “gêmeas” e estas, como resistência aos limites impostos pela primeira, incorporam espíritos relacionados às religiões afro-brasileiras como a umbanda, tremendo os ombros como nas manifestações da entidade Pomba Gira.

Neste momento, Super Cindy diz que também recebe espírito, incorpora, e canta hinos evangélicos, mas com os trejeitos corporais da aparição da Pomba Gira. Após a

---

<sup>36</sup> Aqui Jeison Wallace faz referência à apresentadora da Rede Globo de televisão Xuxa Meneghel.

<sup>37</sup> Clube de um dos tradicionais blocos carnavalescos do Recife, o Clube das Pás, localizado no bairro de Campo Grande, em Recife.

sessão “espírita”, Super Cindy manda jogar as “meninas” no mar, dentro d’água para quebrar as energias negativas com água de sal – água do mar.

Depois que a água salgada quebrou as energias negativas, as “gêmeas” ficam mais calmas, no entanto, o pai delas diz que continuam feias, mas estão temperadinhas.

Enquanto ele fala permanece batendo nas “meninas” com o macarrão, alegando que é para pararem de chorar. O quadro termina com Super Cindy saindo vitoriosa por ter conseguido dar limites às “gêmeas”, enquanto ajeita a parte detrás de sua calcinha com uma das mãos diante da câmera. Na Figura 03 encontra-se a representação visual do quadro III



Figura 3: [www.i.ytimg.com/vi/v\\_f-Y2pTvhE/0.jpg](http://www.i.ytimg.com/vi/v_f-Y2pTvhE/0.jpg)

No quadro da *Super Cindy*, temos os seguintes trechos que caracterizam as paródias materializadas no programa:

- a) *No quadro do Papeiro da Cinderela, as gêmeas são interpretadas pelos atores Salário Mínimo e Gil Araújo, que se travestem de meninas. Esses atores são integrantes do Papeiro da Cinderela e também fazem shows de drag queen em bares e boates LGBT da Região Metropolitana do Recife. Os atores no papel das gêmeas usam vestidos infantis rosa e maria-chiquinha no cabelo. Jeison Wallace*

*interpreta a Super Cindy, uma super babá. Veste um blazer azul marinho com mini-saia azul celeste, tem cabelo com coque e óculos, lenço no pescoço e leva na mão uma bolsa tipo valise.*

Nessa passagem é reforçado mais uma vez o caráter da paródia que contribui para uma desestabilização das categorias dicotômicas e hierárquicas (Butler, 2003, 2008) de macho-fêmea, homem-mulher e heterossexualidade-homossexualidade. As identidades parodísticas dos atores Jeison Wallace, Salário Mínimo e Gil Araújo possibilitam que os limites dessas categorias sejam porosos, indicando a artificialidade, segundo Butler (2003, 2008), da heteronormatividade e da heterossexualidade compulsória.

*b) Super Cindy chega para resolver a situação. Ela vem segurando um macarrão de piscina (objeto cilíndrico feito de um tipo de espuma compacta) e utiliza-o para bater em Ruth e Raquel. (...) O pai das gêmeas as chama de “filhas do satanás, filhas do demônio, condenadas, essas cachorras”. E os banhistas, após serem incentivados por Super Cindy, também batem nas “gêmeas” mal comportadas.*

Se há certa subversão ou porosidade nos contornos das categorias de sexo, gênero e sexualidade, como indicada no trecho (a), há também no trecho (b) certo reforço dos estereótipos, preconceitos ou como diria Butler (2003, 2008), um corpo abjeto. Este trecho reflete certa permissividade do uso da violência tanto verbal como física com as *drag queens* Ruth e Raquel por se tratar de um contexto humorístico<sup>38</sup> e paródico.

---

<sup>38</sup> O humor como algo ambivalente que por não ser levado a sério pode dizer ou ter atitudes que seriam extremamente repudiadas em outros contextos e desta forma, reforçando ou subvertendo a ordem hegemônica pode ser pesquisado nas obras de Bakhtin, 1999; Alberti, 2002; Minoir, 2003 e Bergson, 2007.

Assim, ao retratar a homossexualidade no quadro da Super Cindy como algo que remete ao ridículo reforça a ideia defendida por Moreno (2002) de que um dos espaços conseguidos na mídia para os homossexuais é colocando-os como “palhaços”, com trejeitos exageradamente femininos, gritinhos, bicha-loucas e que desta maneira, podem ser objeto de pancada por não serem humanos (abjeção) ou por serem menos humanos que outros, o que permitiria a aplicação da violência (verbal e física) do suposto pai, da Super Cindy e dos banhistas na praia com as gêmeas Ruth e Raquel.

Como já apontado nesta tese, se verifica que as *drag queens* são alvo de pancadas mais que outros personagens no *Papeiro da Cinderela*. Desta forma, se por um lado, há certa visibilidade do mundo homossexual no Papeiro; por outro, há um reforço de estruturas hegemônicas da heteronormatividade por meio da violência veiculada. Tal ambivalência é característica da paródia, que por seu elemento de transcontextualização, permite subversões e reforço da inteligibilidade heteronormativa (BUTLER, 2003, 2008; HUTCHEON, 1985), pois copia essas estruturas hegemônicas ao mesmo tempo em que traz alguma diferença.

- c) *A câmera volta a enquadrar Super Cindy e as “gêmeas” e estas, como resistência aos limites impostos pela primeira, incorporam espíritos relacionados às religiões afro-brasileiras como a umbanda, tremendo os ombros como nas manifestações da entidade pomba-gira. Neste momento, Super Cindy diz que também recebe espírito, incorpora, e canta hinos evangélicos, mas com os trejeitos corporais da aparição da Pomba Gira.*

Na questão da incorporação da Pomba Gira<sup>39</sup>, relacionada ao panteão da religião afro-brasileira Umbanda, pode-se considerar a

---

<sup>39</sup> Pomba Gira = entidade do panteão da Umbanda (religião afro-brasileira) que subverte a ordem (heteronormativa) pela livre manifestação do poder genital feminino. Seu nome original de Bombonjira que passou por um processo de transformação e significação até chegar ao nome de Pomba Gira. Pomba significa

paródia na possível desestabilização da inteligibilidade heteronormativa e especificamente aqui, há aspectos simbólicos relacionados à contestação que essa entidade religiosa traz à categorização de mulher, pois ela subverte os sentidos hegemônicos sobre o gênero feminino. (AUGRAS, 1989; MOTTA, 1995; SANTOS; SOARES, 2007).

Outro ponto que caracteriza certa ambivalência é que o *Papeiro da Cinderela* como comunicação de massa ao mesmo tempo em que “inova”, dando visibilidade ao universo homossexual e por veicular uma entidade subversiva como a Pomba Gira, também aborda a familiaridade dessa entidade na sociedade brasileira. Pomba Gira é uma das entidades mais conhecidas no nosso sincretismo religioso.

d) *O quadro termina com Super Cindy saindo vitoriosa por ter conseguido dar limites às “gêmeas”, enquanto ajeita a parte de trás de sua calcinha com uma das mãos diante da câmera.*

O *Papeiro da Cinderela* mais uma vez busca sua irreverência ao subverter os padrões estabelecidos em relação ao gênero feminino e neste caso, alterando também uma estética burguesa. O programa televisivo e suas raízes no teatro, em sua forma artística, tem elementos da estética do grotesco que trabalha com o baixo-cômico e com a inversão, a ambivalência (BAKHTIN, 1999; REIS, 2002; VIEIRA, 2008; DOURADO, 2009; KAISER, 2009) como no caso dos seus vários personagens homens travestidos de mulher, enfim com as suas *drag queens*.

---

em português, além de ave, órgãos genitais: masculino no Nordeste e feminino no Sul remetendo à ambiguidade e à sexualidade; e Gira (njila - njira de origem bantu) está relacionado com girar da roda ritual da umbanda. Pomba Gira é síntese das características “transgressoras” da “livre” expressão da sexualidade feminina. Ver AUGRAS, Monique (1989); MOTTA, Roberto. O Sexo e o Candomblé: repressão e simbolização (1995); SANTOS, Francisco Gleidson V.; SOARES, Simone S. F. (2007).

4. **“O Papeiro da Cinderela no Carnaval de Olinda – A banheira nas ladeiras de Olinda”**: O quadro tem duração de 04:21s (quatro minutos e vinte e um segundos), postado em março de 2012, tendo um número de acessos de 877 internautas. Cinderela e os integrantes do programa *Papeiro da Cinderela* cobrem o carnaval nas ladeiras da cidade histórica de Olinda.

A personagem veste, como sempre, um vestido curto estampado, um avental, óculos e uma faixa na cabeça. Há outros integrantes do *Papeiro*, todos travestidos: há alguns homens travestidos de evangélicas e outras de *drag queens*, como por exemplo, Creide que diz: “todesna de manhã aqui. Acordei de 4:15h”.

Neste momento, o uso das palavras faladas de maneira equivocadas como Cleide com “R” e “desna” em lugar de desde remete a uma camada social que comete “erros” por não seguir a maneira formal da língua portuguesa. Cinderela aproveita o momento para dizer que Creide chegou de quatro, a *drag queen* corrige rindo dizendo que chegou às quatro horas e não de quatro. Mais uma vez há uma conotação sexual (do coito anal) na brincadeira de Cinderela.

No quadro, há uma caixa d’água de 500 litros de cor rosa no meio de uma das ladeiras de Olinda em um dos dias da folia de Momo. O objeto utilizado é uma dessas caixas d’água que se usa para abastecer de água as resistências, entretanto, no quadro ganha a finalidade de ser usado como piscina. Cinderela explica que o desafio é um voluntário tentar pegar dez ovos que estão na “piscina” enquanto um anão vestido com uma crista de galo na cabeça é chamado por Cinderela de frango<sup>40</sup> (em duplo sentido).

Esse integrante do *Papeiro* vai tentar impedir de todas as maneiras que o voluntário tenha êxito. Cinderela escolhe

---

<sup>40</sup> O termo frango no estado de Pernambuco é usado como sinônimo pejorativo de homossexual masculino.

um amazonense que ela chama de índio e diz que ele tem de pegar os ovos do frango (novamente há um duplo sentido com conotação sexual), o tom jocoso segue em outras brincadeiras em torno desse duplo sentido. O rapaz topa e diz só vai conseguir pegar três ovos.

Cinderela ainda segue brincando de maneira jocosa e diz que ele tem de pegar dez ovos em três minutos. O amazonense e o anão entram na “piscina”. O objetivo do anão é tentar atrapalhar, a todo tempo, que o amazonense pegue os ovos.

O anão termina por se agarrar com o “índio”, dando uma chave com suas pernas na cintura do rapaz, o que Cinderela não deixa passar e mais uma vez remete à situação sexual dizendo de maneira debochada que nesse horário não pode, que não é o momento, que o anão se agarrou no “índio”. Cinderela: “Oxente! Oxente! Que é isso? Tô passada. Índio reage. Ei galinha que é isso? Horário... é de manhã... não permite”. No final do quadro, o rapaz só consegue pegar três ovos e Cinderela afirma que o “índio” está fraco o que faz com que ele se justifique que o “frango” é forte e não deixou que ele pegasse mais ovos.



[http://www.youtube.com/watch?v=rmI8wgc-0\\_U](http://www.youtube.com/watch?v=rmI8wgc-0_U)

Neste quadro identificamos quatro momentos em que as paródias são apresentadas. O primeiro retrata a questão da paródia relacionada

à travestilidade dos atores ao assumirem suas identidades parodísticas femininas: Cinderela, as evangélicas e a *Drag Queen* Creide.

- a) *Cinderela veste, como sempre, um vestido curto estampado, um avental, óculos e uma faixa na cabeça. Há outros integrantes do Papeiro, todos travestidos: alguns homens travestidos de evangélicas e outras de drag queens, como por exemplo, Creide que diz: “todesna de manhã aqui. Acordei de 4:15h”. Neste momento, o uso das palavras faladas de maneira equivocadas como Cleide com “R” e “desna” em lugar de desde remete a uma camada social que comete “erros” por não seguir a maneira formal da língua portuguesa. Cinderela aproveita o momento para dizer que Creide chegou de quatro, a drag queen corrige rindo, dizendo que chegou às quatro horas e não de quatro. Mais uma vez há uma conotação sexual (do coito anal) na brincadeira de Cinderela.*

Outra característica é a questão da ambiguidade dos termos com duplo sentido remetendo ao ato sexual de forma específica ao coito anal, como no caso da jocosidade de Cinderela com a *Drag Queen* Creide. A personagem de Jeison Wallace afirma que ela chegou de quatro fazendo alusão ao coito anal.

- b) No quadro, há uma caixa d’água de 500 litros de cor rosa no meio de uma das ladeiras de Olinda em um dos dias da folia de Momo.

A cor rosa, na nossa sociedade, é tradicionalmente remetida ao gênero feminino, como por exemplo, na confecção do enxoval do bebê que é determinado antes mesmo dele nascer, sendo rosa para meninas e azul para meninos (BELOTTI, 1975).

- c) Cinderela explica que o desafio é um voluntário tentar pegar 10 ovos que estão na “piscina” enquanto um anão vestido com uma crista de galo na cabeça é chamado por Cinderela de

frango<sup>41</sup> (em duplo sentido). Esse integrante do *Papeiro* vai tentar impedir de todas as maneiras que o voluntário tenha êxito. Cinderela escolhe um amazonense que ela chama de índio e diz que ele tem de pegar os ovos do frango (novamente há um duplo sentido com conotação sexual). O tom jocoso segue em outras brincadeiras em torno desse duplo sentido. O rapaz topa e diz só vai conseguir pegar três ovos. Cinderela ainda segue brincando de maneira jocosa e diz que ele tem de pegar 10 ovos em 3 minutos.

- d) O amazonense e o anão entram na “piscina”. O objetivo do anão é tentar atrapalhar, a todo tempo, que o amazonense pegue os ovos. O anão termina por se agarrar com o “índio” dando uma chave com suas pernas na cintura do rapaz, o que Cinderela não deixa passar e mais uma vez remete à situação sexual, dizendo de maneira debochada que nesse horário não pode, que não é o momento, que o anão se agarrou no “índio”. Cinderela: “Oxente! Oxente! Que é isso? Tô passada. Índio reage. Ei galinha que é isso? Horário... é de manhã... não permite”.

##### 5. “Tá valendo com Cinderela - Recife Fashion

**Imperatriz:** O quadro tem duração de 06:35s (seis minutos e trinta e cinco segundos), postado em fevereiro de 2008, tendo um número de acessos de 13.926 internautas. No quadro há a atuação de Jeison Wallace e de Salário Mínimo.

Cinderela, interpretada por Jeison Wallace, usa vestido curto de cor rosa com babado na sua extremidade, avental, óculos, faixa na cabeça e uma maria-chiquinha prendendo o cabelo. Xôla, interpretada pelo ator Salário Mínimo, é uma cadela de orelhas e rabo, de cor branca com bolas pretas.

---

<sup>41</sup> O termo frango no estado de Pernambuco é usado como sinônimo pejorativo de homossexual masculino.

Vale recordar que Xôla é o nome dado às cadelas em camadas populares da Região Metropolitana de Recife. Cinderela e Xôla, que auxilia a personagem principal na realização do quadro, estão no centro da capital pernambucana, na Rua Imperatriz, que é via de pedestre. Cinderela abre o quadro dançando frevo. Ela e Xôla estão rodeadas pelo público que vai presenciar o desafio do “Tá Valendo”. Nesse quadro um indivíduo realiza alguma atividade “absurda”, termo utilizado pela própria Cinderela, em troca da quantia de R\$ 10,00.

Tal atividade “absurda” possibilita que esse indivíduo seja debochado, ridicularizado ou satirizado. Se o candidato fizer bem feito a atividade proposta ele ganhará o valor acordado. Nessa versão em particular, o desafio do quadro é um homem andar de sapato de salto alto. Cinderela mostra um par de sandália feminina dourada com um salto mais ou menos de 15cm. Cinderela pergunta ao público que assiste “quem sabe andar de salto?”, qual é o homem que sabe andar de salto? Ela pergunta com uma voz e trejeitos exageradamente femininos e, logo em seguida, ela grita: “Dez reais”.

Neste momento, um senhor vestindo uma bermuda, camiseta de algodão e sandália de couro, aparentando uns 60 anos de idade e de cabelo todo branco se oferece. Cinderela se espanta e fala: “O senhor? E diz: “Eu tô passada” (jargão do mundo gay para expressar admiração). Cinderela, não acreditando, pergunta mais uma vez se o senhor sabe andar de salto.

O senhor responde afirmativamente. Ela pergunta onde ele aprendeu a andar de salto e o senhor diz que foi em casa. Admirada, repete a última frase do senhor desta vez em forma de pergunta para confirmar a resposta: “em casa?” e após a questão ela dá uma risada, inclinando seu corpo para trás no momento em que rir e diz: “ele anda de salto alto em casa!”. O público também termina rindo em cumplicidade com Cinderela. Neste momento, entra o

refrão da música cantada por Genival Lacerda: “mate o veio, mate o veio”.

A personagem pergunta se o senhor quer mandar beijo para alguém e ele diz que quer mandar beijo para a esposa. Em seguida, surge a pergunta se a esposa sabe que ele anda de salto alto e ele responde afirmativamente. Cinderela: “o senhor anda com o salto dela? Ele diz que sim. Após essas indagações o participante tenta colocar as sandálias de salto alto, mas o pé dele é maior do que o tamanho da sandália. Cinderela lamenta, dizendo que o senhor é peção e que não dá para calçar. Diz que o senhor não é Cinderela fazendo uma alusão ao tamanho do pé ao conto de fada que deu origem ao seu personagem.

A apresentadora pede uma salva de palma para o senhor, que se despede saindo do centro do círculo formado pelo público. Outro candidato é chamado e a primeira coisa que ela faz é verificar se o tamanho da sandália é compatível com o tamanho do pé dele. Este segundo concorrente aparenta ter 27anos de idade, aproximadamente, usa bermuda preta, camiseta verde, boné e sandália tipo japonesa nos pés. O rapaz calça as sandálias de salto alto e a câmera dá um close nos pés dele com as sandálias femininas. Cinderela diz que ele vai tentar e que temos de fazer de conta que estamos no São Paulo Fashion Week (SPFW) – um dos principais eventos de moda no Brasil - ela fala com bastante jeito feminino e de maneira debochada que é o SPFW.

Neste momento, aparecem imagens de modelos femininos desfilando em eventos anteriores do SPFW. A apresentadora volta-se para o rapaz de salto alto e diz em tom imperativo que ele faça de conta que é a modelo brasileira de fama internacional Gisele Bündchen. O rapaz não diz nada, sorrindo timidamente. Neste momento, são veiculadas imagens da referida modelo desfilando de biquíni no SPFW. Em seguida, a imagem congela e no lugar do rosto de Gisele Bündchen aparece o

do rapaz sobreposto à face da modelo e se escuta o ruído de máquinas fotográficas no ato fotográfico.

Cinderela pergunta o nome do rapaz que responde dizendo que é Sandro. E neste momento manda ele dizer que é Gisele BitcheBitche. Sandro a obedece dizendo rindo que seu nome é Gisele a BitcheBitche. Em seguida, Cinderela volta-se ao público que assiste o “Tá Valendo” e pergunta como é o nome dele, o público responde timidamente: “Gisele Bitche”!. Ela pergunta novamente e o público responde, agora, de maneira mais enfática e rindo: “Gisele Bitche”. Cinderela logo em seguida diz que o nome dele é: “Gisele Bitche, Bitche”.

Após o batismo do novo nome de Sandro, Xôla pega a camiseta do rapaz e dá um nó na extremidade da camiseta que fica na altura da cintura, transformando-a em uma *baby look* de tal forma que fica à mostra a barriga, similar às mulheres fazem com esse tipo de roupa. Cinderela ensina ao rapaz (Gisele BitcheBitche) que ele tem de desfilas como se estivesse em uma passarela do SPFW. O rapaz tem de desfilas rebolando como uma modelo de salto alto na passarela, contornando todo o círculo formado pelo público que assiste o “Tá Valendo”. “Gisele BitcheBitche” desfila de salto alto com mãos na cintura, camiseta *baby look* mostrando a barriga e tendo como fundo musical a canção *I Will Survive*. Seu desfile é mostrado em câmera lenta para o telespectador. Vale recordar que no quadro da escolinha da Cinderela essa mesma música é utilizada. O rapaz tem seu desfile aprovado pela personagem de Jeison Wallace e após a primeira volta é solicitado a desfilas novamente fazendo pose com o rosto no intuito de imitar as expressões faciais que as modelos fazem na hora em que desfilam.

Neste momento, Cinderela pergunta à plateia se o rapaz vai desfilas com frescura ou sem frescura. E a plateia, no geral, responde, gritando, com frescura. Ele desfila seguindo todas as instruções, andando de salto alto e ainda manda um beijo debochado para a câmera. No

retorno desse segundo desfile, Cinderela indica que ele tem de sambar com salto alto. Sandro ou Gisele BitcheBitche samba imitando uma mulata da escola de samba. Cinderela incentiva o convidado a fazer um último desfile, denominado por ela de “Desfile da Vitória”.

Sandro caminha e a imagem é mostrada em câmera lenta com um fundo musical: *It's Raining Men*, sucesso do final dos anos 1970. Mais uma vez, o fundo musical escolhido pela produção remete ao universo gay, pois essa canção é, geralmente, associada à comunidade LGBT tanto como a canção *I Will Survive*.



<http://www.youtube.com/Recife+Fashion>

Neste último quadro, encontramos sete momentos em as paródias são apresentadas:

- a) Cinderela, interpretada por Jeison Wallace, usa vestido curto de cor rosa com babado na sua extremidade e avental, óculos, faixa na cabeça e uma maria-chiquinha prendendo o cabelo. Xôla, interpretada pelo ator Salário Mínimo, é uma cadela de orelhas e rabo, de cor branca com bolas pretas. Vale recordar que Xôla é o sinônimo de cadela nas camadas populares da Região Metropolitana de Recife

- b) Neste quadro um indivíduo realiza alguma atividade “absurda”, termo utilizado pela própria Cinderela, em troca da quantia de R\$ 10,00. Tal atividade “absurda” possibilita que esse indivíduo seja debochado, ridicularizado ou satirizado. Se o candidato fizer bem feito a atividade proposta ele ganhará a quantia de R\$ 10,00. Nessa versão em particular, o desafio do quadro é um homem andar de sapato de salto alto. Cinderela mostra um par de sandálias feminina dourada com um salto mais ou menos de 15cm. Cinderela pergunta ao público que assiste “quem sabe andar de salto?”, qual é o homem que sabe andar de salto? Ela pergunta com uma voz com trejeitos exageradamente femininos e, logo em seguida, ela grita: “R\$ 10,00”. Neste momento, um senhor, usando bermuda, camiseta de algodão e sandália de couro, aparentando uns 60 anos de idade e de cabelo todo branco se oferece. Cinderela se espanta e fala: “O senhor? E diz: “Eu tô passada” (jargão do mundo gay para expressar admiração). Cinderela, não acreditando, pergunta mais uma vez se o senhor sabe andar de salto. O senhor responde afirmativamente. Cinderela pergunta onde ele aprendeu a andar de salto e o senhor diz que foi em casa. Cinderela fica admirada e repete a última frase do senhor desta vez em forma de pergunta para confirmar a resposta: “em casa?” e após essa pergunta ela dá uma risada inclinando seu corpo para trás no momento em que rir e diz: “ele anda de salto alto em casa!”. O público também termina rindo em cumplicidade com Cinderela.
- c) Cinderela pergunta se o senhor quer mandar beijo para alguém e ele diz que quer mandar beijo para a esposa. Cinderela pergunta se a sua esposa sabe que ele anda de salto alto e ele responde afirmativamente. Cinderela: “o senhor anda com o salto dela? Ele diz que sim. Após essas indagações o senhor tenta colocar as sandálias de salto alto, mas o pé dele é maior do que o tamanho da sandália. Cinderela lamenta dizendo que

o senhor é pezão e que não dá para calçar. Diz que o senhor não é Cinderela fazendo uma alusão ao tamanho do pé ao conto de fada que deu origem ao seu personagem.

- d) Cinderela chama outro candidato e a primeira coisa que ela faz é verificar se o tamanho da sandália é compatível com o tamanho do pé do segundo concorrente. Ele aparenta ter 27 anos de idade, aproximadamente, usa bermuda preta, camiseta verde, boné e sandália tipo japonesa nos pés. O rapaz calça as sandálias de salto alto e a câmara dá um *close* nos seus pés com as sandálias femininas. Cinderela diz que ele vai tentar e que temos de fazer de conta que estamos no São Paulo Fashion Week (SPFW) – um dos principais eventos de moda no Brasil - falando com bastante trejeito feminino e de maneira debochada que é o SPFW. Neste momento, aparecem imagens de modelos femininos desfilando em eventos anteriores do SPFW.
- e) Cinderela se vira para o rapaz de salto alto e diz no imperativo que ele faça de conta que é a modelo brasileira de fama internacional Gisele Bündchen. O rapaz não diz nada, sorrindo timidamente. Neste momento, são veiculadas imagens da referida modelo desfilando de biquíni no SPFW. Ai a imagem congela e no lugar do rosto de Gisele Bündchen aparece o do rapaz sobreposto à face da modelo.
- f) Cinderela pergunta o nome do rapaz que responde dizendo que é Sandro. E Neste momento, Cinderela manda ele dizer que é Gisele BitcheBitche. Ele a obedece dizendo rindo que seu nome é Gisele a BitcheBitche. Em seguida, Cinderela se volta para o público que assiste o “Tá Valendo” e pergunta como é o nome do concorrente, o público responde timidamente: “Gisele Bitche”! Ela pergunta novamente e o obtém a resposta de maneira mais enfática e rindo: “Gisele Bitche”. Cinderela logo em seguida diz que o nome dele é: “Gisele BitcheBitche”.

Após o batismo do novo nome de Sandro, Xôla pega a camiseta do rapaz e dá um nó na extremidade da camiseta que fica na altura da cintura, transformando-a em uma *baby look*, de tal forma que fica à mostra a barriga como as mulheres fazem com esse tipo de roupa. Cinderela ensina ao rapaz (Gisele BitcheBitche) que ele tem de desfilhar como se estivesse em uma passarela do SPFW. O rapaz tem de caminhar rebolando como uma modelo de salto alto na passarela contornando todo o círculo formado pelo público que assiste o “Tá Valendo”. “Gisele BitcheBitche” desfila de salto alto com mãos na cintura, camiseta *babylook* mostrando a barriga e tendo como fundo musical a canção *I Will Survive* e seu desfile é mostrado em câmera lenta para o telespectador. Vale recordar que no quadro da escolinha da Cinderela essa mesma música é utiliza.

- g) O rapaz tem seu desfile aprovado pela personagem de Jeison Wallace e após a primeira volta é solicitado a desfilhar novamente fazendo pose com o rosto no intuito de imitar as expressões faciais que as modelos fazem na hora em que desfilam. Neste momento, Cinderela pergunta à plateia se o rapaz vai desfilhar com frescura ou sem frescura. E a plateia, no geral, responde, gritando, com frescura. Ele desfila seguindo todas as instruções, andando de salto alto e ainda manda um beijo debochado para a câmera. No retorno desse segundo desfile, Cinderela indica que ele tem de sambar com salto alto. Sandro ou Gisele BitcheBitche samba imitando uma mulata da escola de samba. Cinderela incentiva o convidado a fazer um último desfile, denominado por ela de “Desfile da Vitória”. Sandro caminha e a imagem é mostrada em câmera lenta com um fundo musical: *It's Raining Men*, sucesso do final dos anos 1970. Mais uma vez, o fundo musical escolhido pela produção remete ao universo gay, pois essa canção é, geralmente,

associada à comunidade LGBT tanto como a canção *I Will Survive*.

## 4.2 AS CATEGORIAS NA FALA-EM-INTERAÇÃO

A análise que apresentamos teve por objetivo de identificar de que forma os pares categoriais macho/fêmea; homem/mulher; heterossexual/homossexual são categorizados por homossexuais masculinos. O foco aqui será na dinâmica categorial a partir das discussões no grupo. As recategorizações, decorrentes das discussões no grupo, ilustram o fluxo contínuo de discussão ocorrida no grupo focal.

Os integrantes desse grupo focal apresentaram como tópico central<sup>42</sup> **Homossexualidades e o mundo parodiado** que se expressou a partir de quatro categorias: (1) **A vida como ela é**; (2) **Programas de humor**; (3) **Ser pintoso**; e (4) **Mulher no corpo de um homem ou um homem no corpo de uma mulher** distribuídas ao longo das 1.700 linhas da fala-em-interação.

Essas quatro categorias passaram por transformações resultando em recategorizações ou subdivisões pelos participantes. Tal dinâmica pode ser visualizada pela quantidade dos desmembramentos ocorridos em que cada categoria:

- (1) **A vida como ela é** envolveu três recategorizações: a) *O boyzinho... de camisa azul*; b) *Cachorrada*; c) *Linguagem popular*;
- (2) **Programas de humor** envolveu a mesma quantidade de recategorizações que a anterior: a) *Espancamento*; b) *Matação brincadeira*; c) *Matação valendo*;
- (3) **Ser pintoso** teve cinco recategorizações: a) *Ser mais mulher do que minha mãe*; b) *Hoje em dia tá acontecendo de*

---

<sup>42</sup> Vale ressaltar que a identificação da organização em um tópico discursivo geral e seus desdobramentos das categorias e recategorizações se inspira no estudo de Anna Bentes (2006).

tudo; c) *A aceitação da sociedade*; d) *Nunca se vai ver uma gay pintosa um gerente de banco*; e) *Gay como palhaço*;

(4) **Mulher no corpo de um homem ou um homem no corpo de uma mulher** envolveu duas recategorizações: a) *Ela não é nem homem nem mulher* e b) *Também isso é estranho*.

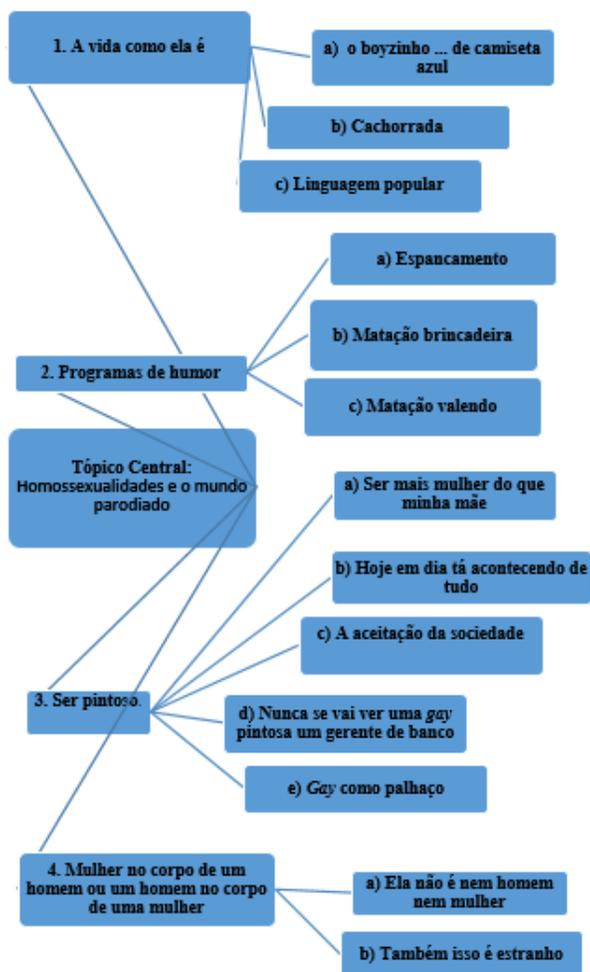
Abaixo, apresentamos a tabela que foi construída contendo a dinâmica categorial do grupo focal: as recategorizações, as linhas dos turnos de fala onde aconteceram as recategorizações, a ordem e o quantitativo em que essas categorias recategorizadas apareceram. Em seguida, apresentamos um organograma para oferecer uma visualização geral das recategorizações.

**Tabela das categorias e recategorizações no grupo focal**

CATEGORIAS	RECATEGO RIZAÇÕES	LINHAS	ORDEM DE APARIÇÃ O	Quadros do Papeiro da Cinderela
<b>1.A vida como ela é</b>	O boyzinho... de camiseta azul	39-63	1ª vez	Escolinha da Cinderela
	Cachorrada	64-91	1ª vez	Escolinha da Cinderela
	O boyzinho... de camiseta azul	109-122	2ª vez	
<b>2. Programas de humor</b>	Espancamento	123-137	1ª vez	Escolinha da Cinderela + Super Cindy
<b>1.A vida como ela é</b>	O boyzinho... de camiseta azul	151-186	3ª vez	
	Linguagem popular	197-221	Única vez	cvcvcv
<b>2.Programas de humor</b>	Matação valendo	222-249	1ª vez	Escolinha da Cinderela + Super Cindy
<b>1.A vida como ela é</b>	O boyzinho... de camiseta	299-322	4ª vez	

	azul			
<b>3. Ser Pintoso</b>	Ser mais mulher do que minha mãe.	338-374	1ª vez	Papeiro da Cinderela no carnaval de Olinda
	Hoje em dia ta acontecendo de tudo	379-388	1ª vez	
	Ser mais mulher do que minha mãe	389-431	2ª vez	
<b>2. Programas de humor</b>	Matação brincadeira	432-455	1ª vez	
	Matação valendo	455-532	2ª vez	
<b>1.A vida como ela é</b>	O boyzinho... de camiseta azul	533-544	5ª vez	
<b>2. Programas de humor</b>	Espancamento e Matação valendo	545-559	2ª vez espancamento e 3ª matação valendo.	
<b>1.A vida como ela é</b>	O boyzinho... de camiseta azul	560-565	6ª vez	
<b>2. Programas de humor</b>	Matação Valendo	566-608	4ª vez	
<b>3.Ser pintoso</b>	Ser mais mulher do que minha mãe	609-651	3ª vez	
<b>4.A mulher no corpo de um homem ou um homem no corpo de uma mulher</b>	Ela não é nem homem nem mulher	652-663	Única vez	
<b>3. Ser pintoso</b>	Hoje em dia ta acontecendo de tudo	665-686	2ª vez	
	Ser mais mulher do que minha mãe	687-811	4ª vez	

<b>1.A vida como ela é</b>	O boyzinho... de camiseta azul	812-849	7ª vez	
<b>3. Ser pintoso</b>	Ser mais mulher do que minha mãe	881-899	5ª vez	
	Nunca se vai ver uma gay pintosa um gerente de banco	902-1.105	Única vez	
	A aceitação da sociedade	1.105-1.173	1ª vez	
	Hoje em dia ta acontecendo de tudo	1.185-1.213	3ª vez	
	A aceitação da sociedade	1.226-1.255	2ª vez	
	Hoje em dia ta acontecendo de tudo	1.289-1.298	4ª e última vez	
	A aceitação da sociedade	1.299-1.329	3ª vez	
<b>4.A mulher no corpo de um homem ou um homem no corpo de uma mulher</b>	Ela não é nem homem nem mulher	1.330-1.427	Única vez	
	Também isso é estranho	1.428-1.477	Única vez	
<b>3. Ser pintoso</b>	Gay como palhaço	1.478-1.489	1ª vez	
	Gay como palhaço	1.503-1.606	2ª vez	
	Ser mais mulher do que minha mãe	1.607-1.616	6ª vez	
	Gay como palhaço	1.617-1.632	3ª vez	
	Ser mais mulher do que minha mãe	1.633-1.683	7ª e última vez	
	Gay como palhaço	1.686-1.700	4ª e última vez	



A partir da tabela e do organograma acima expostos, foram recortados excertos da fala-em-interação dos integrantes do grupo focal. Os excertos são ilustrativos da dinâmica das categorias e de suas recategorizações. A seleção dos excertos foi guiada pelo processo de condensação de sentidos das categorias relacionadas à estrutura heteronormativa. Vale destacar que também foi considerado na análise as referências ao programa *Papeiro da Cinderela* pelos participantes.

Dessa maneira, a primeira categoria e suas recategorizações surgiram relacionadas ao quadro *Escolinha da Cinderela*. Esse

processo foi descrito-analisado considerando todas as categorias surgidas e seus desdobramentos no fluxo da conversação do grupo. Como já afirmado no capítulo anterior utilizamos a AC para as análises que serão apresentadas a seguir.

## CATEGORIA 1 -A VIDA COMO ELA É

Primeiramente será indicado quando a categoria foi condensada e em seguida apontar as suas transformações a partir das discussões no grupo.

### Excerto 01

- 187 INT4 Se tu fosse defender, tu defendia Cinderela, por quê/  
188 INT5 Porque, de uma certa forma, ela mostra a vida como ela é, mas de  
189 uma maneira mais engraçada. Pra você não estressar tanto com o  
190 dia a dia.  
191 INT1  
192 INT5 Oxe/ como assim “a vida como ela é”/  
192 Porque há muita gente (..) A vida é muito sofrida, é (..)  
193 INT1 Desgastante, é estressante, e ela traz esse seu dia a dia de uma  
194 INT5 forma mais cômica, (2s)  
195 INT4 É verdade/  
196 F Digamos assim (2s) certo/  
197 INT2 Pode ficar à vontade, viu/ 😊😊😊😊(risos)  
198 INT3 Alguém concorda ou discorda/  
199 INT4 Eu acho que ela pega, de certa forma, algumas coisas [que tão...]  
200 INT2 [ALGUns artistas], alguns programas mesmo da própria (2s)  
Ahnnn\  
A maior parte da própria emissora, que ela pega e faz uma sátira e  
transforma é (..)

Logo de início, expusemos a interação em que ocorreu a condensação de sentido que nomeou essa primeira categoria. Na resposta que o INT5 deu ao questionamento do INT4 foi expressa a categoria **a vida como ela é** (linhas 188-189: *Porque, de uma certa forma, ela mostra a vida como ela é, mas de uma maneira mais engraçada. Pra você não estressar tanto com o dia a dia*). O INT5 afirmou que ela (Cinderela) mostrava a vida de uma forma mais engraçada diminuindo o estresse.

Tal categorização teve seu início com a afirmação sobre “Xola” e o “boyzinho” são aspectos considerados interessantes do programa *Papeiro da Cinderela* como está demonstrado no excerto abaixo.

### **Recategorização 1 - *O boyzinho*<sup>43</sup>de camiseta azul**

*O boyzinho de camiseta azul* foi a primeira recategorização que apareceu e a que mais vezes retornou à cena (no total sete vezes).

#### **Excerto 02**

39 INT2 Não, eu acho engraçado a parte da Escolinha. Assim, eu acho  
 40 bem, bem interessante que ela brinca com as (..) Com vários  
 41 personagens. Uma coisa assim, bem alusão à Escolinha do  
 42 F Professor Raimundo, mas de uma forma ma::is (2s) Mais  
 43 INT2 picante até.  
 44 F Ahannn  
 45 INT2 Assim, eu acho bem (..)  
 46 Ahan. Aí o que é que tu acha mais interessante na, na, na  
 47 INT3 Escolinha/  
 48 INT2 Rapaz, eu acho interessante é (..) A Xola e tem aquele  
 49 INT4 boyzinho\ (2s)  
 50 INT2 Rapaz de camiseta azul: A Xola (..) A Xola. E o boyzinho\  
 51 INT2 ☺☺☺  
 52 INT4 ☺☺☺☺  
 53 Que é bonitinho [mas (..)]  
 54 [O Mauricinho/  
 55 INT2 É, o boyzinho (..)  
 56 INT3 &Mauricinho.  
 57 F Mauricinho, que é bonitinho, mas que (..) Ela sempre dá um  
 58 INT5 jeito de botar ele lá em cima mesmo às vezes ele falando as  
 59 F coisas que num são verdade (..) Num sei quê (..) Que num tem  
 60 INT2 muito a ver (..)  
 61 Vocês já viram esse quadro dela/

---

<sup>43</sup> Em Pernambuco, na oralidade, o termo inglês *boy* foi reapropriado significando rapaz jovem, másculo e viril. Geralmente, quando o termo faz referência a um indivíduo de camada popular é utilizado *boy* e quando se refere a um indivíduo de camada média ou quando o rapaz ainda está no início da adolescência é utilizado no diminutivo: *boyzinho*. No caso do gênero feminino, quando há referência a uma mulher adolescente, de forma geral, ou a uma namorada, de forma específica, o termo, criativamente se aportuguesou, ficando no diminutivo: *boyzinha*. Assim, temos no masculino: *boy boyzinho* e no feminino: *boyzinha*.

62  
63

\*Fez sinal que não com a cabeça\*.

Já viu, INT 5/

Já.

Já/ E por que que a Xola e o Mauricinho é mais engraçado pra tu/

É porque assim (..) Ela sempre dá um jeito de, de, de dá destaque, dá dá cartaz a ele por ele ser bonitinho, gostosinho e tal, né/ ☺ É (2s) (num) se leva muito em consideração o que ele diz, parece que só a, a aparência dele é suficiente pra (..) Ultrapassar qualquer outra coisa.

O INT 2 alegou que no Papeiro da Cinderela um dos quadros mais engraçados é a *Escolinha da Cinderela*, pois o quadro parodia outros programas humorísticos, mas o da Cinderela é mais picante: linhas 39-41 (*Não, eu acho engraçado a parte da Escolinha. Assim, eu acho bem, bem interessante que ela brinca com as (..) Com vários personagens. Uma coisa assim, bem alusão à Escolinha do Professor Raimundo, mas de uma forma ma::is(2s) Mais picante até*). O adjetivo *picante*, parece anunciar a relação com os aspectos mais interessante para o INT 2 expressados em linhas posteriores desse excerto.

Nas linhas 45-46 (*Rapaz, eu acho interessante é (..) A Xola e tem aquele boyzinho\ (2s). Rapaz de camiseta azul: A Xola, A Xola(..). E o boyzinho\ ☺☺☺*). A pausa logo após ter mencionado Xola, seguida do riso no final da frase, pareceram confirmar a sentido do “*picante*” para o INT2.

Tal condensação de sentido construída nesses turnos (linhas 41 e 45-46) foi apoiada na sequência com o riso do INT3 (linha 47: ☺☺☺). O INT3 apesar de ter realizado um turno colaborativo com o INT2 sobre a questão da relação do termo *picante* com a categoria *boyzinho*, ele não tinha visto o referido quadro. Como se pôde perceber no turno seguinte em que responde à pergunta do INT2 (linhas 55-56: INT2: *Vocês já viram esse quadro dela;/INT3: \*Fez sinal que não com a cabeça\**).

Nas linhas 48-54, as trocas de turnos entre INT2 e INT4 revelaram que houve a categorização do *boyzinho* como *bonitinho* e logo em seguida, como *Mauricinho* que era o nome do personagem no

quadro exibido. Ao serem feitas essas associações “boyzinho, bonitinho e Mauricio” percebemos um processo de confirmação da categoria a partir do uso de sinônimos.

Essa categorização foi confirmada e aceita pelos integrantes INT2 e INT4 (linhas 48-51: *Que é bonitinho [mas (.)]; [O Mauricinho/]; É, o boyzinho (.); &Mauricinho*). A sobreposição de turno (linhas 48-50) expôs essa confirmação categorial e sua aceitação. O INT2 se referiu ao personagem do quadro tratando-o como bonitinho. Naquele mesmo momento, INT4 fez uma sobreposição de turno (linha 49) solicitando uma confirmação do INT2. Este responde afirmativamente ao que foi solicitado, mas utilizou o termo *boyzinho* (*É, o boyzinho*)

Como percebido a partir dos risos, recursos linguísticos e sobreposições os turnos foram de natureza colaborativa, confirmando a categoria desde o seu início até o final (linhas 48-63) que foi anunciada pelo integrante INT2 e confirmada pelos outros integrantes: o programa Papeiro da Cinderela tinha como interessante o “boyzinho” Mauricinho e a personagem “Xola”.

Após a categoria *O boyzinho... de camisa azul* entrou em cena a categoria *Cachorrada* (linhas: 64-91). Assim, no excerto 02, continuamos na categoria **A vida como ela é**, mas focando em outra recategorização.

## **Recategorização 2 - Cachorrada**

*Cachorrada* foi a segunda recategorização de **A vida como ela é**. Essa foi a primeira e única vez em que seus sentidos foram condensados no grupo.

### Excerto 03

- 64 F Certo, e Xola/  
65 INT2 Xola é por conta mermo da anarquia, das brincadeiras, né/ A  
66 questão de faltar um dente (2s)  
67 INT3 ☺☺☺☺  
68 INT2 E ela botar a língua pra fora, né/ É (..)  
69 ☺☺☺☺ (INT 2 E INT 3)  
70 INT2 Cachorrada, visse/  
71 INT3 Brincar, brincar com a ausência dos dentes, e tal. Eu acho bem,  
72 bem interessante ela brinca muito [com a aparência (2s)]  
73 INT1 [ELA NÃO] tinha vergonha daquilo, né/ ☺☺☺☺  
74 INT3 (fazendo gesto com a cabeça de confirmação) Não tem vergonha  
75 INT1 ☺☺  
76 F Eu fui lá no teatro, no teatro do Parque pra uma peça.  
77 INT1 Sim.  
78 F Ele tirou a chapa mesmo, no meio do público assim, e jogou pro  
79 INT1 povo (..)  
80 Xola/  
81 F Xola (confirma com a cabeça)  
82 INT1 ☺☺☺☺  
83 INT1 Jogou pro público/  
84 Jogou, a chapa (..) Pronto, Isso foi (..) A pessoa (..)  
85 Foi hilário, né/  
86 F Todo mundo achou nojento e ao mesmo tempo engraçado, porque  
87 ele não tem vergonha de mostrar aquilo.  
88 Oh INT1, mas aí, então porque que (..) Só pra gente (..) Se alguém  
89 INT1 quiser depois falar também pode. Mas assim, porque que isso é tão  
90 nojento e ao mesmo tempo tão engraçado/  
Porque é nojento (fala rindo), porque tirar uma coisa íntima sua (..)  
Babada, jogar pro povo (..) Mas mesmo assim o povo aceitou,  
entendeu/ Pela (..) Por ser engraçado, etc e tal.

No excerto acima, a categoria *Cachorrada* é anunciada na linha 65, pelo INT2: (*Xola é por conta mermo da anarquia, das brincadeiras, né/*) quando explicou a F porque Xola é interessante e engraçada conforme sua solicitação no excerto 01. Essa categoria é condensada na linha 70 (*Cachorrada, visse/*) pelo mesmo locutor e tem um turno colaborativo pelos risos (☺☺☺☺) nas linhas 67 e 69.

Nas linhas 71-72, houve uma troca de turno em que o INT3 assumiu o lugar de locutor sucessivo (ALENCAR, 2007). Assim que o INT2 terminou sua frase, o INT3 voltou a colaborar com a categoria exposta anteriormente. Ele confirmou que a ausência dos dentes era interessante e que Xola brincou com sua aparência (*Brincar, brincar com a ausência dos dentes, e tal. Eu acho bem, bem interessante ela brinca muito [com a aparência (2s)]*)

Em seguida, houve uma sobreposição de turno colaborativa pelo INT1 sobre o INT3. Essa sobreposição pôde ser percebida pela pausa no final da fala do INT3 (linha 72: ... *brinca muito [com a aparência (2s)]*), pelo aumento da voz do INT1 e pelo marcador extralinguístico “riso” realizado no final de sua frase (linha 73: *[ELA NÃO] tinha vergonha daquilo, né/ ☺☺☺☺*).

A aceitação da categorização proposta por INT2, descrita acima, foi explicitada pelo INT1 nas linhas 75 e 77 (*Eu fui lá no teatro, no teatro do Parque pra uma peça; Ele tirou a chapa mesmo, no meio do público assim, e jogou pro povo..*). O INT1 assumiu o estatuto de testemunha ocular expresso, nesta última linha, pelo termo “*mesmo*”.

Nas linhas 84-85 (*Todo mundo achou nojento e ao mesmo tempo engraçado, porque ele não tem vergonha de mostrar aquilo*), os adjetivos “*nojento*” e “*engraço*” demonstraram como o excerto 02 foi concluído com a confirmação da categoria anunciada na linha 65 do excerto 01. Assim, na análise desse excerto observamos que a alternância de turnos ocorreu por meio de sobreposição colaborativa.

### **Recategorização 3- Linguagem popular**

A recategorização *Linguagem popular* elaborada pelos integrantes do grupo focal esteve em consonância com a proposta do público alvo do programa *Papeiro da Cinderela*, isto é, a camada popular, como dito anteriormente. Essa recategorização também foi condensada uma única vez no referido grupo.

#### Excerto 04

- 197 INT2 Eu acho que ela pega, de certa forma, algumas coisas que tão (..)  
198 Alguns artistas, alguns programas mesmo da [própria emissora]/  
199 INT1 [DA TV Jornal]  
200 INT2 &ahnnn (..) A maior parte da própria emissora, que ela pega e faz  
201 uma sátira e transforma [é (2s)]  
202 INT1 [Numa linguagem] popular, né/  
203 INT2 &É (2s) Usa a linguagem popular.  
204 INT4 A linguagem do povo (2s) A linguagem que (..) Assim, se ela  
205 botasse na linguagem culta, normal, acho que pouca gente  
206 poderia assistir. Porque: “Ah, isso é muito chato/ Ó pr’ai\”.  
207 INT3 Isso é verdade \
- 208 INT4 A pessoa transforma na linguagem culta numa linguagem popular  
209 feito aquele “Aqui PE”. Muita gente vai comprar o “Aqui PE”  
210 por causa da linguagem que passa pra pessoa.  
211 INT2 Comprar o que/  
212 INT4 O “Aqui PE”. Um jornal que [tem (..)]  
213 INT2 [Ah/ Sim], sim.  
214 INT4 A gostosona num sei da onde (..) Essas coisas. Então, uma  
215 linguagem diferente. E, realmente, assim, a classe hoje social  
216 predominante é a classe baixa\ (2s)  
217 INT4 Unhum  
218 Que chama mais atenção. Se fosse uma linguagem culta, ninguém  
219 ia assistir Cinderela. Por quê/ Porque não ia ter nada engraçado  
220 F (..) É, aquela coisa, uma programa de jornal, ia ser, na verdade,  
221 INT4 né/  
Certo.  
Entendeu/ Aí por isso que, também, chama mais (..) Eu acho  
interessante isso, a linguagem popular que eles têm, mostra (..)  
Vê a realidade da vida, sendo que com uma linguagem diferente.

No excerto 04, a alternância de turnos entre os INT1, INT2 e INT4, indicou atos cooperativos na recategorização *Linguagem popular* (linhas 197-206). Nas linhas 202-203, a sobreposição entre o INT1 e o INT2 marcou como foi condensado pelo INT1 e confirmado pelo INT2 o termo de linguagem popular (*Numa linguagem] popular, né/; &É (2s) Usa a linguagem popular*). Na esteira do formulado pelo INT1 e INT2, o INT4 explicou a *linguagem popular* exemplificando a

diferença entre a linguagem culta e a popular (linhas 204-206: *A linguagem do povo (2s) A linguagem que (..) Assim, se ela botasse na linguagem culta, normal, acho que pouca gente poderia assistir. Porque: “Ah, isso é muito chato/ Ó pr’ái\”*). “Ó pr’ái” é um jargão da personagem Cinderela como foi demonstrado nos quadros analisados no capítulo anterior. Logo em seguida, pudemos observar na sequência dos turnos que o INT3 confirmou o sentido condensado anteriormente desde a linha 197 até a linha 206 (linha 207: *isso é verdade\*).

Essa confirmação do INT3 nos remete a colocações assumidas por Garfinkel (2006), Quéré (1994) e Sacks (1984) que concebem as categorizações como julgamentos morais na interação com o outro estabelecendo direitos e obrigações na organização da realidade social. Assim, o INT3 julgou como pertinente as colocações sobre o *Papeiro da Cinderela* ter uma linguagem popular. Esse interlocutor (linha 207) com a locução: “*isso é verdade*” abonou as locuções do INT4 que continuou explicando e dando outros exemplos da linguagem popular (linhas 208-221). É importante mencionar que na linha 215 (*a classe hoje social predominante é a classe baixa*), o INT4 assumiu o estatuto de “categorização moral” (ATKINSON; HERITAGE, 1984; SACKS, 1984; DURKHEIM, 2009; MAUSS, 2005) sobre a sociedade atual sendo essa categorização aceita pelos outros locutores. Tal atitude foi confirmada pela última vez nesse excerto pelo INT1 com a expressão “*Unhum*” (linha 216).

## CATEGORIA 2 - PROGRAMAS DE HUMOR

A categoria **Programas de humor** foi composta pelas recategorizações ou subdivisões: a) *Espancamento*; b) *Matação brincadeira*; e c) *Matação Valendo*. Abaixo expusemos a sequencialidade e temporalidade da recategorização *Espancamento*.

## Recategorização 1 - Espancamento

*Espancamento* foi a primeira recategorização da categoria **Programas de humor** tendo seu início na quinta linha do excerto 05.

### Excerto 05

- 126 F (xxxx) Tu lembra de alguma, assim/ Ou, ou (..) O que das piadas  
127 INT3 que é interessante/  
128 INT4 Assim, aquela briga dela com o louro (..) Com o frango José (2s).  
129 INT2 É engraçado.  
130 F É interessante (..) né/ Eu vejo muito pouco, assim (..) por causa  
131 do horário (2s)  
132 Ok. É só pra que eu possa registrar, pra entender um pouquinho,  
133 INT3 interessante em que sentido xxxx, assim. Porque que tu acha  
134 interessante a briga dela com frango José na xxxxfrango José.  
135 Interessante assim, pela questão dela (..) Ele sempre diz alguma  
136 INT1 besteira, ela sempre tá espancando, né/ Sempre ta espancando e  
137 ele fica tirando (..)☺☺☺. Dá pra tirar umas gargalhada daquela  
espancamento dela.  
Eu acho engraçado é que, no começo do programa, o pensamento, né/Num tem Ana Maria Braga/ Ela num tem aquele pensamento do dia/ Aí ela tem o dela.

*Espancamento*, como já dito, teve seu início na linha 127 (*Assim, aquela briga dela com o louro... Com o frango José (2s)*), aparecendo explicitamente quando o INT3 deu sentido de engraçado a ponto de “*tirar gargalhadas*” ao se referido a personagem Frango<sup>44</sup> José. Assim, o que foi sublinhado pelo INT3 estava relacionado ao fato do Frango José ser espancado ao dizer alguma “*besteira*” (linhas 133-135: *Interessante assim, pela questão dela (..) Ele sempre diz alguma besteira, ela sempre tá espancando, né/ Sempre ta espancando e ele fica tirando (..)☺☺☺; Dá pra tirar umas gargalhada daquela espancamento dela*). Essa condensação de

---

<sup>44</sup> No estado de Pernambuco, o termo frango é utilizado em sentido duplo: a) um denotativo de ave para alimentação e b) um sentido conotativo de termo pejorativo para designar o homossexual.

sentido foi confirmada e aceita pelo turno do INT4 (linha 128) com o termo “*é engraçado*”.

É importante notar que a categoria **Programas de humor** começou a ter seu sentido condensado em relação ao programa *Papeiro da Cinderela* e foi recategorizada na direção do mundo homossexual por meio das recategorizações *Matação brincadeira e Matação valendo*. Assim, a recategorização *Espancamento* assumiu um estatuto de transição entre o *Papeiro* e a homossexualidade. Ao mesmo tempo em que categorizou o *Papeiro* como engraçado também o categorizou como contendo características do universo homossexual tais como: a *Matação valendo e a Matação brincadeira*.

## Recategorização2 - Matação brincadeira

A segunda recategorização da categoria **Programas de humor** apareceu uma única vez na fala-em-interação do grupo de homossexuais de camada popular.

### Excerto 06

- 432 INT5 Ó, eu (..) Assim. Eu reparei, né/ Assim, e também no meu dia a  
433 dia, que o tipo de brincadeira que tem no Papeiro, do humor, da  
434 matação. Que aí vem sempre, é um matando o outro, um (..) Né/  
435 INT4 [Tem que só]  
436 INT3 [É, no mundo gay], tem esse tipo de, de brincadeira  
437 INT4 Tem  
438 INT1 Entre os gays  
439 INT4 Oxe, e então ☺☺☺  
440 INT2 Tem (xxxx) amigos gays, assim, rola muito de... Existe uma  
441 matação, mas não, não necessariamente pra colocar a pessoa pra  
442 (baixo). Mas, é só pra se divertir, um zoar com a cara do outro,  
443 né/ É (2s) Aí a INT3 chegou aqui e (eu): “Ei, vassoura,  
444 rapariga...” Ela: “Rapariga, num sei que (..)” ☺☺☺. Aí fica nessa  
445 INT2 anarquia, mas é (..) Tudo, assim, brincadeira, né/  
Sempre respeitando o outro.

Foi com o INT5 que a recategorização *Matação brincadeira* continuou no movimento de migração do sentido de sua origem sobre o *Papeiro da Cinderela* para sentidos relacionados ao universo homossexual (linha 432-434: *Ó, eu (..) Assim. Eu reparei, né/ Assim, e também no meu dia a dia, que o tipo de brincadeira que tem no Papeiro, do humor, da matação. Que aí vem sempre, é um matando o outro, um (..) Né/*). Ao expor sua locução, o INT5 solicitou e teve apoio de outros integrantes do grupo focal (INT4: linhas 435, 437 e 439; INT3: 436; e INT1: linha 438).

É importante mencionar que o INT5 não expressou que era homossexual, no entanto os turnos subsequentes categorizaram a *matação* e o próprio INT5 como pertencentes ao mundo *gay*. Essa heterocategorização foi realizada pelos membros do grupo focal (INT4, linha 435: [*Tem que só*]; INT3, linha 436: [*É, no mundo gay*], *tem esse tipo de, de brincadeira*; INT1, linha 438: *Entre os gays*).

Na parte final desse excerto, ainda houve uma autocategorização em relação à sexualidade construída pelo INT2. Esse locutor se autocategorizou como *gay* além de ter expressado a condensação de sentido da recategorização *Matação brincadeira* (linhas 440-444: *Tem (xxxx) amigos gays, assim, rola muito de... Existe uma matação, mas não, não necessariamente pra colocar a pessoa pra (baixo). Mas, é só pra se divertir, um zoar com a cara do outro, né/ É (2s) Aí a INT3 chegou aqui e (eu): “Ei, vassoura, rapariga...” Ela: “Rapariga, num sei que (..)” ☺☺☺. Aí fica nessa anarquia, mas é (..) Tudo, assim, brincadeira, né/*

### **Recategorização 3 -Matação valendo**

Essa recategorização foi a última da categoria **Programas de humor**. Seu sentido já veio vinculado ao universo homossexual.

## Excerto 07

- 227 INT2 Às vezes, o que eu acho menos interessante em algum (..) Não só  
228 no Papeiro da Cinderela, mas em alguns programas de humor é  
229 que, às vezes, se aproveita da (..) Fragilidade de algumas pessoas  
230 INT4 pra poder fazer humor em cima daquilo, né/  
231 INT2 Ahann  
232 F Então, por exemplo (..)  
234 INT2 Diz. Já ia pedir ☺☺☺☺  
235 &Um anão, às vezes, fica em alguns papéis em que é  
236 menosprezado e num sei o quê... E aí... Eu fico preocupado com  
237 esse tipo de humor (2s)  
238 têm alguns programas que, pra obter um pouco de humor, fazem  
239 INT1 tudo, inclusive maltratar algumas pessoas que acaba... A gente  
240 sabe que é um programa humorístico que é tudo brincadeira, mas  
241 (..) Não sei (2s)  
242 INT2 Pelo horário que passa, pode ser que teja (..) Tenha muita criança,  
243 muita gente assistindo. E aí pode ser que alguma daquelas  
244 crianças, ou sei lá, leve aquele tipo de comportamento pra alguns  
245 lugares.  
246 F Isso. Tipo, a pessoa que é desdentada, a que tem uma diferença,  
ou porque a loira é loira burra (2s) Ou porque é desdentada tem  
que apanhar, ser maltratada. Mas o cara que é o bonitinho, o  
saradinho – ele merece ter mais respeito e atenção só porque ele é  
lindo e gostoso. E não é nada disso.  
Tá ok, e o restante/

Nas linhas 227-229, tivemos a condensação de sentido, realizada pelo INT2, sobre a categoria **Programas de humor**. Aqui o discurso do INT2 realizou uma crítica aos programas de humor dizendo que eles se “aproveitam da fragilidade” de certos “tipos sociais”: o anão, a loura burra e Xola, a desdentada. Esses seriam minorias que mereceriam “apanhar”. Já o boyzinho que é “bonitinho e saradinho” “mereceu respeito” (linhas 234-238, 242-245). Essa crítica é aceita pelos turnos colaborativos pelo INT4 (linha 230: “ahann”) e pelo INT1 (linhas 239-241) não por eles se aproveitarem das fragilidades dos outros, mas pelo fato do referido programa *Papeiroda Cinderela* ser exibido em horário inapropriado.

Foi na linha 242-243 (*Isso. Tipo, a pessoa que é desdentada, a que tem uma diferença, ou porque a loira é loira burra (2s); Ou porque é desdentada tem que apanhar, ser maltratada*), na locução do INT2 que o sentido da categoria *matação valendo* começou a aparecer especificamente com a expressão: “*desdentada tem de apanhar, ser maltratada*”

O excerto abaixo foi exposto com o intuito de indicar como o sentido da *Matação valendo* ficou especificamente relacionadas ao universo homossexual.

### Excerto 08

- 455 INT4 individuais, entende/ Como também existe as matações que é (..)  
 456 INT1 Valendo ☺☺☺☺  
 457 INT4 Que assim, a (..), a (2s).  
 458 INT1 [Que fala, mas fala querendo mesmo falar]. ☺☺☺☺  
 459 Uma ideia de gay que ele tem uma linguagem bem diferente, né/  
 460 F [Tem que pegar um dicionário].  
 461 INT4 Fala querendo o que/ Querendo o que/  
 462 Dizer, por exemplo: aquele ali rouba. Aí eu: “Eitha, ó. Ó aí,  
 463 chegou a que rouba”. Todo mundo sabe que ela rouba. Mas, estão  
 464 brincando, mas tão matando, dizendo a verdade. “Eitha, ela  
 465 rouba”. Entendeu/ Quer falar o que sente, mas diz que é uma  
 466 INT3 matação, é uma brincadeira.  
 467 INT4 ☺☺☺☺  
 468 É ótimo ☺☺☺☺  
 469 INT2 Aff... Pronto, um lá no (xxxx) tem uma que roubou. Aí, quando  
 470 INT4 ela chega: “Esconde as carteira!”  
 471 ☺☺☺☺  
 472 INT2 Aí o pessoal faz: “Eita!”. Quem não sabe faz: “Eita, tão  
 473 INT4 brincando”  
 474 INT2 (xxxx)  
 475 (xxxx) Chama de Elza, né/  
 476 INT1 É.  
 477 “Lá vem Elza, lá vem Elza. Segura a carteira!”  
 478 F ☺☺☺☺  
 479 INT1 É como eu tava dizendo. Eles têm uma linguagem muito, bem  
 480 INT3 diferente. Assim, muito a linguagem diferente.  
 481 F Eles quem/ Eles quem/

482 INT1 Acuer é dinheiro, né/  
483 INT3 acuer é dinheiro (xxxx)  
484 F Eles quem, INT1/  
485 INT1 dá Elza é ladrão  
489 dá Elza é ladrão ☺☺☺☺  
490 INT4 Eles quem/  
491 INT2 Os gays/ A comunidade. Quando eles conversam, tiram onda com  
492 INT4 você. [TÁ LHE ESCULHAMBANDO e você não sabe]. ☺☺☺☺  
493 F [ Lá na quadrilha...]  
494 INT4 Também os boy já (xxxx)  
495 INT1 Lá na quadrilha chama de chupa charque  
496 INT5 Ah/ Chupa charque  
497 INT1 Chupa charque<sup>45</sup> (xxxx)  
Tu conhece esse nome, INT5/  
Conhecia.  
Conhecia/ Chupa charque.

A linha 455 trouxe expressamente a categoria *Matação valendo* realizada pelo INT4 (*individuais, entende/ Como também existe as matações que é (..) Valendo* ☺☺☺). A *Matação valendo* foi debatida, recategorizada e exemplificada muitas vezes da linha 455 à linha 497. As participações realizadas pelos INT1, INT5, INT3, INT 2 foram viabilizadas pela alternância de turnos colaborativos. As sobreposição de turno entre INT4 e INT1 foi marcada pelo INT1 que assumiu o estatuto de locutor posicionado para tomar o turno, porém essa tomada de turno também foi colaborativa com o sentido condensado em relação à mesma categoria (linha 457-459) (linha 457-459: [*Que fala, mas fala querendo mesmo falar*]. ☺☺☺☺; *Uma ideia de gay que ele tem uma linguagem bem diferente, né/ [Tem que pegar um dicionário]*). Os outros turnos colaborativos pertenceram às linhas: 465 (INT5), 466 (INT3) e 469 (INT2).

Houve ainda outro ponto que mereceu destaque nesse excerto: o primeiro diz respeito ao INT1. Ele como não conseguiu tomar o turno do INT2 (ver linhas 456-459), retornou com a locução somente na linha 476 (*É como eu tava dizendo. Eles têm uma linguagem muito,*

---

<sup>45</sup> Em Pernambuco chupa charque é um termo pejorativo para se referi às lésbicas.

*bem diferente. Assim, muito a linguagem diferente*). Esse retorno foi marcado com a expressão: “como eu tava dizendo” expondo que seu processo categorial foi interrompido nos turnos anteriores. Assim, INT1 fez questão de contribuir na construção da condensação do sentido sobre a recategoria *Matação valendo*.

A seguir, houve a produção de uma nova categoria que concentrou grande parte dos sentidos engendrados nesse processo interativo do grupo focal de homossexuismasculinos de camada popular.

### CATEGORIA 3 -SER PINTOSO

**Ser Pintoso** foi a categoria que teve maior destaque no grupo focal com homossexuais de camada popular. Ela começou na linha 325 e continuou sendo desenvolvida até o final da fala-em-interação, linha 1.702. Essa categoria, como já dito, foi recategorizada ou subdividida em cinco outras categorias: a) *Ser mais mulher do que minha mãe*, b) *Hoje em dia tá acontecendo de tudo*, c) *A aceitação da sociedade*, d) *Nunca você vai ver uma gay pintosa um gerente de banco*, e e) *Gay como palhaço*.

### Recategorização 1 - Mais mulher do que minha mãe

A primeira recategorização exposta analisada foi *Ser mais mulher do que minha mãe*. Essa recategorização foi condensada sete vezes, mesmo número de condensação da recategoria *o boyzinho... de camisa azul* que pertenceu à categoria **A vida como ela é** anteriormente analisada neste capítulo.

#### Excerto 09

338 INT1 Porque assim, as pessoas de Cinderela são figuras super  
339 conhecida. Ontem mesmo quando eu disse a você que fui pro  
340 INT5 Caldeirão, tava esse anã.  
341 INT1 Tava o anão/  
342 Tava o anã, \* faz gestos de quem tava dançando \* entendesse/  
343 Então (..) E tava bem, sabe/ Virado/ Então, eles se aparece na  
344 televisão. Eles têm que preservar também a imagem deles,

345 INT2 entendesse/ Mas ele tava lá virado/ Então muita gente pode levar  
346 INT1 isso... Reforçar o[preconceito].  
347 [Verdade/].  
348 Ahann. E até, opinião. Disseram mermo assim: “Esse anã, ele  
349 INT3 quando entrou em Cinderela ele era bem quietinho, mais  
350 quietinho. Agora ele ta tão aveadado (..) Veado”. ☺☺☺☺ Até no  
351 INT1 programa mermo ☺☺☺☺  
352 INT3 Quando ele era do grupo Murissamba, que ele era o tarado ele era  
353 INT1 \* faz gesto com a cara mais fechada e os braços preso ao corpo\*  
354 INT4 Ele era mais comportado.  
355 Era mais comportadozinho (2s)  
356 INT5 Aí depois que ele entrou em Cinderela (..)  
357 F (xxxx) Ele era mais quieto porque ele (..) Já era um personagem  
358 INT1 homem, um tarado. Mas ele sempre foi assim.  
359 INT3 Olhe, que eu só vim saber que ele era ruela depois de Cinderela.  
360 INT1 (xxxx)  
361 INT2 Aí depois disseram que, com o passar do tempo, ele ficou bem  
362 INT1 (2s)  
363 INT3 Soltou as franga mermo (..)  
364 INT1 É, entendeu/  
365 INT2 Ó, falando nisso aí, ficou super alegre, super pintoso, né/  
366 Foi.  
367 INT4 [Essas coisas (..)]  
368 [É, AQUELA CO]jisa: ele é assim na vida real e também no  
369 programa. Entendeu/  
370 Se o gay é mais pintoso, há mais preconceito, ele enfrenta mais  
371 INT4 preconceito na sociedade. Ou se ele é mais durinho ele enfrenta  
372 menos preconceito.  
373 Hoje em dia, até um homem hétero, se ele for pintoso, o povo já  
374 diz: “Ah, isso é um fresco, num sei o quê”. Lá em Sergipe  
mesmo. Altas, altos meninos tudo com namorada, mas era mais  
mulher do que minha mãe, se duvidar.  
☺☺☺☺ \* todos riram\*  
O pessoal dizia: “Ó pr’ali, isso é um fresco com namorada”. Eu  
ia dizer o que/ “Minha gente, a gente não sabe.”☺☺☺☺ “Mas  
aquele ali é também”. E eu falei: “Ó se beijando com a menina”.  
Então, só a questão de você se comportar de agir, as pessoas já  
julgam você.

O INT1 expôs que o anão que participou do quadro “O Papeiro de Cinderela no carnaval de Olinda”, estava “virado” dançando no show Caldeirão e que tal comportamento contribuía para aumentar o preconceito (Linhas 343-344: *imagem deles, entendesse/ Mas ele tava lá virado/ Então muita gente pode levar isso... Reforçar o[preconceito]*). Essa reprovação do comportamento desse integrante do Papeiro ficou mais evidente quando o INT1 reportou, com risos no final da frase, sentidos condensados por outras pessoas que estavam no show sobre o comportamento do anão (linhas 346-348: *Ahann. E até, opinião. Disseram mermo assim: “Esse anã, ele quando entrou em Cinderela ele era bem quietinho, mais quietinho. Agora ele ta tão aveadado (..) Veado”.* 😊😊😊😊 Até no programa mermo 😊😊😊).

Nesse excerto, houve alternância de turno cooperativo entre INT1, INT3, INT4. O INT3 começou a sua locução explicando que o referido ator quando era de um grupo anterior ao do *Papeiro da Cinderela* era um “tarado” (linha 349). Esse sentido foi completado, pelo INT1 ao expor o adjetivo “comportado” (linha 351: *Ele era mais comportado*) antônimo de “virado” (INT1, linha 343). O INT3 assumiu o turno (linha 352) recategorizando o adjetivo, só que usando-o no diminutivo (*Era mais comportadozinho (2s)*). Assim, o sentido construído focou na crítica ao comportamento do anão que estava “virado”.

Vale ressaltar que o INT1 se referiu ao integrante anão do *Papeiro da Cinderela* sempre no feminino (linha 339: *quando eu disse a você que fui pro Caldeirão, tava esse anã*). Mesmo quando o INT5 fez uma pergunta tratando-o no masculino (linha 340: *Tava o anão/*), o INT1 continuou tratando-o no feminino (linha 341 e 346-347: *Tava o anã, \* faz gestos de quem tava dançando \* entendesse/ Então (..) E tava bem, sabe/ Virado/ Então; ahann. E até, opinião. Disseram mermo assim: “Esse anã, ele quando entrou em Cinderela...)*

As observações foram sintetizadas pelo INT4 em relação ao comportamento (INT1 e INT3) e também em relação ao fato do anão ter assumido ser, no passado, um personagem homem, no entanto ele sempre foi homossexual. 354-355 ((xxxx) *Ele era mais quieto porque*

*ele (...) Já era um personagem homem, um tarado. Mas ele sempre foi assim).* Quando o INT4 sintetizou e aceitou as locuções de INT1 e INT3, ele concomitantemente categorizou homem como sinônimo de tarado.

A alternância de turnos possibilitou que fossem condensados outros termos em relação à reprovação sobre o comportamento do integrante do *Papeiro*. Os termos “soltou a franga” (INT3: linha 359) e, “super alegre” e super pintoso” (INT2: linha 361), continuaram ajudando na condensação de sentidos sobre a reprovação de ser pintoso.

As linhas 365-374 continuaram no mesmo sentido de crítica às pessoas serem pintosas. Nas linhas 365-366, o INT2 expressou os limites entre os comportamentos discretos e os comportamentos não discretos em relação à homossexualidade (*Se o gay é mais pintoso, há mais preconceito, ele enfrenta mais preconceito na sociedade; Ou se ele é mais durinho ele enfrenta menos preconceito*). Assim, segundo as categorizações dos locutores aqui analisadas ser “durinho” significou que o homossexual enfrentou menos preconceito e à medida que era mais pintoso teve de enfrentar mais preconceitos.

O INT4 expressou que até os heterossexuais se forem mais pintosos eles também enfrentam preconceitos (linhas 367-369: *Hoje em dia, até um homem hétero, se ele for pintoso, o povo já diz: “Ah, isso é um fresco, num sei o quê”. Lá em Sergipe mesmo. Altas, altos meninos tudo com namorada, mas era mais mulher do que minha mãe, se duvidar*). Assim, as risadas proferidas pelos integrantes desse grupo focal (linha 370: ☺☺☺☺ \* todos riram\*) retrataram a colaboração que existiu entre eles sobre os sentidos condensados nesse excerto. Dessa forma, ser *mais mulher do que a minha mãe* adquiriu um sentido negativo.

O INT4 concluiu sua locução reportando que outros indivíduos assumiram o estatuto de construir categorias morais (linhas 371-374: *O pessoal dizia: “Ó pr’ali, isso é um fresco com namorada/”. Eu ia dizer o que/ “Minha gente, a gente não sabe.” ☺☺☺ “Mas aquele ali é também”. E eu falei: “Ó se beijando com a menina”. Então, só a*

*questão de você se comportar de agir, as pessoas já julgam você*). Essa categoria moral se constituiu no sentido de se ter uma expectativa de direitos e deveres em relação às categorias de sexo, gênero e sexualidade.

Assim, continuamos exibindo outro excerto para expor o sentido negativo em relação aos homossexuais pintosos ou pintosas (usando a categoria dos interlocutores desse grupo focal).

### Excerto 10

- 1637 INT2 Não, teve... Eu lembro da (..) De uma das últimas cenas do Crô,  
 1638 quando... Eu achei interessante a reflexão que foi feita no final.  
 1639 Ele criticou que ele que ia falar, fazer, uma, uma ação de  
 1640 caridade pra uns, uns, uns gays (..) Algumas coisas assim. Aí,  
 1641 (xxxx), tipo assim: “Eu vou fazer caridade sim pros pintosos.  
 1642 Porque os pintosos são discriminados (..) Já são muito  
 1643 discriminados por nós mesmos e num sei que, num sei o que  
 1644 [lá”].  
 1645 INT5 [É (..)] Eu não me relacionaria com uma cem por cento pintosa.  
 1646 INT3 Tu/ Tu ta falando de tu/\* olhando na direção de INT5 \*  
 1647 INT3 Eu não. Agora, assim. Eu não posso dizer: “Dessa água e não  
 1648 INT2 beberei”.  
 1649 INT1 Coração é terra de ninguém.  
 1650 INT2 Você ficaria comigo/ INT2/☺☺ \* falou o nome do integrante no  
 1651 INT3 diminutivo\*  
 1652 INT2 Não (2s) INT3 (2s)  
 1653 INT3 Oxe/ Por quê/ ☺☺☺☺  
 1654 INT2 Mas, mas, se fosse, se fosse (..) Como (..)  
 1655 INT2 Eu sou um boy. ☺☺☺  
 1656 Mas, se fosse aquele namorado de, de P  
 1657 Eu me agarrava. Até eu ☺☺☺  
 1658 INT4 Eu me agarrava.  
 1659 INT2 Eu vejo que (..) Lógico, a gente fica, assim, com um pouco de  
 1660 INT3 reserva. Até porque a gente tem medo também de ser  
 1661 INT2 discriminado por andar com uma, uma mais pintosa, por andar  
 1662 INT5 com uma travesti, tal... A gente [tem (..)]  
 1663 INT3 [Sofrer] uma violência na sua casa, na rua.  
 1664 INT1 Sofrer alguma violência, ser discriminado. Por ta (..)  
 1665 INT3 L num quer não, andar comigo não.

1666 INT5 Por ta andando com (2s) Com a gay (..)  
1667 INT3 Como é, INT3/  
1668 L num quer não, andar comigo não (..)  
1669 Quer não é/  
1670 INT5 (Ele) levou uma pedrada ☺☺  
1671 INT1 Ele diz o que/ Ele diz o que/  
1672 F Disse: “Ó, depois que eu comecei a andar contigo, jogaram uma  
1673 INT1 pedra”. Pegou na boca de L. “Olhe, é tu/ É a senhora!” eu: “Eu/”  
1674 - “Eles gostava da senhora. Que a senhora tem que ta  
1675 rebolando”.  
1676 INT3 É mesmo  
1677 INT1 Assim, só pra fechar (..)  
1678 Lógico, INT1/  
1679 O meu pensamento. Antes de qualquer coisa, antes de alguém ser  
1680 afeminado ou não, a gente deve lembrar e enfatizar, pra todo ser  
1681 INT3 humano, que todo mundo é ser humano.  
1682 INT1 É (2s).  
Você, você é INT3, você é gay, mas você sente dor. Num sente?  
Você tem sentimentos. Não é só a questão da sexualidade, do  
prazer. Todo mundo tem sentimentos. Todo mundo tem  
emocional. Então, as pessoas precisam se conscientizar disso.  
“Ah, Fulano é afeminado”. Deixa ele ser. Ele num é que é  
assim/ Se ele sofrer algum preconceito, é ele e não eu.  
\* fez gesto afirmativo com a cabeça\*  
Tem que assumir, né/

No excerto 10, as linhas 1.637-1642 condensaram sentidos indicando o preconceito que os homossexuais “pintosos” sofrem pelos próprios homossexuais. Tal perspectiva foi expressa pelo INT2 ao reportar a fala do personagem homossexual pintoso Crô, da telenovela *Fina Estampa* (Globo, 2012) (linha 1.640-1.641: *Eu vou fazer caridade sim pros pintosos. Porque os pintosos são discriminados (..) Já são muito discriminados por nós mesmos e num sei que, num*). Logo em seguida, houve uma sobreposição de turno entre INT2 e INT5 (linha 1.642-1.643: *sei o que [lá\”];[É (..)] Eu não me relacionaria com uma cem por cento pintosa*). O INT5 tomou o turno colaborando com o sentido posto pelo INT2 e ao mesmo tempo se autocategorizando como discriminador com relação aos homossexuais

“mais pintosos”. Vale destacar que o locutor INT5 se referiu aos homossexuais pintosos no gênero feminino por meio do artigo indefinido “uma” e do adjetivo “pintosa” (linha 1.643).

O INT3, na linha 1.647, levando em consideração os turnos anteriores aqui expostos, categorizou-se como pintoso ao fazer uma pergunta ao INT2 (*Você ficaria comigo/ INT2/ 😊😊 \* falou o nome do integrante no diminutivo\**). O INT3 fez a pergunta usando o nome do interlocutor 2 no diminutivo e rindo no final de seu turno de fala. O INT2 respondeu negativamente (linha 1.648), o que não impediu nova investida do INT3 afirmando que ele era boy, novamente, com risos no final da frase indicando certa ironia (linha: 1.651: *Eu sou um boy 😊😊😊*). É importante lembrar que boy já teve seu sentido condensado como homem bonito quando fizeram menção ao quadro da *Escolinha da Cinderela* na condensação de sentido da recategorização *o boyzinho... de camiseta azul* sobre a categoria **A vida como ela é**. Nessa recategorização, o sentido condensado sobre boyzinho foi que ele era bonitinho e que o *Papeiro* tinha como sendo um dos seus atrativos mais interessantes o boyzinho bonitinho.

Entre as linhas 1.655-1.659 os INT 2 e INT4 houve alternância colaborativa de sentido explicativo em relação à discriminação sofrida pelos homossexuais pintosos (*Eu vejo que (..) Lógico, a gente fica, assim, com um pouco de reserva. Até porque a gente tem medo também de ser discriminado por andar com uma, uma mais pintosa, por andar com uma travesti, tal... A gente [tem (..)]; [Sofrer] uma violência na sua casa, na rua; Sofrer alguma violência, ser discriminado. Por ta (..)*).

Na esteira da condensação de sentido construída, até então, e na consideração da sequencialidade dos turnos anteriores, o INT3 deu um exemplo de violência e discriminação na relação dele com um amigo. linhas: 1.660-1.669 (*INT3: L num quer não, andar comigo não; INT2: Por ta andando com (2s) com a gay (..); INT5: Como é, INT3/; INT3: L num quer não, andar comigo não...; INT1: Quer não é/; INT3: (Ele) levou uma pedrada 😊😊; INT5: Ele diz o que/ Ele diz o que/; INT3: Disse: “Ó, depois que eu comecei a andar contigo,*

*jogaram uma pedra*". Pegou na boca de L. "Olhe, é tu/ É a senhora!" eu: "Eu/" - "Eles gostava da senhora. Que a senhora tem que ta rebolando"). Vale destacar que mais uma vez houve termos empregados no gênero feminino: "a gay", "a senhora"; "a senhora tem que ta rebolando".

No entanto, esse não foi o único sentido produzido pelo grupo sobre **Ser pintoso**. Houve outras recategorizações em relação a essa categoria.

## **Recategorização 2 - Hoje em dia tá acontecendo de tudo**

Vejam, a seguir, o que foi produzido na recategorização *hoje em dia tá acontecendo de tudo* relativo à categoria **Ser pintoso**.

### **Excerto 11**

379 INT5 Ó, Jeison Wallace parece que é casado com mulher, num é/  
380 INT4 Eu tenho um amigo também é (..) Bruno, que faz Joelma Fox, é,  
381 casou também. Foi (..) Agora a pouco. E faz show na boite de  
382 INT2 *drag*,  
383 INT4 Pois é.  
384 INT1 De mulher.  
385 INT4 Pra tu ver  
386 Entendeu/ Hoje em dia é muito complicado isso. Meninas sabem  
387 que você é gay, mas quer namorar com você de todo jeito. Hoje  
388 em dia ta acontecendo de tudo☺☺☺. Ta muito complicado esse  
negócio de querer definir  
(xxxx)

Na linha 379, o INT5 fez um questionamento em relação ao fato do Ator que interpreta Cinderela ser casado. Tal questionamento foi respondido no turno seguinte pelo INT4 ao ter colocado que ele tinha um amigo que é *drag queen* e também era casado (linha 380: *Eu tenho um amigo também é (..) Bruno, que faz Joelma Fox, é, casou também. Foi (..) Agora a pouco. E faz show na boite de drag*). Após três turnos, na linha 385, o INT4 sintetizou o sentido dessa recategorização (linhas 385-387: *Entendeu/ Hoje em dia é muito*

*complicado isso. Meninas sabem que você é gay, mas quer namorar com você de todo jeito. Hoje em dia tá acontecendo de tudo 😊😊😊. Tá muito complicado esse negócio de querer definir).* Tal condensação de sentido foi aceita sem muito alarde pelos INT2 (linha 382) e INT1(linha 384). Assim, o sentido que revestiu essa recategorização foi de que as definições de gênero e de sexualidade não tiveram seus contornos fáceis.

A seguir, continuamos reproduzindo outros excertos (excertos: 12 e 13) que condensaram os sentidos públicos partilháveis na interação do grupo focal sobre a recategorização *Hoje em dia tá acontecendo de tudo*.

### **Excerto 12**

- 666 INT4 Os héteros, A maioria gosta de fio terra, não adianta.  
 667 INT2 Então, a maioria dos héteros  
 668 INT4 Dos héteros. Gosta de fio terra, mas não assume. Por quê/ Se  
 669 assumir que leva fio terra: “Ah, tu é fresco/” na roda de amigos.  
 670 INT3 Ou faz o ajuda mainha, né/  
 671 INT4 É.  
 672 INT1 “Ajuda mainha” 😊😊😊😊  
 673 INT5 Como é um “ajuda mainha”, INT3/ 😊😊  
 674 INT1 Diz ai. 😊😊  
 675 😊😊😊😊  
 676 INT3 O ajuda mainha/ \*baixou a cabeça e ficou olhando para baixa. Ele  
 677 antes de falar colocou o cabelo para trás da orelha mesmo tendo  
 678 INT4 cabelo estilo militar \* 😊😊😊😊  
 679 Fica atrás assim. \* ficou em pé um pouco curvado para frente \*  
 680 INT5 😊😊😊😊  
 681 E (2s)/  
 682 INT5 😊😊😊😊  
 683 INT3 Já to doído para saber 😊😊😊  
 684 INT2 O “ajuda mainha”(2s) 😊😊  
 685 INT3 Vai menino, fala logo, ôxe 😊😊😊  
 686 O “ajuda mainha” é quando o rapaz tá por trás de você e ele tá lhe ajudando a você chegar ao orgasmo também \* fez imitou o gesto da masturbação masculina \*.

Nesse excerto, o INT4 expressou que os heterossexuais tinham um comportamento sexual distinto do esperado (linhas 666 e 668-669: *Os héteros, A maioria gosta de fio terra, não adianta; Dos héteros. Gosta de fio terra, mas não assume. Por quê/ Se assumir que leva fio terra: “Ah, tu é fresco/” na roda de amigos*). A “transgressão” do fio terra<sup>46</sup> apontada pelo INT4 foi reforçada com o anúncio de outra situação em relação à atividade sexual dos heterossexuais também assumiria uma dimensão não convencional. Na linha 670, o INT3 acrescentou que os heterossexuais fazem o “ajuda mainha” (*Ou faz o ajuda mainha, né/*). A partir dessa linha, a alternância dos turnos posteriores entre os INT4, INT1, INT5 e os risos buscaram a explicação da referida expressão anunciada na linha 670 e só esclarecida nas linhas 685-686.

No entanto, o INT3 hesitou em explicar o “ajuda mainha” como se pôde observar por meio da comunicação extralinguística gestual e pelos risos (linha 676-677: *O ajuda mainha/ \*baixou a cabeça e ficou olhando para baixa. Ele antes de falar colocou o cabelo para trás da orelha mesmo tendo cabelo estilo militar \* 😊😊😊😊*). Tal empreitada só foi concluída, pelo INT3, nas linhas 685-686 (*O “ajuda mainha” é quando o rapaz ta por trás de você e ele ta lhe ajudando a você chegar ao orgasmo também \* fez imitou o gesto da masturbação masculina \**).

O outro excerto (excerto 13) que condensou o sentido da recategorização *Hoje em dia tá acontecendo de tudo* focou sobre o desejo de um dos integrantes do grupo por mulheres e nas outras práticas sexuais entre pessoas de sexo diferentes.

---

<sup>46</sup> A expressão fio terra significa que no momento do ato sexual do casal heterossexual a mulher coloca seu dedo no ânus do seu parceiro sexual proporcionando a ele prazer.

### Excerto 13

- 1187 INT2 Então, eu, particularmente, não funciono com mulheres, desde  
1188 que ela não seja, é... Eu não funciono com mulheres que não seja  
1189 masculina. Se ela for uma sapatão masculina do cabelo cortado  
1190 F militar, eu fico com ela, fico excitado, fico tudo.  
1191 INT2 É mermo/  
1192 INT5 É. Eu já, já (..)  
1193 INT2 Mas e aí, ela não tem pênis. E aí/  
1194 INT4 Mas, mas ela tem aparência masculina. Então, [pra mim (..)]  
1195 INT2 [TU Vai ser] a passiva. \* olha na direção do INT2 \*  
1196 É interessante ☺☺☺\*confirma com gesto de cabeça\* Entendeu/  
1197 F Mas eu não funciono com uma mulher (..)  
1198 INT2 ah (..)  
Uma mulher comum.

Nesse excerto, o INT2 anunciou que ele sente atração por mulheres masculinizadas (linha 1.187- 1.189: *Então, eu, particularmente, não funciono com mulheres, desde que ela não seja, é... Eu não funciono com mulheres que não seja masculina. Se ela for uma sapatão masculina do cabelo cortado militar, eu fico com ela, fico excitado, fico tudo*). No turno posterior, o INT5 questionou como ele faria se “sapatão” não tem pênis. O INT2, logo em seguida, respondeu (linha 1.193): *Mas, mas ela tem aparência masculina. Então pra mim (..)*. A conjunção adversativa “mas” serviu para o INT2 justificar o seu desejo.

Após o questionamento (linha 1.192), houve uma tomada de turno pelo INT4, linha 1.194: (*[TU Vai ser] a passiva. \* olha na direção do INT2 \**). O que foi respondido no turno seguinte, pelo INT2 como sendo interessante e seguido de risos, linha 1.195-1.196: (*É interessante ☺☺☺\*confirma com gesto de cabeça\* Entendeu/ Mas eu não funciono com uma mulher (..)*). Vale destacar, ainda, que mais uma vez foi usado um termo no gênero feminino quando o INT4 categorizou o INT2 de passivo: “*a passiva*”.

Abaixo, o foco foi direcionado para a recategorização A *aceitação da sociedade* da categoria **Ser pintoso**.

### Recategorização 3 - Aceitação da sociedade

A *aceitação da sociedade* foi a terceira recategorização da categoria **Ser pintoso** engendrada na interação dos locutores desse grupo focal.

#### Excerto 14

- 1104 INT2 Respeitar. Então, assim, tem muitos (..) O preconceito existe por  
1105 causa disso. A Parada Gay/ A Parada Gay num é uma Parada  
1106 Gay, num é uma maneira de se protestar. Porque/ Vem aqueles  
1107 travesti com peito de fora, nu, que num... Se beijando. Num é  
1108 necessário tá se beijando na frente de outro pra dizer que você é  
1109 INT1 gay.  
1110 INT4 Aí, como pode ter aceitação das pessoas /  
1111 Tem pessoas ali nos apartamento de Boa Viagem que não são  
1112 INT2 obrigado a ta vendo dois homem se beijando, tem crianças.  
1113 Então, assim, não precisa disso.  
1114 Até porque assim (2s) Discordando um pouco (..) Eu acho que o  
1115 gay, ele tem direito sim de manifestar sua, sua expre (..) Sua  
1116 afetividade - seja beijando, andando de mão dada. Agora, existe  
1117 beijos e beijos. Tanto é que heteros como de gays. Agora (..)  
1118 INT3 Agora, no caso da Parada Gay, eu acho que, na realidade, se  
1119 INT2 perdeu o foco político da lu(ta), da luta por determinados  
1120 direitos e virou um grande carnaval fora de época e um lugar de  
pegação e beijação.  
Isso seria uma coisa ruim/  
É. Nesse sentido, eu acho (..)

O excerto 14 trouxe à tona a questão da aceitação da sociedade em relação aos homossexuais e cada integrante se posicionou em relação aos sentidos surgidos sobre as categorias. Assim, seus sentidos foram aceitos de maneira colaborativa ou foram reorientados e negociados no processo de condensação do jogo categorial.

O INT4 expôs em sua locução a questão da dificuldade da sociedade na aceitação do homossexual (linhas 1.104-1.108: *Respeitar. Então, assim, tem muitos (..) O preconceito existe por causa disso. A Parada Gay/ A Parada Gay num é uma Parada Gay,*

*num é uma maneira de se protestar. Porque/ Vem aqueles travesti com peito de fora, nu, que num... Se beijando. Num é necessário tá se beijando na frente de outro pra dizer que você é gay*). Para o INT4, a questão da aceitação social homossexual é ocasionada pelas travestis que participaram das paradas com seus seios à mostra e se beijaram chocando a sociedade.

No turno seguinte, o INT1 colaborou concordando com o sentido exposto no turno adjacente do INT2 realizando uma pergunta retórica (linha 1.109: *Aí, como pode ter aceitação das pessoas* ^). Tal sentido colaborativo foi também seguido pelo INT4 no turno posterior (linha 1.110-1.111: *Tem pessoas ali nos apartamento de Boa Viagem que não são obrigado a ta vendo dois homem se beijando, tem crianças. Então, assim, não precisa disso*).

No entanto, a colaboração do INT4 ao turno do INT2 sobre a crítica realizada aos homossexuais por chocarem a sociedade não foi aceita plenamente pelo INT2 (linhas 1.112-1.114: *Até porque assim (2s) Discordando um pouco (..) Eu acho que o gay, ele tem direito sim de manifestar sua, sua expre (..) Sua afetividade - seja beijando, andando de mão dada. Agora, existe beijos e beijos. Tanto é que heteros como de gays. Agora (..) Agora, no caso da Parada Gay, eu acho que, na realidade, se perdeu o foco político da lu(ta), da luta por determinados direitos e virou um grande carnaval fora de época e um lugar de pegação e beijação*). Houve dois momentos que demonstraram as negociações de sentidos expressadas na máquina de turnos: a) no primeiro momento, o sentido em que o INT2 estava indo sofreu uma auto-interrupção como foi expresso pela pausa de dois segundos: “*até porque assim (2s)*”, logo em seguida, o interlocutor reiniciou sua comunicação fazendo uma introdução que anunciou sua nova direção: “*Discordando um pouco*” deu uma nova pause, dessa vez mais curta e expôs seu ponto de vista afirmando que os *gays* podiam se beijar.

O segundo momento de negociação foi condensado pela expressão “*existe beijos e beijos*”. Por meio dessa expressão, o INT2 criou sua coerência entre retomar crítica expressada nos turnos

anteriores sobre a “extravagância” dos homossexuais em se beijarem em público, expondo que tais beijos deveriam ser mais discretos.

Outro momento de negociação sobre a recategorização *aceitação da sociedade*, foi exibida abaixo no excerto 15.

### Excerto 15

- 1124 INT1 Eu acho o que é mais difícil é enfrentar essa própria (2s) Assim,  
1125 essa aceitação da sociedade. Entendesse/ Acho que esse é o mais  
1126 difícil. Por isso há tantas que ficam entubada, falando numa  
1127 linguagem popular, né/ Tem frustração, num tem uma vida boa,  
1128 por, por medo de falar. Mermo que num tenha o comportamento  
1129 é (..) Alegre, mas ele tem medo de falar que é gay por essa  
1130 INT3 situação. Entendesse/ De não ser aceito.  
1131 Não (2s) Assim, é, é. Pronto, esse caso que teve (..) Desse casal  
1132 que teve (..) Que uma prima mermo (..) Que adotou, engravidou.  
1133 Mailton<sup>47</sup>, ele era adjunto da Secretaria de Saúde (2s) E era todo  
1134 duro. A gente “por de baixo” \* com as mãos faz gesto de aspas \*  
1135 é que fazia: “Isso é um fran::go. Isso é uma bicha”. Mas ele  
1136 andava duro e agia como homem (..) Aí, recentemente (..)  
1137 INT5 Quando isso saiu na reportagem, a Secretaria de Saúde meteu o  
1138 pau completamente. Ele nem faz mais parte da Secretaria.  
1139 INT1 Essa questão de ser duro e mais tarde botar em público que é  
1140 INT4 gay, todo mundo aceitou.  
1141 INT1 Que nem Ricky Martin, né/  
1142 INT3 Sim.  
1143 INT1 Depois de tantos anos, [Ricky Martin...]  
1144 INT3 [Até aquele eu fazia], eu ficava viu 😊😊  
1145 INT1 Ricky Martin, até [então]  
1146 INT1 [Até eu ficava] Eu não sou saboeira<sup>48</sup> não, mas eu ficaria com  
1147 ele😊😊😊  
1148 F Aí depois de tantos anos. Já é pai, etc e tal, assume que é.  
1149 INT1 A saída, na verdade, (é) seu comportamento. Você saber o seu  
1150 limite, como ele falou. \* olhou na direção do INT4\* Saber entrar  
1151 e sair.  
1152

---

<sup>47</sup> Em 2012, Pernambuco foi o primeiro estado brasileiro a ter um Registro de Nascimento com o nome de dois homens como pais de uma criação, sendo Mailton, referência feita pelo INT3, um dos pais.

<sup>48</sup> Saboeira é um termo pejorativo para designar lésbica.

1153 E o que que é saber entrar e sair/  
 1154 INT5 É você saber falar (2s) Se você ta na sua comunidade gay, entre  
 1155 os gays, ali você pode brincar, ter a sua linguagem. Todo mundo  
 1156 ali não conhece/ Aí você ta numa sociedade, num lugar onde  
 1157 tem evangélico, católico, catimbozeiro, o que for (2s) Aí você  
 1158 vai: “Ah!”. Aí, as pessoas vão ficar: “O que é isso/” – “Não  
 1159 entendo porque fulano teve tal comportamento”. Precisa de tal  
 comportamento/  
 É difícil essa aceitação mermo. Feito ele \* olhou na direção do  
 INT4\* falou que ele era respeitado lá no trabalho com jogo.  
 Porque o pessoal conheceu ele, viu como era. Porque na cabeça  
 das pessoas é assim: “Não. Gay, se entrar numa turma de hétero,  
 é pra (..) Pegar geral”. E não é assim. O pessoal aceitou ele  
 porque viu que a realidade é diferente. E hoje, o pessoal que  
 conviveu com ele, quando vê outro na rua, tem outra  
 mentalidade.

Na linha 1.124, o INT1 expressou que a dificuldade era o homossexual ser aceito socialmente (linhas 1.124-1.129: *Eu acho o que é mais difícil é enfrentar essa própria (2s) Assim, essa aceitação da sociedade. Entendesse/ Acho que esse é o mais difícil. Por isso há tantas que ficam entubada, falando numa linguagem popular, né/ Tem frustração, num tem uma vida boa, por, por medo de falar. Mermo que num tenha o comportamento é (..) Alegre, mas ele tem medo de falar que é gay por essa situação. Entendesse/ De não ser aceito*). Ele terminou sua categorização afirmando que em decorrência dessa rejeição se produziu “as que ficam entubadas” (linhas 1.125-1.126). Aqui mais uma vez o termo fica no gênero feminino ao se referir sobre os homossexuais masculinos.

As alternâncias de turnos subsequentes foram de natureza colaborativa (linhas 1.130-1.145, dos integrantes: INT1 e INT3) sendo condensados por meio de exemplos de vida de dois indivíduos homens (um funcionário adjunto da Secretaria de Saúde e o cantor Ricky Martin <sup>49</sup>). Esses indivíduos durante um período de sua vida

---

<sup>49</sup> O cantor Ricky Martin, escreveu e publicou sua bibliografia tornando público que é homossexual (*Ricky Martin: eu*. MARTIN. Planeta, São Paulo, 2010).

permaneceram mais “entubados”/discretos e posteriormente se assumiram como homossexuais.

Vale destacar que o INT3, nas linhas 1.131-1.135, condensou um sentido de crítica ao Adjunto da Secretaria de Saúde, além de ter categorizado atitudes que constituíam o que seria um indivíduo não homossexual (*que adotou, engravidou. Mailton<sup>50</sup>, ele era adjunto da Secretaria de Saúde (2s) E era todo duro. A gente “por de baixo” \* com as mãos faz gesto de aspas \* é que fazia: “Isso é um frango. Isso é uma bicha”. Mas ele andava duro e agia como homem (..) Ai, recentemente (..) Quando isso saiu na reportagem, a Secretaria de Saúde meteu o pau completamente*). Assim, as expressões pejorativas “isso é um fran::go” com seu pronunciada enfático e com seu alongamento silábico e “isso é uma bicha” condensaram o sentido de crítica. Já as expressões “ele andava duro” e “agia como homem” condensaram o sentido de que ser homossexual não era ser duro nem ser homem.

Vejam, abaixo, como essas questões categorizadas nessa fala-em-interação do grupo focal foram condensadas com a recategorização *Nunca se vai ver uma gay pintosa um gerente de um banco*.

#### **Recategorização 4 - Nunca se vai ver uma gay pintosa um gerente de um banco.**

A recategorização *Nunca se vai ver uma gay pintosa um gerente de um banco* foi a quarta reorganização categorial ocorrida nesse grupo focal sobre a categoria **Ser pintoso**. Ela apareceu uma única vez, porém rendeu um debate longo sendo apresentado um trecho do seu jogo categorial.

#### **Excerto 16**

902 INT4 Outra coisa difícil é a a questão, assim, de emprego (2s)  
903 Geralmente uma gay muito pintosa vai ter que ser cozinheira,

---

<sup>50</sup> Em 2012, Pernambuco foi o primeiro estado brasileiro a ter um Registro de Nascimento com o nome de dois homens como pais de uma criação, sendo Mailton, referência feita pelo INT3, um dos pais.

904 cabeleireira

905 INT4 ☺☺☺☺

906 Decoradora (2s) Tem que ser assim. Nun(ca), nunca você vai ver

907 uma gay pintosa um gerente de um banco. Você não vai ver um

908 INT1 gerente de (..) do Hiper. É muito preconceito, assim, mas essa

909 questão (..) Sociedade (..)

910 INT3 Eu acho que, nos dias de hoje, as empresas tão dando mais

912 INT1 flexões. Eles pedem que preservem, né/

913 A imagem.

914 A imagem da empresa. Mas eles não ligam (2s)

915 INT5 Porque meu gerente é gay, não é pintoso, mas ele é gay. Todo

916 INT1 mundo sabe, entendeu/ A empresa tem gay que é casado,

917 INT2 entendeu/ Mas que preservam

918 INT1 Casado com outro homem?

919 INT2 Sim. Todo [mundo...]

920 INT3 [Será que ele fosse] um gerente pintoso [Ele taria]

921 INT2 [Todo mundo sabe].

922 INT3 Um funcionário pintoso (2s) Assim (..) Que andasse feito INT3,

923 INT2 por exemplo.

924 INT4 ☺☺☺ \* levantando os ombros olhando na direção do INT2 \*

925 Ele ia chegar a ser gerente de uma (..) Da empresa/

926 INT1 Acho que não. Eu acho que não

927 INT5 Tá vendo/

928 INT2 Pra entrar, e pra entrar na loja, ele não disse que era gay. Garanto

929 INT3 a você que ele não chegou: “Eu sou gay, sou casado”. Ele num

930 INT2 falou.

931 Num é preciso perguntar, não.

932 Né vida pessoal/

933 Eu acho (2s) Eu acho INT3 muito delicado, mas é algo natural

934 dele.

935 INT5 \* confirma afirmativamente com a cabeça\*

936 INT2 Mas, eu acho que, às vezes, o gay – em determinadas situações –

937 tá associado à fragilidade. E essa fragilidade, essa certa

938 INT4 “feminilidade” \*fez gesto com as mãos indicando aspas\* que o

939 INT2 homossexual pode apresentar, não é algo que o mercado de

940 trabalho quer. Ele quer algo mais robusto, algo mais, mais

941 INT5 encorpado, assim. Algo que possa peitar.

942 Ahann

943 É(2s) Eu acho que, na realidade, esses pintosos têm muito talento.

944 INT1 Eu vejo que têm muitos caras que são mais delicados, mais

945 INT4 pintosos que têm muito talento. Mas.

946 INT2 Muito talento pra trabalhar aonde/

947 INT1 Em qualquer lugar. Por exemplo, são criativos, é (2s) Por exemplo, tem muito cara vitrinista, por exemplo, que dá show montando vitrine de

Mas, mas, ele falou sobre isso \* apontou na direção do INT4\*,

assim, 2s) Se você é mais pintoso, você vai trabalhar como vitrinista (..) Num falou essa, num falou isso, mas falou outros trabalhos.

Falou decoração.

Decorador, etc.

É, por exemplo.

Cabeleireiro.

Nas linhas 902-903, o INT4 levantou a questão da dificuldade para conseguir empregos para homossexuais (*outra coisa difícil é a a questão, assim, de emprego (2s) Geralmente uma gay muito pintosa vai ter que ser cozinheira, cabeleireira*). Na linha 904 houve risos por parte dos integrantes. E nas linhas 905-907, o INT4 continuou expondo sua categorização a respeito da dificuldade de se conseguir trabalho (*Decoradora (2s) Tem que ser assim. Nun(ca), nunca você vai ver uma gay pintosa um gerente de um banco. Você não vai ver um gerente de (..) do Hiper. É muito preconceito, assim, mas essa questão (..) Sociedade (..)*). O sentido condensado para esse locutor foi que sendo um gay pintoso ele não tem muito espaço de trabalho ficando preso a certas atividades laborais tais como “cozinheira, cabeleireira, decoradora”.

Interessante perceber que quando o INT4 se referiu aos gays pintosos, ele os categorizou no gênero feminino: “*uma gay muito pintosa*”, “*nunca você vai ver uma gay pintosa ser um gerente de banco*”, assim como também se referiu às profissões para as “*gays pintosas*” todas no feminino, já expostas anteriormente. Ele ainda fez uma ligação entre o sujeito da frase no feminino (as gays) e seu complemento no masculino (ser um gerente de banco ou de supermercado).

O INT1 contestou as categorizações do INT4 sobre emprego e homossexuais pintosos (linhas 908-909: *Eu acho que, nos dias de hoje, as empresas tão dando mais flexões. Eles pedem que preservem, né;/ A imagem da empresa. Mas eles não ligam (2s);Porque meu gerente é gay, não é pintoso, mas ele é gay. Todo mundo sabe, entendeu/ A empresa tem gay que é casado, entendeu/ Mas que preservam*). No entanto, o INT2 se agarrou na questão exposta pelo

INT1 sobre seu gerente não ser pintoso para questionar sua locução. Ao questionar o INT1, o INT2 focou nos sentidos expostos nos turnos anteriores (linhas 908-909, 911-914) condensados pelo INT4 realizando uma colaboração em que concordou com a dificuldade de se conseguir emprego sendo *gay* pintoso.

A partir deste ponto, entre os INT1 e INT2 houve sobreposição de turnos para cada referido membro conseguir tomar o turno de fala (linhas 916-918: *Sim. Todo [mundo...];[Será que ele fosse] um gerente pintoso [Ele taria];[Todo mundo sabe]*. O INT2 tomou o turno de fala e teve troca de turnos colaborativos com INT3 (linhas 920 e 922). Essa movimentação categorial pôde ser percebida nas linhas 919-923 (*Um funcionário pintoso (2s) Assim (..) Que andasse feito INT3, por exemplo; INT3 ☺☺☺ \* levantando os ombros olhando na direção do INT2 \*; Ele ia chegar a ser gerente de uma (..) Da empresa/; Acho que não. Eu acho que não; Tá vendo/*). Vale destacar que na linha 923, o INT2 concluiu a negociação categorial com a expressão: “Tá vendo/”, logo em seguida ao turno colaborativo (INT3, linha 922) em que houve a repetição da expressão “*Acho que não. Eu acho que não*”. Nas linhas 924-925, o INT4 fez mais uma troca de turnos colaborativa com o INT2 (*Pra entrar, e pra entrar na loja, ele não disse que era gay. Garanto a você que ele não chegou: “Eu sou gay, sou casado”.* *Ele num falo*).

Nesse jogo categorial, o INT1, na linha 926, expressou certo desacordo em apenas uma frase: “*Num é preciso perguntar, não*”. Na linha 927, houve uma troca de turno colaborativa com o INT5: “*Né vida pessoal/*”, mas também de uma forma que não reverberou no grupo, pois não foi considerado as colocações do INT1 e do INT5 nos turnos posteriores. Assim, o INT2 voltou a assumir a direção da condensação de sentido desviando o foco das locuções dos INT1 e INT5 para a questão da delicadeza do INT3 (linha 928: *Eu acho (2s) Eu acho INT3 muito delicado, mas é algo natural dele*). Novamente houve um turno colaborativo do INT3 com expressão extralinguística (linha 929: *\* confirma afirmativamente com a cabeça\**).

O INT2 continuou focando na categorização dos *gays* pintosos (linhas 930-934: *Mas, eu acho que, às vezes, o gay – em determinadas situações – tá associado à fragilidade. E essa fragilidade, essa certa “feminilidade” \*fez gesto com as mãos indicando aspás\* que o homossexual pode apresentar, não é algo que o mercado de trabalho quer. Ele quer algo mais robusto, algo mais, mais encorpado, assim. Algo que possa peitar*) recebendo um turno colaborativo do próprio INT5 que anteriormente havia se colocado a favor do INT1 (linha 935: *Ahann*). Após o turno do INT5, o INT2 seguiu seu curso categorial focando na questão dos *gays* pintosos e sua empregabilidade.

A recategorização *Gay como palhaço* foi a última recategorização da categoria Ser pintoso.

### **Recategorização 5 - Gay como palhaço**

A recategorização *Gay como palhaço* foi condensada quatro vezes no decorrer do processo interação do grupo focal.

#### **Excerto 17**

1505	INT1	fez o maior sucesso, o Crô. A novela virou mania, saiu na revista...
1506	INT2	
1507		Ele era divertido, na realidade. É porque a sociedade acostumou a (...)
1508	INT3	a (...) Se acostumou a ver o gay como um ser 2s
1509	INT2	Palhaço.
1510		Palhaço, um bobo da corte pra diversão da, da grande massa. E
1511		aí, quando, muitas vezes, você tem uma postura mais masculina,
1512	INT3	e o pessoal sabe que você é gay, o pessoal quer chamar você pra
1513	INT4	dar pinta. Quer chamar você pra festa pra dar pinta.
1514	INT4	*balançou afirmativamente a cabeça *
1515		Eu acho.
1516		É (s2) Na novela Insensato Coração se mostrou a relação de um
1517		cara que tava se descobrindo gay, que era o filho da dona da
1518	INT3	barraquinha de coco, com o professor universitário. E aí, assim:
1519	INT2	Tá, teve um destaque, mas não foi aquele destaque que o Crô
1520		teve. Porque o Crô era algo mais assim, é (2s)
1521	INT4	Cômico.
1522	INT2	É, mais cômico, tinha é (2s) Ele era pintando com tintas mais
1523		fortes. Não teve tanto destaque quanto aquela relação (...)
1524		Eu acho que isso é ruim pro gay. Eu acho ruim.

1525 &Porque, enquanto o outro casal que tava tentando se, tava  
1526 tentando se mostrar as dificuldades do “se aceitar” como gay,  
1527 INT4 encarar a relação (..) O carinho (..) Com outro. O carinho com o  
1528 INT2 outro, que era o universitário, o outro já foi super aceito por que  
1529 andava espalhafatoso, com roupa muito colorida. Quando, na  
1530 realidade (..) E era humilhado também.  
1531 INT1 Era humilhado pela patroa. \*balançando a cabeça  
1532 afirmativamente\*  
1533 E na realidade, acaba é (..) Inconscientemen(te) (..) Num sei.  
1534 INT5 Talvez, na minha opinião, acaba se, inconscientemente, criando  
1535 uma ideia de que todo gay, pra ser aceito, precisa ser um pouco  
1536 de Crô, precisa ser um pouco de Vera Verão.  
1537 INT4 O que eu percebi, foi só que eles forçaram muito só a imagem é  
1538 (..) Cômica dele, da, do personagem. E toda aquela bajulação e  
1539 INT1 toda aquelas frases que era dita, mais pra essa parte mermo. Só  
1540 quis ser engraçado.  
1541 E isso não seria uma coisa ruim. Seria ruim se (..) Como é que  
1542 eu posso colocar/ Se ele tivesse fazendo pegação geral, tal. Aí, ia  
1543 forçar mais isso na mente da sociedade: “Ó, então realmente é  
1544 assim que (..) Que eles agem, que eles vivem”.  
1545 Mas eu acho que foi isso que INT2 quis dizer aqui, né/ Que,  
1546 fazendo isso, o gay só pode ser assim. Mas aí, quando as novelas  
1547 [colocam]  
1548 [EU ACho assim]: O gay, ele é pintoso pra que/ Por quê/ Pra ser  
1549 INT5 igual a uma mulher/ Ou pra ser delicado/ Entendeu/ Aí, aquela  
1550 INT3 coisa: o homem, o gay tem que ser todo pintoso/ Porque é gay/  
1551 Ou tem que ter o comportamento normal dele, de hétero/ Às  
1552 vezes porque ele é pintoso/ Pra que/ Pra aparecer/ Ou ser mais  
1553 INT4 delicado/ Ou ser uma mulher/ Dizer assim, é a delicadeza de  
1554 INT3 uma mulher. Pra que ele é pintoso/ Entendeu/ Aí, eu faço essa  
1555 pergunta. Ou ta naquela: “Todo gay tem que ser pintoso/”  
Porque ele é pintoso/ Porque INT3 tem, é (..) Assim: Porque ele  
quer ser uma mulher/ Ou porque ele é delicado normal/ Se ele  
for delicado pela natureza dele, pelo jeito dele, positivo. É o  
jeito dele. Entendeu/ Agora, se ele for querer ser uma mulher, aí  
vem a questão do preconceito. Porque ele quer ser uma mulher.  
Entendeu/  
E isso a sociedade não aceita. Tá errado.  
Muitos, eu já... Assim, muitas pessoas faz essa pergunta: “Por  
que tu não faz a cirurgia e tora mermo/” aí eu digo: Pra que/ Se  
todos vão pra cama comigo sabendo que eu tenho/ Pra que eu  
sem ele/ Qual a diferença/ Vai mudar o que em mim/  
E, às vezes, pede pra usar.  
É, que aí eu jogo pedra.  
☺☺☺☺

Emergiu na fala do INT1, na linha 1.505, o personagem Crô que fez muito sucesso na telenovela *Fina Estampa* (Rede Globo, 2012). No turno seguinte, o INT2, a partir do turno anterior, condensou o sentido de gay como palhaço (linhas 1.506-1.507: *Ele era divertido, na realidade. É porque a sociedade acostumou a (...) Se acostumou a ver o gay como um ser (2s)*). O INT3 (linha 1.508) assumiu um turno colaborativo com o turno do INT2 ao ter-lhe fornecido o complemento da condensação com o termo palhaço.

O INT2 retornou ao turno de fala logo após o turno do INT3. Nesse retorno, ele focou ainda mais na sua categorização do gay como palhaço (linhas 1.509-1.511: *palhaço, um bobo da corte pra diversão da, da grande massa. E aí, quando, muitas vezes, você tem uma postura mais masculina, e o pessoal sabe que você é gay, o pessoal quer chamar você pra dar pinta. Quer chamar você pra festa pra dar pinta*).

No turno posterior (linha 1.512), o INT3, mais uma vez, colaborou balançando a cabeça afirmativamente (recursos extralinguístico) com o turno do IINT2. Seguindo no mesmo sentido, o INT4 anunciou sua locução colaborativa com o INT2 (linha 1.513) e logo em seguida, continuou sua colaboração nas linhas 1.514-1.517 (*É (2s) na novela Insensato Coração se mostrou a relação de um cara que tava se descobrindo gay, que era o filho da dona da barraquinha de coco, com o professor universitário. E aí, assim: Tá, teve um destaque, mas não foi aquele destaque que o Crô teve. Porque o Crô era algo mais assim, é (2s)*).

Ao ter percebido a pausa (2s) no turno do INT4, o INT3 colaborou complementando o sentido do turno adjacente com o termo: “cômico” (linha. 1.518). Nesse movimento colaborativo, O INT2 retornou com seu turno de fala sublinhando a locução do INT4 (linhas 1.519-1.520). No turno seguinte, o INT4 condensou como ruim o que estava em foco (linha 1.521: *Eu acho que isso é ruim pro gay. Eu acho ruim*). O INT2 retomou seu turno imediatamente a fala do INT4 enfocando a mesma categoria de *Gay como palhaço* (linhas 1.522-

1526). No próximo turno, houve o retorno colaborativo do INT4 com marcadores lingüísticos e extralingüístico (linha 1.527).

Nessa dinâmica, o INT2 prosseguiu na sustentação do processo categorial sobre o *Gay como palhaço* (linhas 1.528-1.530: *E na realidade, acaba é (...) Inconscientemen(te) (...) Num sei. Talvez, na minha opinião, acaba se, inconscientemente, criando uma ideia de que todo gay, pra ser aceito, precisa ser um pouco de Crô, precisa ser um pouco de Vera Verão*).

Na linha 1.530, houve o retorno de certa disputa de sentidos entre o INT2 e INT1, como exposto na recategorização anterior. Tal disputa categorial deu-se em relação à crítica *gay como palhaço* – exposta e apoiada, até então, pelos locutores do grupo focal – e um enfoque apenas do humor como diversão (linhas 1.531-1.533: *O que eu percebi, foi só que eles forçaram muito só a imagem é (...) Cômica dele, da, do personagem. E toda aquela bajulação e toda aquelas frases que era dita, mais pra essa parte mermo. Só quis ser engraçado*). Nas linhas 1.534-1.536, O INT5 assumiu seu turno de fala em apoio ao sentido categorizado pelo locutor do turno anterior (INT1) (*E isso não seria uma coisa ruim. Seria ruim se (...) Como é que eu posso colocar/ Se ele tivesse fazendo pegação geral, tal. Aí, ia forçar mais isso na mente da sociedade: “Ó, então realmente é assim que (...) Que eles agem, que eles vivem”*).

Entretanto, o INT4 ponderou sobre as colocações expostas pelo INT5, demonstrando concordância com o INT2 (linhas 1.537-1.538: *Mas eu acho que foi isso que INT2 quis dizer aqui, né/ Que, fazendo isso, o gay só pode ser assim. Mas aí, quando as novelas [colocam]*).

O INT1 tomou a fala por meio de uma sobreposição de turnos com o INT4 (linha 1.539-1.541: *[EU ACho assim]: O gay, ele é pintoso pra que/ Por quê/ Pra ser igual a uma mulher/ Ou pra ser delicado/ Entendeu/ Aí, aquela coisa: o homem, o gay tem que ser todo pintoso/ Porque é gay*). Essa sobreposição foi marcada pelo aumento do tom da voz no início da frase na linha 1.539.

Ao ter o turno de fala, o INT1 realizou uma recategorização em relação ao termo *pintoso* (linhas 1.545-1548: *é pintoso/ Porque INT3 tem, é (..) Assim: Porque ele quer ser uma mulher/ Ou porque ele é delicado normal/ Se ele for delicado pela natureza dele, pelo jeito dele, positivo. É o jeito dele. Entendeu/ Agora, se ele for querer ser uma mulher, aí vem a questão do preconceito. Porque ele quer ser uma mulher. Entendeu/*). Sua condensação de sentido foi direcionada à recategorização *gay como palhaço* relacionando a ela a questão do “*delicado como normal*” “ou “*delicado pela natureza dele*”. O INT5 assumiu o turno posterior de forma colaborativa em relação à recategorização proposta pelo INT1.

A dispersão da disputa entre os sentidos expostos pelo INT2 e pelo INT1 veio como decorrência do turno do INT3. No turno seguinte, o INT3 se posiciona em relação ao fato dele ter sido categorizado como *pintoso* (heterocategorização e autocategorização) (linhas 1.550-1.552: *Muitos, eu já... Assim, muitas pessoas faz essa pergunta: “Por que tu não faz a cirurgia e tora mermo/” aí eu digo: Pra que/ Se todos vão pra cama comigo sabendo que eu tenho/ Pra que eu sem ele/ Qual a diferença/ Vai mudar o que em mim/*). O INT4 fez um turno colaborativo, porém foi retrucado pelo INT3 (INT4, linha 1.553: *E, às vezes, pede pra usar; INT3, linha 1.554: É, que aí eu jogo pedra*). O término desse excerto sobre a recategorização *Gay como palhaço* terminou com risos (linha 1.550) entre os locutores do grupo focal.

Dessa maneira, a dinâmica descrita sobre a categoria **Ser pintoso** e suas cinco recategorizações: a) *ser mais mulher do que minha mãe*, b) *Hoje em dia tá acontecendo de tudo*, c) *A aceitação da sociedade*, d) *Nunca você vai ver uma gay pintosa um gerente de banco*, e e) *Gay como palhaço* foram construídos, negociados, rejeitados e reorientados via a sequencialidade e temporalidade da máquina de turnos dessa fala-em-interação. Vejamos a seguir como esse processo aconteceu com a categoria **Mulher no corpo de um homem ou um homem no corpo de uma mulher** e suas recategorizações.

#### CATEGORIA 4 - MULHER NO CORPO DE UM HOMEM OU UM HOMEM NO CORPO DE UMA MULHER

A categoria **Mulher no corpo de um homem ou um homem no corpo de uma mulher** foi recategorizada em duas categorias a) *Ela não é nem homem nem mulher* e b) *Também isso é estranho*. A seguir, no excerto 18, descrevemos o momento da condensação de sentido interacional sobre a quarta categoria.

#### Excerto 18

- 651 INT2 A maioria das travestis (..) elas são mais ativas do que passivas,  
652 Oxi/ Vários homens casados com mulheres que saem com as  
653 travestis são pra serem passivos. E as travestis de peito (..) De pau  
654 INT1 comeram (..) Comer eles.  
655 INT3 É bem complicado de se entender, né/  
656 INT4 Chocan::te.  
657 Que acaba virando uma questão de fetiche também, né/ O homem  
658 quer tá com uma mulher e quer sentir a penetração também. E  
659 INT1 acaba virando fetiche. Porque a única pessoa que pode fazer isso  
660 é uma travesti que tenha peito, cabelão, num sei que, pra poder ter  
a penetração.  
É, a mulher no corpo de um homem ou um homem no corpo de  
uma mulher. Dificil até dizer isso, né/ (xxxxl).

Nas linhas 651-653, o INT2 expôs que as travestis saiam com homens casados que desempenhavam papel de passivo no intercuro sexual. Nos próximos turnos (linha 654 e 655) os interlocutores INT1 e INT3 – com prolongamento silábico –, respectivamente (*É bem complicado de se entender, né/; Chocan::te*), posicionaram-se indicando suas dificuldades em entender as atividades sexuais emergidas nos turnos anteriores. Na fala do INT3 houve um prolongamento silábico no adjetivo “chocante”.

Nas linhas 656-658, o INT4 produziu sua locução explicando o que INT2 havia dito nos turnos anteriormente (*Que acaba virando uma questão de fetiche também, né/ O homem quer tá com uma mulher e quer sentir a penetração também. E acaba virando fetiche. Porque a única pessoa que pode fazer isso é uma travesti que tenha*

*peito, cabelão, num sei que, pra poder ter a penetração*). Continuando na mesma esteira de sentidos do INT4, o INT1 condensou o sentido sobre os turnos anteriores, dando título à última categoria engendrada nesse grupo focal (linhas 659-660: *É, a mulher no corpo de um homem ou um homem no corpo de uma mulher. Difícil até dizer isso, né/ (xxxxl)*). Vale ressaltar que apesar do sentido ter surgido nesse momento, ele só foi abordando com maior ênfase no final da fala-em-interação desse grupo focal.

### **Recategorização 1 - Ela não é nem homem nem mulher**

*Ela não é nem homem nem mulher* foi a segunda recategorização da categoria **Mulher no corpo de um homem ou um homem no corpo de uma mulher**. Abaixo, expusemos o processo dadinâmica sobre a referida recategorização. Tal exposição aconteceu por meio da máquina de turnos produzida via interação dos homossexuais de camada popular.

#### **Excerto 19**

1302	F	Vocês, vocês já se agarraram, ou já ficaram,ou agarrariam uma
1303	INT3	travesti/
1304	INT1	Eu não.
1305	INT5	Não.
1306	INT2	*Fez careta e gesto negativo com a cabeça indicando negação*
1307	INT4	Já passou pela minha cabeça (2s)
1308	INT3	Unhum ☺
1309		Tu é eita, confusa, visse/
1310	INT3	☺☺☺☺☺
1311		Tu é confusa, visse/
1312	INT2	☺☺☺
1313	INT4	Já passou, já passou pela minha cabeça ☺☺. Mas, na realidade,
1314	INT2	não é (..)
1315	INT3	Às vezes num é confusa, é curiosa.
1316		É::/ Passou, assim, pela minha cabeça [alguma coisa acontecer]
1317		[Mas ela já quer pegar] um sapatão, já tá com travesti... Daqui a
1318		pouco ela vai ficar com uma pintosa * bate as mãos *. Daqui a
1319	INT2	pouco ela vai começar a comer os amigos também. Peraí INT2
1320		*falou no diminutivo* , ta bom\
1321	INT3	☺☺☺☺
1322		Mas assim, eu, o que me chama atenção é um cara mais

1323 masculino. Independente do que ele seja na hora H.  
 1324  
 1325 INT3 EU PEGAR TRAVESTIS/ \*balanço a cabeça negativamente\*  
 1326 DE JEITO nenhum.  
 1327 F Ela vai ser mais mulé do que eu. Eu vou (..) Sair nós duas, eu  
 1328 INT3 vou fazer “me empresta teu *gloss* aí, bonita”.  
 1329 ☺☺☺☺  
 1330 INT1 E é diferente quando eu tô, justamente, com meus héteros, né/  
 1331 Meus cafuçus, meus marvan (..) Da veia, nos pagode, a mulé do  
 1332 INT1 jogo sou eu.  
 1333 Marvan/  
 Marginal  
 ☺☺☺☺  
 Eu acho muito vulgar as travestis. Elas dão a elza. São tudo  
 ladrona.  
 ☺☺☺  
 Deu vacilo, oi (..)  
 ☺☺☺

O F fez uma pergunta provocativa ao debate no grupo focal sobre quem teria ficado ou namorado com uma travesti. As repostas surgiram entre as linhas 1.302 e 1.313, sendo a sua grande maioria mostrando uma rejeição só em pensar nessa possibilidade. O INT2, mais uma vez, diferenciou-se dos sentidos negativos proferidos pelos INT3, INT1 e INT5, respectivamente, sobre a referida questão.

O INT2, na linha 1.306 ao dizer: “*Já passou pela minha cabeça (2s)*” provocou críticas por parte de alguns integrantes do grupo: o INT4, na linha 1.307 pronunciou apenas “ahann” com um riso no final; e o INT3 categorizou o INT2 como sendo “confusa”, linha 1.308 (*Tu é eita, confusa, visse/*) Logo em seguida ao seu turno, na linha 1.309 houve risos dos integrantes do grupo.

O INT3 repete a mesma fala no turno posterior aos risos (linha 1.310) e novamente, na linha 1.311 mais risos foram realizados. O que fez o INT2 tentar explicar algo sobre sua locução anterior, após repetir a sua primeira frase (linha 1.312 *Já passou, já passou pela minha cabeça ☺☺. Mas, na realidade, não é (..)*). Sua fala foi interrompida, pelo turno explicativo do INT4 sobre o posicionamento do INT2 respondendo ao INT3 (linha 1.313: *Às vezes num é confusa, é curiosa*). Vale destacar que tanto o os turnos do INT3 como a resposta

do INT4 sobre a locução do INT2 usam o gênero feminino para se referirem ao INT2.

A locução repetitiva do INT2 foi interrompida pela sobreposição e tomada de turno do INT3 (INT2, linha 1.314: *É::/ Passou, assim, pela minha cabeça [alguma coisa acontecer]* e INT3, linhas 1.315-1.317: *[Mas ela já quer pegar] um sapatão, já tá com travesti... Daqui a pouco ela vai ficar com uma pintosa \*bate as mãos\*. Daqui a pouco ela vai começar a comer os amigos também. Peraí INT2 \*falou no diminutivo\*, ta bom\).* O INT3 tomou o turno e seguiu avaliado negativamente o posicionamento do INT2 nos turnos anteriores. O INT3 retomou que o INT2 anteriormente tinha mencionado que ficaria com uma lésbica, e, naquele momento, estava assumindo que ficaria com uma travesti. Após esse tornou argumentativo da fala do INT2, o INT3 expressou que faltava apenas, em uma escala crescente negativa, ficar com uma pintosa e por último “*comer os amigos*”.

As categorizações acima provocaram mais risos (linha 1.318) nos integrantes, e tal contexto fez com que o INT2 logo no turno seguinte aos risos produzisse uma justificativa deixando claro que ele sente desejo mesmo por um “cara mais masculino” (linhas 1.319-1.320: *Mas assim, eu, o que me chama atenção é um cara mais masculino. Independente do que ele seja na hora H).*

Entre as linhas 1.321 e 1.333, os INT3 e INT1 expuseram seus valores na explicação porque não saiam com travestis. O INT3 alegou que não sairia com outra mulher feito ela (linhas 1.321-1.323: *EU PEGAR TRAVESTIS/ \*balanço a cabeça negativamente\* DE JEITO nenhum. Ela vai ser mais mulé do que eu. Eu vou (..) Sair nós duas, eu vou fazer “me empresta teu gloss aí, bonita”;* e 1.325-1.326: *E é diferente quando eu tô, justamente, com meus héteros, né/ Meus cafuços, meus marvan (..) Da veia, nos pagode, a mulé do jogo sou eu).* É importante mencionar que o INT3 heterocategorizou as travestis como mulher e se autocategorizou também como mulher. Tais categorizações indicaram que a categoria mulher se adapta dependendo do contexto em que ela está sendo produzida.

Já o INT1 expôs nas linhas: 1.330 e 1.332 que as travestis são ladronas e usou o advérbio “muito” para intensificar o sentido de vulgar (*Eu acho muito vulgar as travestis. Elas dão a elza. São tudo ladrona*). O excerto acabou em risos.

O excerto 20 condensou o sentido sobre as noções de homem e mulher a partir das discussões sobre as travestis fornecendo, dessa maneira, o nome da recategorização descrita e analisada aqui.

## Excerto 20

1341 INT1 É porque a travesti (..) Toda maneira (2s) ela num é nem homem  
 1342 nem mulher, é um ser ali no meio. Entendeu/ Você não  
 1343 consegue (2s) Ou você quer (..) Aquela coisa: você sabe o que  
 1344 você quer, você sabe o que você procura. Ou você quer um  
 1345 homem másculo, ou você quer uma pintosa, vamo dizer assim.  
 1346 Mas o (2s) O travesti, eu vejo, na minha opinião, assim, nem é  
 1347 homem nem é mulher, é um ser ali que tá entre os dois.  
 1348 INT2 Entendeu/ eu acho ruim. Eu não consigo identificar, dizer o que  
 1349 INT1 ela é. Entendeu/ O sentimento que ela vai passar pra mim será  
 1350 de homem ou de mulher/  
 1351 E se for operada/  
 1352 Aí já é outra coisa. Aí já é uma mulher mermo, né/ O corpo é  
 1353 mulher, mas a mente/ Entendeu/ O que faz a gente é o que/ É a  
 1354 mente. Cada um expressou aqui sua opinião. Mas o  
 1355 INT2 comportamento diz o que você pensa/ Não. O que faz é a mente,  
 1356 INT1 Mermo. Eu não ficaria de forma alguma. Nem homem nem é  
 1357 mulher. Se eu quisesse uma mulher, eu procuraria uma mulher  
 1358 de verdade, e como homem, eu gosto de homem que  
 1359 E o que é ser mulher de verdade/  
 1360 INT5 &Porque o travesti, ele num tem um toque de uma mulher. Eu  
 1361 INT1 acho, né/ Porque eu nunca fiz contato com um travesti. Mas, é  
 1362 diferente (..) A atitude dela, de uma mulher (xxxx) Você tá  
 1363 vendo uma mulher, e quando tira, o negócio tá no meio das  
 1364 perna. Não. Pára. Tem lógica não.  
 Pára ☺☺☺☺  
 É melhor pegar uma mulher, mermo. O bom é o cheiro do  
 homem, né/ Você pegar e ver aquele (2s) Aquela coisa, né/ É,  
 tem umas (..) “Oxi, que é isso aí/” Não. É melhor pegar uma  
 mulher.  
 ☺☺☺☺

No excerto 20, seguiu-se produzindo noções sobre as travestis, no entanto quem dominou essas produções de sentido nas linhas

1.341-1.364 foi o INT1 via turnos de fala (linhas 1.341-1.347; 1.349-1.354; 1.356-1.359 e 1.361-1.362). No primeiro conjunto de linhas (1.341-1.347) veio sua indignação por meio dos sentidos de abjeção sobre as travestis por não serem nem homem nem mulher: *É porque a travesti (...) Toda maneira (2s) ela num é nem homem nem mulher, é um ser ali no meio. Entendeu/ Você não consegue (2s) Ou você quer (...) Aquela coisa: você sabe o que você quer, você sabe o que você procura. Ou você quer um homem másculo, ou você quer uma pintosa, vamo dizer assim. Mas o (2s) O travesti, eu vejo, na minha opinião, assim, nem é homem nem é mulher, é um ser ali que tá entre os dois. Entendeu/ eu acho ruim. Eu não consigo identificar, dizer o que ela é. Entendeu/ O sentimento que ela vai passar pra mim será de homem ou de mulher/*. Os turnos do INT1 foram longos, quase sem interrupções ou tentativas de tomadas de turnos. Importante sublinhar que na linha 1.344, esse interlocutor categorizou o gênero no feminino para se referiu a homossexuais masculinos “afeminados”: “*você quer uma pintosa*”

Os outros integrantes do grupo focal participaram com turnos curtos, todos com extensão de apenas uma linha. O único interlocutor que tentou romper o fluxo do INT, realizando uma tomada de turno, foi INT2 (linhas: 1.348: *E se for operada;/* 1.355: *E o que é ser mulher de verdade/*).

Essa última locução, da tomada de turno, veio em decorrência da categorização do INT1 sobre “mulher de verdade” (linhas 1.352-1.354: *...Eu não ficaria de forma alguma. Nem homem nem é mulher. Se eu quisesse uma mulher, eu procuraria uma mulher de verdade, e como homem, eu gosto de homem que*). Vale destacar ainda a ênfase dada na expressão “*de forma alguma*” utilizada para marcar bem qual era seu posicionamento

Outro interlocutor que participou desse excerto foi o INT5. Esse realizou turno colaborativo com o INT1 na linha 1.360: *Pára ☺☺☺☺*. Dessa maneira, nesse excerto, o INT1 teve seu sentido aceito como o sentido principal para os integrantes do grupo focal e mais uma vez se terminou em risos (linha 1.364).

A seguir enfocaremos a recategorização *Também isso é estranho* pertencente à categoria **Mulher no corpo de um homem ou um homem no corpo de uma mulher**.

## Recategorização 2 - Também isso é estranho.

A recategorização *Também isso é estranho* foi a última a ser realizada da categoria **Mulher no corpo de um homem ou um homem no corpo de uma mulher** e da fala-em-interação do grupo focal com homossexuais masculinos de camada popular.

### Excerto 21

- 1430 F Vocês pegariam/ Ou ficariam com um transexual/  
1431 INT5 Também isso é estranho.  
1432 INT1 JAMAIS eu pegaria. Não que eu tenha medo, mas (..)  
1433 INT2 Eu acho, eu acho que eu pegaria.  
1434 ☺☺☺☺  
1435 INT2 Porque tem aparência masculina.  
1436 INT4 INT2 ta pegando até defunto, minha gente. ☺☺☺ (xxxx)  
1437 INT2 Porque (..) Lógico, o prazer sexual com o pênis é, é legal, é gostoso. Mas (2s) Num sei. Pra mim, eu me apaixono muito mais, às vezes, pela pessoa e pelo que ela é, pelo que ela faz, às  
1440 INT4 vezes, do que pelo sexo. O sexo é gostoso  
1441 INT2 Unhum.  
1442 &Mas (..) É (..) Hoje, atualmente (..) Há dez anos atrás, seria diferente. Mas eu me apaixono muito mais, assim, pelo, pelo físico da pessoa, pelo estereótipo, pela maneira de tratar, do que  
1444 pelo sexo. O sexo é gostoso, é um complemento, mas ele não é o  
1445 INT1 cem por cento.  
1446 INT2  
1447 INT3 Esse trans homem. Ah, não. Não \*expressão de desânimo\*  
1448 INT4 É todo masculino, parece (2s) É um menino.  
1449 INT1 Eu continuo com aquela mesma opinião. Entendesse/  
1450 No caso não é um trans, ela é um travesti homem. Transexual é quando é operado.  
1451  
1452 Você já sabe quem você ta querendo, né/  
1453 INT3 Já/ (xxxx) é uma só. Entendesse/ Chegar, chegar na hora, aí tu  
1454 INT1 vê aquele boy gostoso, de barba. Você ta lá naquele amasso e  
1455 INT4 tal. Você fica excitado, você bota a mão e (2s)  
1456 ☺☺☺☺  
1457 Aí você: “Ãhn/” “Ãhn/ Peraí/ O que é que isso/”  
1458 INT1 Só de botar a mão você já sente, né/ “Qual é o tamanho, hein/” – “Zero”.

Você bota logo a mão e já sabe. A gente com essa mania de pegar logo pra saber se é (2s) Se a mala é boa (..) Se a mala for ruim, eu despacho. Quero não.

☺☺☺☺

Oxi/

Sobre as categorizações em relação à transexualidade, os integrantes: INT5 (linha: 1.431); INT1 (linhas: 1.432, 1.445, 1.449, 1.454 e 1.458); INT4 (linhas: 1.436, 1.440, 1.448 e 1.455); e INT3 (linhas: 1.447 e 1.453) condensaram sentidos em objeção a ficar com um transexual. O único que produziu sentido contrário foi o INT2.

O INT2 anunciou categorização na linha 1.433: “*Eu acho, eu acho que eu pegaria*”. No turno posterior, houve risos sobre a sua locução. Após os risos, o INT2 fez sua primeira justificativa na linha 1.435: “*Porque tem aparência masculina*”. Na linha 1.436, o INT4 desaprovou o INT2 por meio de deboche caracterizado pelo riso no final da frase: “*INT2 tá pegando até defunto, minha gente. ☺☺☺ (xxxx)*”.

É importante destacar que o INT4 categorizou o transexual como sendo “defunto” (linha 1.436) e posteriormente como “travesti homem”, na linha 1.448: “*No caso não é um trans, ela é um travesti homem. Transexual é quando é operado*”.

Nas linhas 1.437-1.439, o INT2 construiu sua segunda justificativa (*Porque (..) Lógico, o prazer sexual com o pênis é, é legal, é gostoso. Mas (2s) Num sei. Pra mim, eu me apaixono muito mais, às vezes, pela pessoa e pelo que ela é, pelo que ela faz, às vezes, do que pelo sexo. O sexo é gostoso*).

Seu turno foi tomado pelo INT4, sendo retornado logo após a locução do referido integrante (linhas 1.441-1.444: *&Mas (..) É (..) Hoje, atualmente (..) Há dez anos atrás, seria diferente. Mas eu me apaixono muito mais, assim, pelo, pelo físico da pessoa, pelo estereótipo, pela maneira de tratar, do que pelo sexo. O sexo é gostoso, é um complemento, mas ele não é o cem por cento*). Houve ainda uma última vez em que o INT2 buscou justificar sua posição (linha 1.446: *É todo masculino, parece (2s) É um menino*). Entretanto,

essa justificativa não convenceu os outros integrantes. O INT2 ficou isolado e quase sempre quando falava logo em seguida havia turnos de riso.

#### → CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE AS CATEGORIAS CONDENSADAS

Ao final da análise realizada da discussão no grupo focal existem alguns aspectos interessantes a serem destacados:

→ O desenvolvimento sequencial da interação exibiu os procedimentos dos participantes ao introduzirem um primeiro tópico; ao se identificarem e identificar os outros; ao organizarem e coordenarem mutuamente os direitos à palavra e, finalmente, ao projetarem expectativas normativas à fase seguinte da atividade.

→ A alternância de turnos revelaram momentos de seleção de categorias para descrever os participantes (auto-categorização, ou hetero-categorização); para se referir ao Programa Papeiro da Cinderela, de forma mais específica às paródias implicadas nos quadros do programa e, finalmente também observamos um fluxo contínuo de recategorizações sobre as categorias selecionadas. Ou seja, as categorias selecionadas no início da atividade foram submetidas a transformações no curso da interação a partir das intervenções dos participantes.

→ O tópico central da discussão foi **Homossexualidades e o mundo parodiado. Desse tópico foram surgindo, em decorrência das alternâncias de turnos, várias categorias** que constituíram o processo de condensação dos sentidos sobre os pares categoriais dicotômicos sobre sexo, gênero e sexualidade.

→ Ainda é interessante pontuar que em toda a sequencialidade/temporalidade da fala-em-interação identificamos o uso de jargões e expressões que são identificadas como pertencentes ao mundo *gay* e a camada popular.

### **4.3 REPRODUÇÃO E DESESTABILIZAÇÃO DOS PARES CATEGORIAIS**

A partir das identificações descritas no capítulo anterior, passamos ao nosso próximo objetivo de identificar de que forma os pares categoriais macho-fêmea (sexo); homem-mulher (gênero); heterossexual-homossexual (sexualidade) foram reproduzidos ou desestabilizados via paródias.

Em decorrência do contexto acima mencionado, efetuamos uma nova seleção sublinhando: a) Aspectos que reforçaram os referidos pares categoriais de macho-fêmea; homem-mulher; heterossexual-homossexual; e b) Aspectos que desestabilizaram os referidos pares.

Essa nova seleção resultou em seis categorias analíticas mais representativas do processo categorial a partir de um contexto paródico: (A) duas vinculadas a reprodução dos pares categoriais dicotômicos 1) Heteronormatividade: “normalidade-anormalidade” e 2) Abjeção ais dicotômicos; e (B) quatro relacionadas aos aspectos que desestabilizaram esses pares: 1) Desejo como transgressão da heterossexualidade compulsória e normativa; 2) Paródia: utilização do gênero gramatical feminino no lugar do masculino; 3) Ficção das categorias dicotômicas e 4) Paródia: o corpo como ambivalência.

Com a finalidade de fornecer uma melhor visibilidade desse processo categorial reproduzimos abaixo tabelas que resumem essa dinâmica.

Categoria	Recategorizações	Categorias dicotômicas: macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual	
		Aspectos que reforçaram os pares categoriais	Aspectos que desestabilizaram os pares categoriais
<b>1. A vida como ela é</b>	O boyzinho... de camisa azul	1.Heteronormatividade: “normalidade-anormalidade”	1.Desejo como transgressão da heterossexualidade compulsória e normativa

<b>Categoria</b>	<b>Recategorizações</b>	<b>Categorias dicotômicas: macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual</b>	
		<b>Aspectos que reforçaram os pares categoriais</b>	<b>Aspectos que desestabilizaram os pares categoriais</b>
<b>2. Programas de humor</b>	b)Matação Brincadeira	-	1.Paródia: utilização do gênero gramatical feminino no lugar do masculino
<b>Categoria</b>	<b>Recategorizações</b>	<b>Categorias dicotômicas: macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual</b>	
		<b>Aspectos que reforçaram os pares categoriais</b>	<b>Aspectos que desestabilizaram os pares categoriais</b>
<b>3.Ser pintoso</b>	a) Ser mais mulher do que minha mãe	1.Heteronormatividade: “normalidade-anormalidade”	-
	b) Hoje em dia tá acontecendo de tudo	-	1.Ficção das categorias dicotômicas; 2. Paródia: o corpo como ambivalência
<b>Categoria</b>	<b>Recategorizações</b>	<b>Categorias dicotômicas: macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual</b>	
		<b>Aspectos que reforçaram os pares categoriais</b>	<b>Aspectos que desestabilizaram os pares categoriais</b>
<b>4. Mulher no corpo de homem ou um homem no corpo de uma mulher</b>	a) Ela não é nem homem nem mulher	1.Abjeção;	1. Paródia: o corpo como ambivalência

Os resultados encontrados nessa dinâmica categorial (as categorias (re)produzidas, (re)negociadas ou rejeitadas), foram vinculados a categorizações e recategorizações que reforçaram e que desestabilizaram os pares categoriais dicotômicos de macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual. O padrão de homem, viril, másculo e musculoso veio logo no início do grupo focal ao destacar o personagem Mauricinho como representante dessa condensação de sentido. Esse aspecto voltou à cena quando se criticou os comportamentos de homossexuais pintosos, informando que os mais “durinhos” sofrem menos preconceito social. Contudo, os comportamentos pintosos foram categorizados como aceitáveis quando expressavam serem “naturalmente delicados”, da “natureza” do *gay*.

Ainda nessa perspectiva, destacou-se que quanto mais pintoso for o homossexual mais dificuldade ele teria em conseguir empregos, cabendo aos pintosos as ocupações apenas de cabeleireiro, cozinheiro e decorador. Tais atividades reproduzem as atividades relacionadas, tradicionalmente, ao gênero feminino. Assim, para nossos interlocutores, a sociedade não permite que exista “*uma gay pintosa como gerente de banco*”.

Vale ressaltar que em alguns momentos dos reforços das estruturas heteronormativas (heterossexualidade compulsória e heteronormatividade) os interlocutores se referiram aos homossexuais pintosos no gênero gramatical feminino.

No entanto, se por um lado essa prática paródica reforçou as questões de “normalidade” e “anormalidade”; por outro possibilitou materializar outras categorizações denunciando os limites dos pares categoriais dicotômicos.

Assim, houve integrante do grupo focal que sendo homossexual se sentia atraído por mulheres lésbicas masculinizadas ou, ainda, houve a categorização da travesti como sendo um corpo híbrido ou corpo ambivalente (paródico). Dessa maneira, as travestis possibilitavam certa ruptura na lógica binária heteronormativa ao se

constituírem como objeto de desejo de homens casados que buscavam ser penetrado por “mulheres” com seios, “cabelão” e pênis.

Ao mesmo tempo em que elas foram objetos de desejos por serem consideradas como um ser entre homem e mulher, um “entrelugares”, elas incomodaram pela impossibilidade de serem categorizadas a partir desses pares categoriais dicotômicos. As travestis materializam corpos paródicos, híbridos expondo os limites das categorias de sexo, gênero e sexualidade.

Outro momento do reforço e ou desestabilização dos referidos pares categoriais dicotômicos foi a categorização em relação ao encontro de homossexuais passivos com heterossexuais (ativos) que gostam de fazer “ajuda mainha”, ou seja, eles penetram seus pares (atividade-passividade), porém sentem prazer em masturbar esses companheiros passivos.

Dessa maneira, a ambivalência - característica principal da paródia – permitiu a identificação de como sexo (macho-fêmea), gênero (homem-mulher) e sexualidade (heterossexual-homossexual) fossem categorizados ora confirmando as estruturas da heteronormatividade ora desestabilizando-as.

## Capítulo 5

# AMBIVALÊNCIAS DA PARÓDIA: REPRODUÇÃO E DESESTABILIZAÇÃO DA HETERONORMATIVIDADE

---

A partir da análise realizada e das conclusões apresentadas ao final de cada capítulo de análise, discutiremos os resultados considerando o objetivo geral da tese (5.1); os estudos da área e as implicações teóricas e metodológicas para o campo dos estudos da sexualidade e para a Sociologia (5.2).

### 5.1 OS PARES CATEGORIAIS MACHO-FÊMEA; HOMEM-MULHER; HETEROSSEXUAL-HOMOSSEXUAL: CONDENSAÇÕES DE SENTIDOS PARA AS PARÓDIAS APRESENTADAS.

De maneira mais geral, podemos afirmar que o processo de discussão empreendido pelos participantes no grupo focal teve por tópico central **Homossexualidades e o mundo parodiado**. A partir desse tópico várias categorias foram condensadas, apresentando sentidos específicos para cada par categorial, conforme abaixo:

- macho-fêmea – sentidos heteronormativos/categorizações de natureza moral com suas expectativas dos direitos e deveres;
- homem-mulher – sentidos heteronormativos/reafirmção da virilidade, masculinidade e atividade para a categoria de homem e, para a categoria de mulher a confirmação da “natural” delicadeza feminina sendo parodiada pelos participantes;
- heterossexual/homossexual – sentidos heteronormativos/reafirmção do caráter de normalidade para os heterossexuais e de abjeção para travestis e transexuais; e reafirmação da categoria “gay pintoso”. Também apareceu sentidos desestabilizadores/ a ambivalência da paródia permitiu a expressão de

desejos de um gay por uma lésbica masculinizada; o corpo híbrido da travesti permitiu a transgressão desse par categorial; homens que parodiam mulheres (*drag queens*) e que são casados com mulheres e, por fim o desejo de mulheres heterossexuais por homens homossexuais.

A partir desses resultados a resposta para a questão de como as categorias hegemônicas de sexo, gênero e sexualidade condensadas a partir de contextos paródicos por homossexuais de camada popular é que a característica ambivalente constitutiva da paródia possibilitou certo grau de resistência com relação à heteronormatividade.

Os resultados indicam quena própria ambivalência da paródia as categorias hegemônicas da sexualidade tanto foram reforçadas como desestabilizadas. Logo, diante do exposto a hipótese de que, o processo de condensação de sentidos em relação às categorias da heteronormatividade não é, simplesmente, uma réplica dos modelos preestabelecidos sobre as categorias hegemônicas de sexo, gênero e sexualidade em função da existência da dimensão contingencial que atualiza a instabilidade constitutiva dos sentidos produzidos pelos atores sociais.

## **5.2 implicações teóricas e metodológicas para o campo dos estudos da sexualidade e para a Sociologia**

Um aspecto a ser considerado ainda em relação aos estudos no campo da sexualidade é a produção relativa à Sociologia. Seja trabalhando com homossexuais masculinos, transexualidade e travestilidade ou a legalização da conjugalidade homossexual situa-se nas abordagens construtivistas e desconstrutivistas, aspecto este que se apresenta de forma diferente no caso desta tese.

Ao focar nos processos de condensação de sentidos em relação às categorias hegemônicas da sexualidade, a escolha teórica e metodológica se constituiu na articulação da abordagem pós-estruturalista/Teoria *Queer* com a Etnometodologia e a Análise

Conversacional recuperando um tema clássico abordado por Durkheim e também por Mauss da categorização social.

Tal articulação ofereceu a possibilidade de articular ferramentas conceituais e analíticas para tratar das contingências e das estruturas de inteligibilidade heteronormativa na análise dos dados dessa tese. Como consequência dos resultados da análise da fala-em-interação foi possível identificar as reproduções e desestabilizações das categorias dicotômicas da sexualidade.

Esse fato pode ser interpretado como uma contribuição para o campo dos estudos da sexualidade assim como para a Sociologia: a consideração da dimensão interativa – das contingências – para o estudo das categorias sociais e a possibilidade de articulação de perspectivas analíticas que contribuem para a compreensão dos processos sociais tanto na agência como na estrutura.

Por fim, outra contribuição desta tese refere-se à produção teórica de Butler que classifica a paródia como categoria política. Tal classificação coloca a paródia, por sua característica ambivalente, como espaço de transgressão dos pares categoriais dicotômicos da heteronormatividade. O argumento desta tese foi justamente salientar que a ambivalência paródica considerada por Butler como transgressora pode reforçar ou reproduzir sentidos hegemônicos da heteronormatividade.

## BIBLIOGRAFIA

---

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 2009.

ABRIC, Jean C. A. Abordagem estrutural das representações sociais. *In: MOREIRA, Antonia; OLIVEIRA, Denize (Org.). Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 1998. p. 27-38.

ADELMAN, Miriam. Vozes, olhares e o gênero do cinema. *In: FUNCK, Susana B.; WIDHOLZER, Nara. (Org.). Gênero em discursos da mídia*. Florianópolis: Ed. Mulheres/Santa Cruz do Sul, 2005.

ALENCAR, Rosane; MONDADA, Lorenza; OLOFF, Florence. *Les séquences d'ouvertures comme lieu d'accoplissement du caractère plurilingue scientifiques*. **Sociolinguística**, Niemeyer, n.18, 2004.

ALENCAR, Rosane. **Discurso científico e construção coletiva do saber**: a dimensão interativa da atividade acadêmico-científica. Recife: PPGS-UFPE, 2004. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade Federal de Pernambuco.

\_\_\_\_\_. A categorização social dos cooperados no processo de Incubagem. *In: XI Seminário Internacional da Rede Unincoop*. Rio de Janeiro, 2005.

\_\_\_\_\_. *La sincronización entre gestos: mirada y aplausos em aperturas de debates científicos*. *In: Transcrivere la lingua: dalla filologia all' analisiconversazionale*. Peter Lang: Bern, 2006.

\_\_\_\_\_. Análise da conversação em interações: uma proposta para a análise das práticas sociais. *In*: WEBER, Silke; LEITHÄUSER, Thomas. (Org.). **Métodos qualitativos nas Ciências Sociais e na prática social**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

\_\_\_\_\_. Processo de categorização social: emergência de categorias sociais na fala em interação. **Revista Investigações**, Recife: UFPE, v. 21, n. 2, jul. 2008.

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

ALEXANDER, Jeffrey C. **O Novo Movimento Teórico**. 1986. Disponível em: <Mhtml:file//C:\Documents and Settings\Administrador\Desktop>. Acesso em: 15 out.2013.

ALMEIDA, Miguel Vale de. A teoria Queer e a contestação da categoria “Gênero”. *In*: CASCAIS, Antônio Carlos Fernando. **Interdisciplinar a teoria**. Estudo gay, lésbicos e queer. [s.l]: Fenda, 2004.

\_\_\_\_\_. Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995.

ARAN, Márcia; PEIXOTO JÚNIOR, Carlos Augusto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. *In*: MISKOLCI, Richard; SIMÕES, Júlio Assis. (Org.). **Cardenos Pagu: querer**. Campinas: Unicamp, 2007.

ARRUDA, Luciana Martins. O uso da dêixis social como recurso de categorização/identificação. *In*: SEIVEIRA, Sônia Bittencourt; MAGALHÃES, Tânia Guedes. (Org.). **A fala-em-interação em situação de conflito**: recursos linguísticos e práticas comunicativas. São Carlos: Claraluz, 2008.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BALLARÍN, María Prado. *Imitación y subversión de género: parodia y resignificación de las representaciones normativas de feminidad en Judith Butler y Linda Hutcheon*. Debate sobre las Antropologías, THÉMATA, n. 35, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo-Brasília: HUCITEC-EDUNB, 1999.

BAZÁN, Osvaldo. *História de la homosexualidad en la Argentina: de la conquista de America al siglo XXI*. Buenos Aires: Marea, 2004.

BELOTTI, Elena G. **Educar para a submissão: o descondicionamento da mulher**. Petrópolis: Vozes, 1975.

BENTES, Anna Christina; RIO, Vivian Cristina. “Razão e rima”: reflexões em torno da organização tópica de um rap paulista. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 48, n. 1, 2006.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

\_\_\_\_\_. **O que é transexualidade**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2008.

\_\_\_\_\_. A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade. **Bagoas**: revista de estudos gays, Natal: UFRN, v. 01, n.1, jul/dez 2007.

\_\_\_\_\_. Identidade legal de gênero: reconhecimento ou autorização? *In*: COSTA, Horácio *et al.* (Org.). **Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos**. São Paulo: EDUSP, 2010.

BENTO, Ted. **Philosophical foundations of the three sociologies**. Londres, Henley, Bosto: Routledge e Kegan Oaul, 1977.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significância da comicidade. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BORBA, Rodrigo; OSTERMANN. Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.16, n.2, maio/ago 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**, Lisboa: Difel, 1989.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2008.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. C. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BOZON, Michel. **Sociologia da Sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BRAIT, Beth. O processo interacional. In: PRETI, Dino. (Org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 2001.

BUTLER, Judith. Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenologia y teoria feminista. **Revista Debate Feminista**, México, a. 9, v.18, 1998.

\_\_\_\_\_. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. Desdiagnosticando o gênero. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, n.1, v. 19, 2009.

FUNDAMENTOS contingentes: el feminismo y la cuestión del “postmodernismo”. Tradução de Moisés Silva. **La Ventana**, n.13, 2001.

\_\_\_\_\_. Entrevista com Gayle Rubin. *Tráfico Sexual*. **Cadernos Pagu**, v. 21, 2003a.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gêneros: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003b.

\_\_\_\_\_. Soberanía y actos de habla performativos: accion paralela. **Revista de Ensayo, Teoría y Crítica de Art Contemporánea**, n.57, 2007.

\_\_\_\_\_. Regulaciones de Género. **Revista de Estudios de Géneros: La Ventana**, Guadalajara: Universidad de Guadalajara, n. 23, 2006. Tradução de Moisés Silva.

\_\_\_\_\_. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires, Barcelona, México: Paidós, 2008.

\_\_\_\_\_. Variações sobre sexo e gênero. In: BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla. (Org.). **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

CALDERANO, Maria da Assunção. Normas sobre a fenomenologia social de Schutz: considerações acerca de alguns pressupostos filosóficos. **Estudos de Sociologia**, Recife, UFPE, v. 4, n. 1, Jan/Jun, 1998.

CARDOSO, Fernando Luiz. Inversões do papel de gênero: “Drag Queens”, Travestismo e Transexualismo. **Psicologia: reflexão e Crítica**, v. 18, n. 3, 2005.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade sexual masculina na antropologia brasileira. *In*: MISKOLCI, Richard; SIMÕES, Júlio Assis. (Org.). **Cardenos Pagu: querer**. Campinas: Unicamp, 2007.

CARRILO, Jesús. Entrevista com Beatriz Preciado. **Cadernos Pagu**. Campinas: Unicamp, n. 28, 2007.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CAVALCANTI, Camila Dias. **Visíveis e invisíveis: práticas e identidade bissexual**. Recife: UFPE, 2007. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco.

CELIBI, Henrique. O baralho da Trupe do Barulho. *In*: FERRAZ, Leidson. (Org.). **Memórias da cena pernambucana**, 04. Recife: L. Ferraz, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHIDIAC, M<sup>a</sup> Teresa Vargas; OLTRAMARI, Leandro Castro. Ser ou estar dragqueen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 3, 2004.

CICOUREL, Aaron. *The social organization of Juvenile Justice*, New Wiley, New York, 1968.

COLLING, Leandro. Teoria Queer. *In*: **Mais Definições em Trânsito**, 2011.

CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão. **Wittgenstein**: linguagem e mundo. São Paulo: Annablume, 1998.

CONEIN, Bernard (2001), *Classification sociale et catégorisation*. In : Fornel, M. / Ogien, A. / Quéré, L., *L'ethnométhodologie une sociologie radicale*, La découverte et Syros, Paris.

COSTA, Claudia de Lima. O Feminismo e o Pós-Modernismo/Pós-estruturalismo: as (in)determinações da identidade nas (entre)linhas do (con)texto. In: PEDRO, Joana M<sup>a</sup>; GROSSI, Miriam Pillar. (Org.). **Masculino, feminino, plural**: gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Mulheres, 2006.

COSTA, Jurandir Freire. O referente da identidade homossexual. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria. (Org.). **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1996.

\_\_\_\_\_. **A inocência e o vício**: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

CORCUFF, Philippe. **As novas sociologias**: construções da realidade social. Bauru: EDUSC, 2001.

CORRÊA, Sonia. Gênero e sexualidade como sistemas autônomos: idéias fora do lugar? In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria. (Org.). **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

COSTA, Gustavo Gomes da. Cidadania e Direitos Sexuais: um estudo comparativo do reconhecimento legais das uniões entre pessoas do mesmo sexo no Brasil e África do Sul. Campinas: UNICAMP (Tese), 2011.

COULON, Alain. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

COULTHARD, Malcon. **Linguagem e sexo**. São Paulo: Ática, 1991.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e misto**. Porto Alegre: Artmed, Bookman, 2007.

DAMÁSIO, Anne Christine. Deslizando entre corpos: um estudo etnográfico sobre travestis e drag queens. **Anais do VII Seminário Fazendo Gênero**, 2006.

DA MATA, Sérgio. **Heinrich Rickert e a fundamentação (axio)lógica do conhecimento histórico**. [s.l.]: [s.n.], 2006.

D'ATRI, Andrea. *Feminismo y democracia en Judith Butler: entre a metonímia del mercado y la metáfora (imposible) de la revolución* In: **Revista Estratégia Internacional**, Buenos Aires, n. 20, 2003.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DOMINGUES, José Maurício. **Teorias sociológicas no século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

DOURADO, Rodrigo C. M. **Mulheres com H: estereótipos ambivalentes, representações tensionadas e identidades queer no programa de TV Papeiro da Cinderela**. Recife: 2009. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado em Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco.

DREW, P.; HERITAGE, J.C. *Talk at work: interaction in institutional settings*. Cambridge, University Press. 1992.

DURKHEIM, Émile. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

\_\_\_\_\_. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FAVERO, Leonor Lopes. O tópico discursivo. In: PRETI, Dino. (Org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Ed. Humanitas, 2001.

FAVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, M<sup>a</sup> Lúcia da Cunha Victório de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. A movimentação tópica numa pragmático-discursiva. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 48, n. 1, 2006.

FEMENÍAS, Maria Luisa. Pós- feminismo através de Judith Butler. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 2, mai./ago, 2006.

\_\_\_\_\_. **Judith Butler: introducción a su lectura**. Buenos Aires: Catálogos, 2003.

FEREREIRA, Jonatas. A Teoria do valor de Windelband e Rickert: fundamentos temporais de uma teoria do conhecimento. **Estudos de Sociologia: Revista do PPGS da UFPE**, Recife, v. 5, n. 2, 1999.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e educação da mulher: modos de enunciar o feminino na TV. In: FUNCK, Susana B.; WIDHOLZER,

Nara. (Org.). **Gênero em discursos da mídia**. Florianópolis: Ed. Mulheres/Santa Cruz do Sul, 2005.

FLAX, Jane. Pós-modernismo e relação de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

FORNEL, M.; OGIEN, A.; QUÉRÉ, L. *Colloque l'ethnométhodologie: une sociologie radicale*. Paris: La découverte. 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Edições Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Os anormais: curso do Collège de France (1974- 1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault – uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. **Sexo, poder e indivíduo**. Florianópolis, Nefelibata, 2003.

FREITAS, Ana Luiza Peres de; MACHADO, Zenir Flores. Noções fundamentais: a organização da tomada de turnos na fala-em-interação. In: **Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica**. Campina: Mercado de Letras, 2008.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

FRY, Peter. Prefácio. *In*: GREEN, James N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: UNESP, 2000.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. O turno conversacional. *In*: PRETI, Dino. (Org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 2001.

GAMSON, Joshua. As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa. *In*: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. [et. al.]. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GARCEZ, Pedro M. A perspectiva da análise da conversa etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. *In*: **Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica**. Campina: Mercado de Letras, 2008.

GARFINKEL, Harnold. *Estudios en etnometodologia editorial*. México: Humanidades; Bogotá: Universidad Nacional de Colômbia, 2006.

GASKELL, George. Entrevistas Individuais e Grupais. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GATTI, Bernadete Argelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livros Editora, 2005.

GILDDENS, Anthony. Estruturalismo, pós-extruturalismo e a produção da cultura. *In*: GILDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan Assis. (Org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: UNESP, 1999.

GÓIS, João Bosco. Desencantos: as relações entre os estudos sobre homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. **Revista Estudo Feminista**, Florianópolis, v. 11, n. 1, jan/jun, 2003.

GOLDENBERG, Mirian. O gênero das travestis: corpo e sexualidade na cultura brasileira. **Livros e Redes**, v. 16, n.4, 2009.

GOLIOT-LÉTE, Anne; VANOYE, Francis. **Ensaio sobre a Análise Fílmica**. Campinas: Papirus, 2002.

GONTIJO, Fabiano. **O Rei Momo e o arco-íris: homossexualidade e carnaval no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

GREEN, James N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do Século XX**. São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_; TRINDADE, Ronaldo (Org.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2005.

GROSSI, Miriam P. [et. al.]. (Org.). Conjugalidades e parentalidades de gays, lésbicas e transgêneros no Brasil. **Revista dos Estudos Feministas**, Florianópolis: UFSC, v. 07, n. 1-2, 2006.

GUARALDO, Olivia. Pensadores de peso: o pensamento de Judith Butler e Adriana Cavarero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n.3, set/dez , 2007.

GUESSER, Adalto H. A etnometodologia e a análise da conversação e da fala. In: **Em Tese**, Florianópolis: UFSC, v. 1, n. 1, ago/dez, 2003.

GUIMARÃES, Carmen Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

GÜLICH, Elizabeth; MONDADA, Lorenza (2001). *Analyse conversationnelle*. In: Holtus, G., Metzeltin, M., Schmitt, C., (eds).

*Lexikon der romanistischen Linguistik*, Tübingen: Niemeyer, Band I, 2, 196-250.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HAMBURGER, Esther. A construção das verossimilhanças nas novelas. *In: Antropologia e Comunicação*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

\_\_\_\_\_. O Brasil antenado: a sociedade da novela. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2005.

\_\_\_\_\_. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. *In: História da vida privada no Brasil*: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. v. 4.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. *In: TADEU, Tomaz. (Org.). Antropologia do ciborgue*: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HAUG, Wolfgang Fritz. **Crítica da estética da mercadoria**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

HEILBORN, M<sup>a</sup> Luiza. Gênero: um olhar estruturalista. *In: PEDRO, Joana M<sup>a</sup>; GROSSI, Miriam Pillar. (Org.). Masculino, feminino, plural*: gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006.

\_\_\_\_\_. Ser ou estar homossexual: dilema de construção de identidade social. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria. (Org.). **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1996.

\_\_\_\_\_. **Dois é par**: gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

\_\_\_\_\_. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, M<sup>a</sup> Luiza (Org.). **Sexualidade**: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

HEILBORN, M<sup>a</sup> Luiza; BRANDÃO, Elaine Reis. Introdução: Ciências sociais e sexualidade. In: HEILBORN, M<sup>a</sup> Luiza (Org.). **Sexualidade**: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

HERITAGE, John C. Etnometodologia. In: GILDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan Assis. (Org.). **Teoria Social Hoje**. São Pulo: UNESP, 1999.

\_\_\_\_\_. *Garfinkel and Ethnomethodology*. Cambridge, Polity Press. 1984.

HERNÁMDEZ, Carlos Fonseca; SOTO, María Luisa Quintero. *La Teoria Queer: la de- construcción de las sexualidades periféricas*. **Sociológica**, v. 69, ene- abril, 2009.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**: ensinamentos das formas de arte do século XX. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.

\_\_\_\_\_. **Teoria e política da ironia**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

IÑIGUEZ, Lupicínio. (Coord.). **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. Petrópolis: Vozes, 2004.

JAYME, Juliana Gonzaga. Travestis, transformistas, drag-queens, transexuais: identidade, corpo e gênero. *In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*.

JODELET, Denise. La representación social: fenómeno, concepto y teoría. *In: MOSCOVICI, Serge. Psicología social*. Barcelona: Paidós, 1986. p. 469-506.

JUBRAN, Clécia Cândida Abreu Spinardi. Revistando a noção de tópico discursivo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 48, n. 1, 2006.

JUBRAN, Clélia Cândida A. S.; URBANO, Hudnilson *et al.* Organização tópica da conversação. *In: ILARI, Rodolfo. (Org.). Gramática do português falado: volume II: níveis de análise linguística*. Campinas: Unicamp, 1996.

KAYSER, Wolfgang. **O grotesco**: configuração na pintura e na literatura. São Paulo: Perspectiva, 2009.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversão**: princípios e métodos. São Paulo: Parábola, 2006.

KIMMEL, Michael. *La producción teórica sobre la masculinidad: nuevos aportes*. Santiago: Ediciones de las Mujeres/Isis Internacional, 1992. n° 17.

\_\_\_\_\_. **A Produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas in horizontes antropológicos**. Porto Alegre: 1998. n° 9.

KNIPHOFF, Ana Maria. **O gerenciamento de categorias de pertencimento no trabalho de avaliação pedagógica na fala-em-interação de sala de aula de EJA.** Porto Alegre: UFRGS, 2012. Dissertação de mestrado.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto.** São Paulo: Cortez Editora, 2002.

\_\_\_\_\_. **O texto e a construção dos sentidos.** São Paulo: Contexto, 1998.

\_\_\_\_\_. **A inter-ação pela linguagem.** São Paulo: Contexto, 2012.

KRISTEVA, Julia. *Poderes de la Perversión.* Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2010.

KULICK, Dom. **Travesti, prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil.** Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2008.

LAGO, Mara Coelho de Souza. Identidade: a fragmentação do conceito. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. (Org.). **Falas de gênero.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999.

LOLA, Luna. La historia feminista del género y la cuestión del sujeto. In: **Boletín Americanista.** Barcelona: [s.n.], 2002.

LAHIRE, Bernard. Esplendores e misérias de uma metáfora: a construção social da realidade. **Estudos de Sociologia,** Recife: UFPE, v. 16, n. 1, jan/jun, 2010.

LARA, Oswaldo. A perspectiva queer aplicada ao contexto brasileiro: apontamentos para uma sociedade histórica. **Plural,** São Paulo: USP, v. 15, 2008.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. *In: Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

\_\_\_\_\_. Imagemação. **Caderno de pesquisa e debate do núcleo de estudos de gênero**, UFPR, n. 2, dez, 2003.

\_\_\_\_\_. Através do espelho: mulher, cinema e linguagem. **Estudos Feministas**, n.1, 1993.

LODER, Letícia Ludwig; SALIMEN, Paola Guimaraens; MÜLLER, Marden. Noções fundamentais: sequencialidade, adjacência e preferência. *In: Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica*. Campina: Mercado de Letras, 2008.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografia como documento de pesquisa. *In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LONGINO, Helen E. Epistemologia feminista. *In: GRECO, John; SOSA, Ernest. (Org.). Compêndio de epistemologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

LOPES, Denilson. Desafios dos estudos gays, lésbicos e transgêneros. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo: Escola Superior de Propaganda e Marketing, v. 1, n. 1, 2004.

\_\_\_\_\_. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Cinema e sexualidade. **Educação e Realidade**, v. 33, n. 1, jan/jun 2008.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho**: ensaio sobre a sexualidade e teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação. **Estudos feministas**, Florianópolis, ano 9, jul/dez, 2001.

\_\_\_\_\_. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOYOLA, María Andrea. Sexo e sexualidade na Antropologia. *In*: LOYOLA, Maria Andréa (Org.). **A sexualidade nas Ciências Humanas**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

\_\_\_\_\_. A sexualidade como objeto de estudo das Ciências Humanas. *In*: HEILBORN, M<sup>a</sup> Luiza (Org.). **Sexualidade**: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa – uma introdução**: elementos para uma análise metodológica. São Paulo: EDUC, 2003.

MACEDO, Ana Gabriela. Pós-Feminismo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.14, n.3, set/dez, 2006.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinema e pós-cinema**. Campinas: Papiрус, 1997.

MALUF, Sônia Weidner. Corporalidade e desejo: tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. *In*: FUNCK, Susana B.; WIDHOLZER, Nara. (Org.). **Gênero em discursos da mídia**. Florianópolis: Ed. Mulheres/Santa Cruz do Sul, 2005.

\_\_\_\_\_. O dilema de Cênis e Tirésias: corpo, pessoa e as metamorfoses de gênero. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. (Org.). **Falas de gênero**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 48, n. 1, 2006.

\_\_\_\_\_. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1991.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v 13, n. 3, set/dez, 2005.

MARISTANY, José Javier. *Una teória queer Latinoamericana? Postestructuralismo y políticas de la identidad en Lemebel*. **Lectures du Genre**, Lectures queer desde el Cone Sur, n.4, 2008.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: COSACNAIFY, 2005.

MELLO, Luiz. **Novas Famílias**: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

\_\_\_\_\_. Outras famílias: a construção social da conjugalidade homossexual no Brasil. **Cadernos Pagu**, v. 24, jan/jun 2005.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: UNESP, 2003.

MIRANDA, Marcelo H. G. de. **Magistério masculino: (re)despertar tardio da docência**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Mediações: telenovelas e sexualidades como elementos de condensações de sentidos híbridos entre a hegemonia e a resistência**. **Revista Razón y Palabra**, v. 77, 2011b.

MISKOLCI, Richard; SIMÕES, Júlio Assis. (Org.). **Cardenos Pagu: querer**. Campinas: Unicamp, 2007.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

\_\_\_\_\_. Comentário. In: MISKOLCI, Richard; SIMÕES, Júlio Assis. (Org.). **Cardenos Pagu: querer**. Campinas: Unicamp, 2007a.

\_\_\_\_\_. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan/junho, 2009.

\_\_\_\_\_. A teoria Queer e a questão das diferenças: por uma analítica da normalização. In: 16º CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. Campinas: UNICAMP, 2007b. **Anais eletrônicos 16º Congresso de Leitura do Brasil**. Disponível em: <[http://clb.com.br/arquivo-morto/edições\\_anteriores/anais16/prog03\\_01.pdf](http://clb.com.br/arquivo-morto/edições_anteriores/anais16/prog03_01.pdf)>. Acesso em: 20 set. 12.

MORATO, Edwiges M<sup>a</sup>. Gestão do tópico e relevância conversacional na interação entre afásicos e não-afásicos, ou quando uma mão lava a outra. **Cad. Est. Ling**, Campinas, v. 48, n. 1, 2006.

MORENO, Antônio. **A personagem homossexual no cinema brasileiro**. Rio de Janeiro; Niterói: Funarte; EdUFF, 2002.

MOTT, Luiz. Homo-afetividade e direitos humanos. *In*: GROSSI, Miriam P., [et. al.] (Org.). *Conjugalidades e Parentalidades de Gays, Lésbicas e Transgêneros no Brasil*. **Revista dos Estudos Feminista**, Florianópolis: UFSC, v. 07, n. 1-2, 2006.

MYERS, Greg. Análise da conversação e da fala. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis: UFSC, v. 8, n. 2, 2000.

OLIVEIRA, Anna Luiza Araújo Ramos Martins de. **O discurso pedagógico pela diversidade sexual e sua (re) articulação no campo escolar**. Recife: UFPE, 2009. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade Federal de Pernambuco.

O'ROURKE Michael. Que há de tão queer na teoria queer por vir? **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v.76, dez, 2006.

OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

OUTHWAITE, William. **Entendendo a vida social**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1975.

PAIVA, Antonio Crístian Saraiva. **Reservados e invisíveis** – o ethos íntimo das parcerias homoeróticas. Campinas: Pontes, 2007.

PARKER, Ricahard G. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil Contemporâneo**. 3ed. São Paulo: Editora Best Seller, 1991.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS**. São Paulo: Anna Brume; FAPESP, 2009.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Corpo, sexo e subversão: reflexões sobre duas teóricas queer. **Interface – comunicação, saúde, educação**, v. 12, n. 26, jul/set, 2008.

\_\_\_\_\_. A teoria queer e a reinvenção do corpo. **Cadernos Pagu**, v. 27, jul/dez, 2006.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. **O Negócio do Michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PEREIRA, Tiago Ferreira. **O sóbrio e o caricato**: representações homossexuais em Páginas da Vida e Zorra Total. Viçosa: UFV, 2007.

PETERS, Michel. **Rubedo – Revista de Literatura**. Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br/Artlivro/estpost.htm>>. Acesso em: 19 mar. 2009.

PINO, Nádía Perez. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. In: MISKOLCI, Richard; SIMÕES, Júlio Assis. (Org.). **Cardenos Pagu**: querereres. Campinas: Unicamp, 2007.

PINTO, Diana de Souza; BRIGATTE, Raquel. Construções Identitárias via práticas narrativas: análise da fala-em-interação em uma situação de conflito. In: SEIVEIRA, Sônia Bittencourt; MAGALHÃES, Tânia Guedes. (Org.). **A fala-em-interação em situação de conflito**: recursos lingüísticos e práticas comunicativas. São Carlos: Claraluz, 2008.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? **Textos didáticos**, n. 48. Campinas, 2002.

PRECIADO, Beatriz. Terror Anal: *apuntes sobre los primeros días de la revolución sexual*. In: HOCQUENGHEM, Guy. **El Deseo Homosexual**. Espanha: Melusina, 2009.

\_\_\_\_\_. Multitudes queer. Notas para uma política de los “anormales”. **Revista Multitudes**, n. 12, París, 2003.

\_\_\_\_\_. **Manifiesto contra-sexual**: prácticas subversivas de identidade sexual. Madrid: Opera Prima, 2002.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 10, jan/jun, 2002.

PSATHAS, G (1990). Introduction: methodological issues and recent development in the study of naturally occurring interaction. *In*: id (ed.), *Interaction Competence*. Washington: International Institute for Ethnomethodology and Conversation Analysis, 1-30.

QUÉRÉ, LOUIS. *L'enquête sur les catégories de Durkheim à Sacks*. *In*: FRADIN, B.; QUÉRÉ, L.; WIDMER, J. (eds.). *L'enquête sur les catégories*, Ed. de l'EHESS, Raisons Pratiques, 5), Paris, 1994.

REIS, Luís Augusto. **Cinderela**: a história de um sucesso teatral dos anos 90. Recife: Do Autor, 2002.

RIAL, Carmen S. Mídia e sexualidade: breve panorama dos estudos de mídia. *In*: **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

RICH, Adrienne. *La heterosexualidad obligatoria y la existência lesbiana*. [s.l.: s.n.], 1980.

RITZER, George. **Teoria sociológica contemporânea**. Madrid: McGraw-Hill, 1993.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a “economia política” do sexo. Recife: SOS Corpo, 1993.

SACKS, Harvey. *Notes on methodology*. In: J. M. Atkinson, J. Heritage. (edd.). **Structures of Social Actio**. Cambridge, CUP, p. 21-27, 1984.

\_\_\_\_\_. “*The Search for Help: No one to turn to*”, In: Schneidman, E. (ed.), **Essays in Self-destruction**, Science House, New York., 1968.

\_\_\_\_\_. “*An initial investigation of the usability of conversational data for doing sociology*”. In: D. Sudnow, (éd.), **Studies in social interaction**, New York, Free Press, p. 31-74, 1972a.

\_\_\_\_\_. *On the Analysability of stories by children*. In: Turner, R. (ed.) **Ethnomethodology**, Penguin Education, Middlesex, England, 1974b.

\_\_\_\_\_. *Notes on methodology*. In: J.M. Atkinson, J. Heritage (edd.), **Structures of Social Actio**. Cambridge, CUP, p. 21-27, 1984.

\_\_\_\_\_. *Lectures on conversation*, v. I e v. II. Edited by Gail Jefferson. Oxford: Basil Blackwell, 1995.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emmanuel A.; JEFFERSON, Gail. *A Simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation*. In: *Language*, 50, p. 696-735, 1974.

SAFATLE, Vladimir. Sexo, Simulacro e Políticas da Paródia. **Revista do departamento de Psicologia**, Niterói: UFF, v. 18, n. 1, jan/jun, 2006.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase & cia.** São Paulo: Ática, 2008.

SANTOS, Ana Cristina. Estudo queer: identidades, contextos e acção colectivas. *In: Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.76, 2006.

SCHEGLOFF, Emmanuel A.; SACKS, Harvey. *Opening up closings.* *In: Semiotica*, v.8, 1973.

SCHENKEIN, J. *Introduction.* *In: J. Schenkein (ed.), Studies in the Organization of Conversational Interaction.* New York: Academic Press, 1978.

SCHNACK, Cristiane Maria; PISONI, Thaís Dutra; OSTERMANN, Ana Cristina. Transcrição de fala: do evento real à representação escrita. *In: Entrelinhas*, São Leopoldo: UNISINOS, v. 2, n. 2, mai/ago, 2005.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais:** textos escolhidos. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SERRANO, José Fernando. *De como lo abyecto se transforma en agenciamento político y sus riesgos.* Gênero, Mujeres.indb, 2007.

SCOTT, Joan W. Experiência. *In SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. (Org.). Falas de gênero.* Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999.

\_\_\_\_\_. **Gênero:** uma categoria útil para a análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1996.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. Epistemologia do armário. *In: MISKOLCI, Richard; SIMÕES, Júlio Assis. (Org.). Cardenos Pagu:* querereres. Campinas: Unicamp, 2007.

SELL, Mariléia; OSTERMANN, Ana Cristina. Análise de categorias de pertença (ACP) em estudos de linguagem e gênero: a (des)construção discursiva do homogêneo masculino. **Alfa**, São Paulo, v. 53, n. 1, 2009.

SEMECHECHEM, Jakeline Aparecida. Identidades Sociais na fala-em-interação: uma proposição do estudo de identidades como categorias de pertencimento. **Travessias**, Cascavel: Unioeste, v. 4, n. 3, 2010.

SILVA, Adrianna Figueiredo Soares da. “**Se pudesse ressurgir eu viria como o vento**” **Das narrativas da dor**: um estudo sobre práticas de modificações corporais e afetividades na ‘experiência da travestilidade’. Recife: UFPE, 2008. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado.

SILVA, Hélio R. S. **Travesti**: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

SILVA, José Fábio Barbosa, Homossexualismo em São Paulo. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo. (Org.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: ENESP, 2002.

SILVA JUNIOR, Aureliano Lopes da. *God save the queen: a transgressão e o vazio no universe de riso das drag queens*. In: **Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder**, Florianópolis, ago, 2008.

SILVA, Rosane Maria Alencar. **Discurso científico e construção coletiva do saber**: a dimensão interativa da atividade acadêmico científica. Recife: UFPE, 2004. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

SOARES, Luiz Eduardo. Sair do armário e entrar na gaveta. *In: GOLIN, Célio; WEILER, Luis Gustavo. (Org.). **Homossexualidades, cultura e política***. Porto Alegre: Sulina, 1996.

SPARGO, Tamsim. **Foucault e a teoria Queer**. Rio de Janeiro: Ed. UFJF, 2006.

SPENCER, Colin. **Homossexualidade: uma história**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SUDNOW, D. "Normal crimes: sociological features of the penal code", *Social Problems*, 12, p. 255-64, 1965.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**. São Paulo: Max Limonad, 1986.

VANCE, Carole S. A Antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *In: Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro: UERJ, v.5, n. 1, 1995.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. O riso da paródia: transgressão feminismo e subjetividade. *In: VALE, Alexandre Fleming Câmara; PAIVA, Antônio Cristian Saraiva. (Org.). **Estilísticas da sexualidade***. Campinas: Pontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **No escurinho do cinema: cenas de um público implícito**. São Paulo: AnnaBrume, 2000.

VIEIRA, Anco Márcio Tenório. Entre o ridículo e o escatológico. *In: **Revista Continente***, Recife: CEPE Editora, ano 8, n. 93, ago, 2008.

VENCATO, Anna Paula. O que faz uma mulher, mulher? Sexualidade, classes e geração e a produção do corpo e do gênero em homens que praticam crossdressing. *In: SIMPÓSIO TEMÁTICO 18:*

INTERSECCIONALIDADES E PRODUÇÃO DE DIFERENÇAS E DESIGUALDADES, 2008, Florianópolis. **Fazendo Gênero 8**: corpo, violência e poder. Florianópolis, SC, 2008.

VITERI, Maria Amelia; SERRANO, José Fernando; VIDAL-ORTIZ, Salvador. *Como se pensalo “queer” en América Latina?* In: **ÍCONOS**, v. 139, 2011.

WATSON, Rodney. *Catégories, Séquentialité et Ordre Social*. In: FRADIN, B. QUÉRÉ, L; WIDMER, J. *L’enquête sur les catégories*, Raisons Pratiques 5, Éditions de l’École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 1994.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WINCH, Peter. **A ideia de uma ciência social e sua relação com a filosofia**. São Paulo: Ed. Nacional, 1970.

WITTIG, Monique. *El pensamiento heterocentrado*. In: **Revista Herremienta**, Buenos Aires, 2005.

ZANFORLIN, Sofia. **Rupturas Possíveis**: representação e cotidiano na série Os Assumidos (Queer as Folk). São Paulo: Annablume, 2005.

REDE News: o mundo da TV está aqui. Disponível em: <<http://redenews-edu.blogspot.com/2009/12/peitinho-cinderela-assina-contrato-fixo.html>>. Acesso em: 20 abr. 2010.

## QUER SABER MAIS SOBRE A EDITORA OLYVER?

Em [www.editoraolyver.org](http://www.editoraolyver.org) você tem acesso a novidades e conteúdos exclusivos. Visite o site e faça seu cadastro!

A Olyver também está presente em:



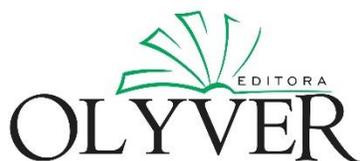
[facebook.com/editoraolyver](https://facebook.com/editoraolyver)



[@editoraolyver](https://twitter.com/editoraolyver)



[Instagram.com/editoraolyver](https://Instagram.com/editoraolyver)



[www.editoraolyver.org](http://www.editoraolyver.org)  
[editoraolyver@gmail.com](mailto:editoraolyver@gmail.com)

Inserida nas reflexões contemporâneas da Teoria Social, relativas à questão da performatividade de gênero, sexualidade e heteronormatividade, a obra teve por objetivo compreender como ocorre o processo de condensação de sentidos por homossexuais masculinos a partir de um contexto paródico, em torno das categorias de sexo, gênero e sexualidade. O estudo se insere nas perspectivas Pós-Estruturalistas/Teoria *Queer* e nas abordagens sociológicas sobre categorização social ancoradas na Etnometodologia e na Análise Conversacional. A metodologia foi de natureza qualitativa e exploratória, utilizando grupo focal com participantes homossexuais masculinos de camada popular. A análise realizada teve por objetivos (a) identificar de que forma os pares categoriais macho/fêmea; homem/mulher; heterossexual/homossexual foram categorizados pelos integrantes do grupo a partir de um contexto paródico e, (b) identificar de que forma os pares categoriais dicotômicos – macho/fêmea (sexo); homem/mulher (gênero); heterossexual/homossexual (sexualidade) são reproduzidos ou desestabilizados via paródias. Como resultados foram encontrados: a) um processo contínuo de construção de subtópicos e ou recategorizações que teve como tópico central *homossexualidades e o mundo parodiado*, subdividido em subtópicos e ou categorias; e b) a análise revelou que do conjunto das categorias produzidas pelo grupo focal, algumas delas foram recategorizadas, reproduzidas e outras foram desestabilizadas. Esses resultados corroboram a hipótese levantada de que, o processo de condensação de sentidos em relação às categorias da heteronormatividade dos homossexuais não é, simplesmente, uma réplica dos modelos preestabelecidos sobre as categorias hegemônicas de sexo, gênero e sexualidade, uma vez que a existência de uma dimensão contingencial atualiza a instabilidade constitutiva das categorias sociais. Dessa maneira, a ambivalência – constituinte dessas paródias – possibilitou a condensação de sentidos, seja na reprodução ou desestabilização das categorias dicotômicas de sexo, gênero e sexualidade. Por fim, no quadro mais geral da Teoria Social, o presente estudo contribui na consideração das contingências no estudo da realidade social.

ISBN 978-65-87192-26-7



  
OLYVER  
www.editoraolyver.org

